

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS

**NOS LIMIARES DO *FORA*: EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE EM POLÍTICAS
DE SAÚDE E EDUCAÇÃO**

VITÓRIA
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS

**NOS LIMIARES DO *FORA*: EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE EM POLÍTICAS
DE SAÚDE E EDUCAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Formação Humana e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Barros de Barros

VITÓRIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Bibliotecário: Clóvis José Ribeiro Junior – CRB-6 ES-000383/O

F866n Freitas, Maria Carolina de Andrade, 1978-
Nos limiões do fora: experiência e narratividade em políticas de saúde e educação / Maria Carolina de Andrade Freitas. – 2018. 306 f. : il.

Orientador: Maria Elizabeth Barros de Barros.
Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação. 2. Narrativa (Retórica). 3. Política de saúde. 4. Política de trabalho. 5. Saúde. 6. Trabalho. I. Barros, Maria Elizabeth Barros de, 1951-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA CAROLINA ANDRADE FREITAS

NOS LIMIARES DO FORA: EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE EM POLÍTICAS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO

Tese apresentada ao Curso de
Doutorado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor em
Educação.

Aprovado em 07 de fevereiro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Vanja Carvalho de Araújo
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Regina Helena Silva Simões
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Marcelo Santana Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Professor Doutor Hélder Pordeus Muniz
Universidade Federal Fluminense

A arte e o pensamento só se fazem com silêncio, com um pouco de sombra, só vivem daquilo que neles não pode ser consumido.

Caiafa

O que existe realmente não são “coisas feitas”, mas “coisas em feitura”.

William James

Tampouco nos servirá, de modo algum, dizer que o mundo está ficando grisalho e encanecido agora, e que perdeu aquele frescor e encanto que tinha outrora e em virtude do qual os grandes poetas dos tempos passados se tornaram o que estimamos que eles sejam. Não. O mundo é hoje tão jovem quanto no dia em que foi criado; e este orvalho matinal de Vermont é tão úmido aos meus pés quanto o orvalho do Éden foi aos pés de Adão. E tampouco a natureza foi totalmente revirada por nossos antepassados a ponto de não restar encantos e mistérios para essa última geração encontrar. Longe disso. A trilionésima parte ainda não foi dita; e tudo o que já foi dito apenas multiplica as possibilidades para o que resta ser dito. Não é tanto a escassez, mas a superabundância de materiais o que parece incapacitar os autores modernos.

Melville

Segue
Que rupturas se dão em curso.
Detenha-te apenas,
Salvos momentos,
Quando vislumbrares surpresas.
Que viver não requer força,
Nem hábito.
Viver é delicadeza e corte.

AGRADECIMENTOS

Domingo de manhã.

Tão logo acordada, a mãe trata de arranjar todas as coisas em seus “lugares”. Faz o corre do dia. Em voluptuosos golpes, conserta, arruma, organiza.

A menina, pequenina, senta-se com sua caixa azul. Re-espalha as roupas das bonecas, num círculo ao seu redor. Ensaia extensas conversas entre as personagens que utiliza.

A mãe senta-se à mesa e começa a ler livros. Preocupa-se com o tempo sempre pouco para centenas de coisas a fazer.

A menina esqueceu-se das “ordens do dia”. Pergunta: - hoje é dia de trabalhar?

A mãe responde: - Hoje é domingo, pé de cachimbo.

A menina grita extasiada: - Ebaaa! E corre para a varandinha da casa. Após detido exame dos materiais que tem, pega: um pé de chinelo, a caixa de roupinhas de bonecas, uma cadeirinha de madeira, um bauzinho com tranca, carregável e azul, e seu cavalo de borracha laranja. Pede à mãe que lhe faça uma trança.

A mãe sem avistar tamanho trabalho, trança os finos cabelos da menina.

A menina volta feliz à varandinha. Olha ao seu redor, como se a minúscula sala fosse uma rua longa e inteira. Distribui seus objetos, pensativa, por entre os micro-espacos da casa. Cochicha com seu cavalo algum segredo, vê pistas, calcula suas arquiteturas infantis. Costura linhas e objetos. Espalha invenções por todo lado.

A casa fica novamente repleta de caminhos.

A menina grita: - Mãe vem ver!

Se os olhos não forem outros, nada enxergarão.

Agradecer pela oportunidade de se empreender um trabalho concerne a muita coisa: muitas pessoas, encontros, surpresas, sustos, mistérios, parcerias, delicadezas, cortes e afetos.

Movimentos de gratidão e reconhecimento.

É também produzir um gesto. Uma forma de testemunhar que a vida se faz enlaçando caminhos, dissolvendo-os e relançando-os. E a menor parcela do mundo pode ser uma coisa infinita.

As palavras que tentamos são conspirações de vento e perfumes.

O inusitado surge com força e beleza. E nosso agradecimento é a urgência do sempre último encontro.

À afetuosa parceria com Bete Barros, que me mostrou que intervir é coconstruir questões.

Ao querido Marcelo Ferreira pela leitura atenta, de profunda exigência ética, norteadora do pensamento, amorosa e franca.

Ao querido Hélder Muniz pelas interrogações potentes que me relançaram aos devires implicados na existência, me fazendo emocionar muitas vezes.

À querida Regina Simões pela presença forte e constante, pela poesia, pela abertura e modo de pensar, pela história e incentivo rigoroso.

À querida Vânia Araújo pelos debates e apostas, pelo marco do diálogo e da partilha em concerto.

Ao Alexandre Pinto pela força e pela luz, “a luz ainda está conosco”.

Aos amigos queridos, *tantos*. Muitos. Todos: obrigada pela força, pela agonística, pelos esteios e derivações múltiplas e coloridas.

À Su e à Hervinha, amigas que a parceria laboriosa do trabalho ajuntou, tecendo rede de mãos dadas e espaço para retomar o fôlego e a vontade de seguir em frente.

À Ruthinha, amiga querida, cuja presença fraterna me alimenta o espírito.

À Jana Brito que me emprestou tantas palavras quando o silêncio parecia engolir a noite e quando, atenciosamente, fez silêncio diante da estridência das palavras.

À Carmen pela delicadeza e pela decisão da poesia.

À Cris Bremenkamp por mostrar que “escrever não é apurar o mundo (...) É colocar-se em apuros”.

Aos companheiros do NEPESP por cada pensamento e cada alegria, colocados em comunhão, muito cafezinho e sustentação afetuosa e consistente.

Aos trabalhadores do CMEI Olindina Leão Nunes e da EMEF Manoel Carlos de Miranda pela inspiração e pelos exemplos vivos de resistência, dedicação e luta.

Ao Fórum Cosate pelo movimento, pelos estranhamentos, pela insistência.

Ao amor novo e velho que abraçou o cansaço e o transformou em borboleta amarela.

À filhota grande-pequenina, Marina, que me fez ter outros olhos de ver, a cada vez que me relançou ao infinito.

Aos olhos que fitam: Chico e Teo, pelas dobraduras em coração.

Aos pais, Sandra e Freitas, e às irmãs, Júlia e Malu, que são fortaleza e constelações: meu amor, afeto e gratidão.

Aos mistérios do sempre.

LISTA DE SIGLAS

CAP – Comunidade Ampliada de Pesquisa

CEMUNI – Célula Modular Universitária (Estruturas físicas de departamentos e áreas da universidade)

CEREST-ES – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo

CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

CONCOSAT – Conselho das Comissões de Saúde do Trabalhador

COSAT – Comissão de Saúde do Trabalhador

COSATE – Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação

DMST/Serra – Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura Municipal de Serra

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

FUNDACENTRO – Fundação Jorge Duprat e Figueiredo

MOI – Modelo Operário Italiano

MP-ES – Ministério Público do Espírito Santo

NEPESP – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política

NOB- RH – Norma Operacional Básica de Recursos Humanos

PFIST – Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

SEAD/Serra – Secretaria de Administração e Recursos Humanos de Serra

SEDU/Serra – Secretaria Municipal de Educação de Serra

SINDIUPES – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo

SUS – Sistema Único de Saúde

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Esta tese é fruto de uma pesquisa-conversa o que investiga a produ o de saúde no  mbito do trabalho em educa o, por meio do acompanhamento das Comissões de Saúde do Trabalhador – Cosates, de Serra/ Espírito Santo, no período de 2014 a 2017. Tais comissões constituíram-se como dispositivo do Fórum Cosate, fruto de um intenso movimento entre diversos órgãos municipais, trabalhadores da educa o e pesquisadores do Programa de Forma o e Investiga o em Saúde e Trabalho – PFIST, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Para tanto, a Tese se estrutura em três grandes se es, a saber: Uma *Conta o em conversa*: que inclui duas prosas e a dissolu o da centralidade das narrativas juntamente com a apresenta o das figuras: a de uma pesquisadora desajeitada e a de um trabalhador abestalhado. Junto às prosas se seguem os indícios que apresentam os argumentos sustentados na tese: Indício I. O uso do ensaio e da forma/ conteúdo adotada mostra uma linguagem praticada, sustentada pela ideia de que pensar, agir, escrever e viver são modos que não se dissociam – prerrogativa  tica da pesquisa. Um trabalho, portanto, tem dimensões políticas e  ticas incalculáveis a priori, porque constituindo-se em um trabalho inventado, não se resume ao plano do prescrito, apenas, assim como faz explodir o continuum da experiência, colocando em jogo um real que vem impresum vel e em feitura movente; Indício II. A afirma o da experiência como Fora – não há anterioridade dada, a experiência não   algo que pertenc a a alguém – que se tenha ou não – mas algo que nos atravessa e da qual fazemos uso ou fazemos funcionar, não por uma expertise, mas muito mais por ser algo que nos implica de forma transformadora na vincula o ao campo relacional e que, portando, porta a transmissibilidade e não uma efetua o total. Isso se articula   própria política de escrita do trabalho, que   uma “escrita-experiência” ou uma “experiência-escritura”. A segunda se o compreende as compósitas do campo: cenas do campo empírico que dão corpo   Tese, empreendem uma política do contar que se realiza em exercício de montagem e que expõe o método de composi o no movimento de cartografar algumas interven es-passagens da pesquisa. A terceira e última parte cont m dois ensaios: “As coisas não têm paz” e “O movente e o aturdido” que expõem algumas das questões surgidas no acompanhamento do campo, encaminhando-as para as articula es com a questão da narratividade e da experiência, a partir da mostra o de fragmentos orais e escritos, registrados pela pesquisa, num exercício de distância e aproxima o e de coconstru o de questões.

Palavras-chave: Saúde. Trabalho. Educa o. Narratividade. Política.

ABSTRACT

This thesis is the result of a research-talk that investigates the health production in the scope of work in education, through the follow-up of the Workers' Health Commissions - Cosates, from Serra / Espírito Santo State, from 2014 to 2017. Such commissions were constituted as a device of the Forum Cosate, the result of an intense movement among several municipal agencies, education workers and researchers of the Training and Research Program in Health and Work - PFIST, Federal University of Espírito Santo - UFES. To this end, the thesis is structured into three main sections, namely: A *conversation* storytelling: which includes two proses and the dissolution of the centrality of the narratives together with the presentation of two characters: a "clumsy researcher" and a "slow worker". Besides the prose, there are the clues that present the arguments supported by the thesis: Clue I. The use of the essay and the form / content adopted show a practiced language, sustained by the idea that thinking, acting, writing and living are ways that do not dissociate – an ethical prerogative of the research. A work, therefore, has incalculable political dimensions and ethics *a priori*, because constituting itself in an invented work, does not come down to the plan of a prescribed one, thus, as it just explodes the continuum of the experience, putting at stake a real that comes in an impresumable way and in a moving work; Clue II. The affirmation of experience as an "Out" - there is no prior given, experience is not something that belongs to someone - whether you have it or not - but something that crosses us and which we use or put to work, not for an expertise, but much more because it is something that involves us in a transformative way in the connection to the relational field and then, bearing, transmissibility and not a total effectuation. This is articulated to the writing policy itself, which is a "writing-experience" or an "experience-writing". The second section comprises the composites of the field: scenes from the empirical field that give substance to the thesis, undertake a policy of narration that takes place in the exercise of assembly and that exposes the method of composition in the movement of mapping some intervention-passages of the research. The third and last part contains two essays: "Things have no peace" and "The moving and the stunned" which expose some of the questions raised in the field's accompaniment, linking them to the articulations with the question of narrativity and experience, from the presentation of oral and written fragments, recorded by the research, in an exercise of distance and approximation and co-construction of questions.

Keywords: Health, Work, Education, Narrativity, Politics.

RESUMEN

Esta tesis es producto de una investigación-conversación que investiga la producción de salud en el ámbito del trabajo en educación, mediante el acompañamiento de las Comisiones de Salud del Trabajador – Cosates, en el municipio de Serra/ Espírito Santo, en el período de 2014 a 2017. Tales comisiones se constituyeron como dispositivo del Fórum Cosate, fruto de un intenso movimiento entre diversos organismos municipales, trabajadores de la educação e investigadores del Programa de Formación e Investigación en Salud y Trabajo – PFIST, de la Universidad Federal del Espírito Santo - UFES. Para ello, la Tesis se estructura en tres grandes secciones, a saber: El contar historias en una conversa: que incluye dos prosas y la disolución de la centralidad de las narrativas juntamente con la presentación de las figuras: la de una investigadora desmañada y la de un trabajador atontado. Unidamente a las prosas siguen los indicios que presentan los argumentos defendidos en la tesis: Indicio I. El uso del ensayo y de la forma/contenido adoptada señala un lenguaje practicado, sostenido por la idea de que pensar, actuar, escribir y vivir son maneras que no se disocian – prerrogativa ética de la investigación. Un trabajo, por consiguiente, tiene dimensiones políticas y éticas incalculables a priori, pues se constituye en un trabajo inventado, no solo se resume al ámbito de lo prescrito, sino a una explosión el continuum de la experiencia, poniendo en juego un evento que viene de manera no presumible y en inconstante producción; Indicio II. La afirmación de la experiencia como Fora – no existe algo previo, la experiencia no es algo que pertenezca a alguien – si la tiene o no – sino algo que nos atraviesa y de la que hacemos uso o hacemos funcionar, no por un conocimiento experto sino mucho más por ser algo que nos implica de manera transformadora en la vinculación al campo relacional y que, por lo tanto, porta la transmisibilidad y no una total efectuación. Ello se articula a la propia política de escritura del trabajo, que es una “producción de la escritura - experiencia” o una “experiencia - escritura deseada”. La segunda sección comprende las compuestas del campo: escenas del campo empírico que dan forma a la Tesis, emprenden una política del contar que se realiza en ejercicio de montaje y que expone el método de composición en el movimiento de cartografiar algunas intervenciones - pasajes de la investigación. La tercera y última parte contiene dos ensayos: “Las cosas no tienen paz” y “El movimiento y el aturdido” que exponen algunas de las cuestiones surgidas en el acompañamiento del campo, direccionándolas hacia las articulaciones con el tema de la narratividad y de la experiencia, a partir de la mostración de fragmentos orales y escritos, registrados por la investigación, en un ejercicio de alejamiento y acercamiento y de co-construcción de cuestiones.

Palabras-clave: Salud, Trabajo, Educación, Narratividad, Política.

SUMÁRIO

1	POR UMA POLÍTICA DO CONTAR: NARRATIVIDADE E A CRÔNICA DA HISTÓRIA.....	17
2	O (I)COMEÇO DAS COISAS	23
2.1	PROSA SOBRE UMA PESQUISADORA DESAJEITADA: OU UMA NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA.....	25
2.2	INDÍCIO I.....	28
2.3	INDÍCIO II	32
2.4	QUERELAS E INTERESSES: A PRODUÇÃO DE UMA PESQUISA EM CONVERSAÇÃO.....	35
2.5	PROSA SOBRE UMA TRABALHADORA ABESTALHADA: OU UMA NARRATIVA EM TERCEIRA PESSOA	38
3	O DESAJEITO DA MEMÓRIA E ALGUMA PALAVRA SOBRE O MÉTODO	45
3.1	UMA ESCRITA DA MEMÓRIA	51
3.2	MEMÓRIA EM OFICINA: IMPRESSÕES DE UM PESQUISADOR DESAJEITADO.....	53
i.	“Ouço ainda aquela voz a dizer: ‘A história é o encontro dos homens no tempo’. E o estilo de pensar e escrever é como estilete, corta.....	57
ii.	“Entre a Balança, o calendário e uma nova luz - Registro de memória...58	
iii.	“A experiência com as Cosates sempre foi permeada por boas (julgo eu) surpresas.	61
iv.	“Cenas de um evento	63
4	RELAMPEJOS	70

4.1	SE ESTÁ SEMPRE NO MEIO	70
4.2	FOI, ENTÃO, QUE.....	75
4.3	AS DUAS ESCOLAS PILOTO	78
4.4	ENTRÁVAMOS ALI PELA PRIMEIRA VEZ.....	92
4.5	UMA PERGUNTA QUE FAZ TONTEAR... ..	96
4.6	O COSTUME É ALGO ENGRAÇADO EM NÓS.....	102
4.7	PERCORRER OS ARES, DE QUALQUER TEXTO QUE INSURJA FORÇA... ..	105
4.8	CORPOS EM TRANSFORMAÇÃO.....	109
4.9	COMO UMA IMAGEM REGISTRA-SE NO CORPO?.....	116
4.10	UM TEMPO-PASSAGEM: DOM QUIXOTES-PROFESSORES E TRANSVERSAIS	117
4.11	UM TEMPO DE COSTURAS INCESSANTES... ..	119
4.12	O TEMPO DIANTE DE SI, PRINCIPIA E FAZ CORRER... ..	123
4.13	TEMPO DECORRIDO... ..	131
4.14	O QUE EMERGE JÁ NASCE MORRENDO.....	136
5	“AS COISAS NÃO TÊM PAZ”: UMA CANÇÃO, UM POEMA, UMA AFIRMAÇÃO	141
5.1	“NUNCA SERÁ NADA, MAS UM CORPO EM TRÂNSITO PARA O ESTADO DE IMAGEM”	145
6	O MOVENTE E O ATURDIDO: POR UMA LÍRICA DE BARRO E UM PESQUISAR INSURGENTE	156
6.1	O PONTO CEGO DA EXPERIÊNCIA E O OBLÍQUO DA PESQUISA	172

7	“O FIM E O PRINCÍPIO”: “IR PARA LONGE PARA NOS VER DE PERTO”	175
7.1	POR UMA ESCRITA MORIBUNDA: CONSIDERAÇÕES DE UM PERCURSO EM DESVENCILHAMENTO	181
	REFERÊNCIAS	186
	APÊNDICE A: RELATÓRIO DAS COMISSÕES DE SAÚDE DO TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO EM SERRA-ES	198
	INDICE REMISSIVO	306

1 POR UMA POLÍTICA DO CONTAR: NARRATIVIDADE E A CRÔNICA DA HISTÓRIA

Escrever para falar. Compor-se de certa inscrição visceral. Um gesto que se lê.

Uma marca operada num *corpo em transformação*, num *corpo tático*, constituído em uso e em franca dimensão impessoal, que ao se tornar um corpo estranho, fabrica uma experiência mutante.

A palavra escrita que se sustenta, mesmo abdicada da palavra viva, retorna ao jogo do *fazer passar a letra* ou aquilo que nos inquieta em *e-moção*.

Isso tudo, não se dá por uma anterioridade dada, mas sim por meio de *um repente* que atualizasse em centelha, em fagulha, em um fragmento do tempo, contraído, o *agora*. Aquele ao qual quando chegamos nele já não o encontramos mais.

Tão irreduzível e fugidio quanto o vislumbrar, o agora torna-se elemento de atenção sensível, que tenta a memória guardar sob a forma de imagens, para interromper o curso do tempo que jorra.

Estamos a dizer que escrever é exercitar-se num jogo dialético com o real, que assume a distância e o empenhar-se em letras-memória. Escrever e memorar jogam com o estado da palavra viva, que se costurou mais pelo ouvido, do que pela voz, como lembra-nos Calvino (2008).

Costurar uma experiência, em feitura, é trabalho inventado, de dimensões políticas e desejanças incalculáveis a priori. É acionar-se por um saber que não se sabe e que não pode ser prévio ao próprio ato de narrar, por isso se faz nele, com ele e além dele.

O inscrito, ainda que em estado de dissolução constante, produz a conjunção de duas ações de dimensões éticas: escrever e ler. Movimentos distintos que se configuram numa constelação infinita, como um poetificado que sustenta *passagem* através de uma porta entreaberta. Semelhante à poesia que ao escapar à linguagem pragmática e mecânica, produz uma entrada sensível de composição articulada com o outro, que

a experimenta. Ou ainda, como a crônica, que nos situa Benjamin (1992), difere-se da historiografia, visto que o cronista é o narrador da história e quando ele a conta, não está obrigado a explicá-la. O cronista, ao contrário do historiador tradicional, pode apostar no insondável devir do mundo.

O trabalho do cronista da história não se realiza sem uma discussão sobre a reminiscência, ou seja, sem uma dedicação ao trabalho de compor um fio narrativo que reconheça a relação entre as temporalidades históricas (FERREIRA, 2011, p.129).

O espírito do cronista liga-se ao do narrador, pois conduz o leitor aos tempos em que as pedras e o seio da terra ligam-se aos destinos das gentes: “a magia libertadora de que o *conto* dispõe não põe em cena a natureza de uma forma mítica, mas é a indicação da sua cumplicidade com o homem libertado” (BENJAMIN, 1992, p. 49-50).

Se é assim pelo gesto que se gesta algo, o cronista da história pode mostrar que empenhar um modo de narrar o que se passa, dos movimentos em que se está incluído, é *encaminhar uma política do contar*, que não se define pela informação que veicula, mas sim pelas *marcas germinativas que emergem nas coisas que narra*, tanto para aquele que viveu, como para aquele que participa do que escuta ou lê.

#

Este trabalho-tese empreende uma vinculação entre a narratividade, o contar *histórias-compósitas* e a instituição de políticas de saúde, trabalho e educação, na medida em que realiza uma composição da memória em suas interfaces com o esquecimento, quanto à implementação das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação - Cosates, em Serra/Espírito Santo.

Com Ferreira (2011) e a partir dos estudos benjaminianos podemos entender a narratividade como um modo de enunciação tecido e aportado na leitura política do tempo histórico. Isto guarda uma profunda ligação com nossa proposta de pesquisa

já que contar histórias pode constituir-se como instrumento para uma análise do presente que abra vistas à dignidade das lutas menores, no sentido deleuziano.

Ferreira (2011) ressalta que o trabalho de pesquisa em ciências humanas, que sustenta a narratividade como *Índice e escritura*, deve considerar o caráter coletivo das palavras em jogo, uma vez que as histórias e a palavra do outro permitem ao pesquisador um diagnóstico da atualidade. Isto porque os rastros desse encontro evidenciam “a dissolução da centralidade da enunciação na biografia de quem fala” (FERREIRA, 2011, p.130).

Quando as questões individuais remetem-se às conexões comerciais, políticas e coletivas, muitas outras história agitam-se em seu interior, deixando de poder ser consideradas como expressão de uma vida particular auto-centrada. Em Walter Benjamin, por exemplo, tratava-se de um estudo da própria infância como uma experiência que diluía, na articulação de uma forma de escrita, a unidade do eu daquele que escrevia. Politicamente, os fragmentos transmitidos pelo narrador são como sementes que mantêm seu poder germinativo para além do tempo cronológico, dependendo dos nexos que os ouvintes consigam reconhecer em suas próprias reminiscências a partir dos perigos com que se confrontem social e politicamente (FERREIRA, 2011, p.131).

Para nós, o exercício de compor com os enunciados dos participantes e envolvidos neste trabalho – sejam eles os fragmentos orais recolhidos nos encontros de conversação, sejam os fragmentos escritos deixados em produções coletivas nos arquivos da pesquisa – orientou-se pela perspectiva de que tais enunciados se constituem em complexo processo interacional, dada pela natureza dialógica do discurso, e pelo caráter interventivo da própria pesquisa. Isto significa para nós que o que se inscreve nesta escritura participa de um espaço inter-relacional, de forças variadas, em que os discursos presumem diferentes vozes. O outro com o qual estabelecemos a conversação, não é apenas um interlocutor virtual. É agenciamento dinâmico. A língua, como nos sugere Bakhtin (1997), é concreta e viva, e não se reduz a um mero objeto linguístico.

Assim, a linguagem guarda uma atividade responsiva. Constitui-se como gestos de respostas aos movimentos dos quais se efetiva. Mesmo considerando que todo discurso é orientado para uma resposta, apostamos menos num marco interpretativo e mais numa posição mostrativa, dos fragmentos recolhidos. Contudo, ao encaminhar uma maneira de mostrá-los, a partir de certa posição narrativa, de uma maneira de

contar sobre a experiência que faz essa pesquisa, desejou-se compor um ato de fala e de escrita, que ultrapassasse a si mesma, ao assumir sua própria limitação constitutiva.

Isto porque, como nos mostra Bakhtin (1992):

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências (BAKHTIN, 1992, p.319).

Neste sentido, a primeira parte do escrito-tese segue como uma *contação em conversa* utilizando-se de uma forma ensaística sobre o método e a empiria do campo. Cabe ressaltar que as duas prosas que foram construídas, e que invertem os sentidos da primeira e terceira pessoa, configuram-se como demonstração da dissolução das centralidades das narrativas.

A prosa em primeira pessoa constitui-se da experiência da pesquisadora em seu processo de sustentação da escritura e é contada *de fora*, com uma voz em terceira pessoa.

E a prosa em terceira pessoa, que é narrada pelo próprio contador, concerne a passagens do campo, das ações e falas dos trabalhadores participantes. Os fatos narrados nesta segunda prosa são fruto dos registros no diário de campo da pesquisadora, em diversos momentos do percurso, e se referem à experiência dos trabalhadores envolvidos na coconstrução das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação - Cosates.

Entre as prosas, seguem-se os *indícios* que enunciam os argumentos desta Tese-ensaio, mostrando o problema que nos interessa.

A segunda seção do texto apresenta as *compósitas do campo*, cenas e discussões que dão corpo à questão central da Tese: uma experiência de produção de saúde na educação é política e coletiva e não se dá por nenhuma anterioridade dada, mas é um

processo em feitura, impessoal e articulado, que só se verifica em passagens e em movimento.

Por último, os ensaios “As coisas não têm paz” e “O movente e o aturdido” amarram-se com os enunciados diretos e indiretos, fragmentos orais ou escritos, dos participantes da pesquisa, no intuito de margear os processos experimentados e documentados, resultantes da parceria com os diversos trabalhadores-atores partícipes da construção coletiva do Fórum Cosate e das Cosates pilotos.

As caixas de texto que aparecem ao lado do texto central, em algumas passagens e momentos, funcionam como janelas, um ‘hiperlink’, que assume a proposição adotada nesta Tese: a da decisão por uma linguagem poética que desloque o pensamento ao mesmo tempo que o vincule, alargando-o, aos assuntos tratados.

Os fragmentos orais ou escritos, apresentados de forma direta ou indireta, fornecem-nos pistas de que as microlutas reveladas na enunciação de cada um, ligam-se aos agenciamentos institucionais e históricos, participam dos modos de constituição de si e, portanto, não são destinadas a provar nada, nenhuma análise de *um pesquisador expert*. E sim, mostrar por si mesmas seus agenciamentos no trabalho coletivo de pesquisa e conversação, como modos de empreendimento, modos de experiência em feitura, coletivos e impessoais, por mais singulares e engajados por existências concretas que sejam.

Podem, assim, compor modos de expressão da experiência coletiva desviantes, que não se reduzam ao reinante e institucionalizado apenas. Trata-se de apostar que isto permite uma elaboração do passado e uma experiência com a temporalidade de maneira distinta da obtusa linearidade, pretenciosa e hegemônica, de certa racionalidade histórica.

O empreendimento metodológico deste ensaio-tese assume que não há referência aos dados produzidos de forma neutra e desinteressada. Contudo, os usos distintos – ora contados pela pesquisadora, indiretos, ora enunciados diretamente, sob a forma de fragmentos orais ou escritos dos participantes e envolvidos no caminho desta pesquisa – permitem que os debates e conversações realizadas não se pretendam

dados puros e sólidos, fixos, mas se instituem e se desvanecem, como um conhecimento potencialmente perspectivo. Cambiantes, fluidos, semelhante à interpretação musical, diferidas a partir da variação, dos sons, sensíveis à composição melódica e sua execução em conjunto. Uma experiência-escritura é uma experiência a seu próprio nível de exame, um jogo, um fazer movente e cambiante que, embora guarde um marco interpretativo, não pretende esgotar a si mesma.

2 O (I)COMEÇO DAS COISAS

Eu leio assim este livro:

Há três coisas que metem medo: a primeira, a segunda e a terceira. A primeira chama-se vazio provocado, a segunda é dito o vazio continuado, e a terceira é também chamada o vazio vislumbrado. Ora, sabe-se que o Vazio não se apoia sobre o Nada.

Há, assim, três coisas que metem medo.

A primeira é a mutação. Ninguém sabe o que é o homem. Os limites da espécie humana não são consequentemente conhecidos. Podem, no entanto, ser sentidos. O mutante é o fora-de-série, que traz a série consigo. Este livro é um processo de mutantes, fisicamente escorregados.

É um processo terrível. Convém ter medo deste livro.

Há, como disse, três coisas que metem medo.

A segunda é a Tradição, segundo o espírito que muda onde se sopra. Todos cremos saber o que é o Tempo, mas suspeitamos, com razão, que só o Poder sabe o que é o Tempo: a Tradição, segundo a Trama da Existência. Este livro é a história da Tradição, segundo o espírito da Restante Vida. Mais uma razão para o não tomarmos a sério.

Há, pela última vez o digo, três coisas que metem medo. A terceira é um corp 'a' screver. Só os que passam por lá sabem o que isso é. E que isso justamente a ninguém interessa.

O falar e negociar o produzir e explorar constroem, com efeito, os acontecimentos do Poder. O escrever acompanha a densidade da Restante Vida, da Outra Forma de Corpo, que, aqui vos deixo qual é: a Paisagem.

Escrever vislumbra, não presta para consignar. Escrever, como neste livro, leva fatalmente o Poder à perda de memória.

E sabe-se lá o que é um Corpo Cem Memórias de Paisagem.

Quem há que suporte o Vazio?

Talvez Ninguém, nem Livro (BORGES, apud LLANSOL, 2014a, p.09-10).

Llansol (2014a) escreve este texto para prefaciar seu livro: O livro das Comunidades: geografia de rebeldes I, assinando com seu pseudônimo A. Borges.

No que nos toca, as palavras poderiam muito bem apresentar o escrito-tese que se segue.

E já que não se trata de começo, indiquemos: para nós a literatura, a arte, a política, a ciência e a filosofia são imagens do nosso exercício vivente de tentar a ampliação infinitesimal, maneiras de confrontar-se com as forças do mundo, em produção, “esforço de saber que é também esforço de viver” (DURRIVE, apud MUNIZ, 2016).

É preciso afirmar que, se no percurso de *Ler* o que se está a dizer, derivas fizerem suspender a cabeça¹, produzindo interrupções, pausas, desafios, estaremos certos de que nisso apostamos.

De repente, se formos lançados “na avenida, dura até o fim”² será necessário prosseguir com o canto. Pois não se almeja a constituição de Um sentido pleno. Mas de mostrar possíveis, para sentidos emergentes, num trabalho de cooperação e composição, para que se suporte algum Vazio.

¹ BARTHES, R. O prazer do texto. In: BARTHES, R. **O rumor da língua Barthes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

² Elza Soares “Mulher do fim do mundo”. Canção e letra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iXyXbyEW2YA&t=1034s>. Acesso em: 05 ago. 2017.

2.1 PROSA SOBRE UMA PESQUISADORA DESAJEITADA: OU UMA NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA

Ela nascia *desajeitada*. Mas não nascia porque nasceu. Até porque, ao nascer, já contava com oitenta anos.

Sabia de sorte que alguns eram mais velhos do que ela. Assim, não se preocupava com o que narrar. Apenas narrava. Sabia que a voz pode ser muito poderosa. A voz empenha ouvintes. A voz costura ao longe. Como uma melodia que se escuta antes de nascer. As melodias são poderosas. Não à toa, são nascimentos.

Seu pai que nascera antes, porém para ela só existira depois que ela mesma o atestara lá, escutava aquele nego inimitável. Dizia à menina que era bom abraçar árvores e ouvir clube da esquina. Ele que tinha estudado aos vinte e um anos, saído da roça – se diz lá em minas, passagem de mariana, passagem – nem sabia de destino, nem nada. Ele só pôde fazer a vida na cidade, fazendo-a.

Desmontou a cidade muitas vezes em experimentações ousadas para quem quer se lançar. Num vento, cais.

Depois de estudar tão moço e velho – ao mesmo tempo – foi ensinar matemática. A escrita do pai era verdadeiro hieróglifo. De porteiro a professor. Mal sabia ele que em ambas as profissões, operário

[...]uma série contínua e imprevisível de sinais, todo um entrelaçamento de asas infinitamente mutável e fugaz – mas legível. Mas o meu olhar deslizava, e eu acabava sempre por me encontrar com as outras. Aí, nada mais me aguardava, nada me falava. Mal tinha acompanhado as gaivotas do leste, que, voando contra o último brilho, se perdiam ao longe e regressavam com as suas asas recortadas num negro carregado, e já não conseguiria descrever o seu voo. Ele tocava-me tão profundamente que eu próprio regressava de longe, negro da experiência sofrida, um bando de asas silentes. À esquerda tudo eram ainda enigmas por decifrar, e o meu destino estava preso a cada aceno; à direita ele já tinha acontecido, e tudo fora um único aceno silencioso. Este jogo de contrastes durou ainda muito tempo, até eu próprio não ser mais que o limiar [...]

BENJAMIN, 2015b, p. 86.

insiste em resistir. Não se aborrecia, continuava. Para ele, a vida é presente. Não era que continuava como se segue linha de trem. Não.

Era mesmo em pequenos saltos que ele ia, lá ia ele. Até que encontrou uma moça.

A moça, que se tornara a mãe da menina, tinha sobrenome de poeta. Vai ver que lá de longe, nas genealogias inventadas, algo fosse verdade. A mãe também não cansava de fazer nascimentos. Para a menina, sua mãe era a precursora dos versos. Pois foi esta que deixou os livrinhos de capa dura, com tantos poemas e vozes, ao alcance da menina. A menina sentia que seus anos aumentavam não porque fazia aniversário, mas porque as letras a enrugueciam. Ela ficava mais velha toda vez que lia Cecília, Pessoa, Drummond... A mãe da menina gostava de letras, pois ensinava aos seus alunos, os enigmas da língua. Acabou ensinando à menina também.

Há de se saber, contudo, como foi que essa menina tornara-se tão nova e tão velha. Ela gostava de escutar as histórias dos outros. Achava tão engraçado aquilo tudo. O fato de as pessoas contarem-se umas às outras. Como se pode contar a vida de alguém? E, então hein, o que dizer de guardar da história contada outra coisa, que se entendeu? Viveu?

Era muito enigma construído que saltava dos encontros cotidianos. Pode ser isso que tenha

A memória

Um refúgio?

Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder
Quando estiver se afogando na
chuva, ou sendo quebrado pelo
frio, ou revirado pelo vento?
Temos um esplêndido passado
pela frente? Para os navegantes
com desejo de vento, a
memória é um ponto de partida.

GALEANO, 2007, p.22.

deixado essa menina com oitenta anos. Seus ouvidos.

Mas ficou sabendo, certa altura, que não existia mais tradição. Quer dizer, existia e não existia. Não existia como algo pronto, inteiro, seguro, prévio. Mas existia em recôndito dentro dela. Algum resto, algum caco, que se atualizava sempre no que ela ouvia de novo.

Quando se dizia, dentro dela, não se estava a dizer de um lugar, uma intimidade, mas antes de uma profunda superfície como a pele. Como se a menina de oitenta anos tivesse uma velha pele-limiar. Então seu dentro seria também fora e vice-versa. Ou vice e verso! O avesso podia ser verso!

Então que essa menina, seguindo a esteira que só pode ser seguida se for ao mesmo tempo construída em feitura, foi tornar-se professora também, anos mais tarde. Imagine quantos anos já alçava! Trabalhadora de um trabalho inventado. Nunca se está antes do tornar-se. Era bom que tivesse mais de oitenta anos, antes de tê-lo realmente em estado cronológico. Assim, podia autorizar-se, como fazem os velhos, a contar a experiência, que nunca era somente sua, mas do mundo, nela.

E se eu escrevesse um poema
para a posteridade?
Droga!
Que grande ideia
Me sinto confiante
Lá vou eu!
E, para a posteridade, eu digo:
Merda! Merda de novo!
Merda 3 vezes!
Sem dúvida, enganei a
posteridade, que esperava seu
poema.
Então, acabou.

QUENEAU, Raymond. Disponível
em:
<http://devaneiosinconscientes.blogspot.com.br/2013/03/raymond-queneau-poeme-pour-la-posterite.html>. Acesso em: 08 ago. 2017.

2.2 INDÍCIO I

Esta Tese não almeja a posteridade, embora a reconheça. Não deseja tornar absoluta qualquer epistemologia, teoria ou paradigma como “perseguição de verdade” ou “prova”. Por isso se escreve como ensaio. O ensaio permite girar as lentes. Experimentar os ângulos. Certas proposições, somente para acessá-las em seus limiares. Seus vestígios.

A palavra *vestígio* aqui se refere a uma das possíveis formas de tradução da palavra *Spur* em alemão para o português, retirada de alguns textos benjaminianos, como “O narrador” (BENJAMIM, 1992); “Experiência e Pobreza” (BENJAMIM, 2013) e “Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo” (BENJAMIM, 2010). Otte (2012) indica que *Spur* do alemão pode ser encontrado na obra de Benjamin sobre duas designações: “vestígios” ou “rastros” e não denota somente o uso de um termo, mas sim a explicitação de uma ideia. E que a tradução do termo alemão para seu segundo correspondente: “rastros”, sugere a forte ligação com o *slogan* de Brecht que ordena apagar os rastros. Porém, Otte (*ibidem*) privilegia o uso da tradução “vestígios” sustentando que essa denominação indicaria em Benjamin os sinais da presença humana e se constituiriam uma espécie de divisor de águas entre a pré-modernidade e a modernidade. Os vestígios apareceriam em “O narrador”, por exemplo, como as marcas deixadas pelo oleiro no vaso de argila que artesanalmente vai sendo moldado. Já em “Experiência e

Varrida pelo
Vento dardejante da tua Palavra
A variegada desconversa da vida
Vivida – as cem Línguas do im-
Poema, o niilema
[...]
Fundo
Na fenda do tempo
No Favo de gelo
Espera, cristal do sopro.
O teu testemunho
Irrefutável.

CELAN, 2013, p.125.

Pobreza”, os vestígios deixados nos aparatos cobertos por veludo, indicariam a hipocrisia associada à figura do burguês, que tenta imprimir sobre o “seu” mundo, por meio de certa precedência, as marcas pré-fabricadas nos objetos que goza. E em “Charles Baudelaire”, Benjamin (2010) apresentaria o episódio da *madeleine*, de Proust, como uma evocação do passado, a partir de “índices” de impressões sensoriais, recuperadas pela memória involuntária. Embora os “índices” se distingam dos vestígios por, na modernidade, não representarem mais uma pista segura que leve o indivíduo ao contato com a tradição, eles situariam uma forma paradoxal de ligação do passado ao presente, visto que

qualquer acontecimento ínfimo pode vir a desempenhar papel de índice – basta ficar atento, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, como Benjamin diz na terceira tese. A herança proustiana, no entanto, não consiste apenas no caráter sensorial da memória involuntária – algo que a aproxima à memória ‘artesanal’ produzida pelo ritmo monótono do trabalho -, mas na precariedade do acesso ao passado que reside também no caráter casual com que os encontros entre presente e passado ocorrem (OTTE, 2012, p. 80).

Desta forma, para a aposta desta escritura, a opção por “vestígios” é menos uma problemática conceitual e mais uma afirmação do desejo ensaístico. Não somente a escrita ensaística benjaminiana teria uma função indiciária, como o gosto da *madeleine* que levou Proust ao passado, entre tantas outras pistas deixadas por Benjamin. Pois poderiam elas constituírem-se, ao mesmo tempo, vestígio e índice.

Se há risco a correr, que seja o de sustentar a abertura, o estranhamento, o estilo e a grossura numa maneira de ver, de pensar, de dizer e por que não, de agir?! A palavra literária como explicitação do método não é dispositivo natural ou espontâneo. Nem se eleva a qualquer escola ou forma prévia. É, antes, laborioso trabalho em um “si” que são “outros”. Tantos.

Como nos mostra Proust (1972) por meio da literatura, as formas de se empenhar a linguagem não são apenas representativas, ou não se delimitam para designar a realidade a que se referem. São fazeres que criam uma língua estrangeira dentro da língua: acenam que a língua nos relança a devires, uma língua que escapa pela própria língua.

A afirmação de um “*trabalho que trabalha*” se inventando, interpolando, fabulando, sustenta a pretensão miúda de suscitar uma *experiência-adivinha* que coloque em produção o seu próprio caráter linguageiro e fecunde a visão de tomar o conhecimento como ângulo, apenas. Perspectiva.

A expressão “trabalho que trabalha” não indica a existência de uma forma de trabalho, em detrimento de outra. Mas alude à discussão feita por Clot (2013) em “O ofício como operador de saúde”, quando o autor resgata a noção de ofício não como uma designação do passado a respeito das formas de se exercer uma atividade ou tarefa nem certo regime de trabalho. Mas interessa-se em retornar ao ofício como aquilo que coloca a “tarefa na tarefa”, ao mesmo tempo que coloca a tarefa contra e para além da própria tarefa. Relembra a expressão “fazer o ofício” exatamente no seu duplo sentido: fazer a atividade, quanto fazer/construir o próprio ofício, na medida em que o fazemos, ultrapassamo-lo. Ou seja, o ofício não é apenas uma prática. Nem somente uma atividade, nem apenas diz respeito a uma profissão. O ofício é uma *discordância criativa*.

Neste sentido, permitimos a aproximação com nossa ideia de um “*trabalho que trabalha*”, remetendo-nos à dimensão de feitura e processo de todo fazer e neste caso específico, desta pesquisa, que ao investigar processos de trabalho, realiza sobre si mesma um trabalho de atenção à própria composição.

Como se daquilo que se sabe, pudesse se extrair um não sabido que, longe de ser inoperante, permita a construção de devires e prosseguimentos. Saltos. Começar pelo gasto, por um tecido ruído, por um ensaio, pode permitir certas distinções. Permitir que coisas se distingam, nelas mesmas, por elas, com elas. Sinais de existência.

E então escrever não será sustentar pretensão de algo inédito, mas sim de exercitar ruptura, arrastada pela força que faz pensamento derivar-se numa *experiência-indício* ou *experiência-adivinha*, no empréstimo de uma discussão que Ginzburg (2001) apresenta em “Olhos de Madeira”. O autor apresenta o estranhamento como procedimento literário e como antídoto contra a banalização da realidade. Declara que há, por vezes e ainda uma ideia absurda de que a existência humana seja previsível: “de que a guerra, o amor, o ódio, a arte, possam ser encarados com base em

prescrições prontas; de que conhecer signifique, em vez de aprender com a realidade, sobrepor um esquema a ela” (2001, p. 41). Contra isso, lembra da escrita de Proust, de como o leitor é posto diante de gestos e palavras incompreensíveis, sem dispor de uma explicação de ordem causal, mantendo-se um certo mistério, a afirmação de uma ambiguidade na voz que narra, na qual a partir de uma série de fragmentos contraditórios, compõe-se um quebra-cabeça ou uma adivinha.

Neste ponto, é que situamos um diálogo com o que nos indica Ginzburg (2001) quanto a uma *experiência-adivinha* que relança a escritura e a produção de um saber numa direção infinita, apostando em suas conexões e não no tratamento exaustivo de qualquer dos cacos recolhidos em percurso: “Compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem nos levar a enxergar mais, a apreender algo mais profundo” (2001, p.29). Assim, o efeito do estranhamento é também para resguardar certa leitura da história, que como afirmou Proust, seria preciso pintá-la como Elstir pintava o mar, ao revés.

2.3 INDÍCIO II

A premência deste trabalho sustenta-se na seguinte enunciação: o discurso relativo à experiência é hoje considerado impossível por sua ruína ou é conclamado por uma versão intimista, que designa a experiência como aquilo a que alguém viveu e, portanto, que possui.

Todas as duas versões da experiência são solilóquios. Há uma solidão que comparece nos pedidos excludentes. Apesar de a experiência ser falada por muitos, tanto por quem a requeira para si quanto para quem a renegue, a experiência parece escapar. Parece fugir às artes, aos saberes, mesmo à ciência, quando qualquer dessas formas pretendam-se absolutas. Ela não se dá por totalizações. Seu caráter inatural é justo o que lhe confere força. Assim, pode rasgar-se do verbo, e das linguagens, para alçar um lugar, qual seja: o da afirmação de sua vinculação a um *impessoal*, um *fora*.

A afirmação: a experiência começa onde mesmo termina. “A origem é o fim” (KLAUS, apud BENJAMIN, 1992, p. 166). E termina no começo de algo, que se repete e se transforma num novo de entretempos cortantes: o instante é história (BENJAMIN, 2009a). Trata-se de um intratável. De um osso duro de roer. De uma incalculável força que transplanta. De um real que não cessa de vir, impresumível. É que ela urge.

Sei o quanto sofro enquanto
 escrevo, cada frase
 corroborando o imperfeito e o
 inútil da anterior; esse cotejo
 terrível com a Ideia que espera
 (ora, sou eu quem espera!) sua
 atualização.

[...]

pois tudo que escrevo nasce
 mais de uma necessidade do
 que de um interesse.

[...]

Minha prosa é uma recontagem
 de mortos, feridos e
 sobreviventes desta batalha.

CORTÁZAR, 1984, p.84

Para dizer aonde vai chegar este trabalho argumenta-se: não há anterioridade dada na experiência. *O que se transmite dela não é o posto, é o que ela porta*. É o que dela abre-se, transmuta-se, recria-se. Imanência. Portanto, se ela se veicula por uma face encarnada, ela dimensiona-se por um impessoal, por seu fora. Por isso, opta-se por uma enunciação, com alguma consistência mínima. Perigoso caminhar no fio da navalha. Sim. Mas é porque não é o saber que sangra. São as grossuras. Por entre os cortes, se acha o que poderá de si. O que diferirá. O que se experimentará.

Abre-te. “Decifra-me ou devoro-te”: o Texto convoca sempre. Esfinge cortante que não anuncia predestinação, mas produz enlevo rugoso para que se passeie e se acene dentro dele. O Texto. É disto, não de outra coisa que se trata.

Barthes (2011) apontou que o escritor é um *experimentador público*, em seu trabalho “Crítica e Verdade”. O escritor varia o que recomeça e é arrebatado por um tempo que não é o diacrônico, mas o épico. Lembra a figura de Dom Quixote que mesmo não tendo itinerário certo, perseguia sempre a mesma coisa. Assim, define que a escrita é um modo de *Eros*. A escrita como *gesto* se colocaria como um texto mutante. Em “O Grau zero da escrita”, Barthes (2004a) define a escritura como algo que pode tomar múltiplas direções. E em “O rumor da língua” (2004b), a escritura é, pois, a escrita do desejo: “a escritura é a destruição de toda voz, de toda a origem” (*idem*, 2004b, p.70). A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito; o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pelo corpo que escreve “[...] a voz perde sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa” (*idem*, 2004b, p.57-58).

Ainda nesta obra, o autor delimita o *Texto* como algo que se opera. E, portanto: 1. O Texto não é um objeto computável, “só se prova o Texto num trabalho, numa produção” (*idem*, 2004b, p.67); 2. O Texto não para na (boa) literatura. Não pode ser abrangido numa hierarquia. O Texto é sempre paradoxal; 3. O Texto não se fecha, é descentralizado, um sistema sem fim nem centro; 4. “O Texto é plural” (*idem*, 2004b, p.70). O Texto é passagem, travessia. É legião; 5. O Texto se estende, pode ser quebrado e, portanto, pender para a enunciação; 6. O Texto decanta a obra. Ler e jogar são relativos ao Texto e por isso, pode-se “dar-lhe partida” (*idem*, 2004b, p.74);

8. Assim, o Texto em última abordagem liga-se ao prazer. “Texto só pode coincidir com uma prática da escritura” (*idem*, 2004b, p.75).

Esta Tese-Texto deseja afirmar que uma experiência de produção de saúde é política e coletiva porque se situa numa dimensão impessoal de encontro como *Fora* se justamente constituir-se como um trabalho inventado em que cada um efetua composições articuladas.

Em “A comunidade que vem” Agamben (2013b) trabalha a ideia de um *Fora* como conotativo de um “qualquer”: figura de uma *singularidade pura*. Uma singularidade que não se esgotaria numa relação de identidade, pois “qualquer” significaria uma zona indeterminada, em relação constante com um todo, sem que este – por sua vez – possa ser representado. Ou seja, o que está em questão: o *Fora* corresponde a um *limiar*, “um ponto de contato com um espaço externo, que deve permanecer vazio” (2013b, p. 63). Embora, “qualquer” seja finito, ele é indeterminável justamente por sua singularidade, sua posição de exterioridade pura, uma pura exposição: “qualquer é, nesse sentido, o acontecimento de um fora” (2013b, p.64). A relação disso com a experiência é que esta torna-se um acontecimento *não-coisal* e vincula-se à sua pura exterioridade como algo que aponta para sua dimensão de *limite*: “O fora não é um outro espaço que jaz além de um espaço determinado, mas é passagem, a exterioridade que lhe dá acesso” (2013b, p. 64). Em latim, *fores*, é relativo à porta da casa. Em grego, *thyrathen*, indica literalmente “na soleira”, “no limiar”, mostra-nos Agamben (2013b).

Nesta escritura, a política, a saúde, a educação, encontram-se num Texto cortante. Texto de uma experiência-navalha. Limiar. Experiência que se ensaia.

2.4 QUERELAS E INTERESSES: A PRODUÇÃO DE UMA PESQUISA EM CONVERSAÇÃO

Fazer proliferar os interesses a propósito das ciências é criar um meio bem denso de interesses e de questões para que os cientistas aprendam a reconhecer em que sua formação não é “normal”, “politicamente neutra”, “simplesmente racional”, a compreender quais são as questões que lhes ensinam a esquecer, a não se colocar. Eles são estrategistas de interesses, e por que não continuariam a sê-lo? Não tenho meios para conceber uma utopia de um mundo “moral”, onde os interesses desaparecessem diante de algum bem público. Minha imaginação e minha utopia me permitem conceber um mundo onde os cientistas seriam estrategistas lúcidos, capazes de compreender os sentidos emaranhados dos interesses sobre os quais especulam, me permitem, portanto, também conceber uma instituição científica que aceita o fato que ela é atravessada pelos mesmos conflitos de interesses, pelas mesmas tensões sociais e políticas que as sociedades onde elas se desenvolvem (STENGERS, 1990, p. 109).

Esta *pesquisa em conversação*³ propõe compreender a *experiência-cosate* como uma experiência de transformação das “descrições do trabalho” – feitas por um grupo de pesquisadores e trabalhadores da educação no município de Serra/ Es – que colocaram a “saúde” como princípio ético de produção/ invenção de pessoas e modos de viver e trabalhar.

Seguimos algumas pistas fornecidas por Hacking (2009) com o que denomina “ontologia histórica”, afirmando ser este um recurso filosófico que observa fatos e desfaz problemas. Recolhe ínfimos detalhes de situações historicamente existentes para traçar um plano de análise que não procura limitar-se por concepções especulativas, mas confronta a realidade, por considerar que as formas investidas por qualquer analítica descrevem temporalidades e enunciados possíveis e situados. Assim, não se trata de buscar verdades ou falsidades das proposições encontradas e sim assumir que tais proposições são formações discursivas geradas e produzidas sob certas condições de possibilidade. Visto que “narrar é abrigar o inacabamento do tempo histórico”, como bem aponta-nos Ferreira (2011, p.130).

³ Ver também em: TEIXEIRA, Ricardo. As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público. IN: Working-paper apresentado na Research Conference on: Rethinking “the Public” in Public Health: Neoliberalism, Structural Violence, and Epidemics of Inequality in Latin America. Center for Iberian and Latin American Studies, University of California, San Diego, 2004 April.

Pesquisa em conversação é aqui utilizada para explicitar duas vias de compreensão da escritura deste Texto: primeiro, que a própria experiência que constitui o plano empírico do trabalho situa-se numa experimentação piloto com trabalhadores da educação em torno da produção de saúde e por meio da constituição de redes de conversação (TEIXEIRA, 2004), denominadas Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (Cosates); segundo, quer se afirmar que o próprio método de escrituração desta pesquisa constitui uma conversação, na medida em que, como aponta Stengers (1990), pesquisar é produzir interesse e controvérsias que constituam questões políticas e enfatizem a reinvenção de sentidos, criação de histórias, vínculos e relações de força favoráveis à sustentação da produção de diferença e engendramento de multiplicidades. Nas palavras da autora:

As ciências são talvez, o mais intensamente histórico dos empreendimentos humanos, pois é um empreendimento cuja história é a principal questão. Eu disse que a questão “isso é científico?” é a questão das ciências modernas. Para tal questão não existe nenhuma resposta que transcenda a história, nenhuma referência a partir da qual as controvérsias encontrariam de direito sua solução. A resposta à questão “isso é científico?”, isto é, será que posso me deixar interessar, levar em conta, operar a partir de, define o trabalho dos cientistas, a aposta que eles fazem sobre a história, os riscos que eles correm aqui e agora (STENGERS, 1990, p. 103).

Conversação, no entanto, denota para nós não a fabricação de uma solução infalível para uma ficção inventada, nem nenhuma saída que se arvore em “verdade”. Não acreditamos que conversar proporcione-se como um operador inequívoco. Mas sim que se constitua como possibilidade de acessar por meio do próprio fazer, uma feitura, um modo de contar uma pesquisa em seus próprios movimentos, conversar gera ação. Sem que isto possa garantir algo.

O que podemos delimitar como uma pesquisa em conversação? Ou uma pesquisa que conversa? De qual lugar subscreve-se esta pesquisa?

Fazê-la dizer de forma lúcida significa para nós empreender um modo de narrar uma experiência de trabalho, no trabalho e pelo trabalho, que se configure por *fiar detalhes*. Fiar por meio da linguagem, a vida e a labuta, num exercício de *testemunhar* – assumir certa posição de escrevente e de contação - movimentos realizados *em luta*.

Porque só podemos falar em movimento se, em meio às batalhas para empenhar o vivo mutante, situarmo-nos em lutas e em embates constantes. Nosso conhecimento, datado e provisório, adota sempre uma posição de referência. Referir-se a algo produz corpos reais.

Não seria isto, a própria tarefa do pensamento? Criar, ao mesmo tempo que as formas, também suas dissoluções? Aquilo que não cessa de engendrar-se e desfazer-se. De criar existências-processos, de arremessar linhas? (PROUST, 1988)

Então, tomaremos duas figurações: a do *pesquisador desajeitado* e a do *trabalhador abestalhado*, que antes de destituir - como imagens literárias - o valor de um trabalho de Tese, constituirão nossas alegorias para a *emancipação do pensamento*: um modo de dizer, contar, narrar, das experiências que atingem nossos corpos, e ultrapassam as “tentativas de certeza”, sem contanto perderem suas apostas políticas de insistir na vida, nas forças e na produção de suas formas. Corpos de conhecimentos, corpos reais, são - em alguma medida - *corpos em uso*, desajeitados nos movimentos, disparatados em seus interesses, abestalhados em seus fazeres. Isso não cria nenhum descrédito à pesquisa, ou à proposição que se faz nela. Mas nos faz afirmar que estamos menos interessados em rígidos trabalhos de Tese e mais em compor um *corpus* de possibilidades. “Nunca pode haver história acabada”, afirma Hacking (2009, p.111).

Que seja isto: o que temos para apresentar são histórias intrincadas. Experiências recalitrantes.

2.5 PROSA SOBRE UMA TRABALHADORA ABESTALHADA: OU UMA NARRATIVA EM TERCEIRA PESSOA

A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota. A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência [...] Serão essas - as com alguma coisa excepta - as de pronta valia no que aqui se quer tirar: seja, o leite que a vaca não prometeu. Talvez porque mais direto colidem com o não-senso, a ele afins; e o não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria. A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas (ROSA, 2009, p.24).

Foi assim que cheguei lá. Mancando. Um curioso provérbio árabe assume que diante do desejo, aonde não se chega voando, se chega mancando. *São dos tropeços que aprendemos a saltar. Acham que não? Conto, pois.*

Vi muitas vezes outros rirem ou me julgarem estranha, *abestalhada*. Nas minhas aulas e ações, *sempre* – que “não é todo dia” – se encontra alguém para dizer que não vai *funcionar*.

Já não te contei? Daquele dia que tive que *fazer das tripas coração* para levar os meninos para a festa combinada na escola?! Faltava copos, para os lanches, faltava, ih.... um monte de coisas. Mas *a gente tava lá. Eles estavam lá. E como se animavam*. Não sabemos o que pode animar uma alminha desejanete.

E naquela outra vez que tive que fazer *ponte por ponte, ponto por ponto*, de costurar aqui e acolá com outros *topantes* a aventura de construir motivos pruma aula sobre o dia do índio. Cê sabe, índio no Brasil, gostam de lembrar deles apenas nas figuras na parede, ou nos livros didáticos, como excêntricos seres incivilizados. Veja o que estamos vivendo! Acha que porque tem dia instituído basta para construir relação, entendimentos?

Corri atrás da professora de educação física, corri atrás do laboratório de informática... Fizemos pesquisa, trabalhamos músicas. Peripécias. Mas eles tiveram a aula.

De outra monta, um dia estávamos *a conversar nos corredores*, sobre a *vida* que entra com a gente na escola e para a qual não tem recreio, hora de descanso, nem mesmo hora da saída, ou prescrição... conversávamos sobre a vida.

Pensa bem! Não é tarefa fácil. Mas uns podem dizer que corredores não se fazem para conversas. Que conversas de corredor são *conspirações*. Prestam para jogar o tempo em *conversa fora*. Têm até a audácia de falarem que damos muita importância à hora do cafezinho. Que quando dizemos trabalhar, pensar na saúde do trabalhador da educação, é tudo desculpa para não dar aula, ou motivo para sair da sala. E quem acha que *intervalos* e *fiações* são coisa de pouca importância?! Não é fácil lidar com os pesados moinhos de vento. Os *velhos* que o digam: fiar, fiar, até lhe cair os dentes.

Tem-se que entrar pelas beiradas, mancando... de repente, aquilo que parecia encontrar desfeita ou indiferença, ganha assunto, tema, palavra. A gente introduz uma circulação de palavra pegante. E ela vai rompendo as grossuras.

Mas logo se descobre o bonito reverso da costura de se tecer bordas. Foi assim. De tanto insistir em dar passos ziguezagueantes, é que fomos entreabrindo portas antes fechadas. Pensa?! Apertado passar em meia entrada. Só se entra *abestalhadamente*.

A vida na escola pode ter que passar pelas frestas dos portões de ferro e das asperezas diversas. É um dia a dia puxado. As pessoas correm, se dividem, se estressam, mas – vez em quando – se abraçam, tecem solidariedades e risos. Já vi quem puxasse até *bonde*...

Lembra daquela exposição que nosso companheiro das artes criou, com nossos desenhos e fotografias, nos lugares dos clássicos quadros de artistas famosos?! Foi muito divertido nos ver pintadas em uma exposição na qual as releituras das obras traziam nossos semblantes... na parede da sala dos professores... lá estávamos nós! Demos boas risadas!

O que dá a gente vai tentando. Embora nossos dias decorram de um *corre corre* danado, a gente não largou mão de se infiltrar. Contagiar os segmentos de uma escola para as lutas que precisamos travar a muitas mãos não é fácil. O que a gente fez para

começar? A gente pensa! Às vezes, a gente pensa muitas coisas grandes, mas começamos mesmo com as pequeninas. Do miudinho. *Começamos perguntando...* Um aqui. Outro ali. E de repente, do lugar de *contaminado*, espalhamos a *peste*... A peste é algo do qual não podemos nos livrar. É algo que nos modifica. A partir dela, e com ela, é que, de repente, falamos. Agimos. Enlaçamos o outro que estava quietinho. Mas se diz por aí, por mais engajado numa luta, importa compartilhar. Uma companheira também desajeitada até brincou dizendo que o trabalho de pesquisa de tanto tempo e os movimentos do Fórum nos colocaram diversas vezes de *quarentena*.

Nessa hora lembro daquela canção do Lobão: “estamos enlouquecendo aos poucos”... e vida de professor-formiga, quando silenciosa, pode mesmo enlouquecer. Por bem que, a outra moça lá, apesar de seu desajeitamento, disse que há *loucas docências*⁴ que fazem entreabrir cursos imprevisíveis de possibilidades bonitas e produção do comum. Pois é... trabalho é sempre um caminho a viver. E se a história, nunca pode se dar como acabada, vamos seguindo por insistência do vivo!

Lembra daquela vez que deixaram bilhete para a gente no banheiro: “Isso é trabalho para as Cosates”! Importa. Foram as agentes dos serviços gerais que questionando suas condições de trabalho e fazendo de suas atividades, interrogações, deixaram lá aquele bilhetezinho!

A Cosate não era só para tomar cafezinho! De repente, as pessoas começaram a ver a chance de *endereçarem* algo *àquele movimento estranho, manco, mas potente*! As pessoas começam a produzir seus burburinhos, bilhetes, conversas, brincadeiras... Nunca se tinha visto na escola, naquele mural de frente, bem na porta de entrada, uma chamada tão grande, com trabalhos dos alunos e comunidade de trabalhadores, com letras garrafais e ilustrações variadas, com fotografias dos alunos da escola e as profissões buscadas por eles: “Maio: mês do trabalhador: imagens do futuro”! Nos disseram aqueles desajeitados pesquisadores da surpresa que ficaram ao entrarem na escola e verem nosso mural! Mais de ano depois de insistir nos cafezinhos e costuras quentes.

⁴ BRITO, Janaína Madeira. **Loucas docências benjaminianas**: políticas de narratividade e produção de saúde. 2016. 132p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

E a construção coletiva que fizemos no final do ano, com todos os professores da escola, de estudar o estatuto do trabalhador da educação, como a formação que adotamos empreender, sem esperar o calendário temático que vem pronto da secretaria de educação? Dizíamos tantas vezes que estudar as leis e os regimentos e estatutos era tarefa chata e sem sentido. Fomos aprendendo que não é bem isso. Desmoronar de dentro do corpo rígido, seus membros, seus órgãos, suas vísceras. Nossa chance. Não é uma questão apenas de ficar informado. Não. Informação por si só não muda nossas chances reais. Mas é porque ler aquilo tudo e discutir com os pares, com os *outrens*, nos vai transformando. De repente, *começa na gente uma sede de passar para a frente aquilo que nos inquieta. Vai criando conversas circulares. Pré-textos criam com-textos interessantes. E quando percebemos estamos em treliças.* Já não é tão simples dizer que não se tem nada com isso. As pessoas começam a criar endereçamentos umas às outras, e a força não é mais aquela do dado, da máquina de moer gente. Ela surge de pequenas *iluminações profanas*. Um trabalho que a gente vai mostrando, fazendo. E na lacuna da lei, a gente entra. A gente passa. Mesmo que seja a própria lei a nossa isca. A história de uma lei a contrapelo.

É preciso uma *conversa arriscada*. É mesmo forçoso colocarmo-nos em diálogo. Contando das conquistas que, mancando, fizemos, apesar dos pesares, parece que é simples. Mas empenhar palavra viva e mutante é trabalho para *bárbaros*.

É preciso inventar *palavra epistolar*. Uma que se passe adiante, como faz um chiste, um germe de contágio. Uma palavra que não se possa consumir, dessas estamos cheios! Consumimos diariamente a nós mesmos, nestes fluxos de frenéticos automatismos e falta de respiros.

Porque queremos bradar que sim: *a raça de bastardos não dorme como pedras!* Estamos a criar um *povo* que resiste. Que devém. Como? Quando por exemplo conseguimos taticamente fortalecer redes minúsculas de solidariedade e luta: outro dia o professor de matemática me cobriu preu participar de uma das reuniões do Fórum Cosate. Simples?! Não. Diversos arranjos para que isso fosse possível.

Outro pode argumentar que não se vive na lacuna. Isso estaria na contramão, nos gerando mais trabalho e tensão. Mas dizemos: - Não! Estamos chegando do jeito que podemos. E há quem confunda nosso modo abestalhado de andar e seguir, com inércia e alienação. Só que a contramão aqui é esta: caminhar, mancando ou ziguezagueando, até cindirmos os alvos, as cordas, os muros, as algemas. Não se transforma nada só.

Usarmos ações *de um e para um* trabalho inventado não é executarmos prescrições, não somente. Usar novas normas nos faz experimentar a construção de novos modos. Modos de estar com o outro. Modos de nos reinventarmos. Modos de criação de prazer. Não aceitamos tapar buracos! Nossos esforços não querem manter a precarização das nossas condições, mas sim alterá-las, sem fugir delas. Queremos esburacá-las. Sim, podemos enlouquecer, como cantava Lobão. Contudo, podemos mais que isso.

Nossas ações também queriam valorizar o que tínhamos. Até quando já sabíamos que viriam as opressões de toda ordem, do tipo: as burocracias, o pacote de maldades⁵, os revides institucionalizados. Dizíamos nos corredores e nas ruas: “tá osso! Mas não estamos mortos”!

Quando a Lei da Cosate haveria de ser votada na Câmara, e tivemos que ir a três assembleias públicas, para acompanhar tal processo, fomos com nossos *corpos* que inscreviam presenças e tensões. Uma das vezes, levamos pequeno cartaz, feito de

⁵ “Pacote de maldades” é a expressão popular, utilizada também pelos trabalhadores do Sindicato Estadual dos Professores/ SINDIUPES, para denotar o amplo retrocesso da política trabalhista no município de Serra/Es, instituída pela Lei Municipal 4.602, quanto à perda de direitos dos trabalhadores da educação, em especial, os professores, que tiveram seu estatuto revisto e alterado de forma a precarizar ainda mais certas condições de atividade e trabalho. Os acontecimentos da última eleição municipal em 2016, reelegeu no município, o então prefeito de Serra/Es, numa disputa acirradíssima com outro candidato, que sustentou projeto político ainda mais conservador. Contudo, o prefeito reeleito, após tomar posse para seu novo mandato implementa vários cortes no Plano de Carreira da Educação, retirando direitos garantidos dos trabalhadores de Serra, tais como concessão de decênio e quinquênios, auxílios alimentação, afastamentos sindicais e fim do avanço horizontal (merecimento), mesmo que tais direitos tenham sido conquistas sociais importantes e vinculadas à luta dos trabalhadores. Isto tudo é deliberado em janeiro de 2017, quando os professores da rede estavam de férias, e os dirigentes do sindicato estavam fora participando de uma Conferência Nacional, ou seja, estrategicamente o poder municipal aplica medidas de cortes ostensivas sem nenhum diálogo com a categoria, aproveitando-se do período de pouquíssima articulação entre os trabalhadores. Em julho de 2017, o Sindicato consegue que o prefeito recue em alguns pontos quanto à alguns aspectos do pacote de maldade, mas a situação permanece em luta. Disponível em: <http://sindiupes.org.br/blog/sindiupes-pressiona-e-audifax-recua-no-pacote-de-maldades/>. Acesso em: 08 out. 2017.

cartolina, como fazemos na escola, com os poucos recursos que temos e dispomos, mas levamos uma mensagem: aprovação da lei Cosate, conquista para os trabalhadores da educação. Podiam de lá, daquela pompa toda, daquele circo, nos acharem abestalhados! Pois sim, fizemos nossos corpos assegurarem que daquelas manobras todas – para que se dessem apenas os interesses do reinante, a fomentar e a manter a miséria e a escassez – estávamos a espreitar nas beiras, por elas. E que a um povo não se mata dizimando seus corpos, seus pensamentos, suas centelhas. Pois, estamos cansados! Oh como estamos. Em toda reunião, todo ajuntamento de nós, todas as conversas e encontros, trocamos nossos murmúrios, nossas angústias e exaustões, é verdade. Apesar disso, falamos mais do que o que se diz, apenas. Empenhamos mais do que demonstramos, ou expressamos. Vimos imbuídos de um *contratempo*, do qual podem nascer e vingar mais do que nossos rostos. *De costas para o reinante, inda operamos missivas.*

Subimos a rampa da escola, trêmulos. Nossos passos, para os que passam correndo, são lentos e desritmados, mas para nós, andar como água mole pode fazer-nos chegar de outro jeito, até mesmo a outro lugar. Nossa aposta de costurar pelas beiras, não é a de fazer “interagir” pessoas, coisas, situações, tão somente. É para suspender o tempo, romper o dado, contornar fronteiras, criar limiares, zonas híbridas de passagens.

Engraçado, naquela experiência que fizemos de escrever sobre nossas experiências, nos misturamos. Elegemos pontos que queríamos sustentar. Debates, rascunhamos, encontramos-nos muitas vezes, tomamos muito café – sim, de fato – arriscamos a feitura de um corpo comum de letras e peles. Quando o texto voltou para a escola e o relocalamos na roda junto daqueles que nem entraram diretamente na construção das formas escritas, muitos, entretanto, se reconheceram nele. Falavam: “Olha! Isso aqui escrevemos”. Que efeito impessoal! De repente, não éramos um “nós”, perigoso e autoritário, que decidiria caminhos, numa massa totalitária e imperiosa, e sim, éramos minúsculos, que nos perdendo todos, achávamos conectados de modo incrível, por aquelas palavras que escolhemos, e pelas quais nos dissolvíamos em franco movimento de composição. De repente, aquele texto não era apenas um artigo para ser publicado sobre o percurso realizado por muitos de nós. Era uma *linguagem de partilha*.

É um pouco isto: *operar um corte*. Pautar discussões, jeitos de entrar no que temos, fazendo com o que temos. O *lixo extraordinário*⁶. Parece estranho, mas pautamos o tema da saúde até nos jogos estudantis! Era entrar como podíamos! *Trabalhador fica matutando*. Era daquilo que *não* esperávamos, que muitas vezes surgiram as maiores chances.

Ainda me lembro de um dia ouvir de uma trabalhadora que “sair do engessado” era justamente conversar sobre o mundo em que se está a viver. E algumas vezes perguntávamos pelo que podíamos fazer diante de uma situação... essa ou aquela. Acabávamos decidindo que se nosso colega não pudesse vir, nós iríamos até ele. Foi assim que tecemos arranjos com outras escolas e com outros parceiros. Até nos lembramos da fala de outro companheiro, alertando-nos que diante do real teríamos que ser *saci*! Já sabíamos. *De perna em perna, nunca se tem uma perna só!*

E mesmo precisando de tempo para as pessoas aderirem às tentativas que fazemos, insistimos. Chamamos para pautas, formações, conversas de corredor, cafezinhos, Fórum, partilhas inúmeras e inusitadas, porque o que tem força parte do cotidiano. Aquele outro professor, nosso colega, inventou projeto com os alunos, incluindo os debates que fizemos, ele disse “incluir conversa na *fazenda* da escola”. Aí a Cosate foi *mote*. E nosso *pensamento* vira *ferramenta* para o *agora*. Resgatar a força das ideias e das palavras que não querem apenas informar algo, mas fabricar algo, não por intencionalidade, mas por mistério. Aí vemos que, de relance, a margem do mundo explodiu. Ponhamo-nos a caminho.

Um corpo abestalhado é também um corpo tático.

⁶ Lixo extraordinário refere-se ao documentário lançado em 2010, fruto de dois anos de trabalho realizado pelo artista plástico Vik Muniz no Jardim Gramacho, maior aterro sanitário da América Latina, localizado na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. O documentário registrou a produção de obras de arte com material coletado no aterro. Ao longo da produção dessas obras, entre 2007 e 2008, transformações se produzem na vida das pessoas participantes do projeto. Disponível em: <http://lixoextraordinario.net/>. Acesso em: 25 set. 2017.

3 O DESAJEITO DA MEMÓRIA E ALGUMA PALAVRA SOBRE O MÉTODO

Para o dialético, o que importa é ter o vento da história universal [*Weltgeschichte*] em suas velas. Pensar significa para ele: içar velas. O que é decisivo é como elas são posicionadas. As palavras são suas velas. O modo como são dispostas transforma-se em conceitos. [...] Ser dialético significa ter o vento da história nas velas. As velas são os conceitos. Porém, não basta dispor das velas. O decisivo é a arte de posicioná-las (BENJAMIN, 2009a, p.515)

Palavra puxa palavra⁷. Os surrealistas quiseram escrever de forma automática: esperavam fazer surgir o “real da memória”, suas interpolações. Barrento (2013) indica-nos que os procedimentos surrealistas tentavam fazer convergir imagens cruzadas e inesperadas para a emergência do universo profundo das ligações imperceptíveis, como no sonho, ao mesmo tempo que realizarem uma crítica ao subjetivismo.

A imagem criada por Baudelaire de sua Paris sobrerreal e a de Benjamin (2015a), é resultado de uma percepção anamnésica que recupera toda sorte de imagens do passado para construir uma visão do espaço e uma experiência com outra dimensão de tempo (BARRENTO, 2013).

Este trabalho não pretende fazer uma discussão acerca das definições que comportariam o conceito de memória e seus avatares. Partimos de uma aventura metodológica que é escrever sob os auspícios da memória rabiscada, dos fragmentos vividos e dos variados registros desatados que fizemos uso durante essa travessia sem fim que é uma pesquisa-sertão: por onde o escrever situa sempre pequena vereda.

Pesquisa em conversação. Isso não nos desobriga a indiciar os critérios para o método utilizado, mas coloca-se ao lado de uma aposta nas políticas de narratividade, que foram produzidas em meio a um espreitar cartograficamente o campo “atravessado” e ao plano percorrido dos operadores conceituais escolhidos.

⁷ “Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies” (ASSIS, Machado de. **Primas de Sapucaia!**). Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/primas-de-sapucaia-conto-de-machado-de-assis/>. Acesso em: 05 ago. 2017.

Nosso intuito é evidenciar a imagem acessada pelo próprio *desajeito da memória*, como efeito de estranhamento.

A memória do pesquisador-em-espreita é desajeitada. Ela parece sempre estar em certa posição recuada frente aos acontecimentos. Ela não pode - no momento dos acontecimentos - dizer do que será capaz de registrar. Ela funciona num tempo *a posteriori*, num depois que a faz encarar sua precariedade viva. O “só depois”, é o tempo da lembrança do fulgor. Do instante revivido. Que cria uma lacuna fecunda e perigosa. Espaço de um entretempo em que o *interesse*⁸ em escrever sobre dado tema, manifestadamente, - como suporta a etimologia da palavra “interessar” - cria o estar entre (STENGERS, 1990).

A querela da verdade-falsidade precisa ser recolocada em termos mais *interessantes*. Trata-se de afirmar que para produzir diferença e apostar num modo de ver perspectivo é preciso topar vencer a “lenda de ouro da ciência”: a de que a verdade pode se dar a um indivíduo por iluminação, fazendo outros reconhecerem tal brilhantismo e o seguirem (STENGERS, 1990, p. 100).

O ouro que para nós reluz é outro: é aquele que fornece uma centelha. Centelha, brilho, que permanece *entre* nós, ainda quando não há “verdade” alguma. A fagulha que desajeitando a memória-baú faz superficializar cenas, imagens,

Se eu me concentrar num
fragmento do tempo

Não é hoje, nem amanhã

Mas se eu concentrar num
fragmento do tempo,

Agora,

Esse fragmento revelará todo o
tempo.

LLANSOL, 2014a, p. 64

⁸ “Deixar-se interessar é, para um cientista, um risco” (STENGERS, 1990, p.102).

palavras, coisas, que avistamos somente por vislumbre, mas que insurgem consistentes, atingindo-nos no cerne de nós mesmos. Nós mesmos? Não somos interioridades consubstanciadas. Somos efeitos de poder. Somos falanges. Multidões humanas e não-humanas. Somos o que pudemos constituir-nos politicamente, em concerto.

Tomamos de Valéry seu ensinamento de que o mais profundo é a pele, para lembrarmo-nos que nossa memória não é um baú velho, depósito de cacarecos e permanências, mas é instrumento vivo e mutante, que se atualiza e se apresenta, fornecendo-nos a chance de constituição de um *savoir y faire*⁹.

Esse *saber fazer com isso*, insurgente, não se delimita por prospectos ou pelos protocolos utilizados no movimento de acompanhar processos. Mas, antes, expande-se por uma proposição política: as escolhas e orientações que sustentamos definem o que fazemos falar e/ou calar numa pesquisa.

Assim, como inflexiona Benjamin (2009a) “o que são desvios para os outros, são para mim os dados que determinam a minha rota. Construo meus

Tu perguntas o que uma lagosta tece lá embaixo com seus pés dourados? Respondo que o oceano sabe. E por quem a medusa espera em sua veste transparente? Está esperando pelo tempo, como tu. ‘Quem as algas apertam em seu abraço...’, perguntas ‘mais firme que uma hora e um mar certos?’ Eu sei. Perguntas sobre a presa branca do narval e eu respondo contando como o unicórnio do mar, arpado, morre. Perguntas sobre as plumas do rei-pescador que vibram nas puras primaveras dos mares do sul. Quero te contar que o oceano sabe isto: que a vida, em seus estojos de jóias, é infinita como a areia incontável, pura; e o tempo, entre as uvas cor de sangue tornou a pedra dura e lisa encheu a água-viva de luz, desfez o seu nó, soltou seus fios musicais de uma cornicópia feita de infinita madrepérola. Sou só a rede vazia diante dos olhos humanos na escuridão e de dedos habituados à longitude do tímido globo de uma laranja. Caminho como tu, investigando a estrela sem fim e em minha rede, durante a noite, acordo nu. A única coisa capturada é um peixe preso dentro do vento.

NERUDA, 1982, p.53.

⁹ *Savoir y faire* é uma expressão lacaniana para indicar uma diferença quanto ao saber-fazer como expertise, know how. No *saber fazer* que Lacan apresenta em seu Seminário 16, precisa-se operar com a linguagem, mesmo com sua falha em dar conta de “amarrar” toda a “comunicação”, visto que falar produz não a garantia da plena comunicação, mas mal-entendido. O sujeito utiliza-se de seu não-saber, ou de sua debilidade diante da linguagem, para fazer algo com ela. Para nós, importa destacar o caráter da insistência de escritura, que mesmo desajeitada, sustenta-se em operar algo que não se encontra como expertise, ou qualquer saber totalizador. Queremos situar algo da experiência compartilhada, cuja pesquisa não se situa como “resultado” do especialista, e sim como um acompanhamento de um processo, em que *se operou algo, apesar de*.

cálculos sobre os diferenciais de tempo – que, para outros, perturbam “grandes linhas da pesquisa” (2009a, p.498).

Barrento (2013) lembra-nos que o método benjaminiano de escrever a contrapelo, nossa inspiração, utilizou-se de três estratégias de memória: a) o ensaio sociológico, que sustentou a mediação entre a base social e econômica e a superestrutura da criação poética de Baudelaire; b) a escrita das memórias que não situou apenas realizar um “inventário dos achados”, mas assinalou o momento exato em que o passado cruza-se ou atualiza-se no presente e; c) a montagem surrealista. Essa memória involuntária que automatiza os lugares de passagens transmutando-os em vestígios férteis de apresentação da experiência.

A escrita torna-se, portanto, uma escrita viva e que tem seus imperativos próprios: “Não é o sujeito que dispõe da sua memória, é a memória (involuntária, recordação ou rememoração, presentificação anamnésica) que dispõe dele, sob as mais diversas formas e nas mais diversas linguagens” (BARRENTO, 2013, p. 107).

Agamben (2013) em seu belo ensaio “O que é contemporâneo?” pergunta de quem e do que somos contemporâneos? Remete-nos à questão e à compreensão do tempo sob a perspectiva de uma *kairologia*. Pois, a questão do tempo releva a questão sobre a do intempestivo. Ao lembrar Barthes, aponta que o contemporâneo é o intempestivo. Suscita-nos retornar a Nietzsche em “O nascimento da tragédia” no ponto em que este configura sua crítica à febre da história. Quer delimitar que para que nos remetamos ao contemporâneo, precisamos assumir certa desconexão em relação ao presente.

O contemporâneo não coincide perfeitamente com a atualidade. A relação com o tempo guarda uma dissociação e um anacronismo singular. Isso produziria uma proximidade do contemporâneo com a figura do poeta: aquele que devia pagar sua contemporaneidade com a vida, aquele que enquanto contemporâneo, constitui-se como fratura, impedindo o tempo de compor-se precisamente. Como imagem da contemporaneidade utiliza-se dos versos do poeta que afirmam as vértebras quebradas do século, mostrando que há um gesto impossível para quem tem o dorso

quebrado e quer virar-se para trás para contemplar as próprias pegadas (AGAMBEN, 2013).

Assim, o contemporâneo força-nos a manter o olhar fixo no seu tempo, ainda que de vértebras quebradas e dissociado do próprio tempo, não para nele perceber as luzes, mas para então entrever o escuro. Há certa escuridão na experiência de habitar um mundo, um tempo. Escuridão que não é cegueira, mas um tatear por fendas. Escuridão é um modo particular de visão. Certas luzes podem cegar. Portanto, a escuridão não é uma experiência anônima. É algo que interpela, como “aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém do seu tempo” (AGAMBEN, 2013, p. 64). Se o dorso do tempo está fraturado, jamais somos alcançados pelo presente. É isto a urgência-coragem que emerge: no escuro do presente, perceber a luz para nós dirigida, ao mesmo tempo que sua infinita distância de nós! Essa intempestividade atordoante.

Essa cesura. Paradoxo. O tempo está sempre adiantado e, ao mesmo tempo, sempre atrasado. Entre um “ainda não” e um “não mais”, guardando um limiar inapreensível, um “ágio”, espaço livre, intervalar, que nos remete ao movimento pendente e inexorável do devir histórico. Assim é que entre exercícios de distância e proximidade, o embrião do tempo, sua arké, continua a operar o agir nos tecidos do vivente... colocando-nos face a essa contiguidade com a ruína. O moderno porta o arcaico, num compromisso secreto, indica-nos o autor. Esse “tempo-de-agora” não é apenas cronologicamente indeterminado, como incalculável. Por isso, o autor compara a *kairologia* com o *tempo messiânico* – que se liga ao programa benjaminiano de uma outra versão da história – ressaltando que tal proposta tem “a capacidade singular de colocar em relação consigo todo instante do passado, de fazer de todo momento ou episódio da história bíblica uma profecia ou uma prefiguração do presente” (AGAMBEN, 2013, p. 72). Em última instância, o contemporâneo não é apenas aquele que capta a resoluta luz por meio do escuro de seu presente, mas aquele que interpola o tempo com outros tempos, fazendo saltar modos de ler e citar a história de forma singular.

Afirmar que nossa aposta situa-se no “desajeito” da memória, longe de incorrer em imprecisão, quer fazer jus ao ensinamento do poeta-navegante: “navegar é preciso,

viver não é preciso”. A escolha dos recursos para fazer falar os fatos em experiência concernem a uma *posição-testemunho*: a do pesquisador desajeitado, que está situado na fenda da vértebra de seu tempo.

3.1 UMA ESCRITA DA MEMÓRIA

Uma escrita pode perpetuar o vivo ainda quando anunciada pela sua própria morte. A transmissibilidade daquilo que é engendrado entre homens, desenhado muitas vezes pelo vulto da ausência, pode consistir na escrita e, até mesmo frente a seu próprio recurso de esquecimento, como aquilo que menos tornar-se-á imortal, e mais aquilo que se coloca como exigência de transmissão, cumprirá realizar uma tarefa: a de não considerar os mortos, os vencidos, os incógnitos, como os que devem permanecer esquecidos (GAGNEBIN, 2009).

Que o pensamento precise esquecer, já nos havia demonstrado Nietzsche (1999). Não se trata de empenhar nenhum empresariamento da memória (GAGNEBIN, 2009). Trata-se de ouvir, conforme nos mostra Benjamin (2009a), o apelo do presente. Romper com as reproduções institucionais e partir na direção desviante de territórios inaudíveis.

A odisséia de tentar manter a memória, empreendida por Ulisses, no retorno a Ítaca, diante da grande tentação: o esquecimento, como sugere-nos Gagnebin (2009), coloca-nos diante de uma condição política articuladora do temor aos deuses e o respeito pelo estrangeiro. Também engendra a tentativa de inscrever uma forma de lidar com a ameaça do retorno do caos. Ensina-nos a saga de Ulisses a explorar o espaço, o vazio entre a palavra e a coisa, para montar enfrentamentos ao inusitado. Isso nos faz

Nunca se pode recuperar totalmente o que foi esquecido.

E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundo jaz em nós o esquecido. Tal como a palavra que há pouco se achava em nossos lábios, libertaria a língua dos arrombos demostênicos, assim o esquecido nos parece pesado por causa de toda a vida vivida que nos reserva. Talvez o que o faça tão carregado e prene não seja outra coisa senão o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos encontrar.

Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o faz sobreviver.

BENJAMIN, 2009c, p. 105.

constatar nossa paradoxal dimensão: a de que a organização política apresenta-nos a capacidade de entrar em relação com o outro sob suas diversas formas (GAGNEBIN, 2009). Ou seja, demonstra-nos a impossibilidade de existirmos sós.

Narrar, como faz Ulisses, frente aos tantos outros que escancaram a radicalidade da diferença, torna-se um oferecimento que instaura, ao mesmo tempo que uma profusão de histórias, a profusão dos dons trocados (GAGNEBIN, 2009).

Essa troca de palavras e de presentes tem o poder de deter o tempo [...] Trata-se, então, de voltar para Ítaca, sim, mas de voltar carregado de belos presentes e de belas histórias, isto é, depois dos inúmeros desvios pelas ilhas do mito e da ficção, depois de uma “odisseia” inteira [...] a viagem de Ulisses aos Infernos tem mais uma função. Não a de descrever aquilo que acontece depois da morte (...) pois os homens são, irremediavelmente, os mortais – e a morte é não-ser, face escura, turva, ao mesmo tempo silenciosa e cheia de barulhos inarticulados [...] mas sim para tentar manter viva, para os vivos e através da palavra viva do poeta, a lembrança gloriosa dos mortos, nossos antepassados outrora vivos e sofredores como nós. Essa é a função secreta, mas central de Ulisses, figura, no próprio poema, do poeta, daquele que sabe lembrar para os vivos, os mortos (GAGNEBIN, 2009, p. 27).

Isto nos confronta com a tarefa de nossa própria condição de mortais: cuidar da memória das lutas, dos mortos, dos esquecidos, frente aos vivos de hoje. Ainda mesmo quando o que se apresenta para nós sejam tantas sobrevidas, mortos-vivos.

A infidelidade da memória não é um problema. É seu instrumento.

3.2 MEMÓRIA EM OFICINA: IMPRESSÕES DE UM PESQUISADOR DESAJEITADO

Memória em Oficina diz respeito aqui a uma estratégia que os pesquisadores do Pfist, em certo momento, lançaram mão para construir um debate com vários outros pesquisadores vinculados ao trabalho de alguma maneira, ou porque realizaram pesquisa junto ao Programa em articulação com a proposta central, ou porque se vincularam diretamente à pesquisa guarda-chuva desenvolvida. Desta imensa trajetória, que envolveu tantos atores e se desdobrou em diferentes ações, ressaltamos uma das análises elaboradas por alguns de seus participantes sobre o histórico da pesquisa:

No bojo dos encontros entre a atividade de pesquisa e o cotidiano laboral nas escolas, uma proposição se delineia no sentido de abrir vias de análise coletiva do trabalho. Desse modo, já em 2002, lançava-se mão da experiência das Comunidades Ampliadas de Pesquisa (CAPs), inspiradas tanto em Ivar Odonne quanto nas ferramentarias conceituais operativas de Ives Schwartz, quando se afirmava que cada trabalhador se faz pesquisador do e no cotidiano. Primeiramente, a CAP no âmbito das pesquisas do PFIST foi desenvolvida com educadores de algumas escolas de Vitória (ARAGÃO, BARROS E OLIVEIRA, 2007), depois com trabalhadores da Grande Vitória e, na passagem de 2007 a 2008, no município de Serra (BARROS, HECKERT E MARGOTO, 2008). Também nesse propósito, o de cultivar uma atenção para a produção de saúde e adoecimento no trabalho, junto com os docentes, é que estratégias como a produção

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é antes, o meio. É o meio pelo qual se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente BENJAMIN, 2009c, p. 239-240.

de oficinas de vídeo e imagens, inspiradas pela Clínica da Atividade (CLOT, 2010), efetivaram-se (BARROS, ROSEMBERG, PETINELLI-SOUZA, 2010; DADALTO et al., 2011). Chegamos a 2012, com iniciativas que trouxeram ao longo destes anos a importância da implementação de uma política pública no campo da educação, que se fizesse no cuidado dos modos de estar na escola e produzir saúde. E ainda, uma política pública que destronasse os especialismos, que se impõem como direção dominante para o tratamento das questões da saúde. Política, por isso, aliada à saúde como questão que diz respeito a todos nós e que, estando diretamente articulada aos processos de trabalho, tem como sujeitos fundamentais na sua formulação os trabalhadores da educação (CÉSAR; BOTELHO; PIMENTEL, 2013, p.3).

A estratégia tecida “Memória em Oficina” visou resgatar os percursos citados, desde 2012 até 2016, por meio de uma conversação, debate e registro entre vários companheiros que puderam se encontrar para a feitura da contação das memórias (TEIXEIRA, 2004).

Em 26 de setembro de 2016, diversos participantes da experiência do Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho da Universidade Federal do Espírito Santo - PFIST/UFES, reuniram-se para a produção de uma *Oficina de Memória*, dirigida por uma das integrantes do grupo, que se encontrava em feitura de seu Pós-Doc, junto ao Programa. Neste encontro, intentamos, como trabalhadores vinculados à proposta comum de produção de saúde, resgatar por meio de certa artesanaria da lembrança, conteúdos para nossas análises e prosseguimentos de percursos. Estávamos desde 2014 em construção da “*experiência-cosate*” a qual inscrevemos este trabalho.

Antes de 2014, por muitos anos antes, o PFIST já desenvolvia suas pesquisas com a produção de saúde entrelaçadas ao campo da educação. Contar tantos percursos, tantas trajetórias, tantos caminhos, não cabe em um lugar apenas.

Este trabalho-tese é pequena vereda. Registra-se como *um ponto* desta feitura, ainda aberta e pendente. Conta de *uma* experiência. Não porque esta não seja plural. Ela é. Mas porque não pode pretender dizer-se “A experiência”. Pode esboçar apenas seu caráter indiciário. “Viver é plural”, alguém teria dito.

No encontro para a *Oficina de Memória* queríamos experimentar a potência de pensar. O potencial da memória incitou-nos a extrair das coisas óbvias, as não tão óbvias assim, para alimentar o debate e a conversação sobre os efeitos da pesquisa em nós.

Os pesquisadores fizeram uma grande roda de conversa ‘livre’ em que cada um ia puxando pelos fios da memória, suas análises e impressões. A conversação foi desencadeada pelo interesse comum em tentar *montagens temporais*, acessos às lembranças-marcas impregnadas no pensamento daqueles que estiveram juntos trabalhando em composição por períodos diferentes no programa em questão. As perguntas encaminhadas que faziam prosseguir e saltar a conversação eram fruto dos movimentos trazidos pelas falas dos participantes. Não se seguiu roteiro prévio, nem um escopo estruturado. A intenção não era realizar uma cronologia apenas. Era circunscrever entradas e saídas, dos movimentos pendulares dos processos experimentados. A atenção flutuante aos compassos da grande prosa, ia ressaltando elementos que retornavam, que se repetiam, que indiciavam passagens relevantes, analisadores. O registro em vídeo, foi transcrito em grande parte e disponibilizado posteriormente aos pesquisadores envolvidos.

A pesquisa dessa Tese, a que se segue até aqui, é fruto do trabalho de compósita com todo esse processo. É uma montagem com a memória, com os registros de diários de campo, de transcrições, textos, encontros, parcerias, experimentações, que atestam a inevitável dissolução do ponto de vista do observador (PASSOS; EIRADO, 2009).

Recusamos uma concepção instrumental da linguagem.

A possibilidade de experiência imediata de um exterior da linguagem não pode ser colocada, pois ter uma experiência significa ter consciência dela, ou seja, poder falar dela. Isso não exclui porém a possibilidade de conceber uma experiência atravessada por aquilo de que não podemos falar (a relação não-objectivável). Não se trata de negar o exterior da linguagem, mas de, com a noção da linguagem como representação, abandonar igualmente a oposição descobrir/inventar que estruturou em larga medida o pensamento moderno [...] Os elementos do traçado figural são na escrita não só as palavras, por vezes libertas dos constrangimentos sintácticos e lançadas numa aventura que explora novas possibilidades de associação, mas também os nomes próprios, enquanto pontos aglutinadores, e uma certa variedade de tonalidades das quais se podem destacar a do secreto, interior ao devir-símbolo das imagens, e a da parábola como fala do princípio lançada no sem tempo. No jogo entre esses elementos e o silêncio que, pela interrupção, os conecta, mostra-se a diversidade dos usos da linguagem e como sua conjugação pode compor uma inteligibilidade alheia à ordem raciocinante que estrutura, em parte, o seu uso comum, que tanto a condena ao desaparecimento sob a imposição de uma lógica que remete para o inaceitável todo o discurso que não se submeta aos princípios de identidade e não-contradição (LOPES, 2014, p.78-79).

Algo que se mistura ao nosso contar uma história, uma impressão, uma experiência. Embrenha-se numa narração, as marcas daquilo que não se sabe, mas se transmite (BENJAMIN, 1992; 2010; 2012). Benjamin (1992) mostra-nos que uma narrativa não é composta apenas por aquilo que nela se oraliza, mas também por gestos que se imprimem na maneira como se conta algo, ressaltando o valor do corpo em uso e das mãos, que trabalham enquanto se tece a voz e os fios narrativos, como a argila nas mãos do oleiro.

A pergunta ética que suscitava em nós nosso *desajeito*: “como nos forjamos a partir da referencialidade de nossos campos de pesquisa?”, fazia-nos procurar o *rabo da palavra* (ROSA, 2001), num exercício de tecer mais consistência do que sentido. Como nos sugerem Pagni e Gelamo (2010, p. 24) “experiência interpela o habitualmente pensado”.

O que se segue, em quatro escrituras, são a descontinuidade e a variação. Foram escritas *moribundas*. Aquelas que se dão no apelo mesmo de certo morrer, nascem morrendo. Tais escritas, incluem as associações livres da memória de cada pesquisador participante da Oficina de Memória realizada. Foram feitas a partir da leitura e discussão de uma prosa poética de Clarice Lispector, em “A descoberta do mundo”, na qual a autora afirma que não se entende somente com o intelecto, mas também com o coração, com o sensível. Após a leitura conjunta dos fragmentos de Clarice, os pesquisadores são convidados a escrever “livremente” o que acessam de suas reminiscências quanto ao período de experimentação da composição das Cosates nas duas escolas pilotos. Não se determina roteiro ou estrutura prévia.

As quatro narrativas que se seguem foram trazidas para o corpo desta Tese na íntegra, da forma como foram feitas pelos pesquisadores e compiladas pelos arquivos do PFIST.

Frutos de uma aposta numa política de escrita rachosa, bifurcante, bordejante, ávida, intercambiante, produtora de torções e de realidades invisíveis, é que se inscreve o trabalho da oficina.

Algo que na experiência fica *fora* – e que é acessado por *solavancos*, necessitando tempo de experimentação para que seja articulável (GAGNEBIN, 2009).

- i. **“Ouço ainda aquela voz a dizer: ‘A história é o encontro dos homens no tempo’. E o estilo de pensar e escrever é como estilete, corta.**

Ao mesmo tempo, outros ruídos, tantos, vão insistindo, contorcendo as linhas do meado, vão chegando: “A história salta”; “escrever o real a contrapelo”. Infinito girar as coisas.

Um dizer da professora que ousadamente faz relançar o olhar para a derivação corajosa: “Ir para longe para nos ver de perto”!

O mundo em profusão e voltas. Um cone do tempo em inversão. Encontro de homens. Faíscas. “Brilho”, diria outro. Aquela costura em roda que mais porosa tornava o “só depois”. Cenas.

Escrever, aturdida pela memória, faz enlaçar e fugir. Faz correr, saltar, buscar canais de expressão da força que vaza. Ainda vem à cabeça

Há coisas que a gente ama na lembrança, mas já não pode atualizar, tolerar a presença. [...] querer na lembrança – não há exatamente uma lembrança, há emoções e sentimentos que persistem na recordação, aderidos à sua matéria desejada e servida. Tonalidade especial desse querer: o que o torna tão penetrante é o fato de valer como sentimento vivo e atual, aplicando-se a uma matéria parecida. *Sentir* hoje aquilo que então foi [...]. A quase inefável tomada de consciência de que passamos indiferentes diante da vitrine em que brilham as esferas multicoloridas, enquanto em nossa lembrança dorme vivo o amor por uma esfera que já não existe.

CORTÁZAR, 1984, p. 108

a professora abestalhada, seu andar meio lento, manco, equilibrista. Faz rever auditório explodindo em chamas, pessoas dividindo “horinhas de descuido”, por onde passa a tal “felicidade”... imagem fugaz que só de relance se alcança à medida mesmo que se a perde.

Vem as rampas que subimos, as escadas que descemos... os sábados e domingos, de insistência, cansaço, água e desejo... As partilhas e oferendas. Os lanches que alimentam a alma que divide. As dúvidas que permanecem. As pequenas dores coloridas.

Aquelas pessoas lá. Lá. Cá. Nos cantos. Nas beiras. Entre limiares e passagens, estamos nós no tempo. Habitando-o. Um tempo sempre fugidio e fraturado. De costelas e ossos porosos como renda. As pessoas falam. Ruminam. Lembram suas vozes e tons, o rumor oceânico da diferença.

Em cada correr, uma espera. Em cada espera, um acontecimento. Um imprevisível, uma pequena fagulha de calor, quase imperceptível às couraças espessas de corpos exaustos, mas que acende uma fresta, uma passagem, uma imagem” (FREITAS, 2016, p. 16-17).

ii. “Entre a balança, o calendário e uma nova luz - Registro de memória

Uma questão marcante foi a tensão entre as expectativas dos membros da experiência piloto, primeiro embrião das Cosates nas escolas, e os objetivos do fórum Cosate com a oferta dos encontros de formação. Especial interesse do ponto de vista da área de Saúde e Segurança do Trabalhador estava no equilíbrio entre as demandas pessoais e locais vividas pelos professores e o que se pensou para o modo de funcionar do grupo depois de sua instituição como uma comissão operante, ou seja, juntos encontrarem soluções para os problemas de saúde da escola e, mais que isso, encontrar a saúde para além dos problemas vividos na escola.

Os encontros ocorreram como ponteiro de uma balança de dois pratos oscilando entre dois extremos e após uma tendência para o prato esquerdo puxado pelos professores,

no início, e uma luta travada pelos formadores mais para o final de cada encontro, as questões trabalhadas foram se fortalecendo justamente nesse fiel da balança: o ponto de encontro e equilíbrio.

Os motivos de adoecimento dos professores foram equilibrados por instrumentos de atuação coletiva construídos por eles próprios, como o mapa de risco, a rede de apoio de instituições externas à escola e o plano de ação, elementos esses consagrados pela área de Saúde e Segurança do Trabalhador.

Entre as ideias dos problemas trazidos, sua descrição, detalhamento e as ações que lhes resolviam ou encaminhavam, estava no pé da balança sempre um segredo, um SENTIMENTO! Um sentimento para cada situação, como o medo vivido pela equipe frente às relações de trabalho; as dúvidas e insegurança frente às ameaças políticas e de gestão local; a aflição e desrespeito por conta de problemas de falha na comunicação; a sensação de abandono e solidão frente à violência do cotidiano escolar, etc.

O modo como esses sentimentos foram trabalhados pelo grupo dos próprios membros do projeto piloto com orientação dos formadores constituiu a essência do processo formativo, ou seja, produzir um espaço para o diagnóstico dos problemas, a expressão e liberação dos sentimentos que lhe são peculiares e no coletivo a

Escute só, isto é muito sério.
Ande, escute que isto é sério. O mundo está tremendamente esquisito. Há dez anos atrás, o Lion me disse que existe uma rachadura em tudo e que é assim que a luz entra, não sei se entendi.

[...]

O mestre ainda não veio decretar o começo da abstenção e, olhe, *a luz ainda está conosco.*

Sim, o mundo está absurdamente esquisito. Já ninguém confia nas imposições dos prefeitos, a esta hora na terra é metade carnaval, metade conspiração, metade medo, metade fé, metade folia, metade desespero. E provavelmente, a esta hora, uma metade do mundo está vencendo e a outra metade dormindo, há ainda outra metade limpando as armas, outra limpando o pó das flores.

Mas, por causa do que me ensinou o místico, eu acredito que agora exista alguém profundamente acordado. Alguém que esteja vivendo num intervalo tênue entre o sonho e a agilidade. Suponho que ele saiba perfeitamente que este começo de século será nosso batismo de vôo para nossa persistência no amor.

[...] Escute, isto é sério.

Andamos crescendo juntos, distraidamente. As árvores crescem conosco. Nossa pele se estende, nosso entendimento, teso, também. O século cresce conosco.

CAMPILHO, disponível em:
<https://farawaysights.tumblr.com/post/136133023465/fevereiro-matilde-campilho>
Acessado em 06/08/2017.

proposição de ações estruturadas para a intervenção na realidade.

Além da balança, também o calendário teve sua presença significativamente marcada nos trabalhos da formação das Cosates. Com o andamento dos encontros, mais especificamente nos resultados finais do que foi tecido entre as “aulas” e as ações nas escolas a dimensão que flui e que não pode ser pesada na balança esparramou-se no passar do tempo organizando as ações propostas em três fases de curto, médio e longo prazo, como também é característico dos planos de ação da área de Saúde e Segurança do Trabalhador. A novidade foi a correspondência geográfica da distribuição dos problemas e encontros debatidos indo de proposições simples com impacto direto na rotina em sala de aula, questões municipais, estaduais até elementos constitutivos de políticas de repercussão nacional.

A distribuição das ações no fluir do tempo foi importante para qualificar os diferentes modos de tratar os problemas e os sentimentos que lhes são associados. Nesse momento a importância da rede de instituições de apoio à Escola se fez presente.

Por fim, um terceiro aspecto marcante e de ruptura com relação a comissões de saúde de outras áreas de trabalho, como as Cipas¹⁰ nas empresas, por exemplo, de certo modo inédito, foi a incorporação de ações e espaços para propagar situações de saúde. Todo o trabalho de identificar elementos promotores da saúde na escola e sua disseminação para o coletivo de trabalhadores superou a visão tradicional das “comissões de saúde” que visam reconhecer e combater riscos e agentes ambientais agressores, enfim avistou-se uma nova luz no fim do túnel para a saúde dos profissionais que atuam nas Escolas. Encontros com professoras (es) em escolas” (PINTO, 2016, p.13-14).

¹⁰ Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA.

iii. “A experiência com as Cosates sempre foi permeada por boas (julgo eu) surpresas.

Desde que comecei a me haver com isso. Confesso que logo que retorno ao PFIST, no início do doutorado, o tema me pareceu entediante. “Comissões...” Eu vinha de um trabalho no qual participava de cerca de oito comissões concomitantemente. Àquele momento, pareceu-me algo a mais. Não conseguia entender a dificuldade de as pessoas se reunirem, as especificidades dessa educação organizada pelo município e, sequer, a especificidade desta Comissão em particular, a qual se apregoava, deveria constituir-se como política pública. O primeiro contato com o Fórum Cosate, todavia, já desestabilizou essa posição. Ao perceber que, na roda, no coletivo, o programado ia se desfazendo para a composição de outros encaminhamentos, que iam se modulando pela partilha da fala. As poucas pessoas na sala eram multidão.

Outra surpresa foi chegar ao Olindina, escola que, depois, me propus a acompanhar durante o Projeto Piloto de implementação das Cosates em Serra. No meu imaginário, permeado pela ideia de sucateamento dos aparelhos estatais, um espaço deteriorado; em sua concretude, uma escola colorida, enfeitada, arrumada carinhosamente, cheia de vida, bonita – digo inclusive, mas não só das instalações. O que seria a apresentação de uma proposta para a eleição de membros para a Cosate constitui-se como um momento de análise coletiva do trabalho. Pessoas aflitas, engajadas, cheias de ideias, colocando na roda os problemas cotidianos e ávidas por encontrar soluções.

Antes disso, a reunião em que escolheríamos as escolas participantes desse Piloto, com várias “candidatas”, surpreendendo o lugar comum da “falta de interesse”...

A surpresa ao chegar para o trabalho de dispersão também no Olindina, em uma manhã na qual, após uma enchente no bairro, a escola estava “invadida” por moradores que lá se alojavam provisoriamente... O encontro na pracinha, com as professoras que, mesmo sem saber se a atividade previamente acordada aconteceria e estando dispensadas do trabalho naquele dia, foram nos receber e fizeram questão de nos ir mostrar toda a ocupação, partilhando seus incômodos, preocupações e estratégias para se haverem com aquela circunstância.

Muitas e muitas outras surpresas que não haveria tempo de dizer aqui.

A última grata surpresa: a última reunião do Fórum Cosate, no Olindina, novamente. Reunião que trouxe à lembrança que, sempre que suponho o movimento esfriando, ele continua vivo e pulsante no desejo de que a experiência “passe”, espraie-se, dê outros frutos, seja cada vez mais consolidada e que possa ser transmitida” (GOTARDO, 2016, p. 8-9).

iv. “Cenas de um evento

Corpo jogado displicentemente na cadeira, corpo expressando incredulidade, expressando cansaço... tristeza, olhar sem brilho... algo incomodava... não sei bem dizer o que, talvez a repetição de uma cena já habitual quando reunimos educadores da educação. Descrédito? Medo? Apreensão? Não sei bem... Algo incomodava.

O tempo no seu processo contínuo passa, dura, outros encontros. Surpresa! O que acontece? Como acontece? Como funciona? Exercício de uma existência. Não sei bem o que dizer... perplexidade, tremem minhas verdades instaladas, desmanchamento de formas e contornos bem definidos. O que acontece? Como acontece?

Hoje sentimento de alegria, de força, alegria sem forma. Reunir dezoito anos de um percurso, uma vida. Antes de entrar falava de aposentadoria. Mas, o que se aposenta? Como se aposenta? O fórum estende seus tentáculos, movimento impessoal. Como fazer tremer as rostidades? Como desfigurar? Quando algo termina? Ou quando começa? Experiência piloto? O que pilota? Quem pilota? Como pilota?

Registros de uma vida, impessoal, coletiva, produção de um comum. Coração inteligente. Perceptos e afectos de um pesquisar. Verbos mais que substantivos. Funções, não lugares. Participantes antigos, participantes novos? Novas

Quando acabar, tudo será conservado na escrita, com luz própria. Escrever poderia ter sido outra coisa. Não é procurar conformidades mas consignar um impacto, desde que a vontade não desfaleça – e crie. O que fizemos a nosso modo, foi escrever querer, fazendo-o coincidir com o azul do verde. Conhecemos nosso confronto-instante que essa associação é uma cor em desequilíbrio, que pulsa na base do há, arrastando fragmentos que se unem ao aproximarem-se da porta, precisamente a que dá para o torvelinho. Saímos do olhar e, por fim, entramos.

LLANSOL, 2011b, p.130

conexões, forças que se compõem e produzem novidade. Esperança, esperar, não esperar. Caminhar para um u-topos. O que pode uma pesquisa?” (BARROS, 2016, p. 18-19).

#

E se a experiência se situasse como *poetificado = idêntico à vida? Poetificado* como aquilo que sedimenta, coloca ideias em conexão. Mônada. Constelação. Assim, já nos indicara Benjamin (2011a) em “Dois poemas de Friedrich Hölderlin”.

No prefácio à obra “Escritos sobre mito e linguagem”, de Benjamin (2011a), editado pela Editora 34, Gagnebin (2011) indica-nos que alguns dos textos do autor, escritos na sua juventude, trazem inegavelmente uma marca metafísica, quando incluem a discussão fortemente presente no pensamento benjaminiano de sua leitura sobre a tradição judaica e o caráter teológico que inclui em sua crítica literária e visão sociológica. Tais textos que foram considerados incompreensíveis ou mesmo supérfluos, por uma certa lógica academicista de pensamento, trazem, contanto, uma sofisticada combinação de aspectos religiosos, teológicos, estéticos e políticos, numa reflexão insistente sobre as relações entre a história e a linguagem. Deles, é preciso uma leitura paciente e atenta, que abdique do furor de aplicabilidade imediata da reflexão (GAGNEBIN, 2011).

Não há, portanto, nenhuma formação de linguagem, obra literária ou filosófica, que não seja trespassada pela história, em particular, pela história de sua transmissão; como tampouco pode existir uma história humana verdadeira que não seja objeto de reelaboração e transformação pela linguagem (GAGNEBIN, 2011, p. 10).

Nestes textos “especulativos” da juventude de Benjamin (2011a) podemos extrair, contudo, preciosas contribuições para o debate sobre a experiência e a tarefa do materialista histórico, tal qual, mais tarde, apresentará nas “Teses sobre o conceito de história” (BENJAMIN, 1992; 2013a). Em tais escritos, o autor remonta já algumas passagens sobre as transformações da narração, da percepção nas grandes cidades,

da modernidade e do capitalismo, apontando mutações em prosseguimentos, que permitirão a ele, depois, apontar o caráter transcriador das práticas artísticas.

Neste ponto, interessa-nos pensar sobre o devir dos processos históricos, mesmo que o devir não pertença propriamente à História, mas se coloque nos restos que os percursos e as transformações produzem, fazendo sobrevir canais potenciais, passíveis de realização ou não (BENJAMIN, 2011a).

Isto se articula, para nós, à proposição política na qual insistimos: a vida humana como produção de um *ethos* comum, inegavelmente colocado em termos éticos e agonísticos. Se o devir não pertence à História, mas às *histórias*, aos movimentos dos restos, rastros e indícios deixados pelas operações do Real, as transformações da narração nos desafiam a compor outras *políticas de narrativa*: nas quais insistamos em, a partir das ruínas, dos pedaços, dos trapos e fragmentos, reajuntar em recriação, longa e paciente, outras formas de contar as histórias, fazendo-as vazar do molde reinante, por escapes insuspeitos: “não escamotear as rachaduras, as fraturas, as esquizos de que o mundo sofre, mesmo que só se possa falar delas, mas não repará-las” (GAGNEBIN, 1993, p. 67).

Ainda, numa mesma direção, não pretendemos olhar para o presente e buscar uma saída harmoniosa de sentido, transparente e imediata.

Hoje, não posso interrogar – sou eu que afirmo:

Eu poderia escrever sobre os problemas do tempo em que vivemos mas só poderia falar deles a partir do meu, do meu tempo, des-datando, que é o modo como escovo o fato dessas imagens
Que, aos que tomam este caminho,
Lhes falam constantemente de sua irrealidade. O mundo. Mas qual?
[...]

Basta atravessar a rua para encontrar o nosso tempo, basta-me voltar atrás para me encontrar no meu. Algures, no meu corpo, entre atravessar e voltar atrás, houve o embate das imagens.
Da televisão que vejo ao texto que escrevo, a distância é incomensurável.

LLANSOL, 2011b, p.25.

Mas avaliar naquilo que é finito, o que resta de infinito. Se o possível, o finito, pode ser reduzido ao Real, pensar um *real que vem*, seria indicar que há no movimento efeitos de forças, que não se esgotam naquilo que o ato instituiu. Forças potenciais, realizáveis ou não, remontam virtualidades infinitas (TARDE, 2007).

Há uma sutil e mútua solidariedade entre as virtualidades e as ações, entre o possível e o real, e que daquilo que se *realiza*, saltam germes, virtualidades inegáveis: se “podem atingir isto ou aquilo conforme as circunstâncias!” (TARDE, 2007, p. 208), mas:

Em resumo, a ideia de virtualidade impõe-se a seus próprios adversários; ela é essencial à ideia de realidade como a sombra o é à ideia do corpo – uma daquelas sombras desmedidas do sol poente que se estendem até o horizonte. Em outras palavras, convém distinguir três coisas: as necessidades, as realidades, as possibilidades. As necessidades, as leis do mundo, têm um duplo conteúdo: um conteúdo real, que é um pequeno ponto; e um conteúdo não real, as possibilidades, que são um todo infinito. As leis são aplicáveis inclusive ao irrealizável; e seu imenso seio, onde as existências se despejam em vão continuamente, jamais é ultrapassado ou preenchido por elas. As leis – juízos universais [...] são palácios incomensuráveis com os fenômenos que as atravessam e que não parecem feitos para tão majestosas construções. Um desejo de infinito acha-se no fundo das leis. [...] A realidade, dissemos, é o que existe só uma vez e dura só um instante, toda realidade torna-se impossível. Em matéria de seres vivos, como em matéria de acontecimentos históricos, um grande princípio domina tudo: a impossibilidade do renascimento. [...] O real é um dispêndio de possível. Por outro lado, a realização de todos os possíveis é impossível. Por duas razões: a infinidade dos possíveis e a finitude do mundo [...] o impossível é um possível de infinitésimo grau (TARDE, 2007, p. 211-213).

Se voltarmos a Benjamin (1992; 2013a) nas teses sobre a história, e em sua sustentação da visão alegórica, vemos que não se trata de almejar, na posição do materialista, chegar a uma totalidade, mas de instaurar um movimento de tomar a desintegração da identidade e do sentido, como armas. Táticas de tessitura para afirmar outras vertentes das histórias, histórias assassinadas, perdidas ou esquecidas.

Assim, Benjamin (2010; 2015a) proclama a grandeza do poeta, em suas análises sobre Baudelaire, exatamente na sua tematização sobre o que a modernidade opera: a transformação de todo objeto em mercadoria, inclusive o próprio poema. E é preciso exercitar uma postura que veja a obra dentro de seu contexto histórico, ultrapassando as leituras convencionais que mantêm os ideais a-históricos e apológicos. Como

sugere Gagnebin (1993) julgamos comum aquilo que encontramos entre o passado e o presente, em função de nossa pressa, e acabamos por designá-lo como a verdade do passado. Mas quase sempre essa posição não passa de uma projeção de nós mesmos, “ilusão sedutora para um egocentrismo interpretativo que nos convida a reencontrarmo-nos até mesmo no Outro, em vez de reconhecê-lo em sua irreduzível diferença” (1993, p. 38).

Sendo assim, seria tarefa da poesia, em sua condição constitutiva, religar o mundo concreto e histórico ao testemunho de que a forma e o conteúdo não se dissociam e indicam que se a verdade da obra, em alguma medida, transcende sua própria finitude, por outro lado, ela só pode ser compreendida como produção histórica (GAGNEBIN, 1993). Nesta direção, o poeta não seria propriamente um criador, mas se manifestaria como uma *configuração*. Um fazedor, ou como lembra Manoel de Barros (2010) um fraseador, um *configurador*.

A tarefa poética é emprestar consequência à ligação entre forma e conteúdo. Em outras palavras, *a tarefa poética seria a de conferir testemunho ao mundo* no qual se está inserido. O *poetificado* significa uma ligação imanente entre a forma e o conteúdo. Ele nem é o poema puro, nem o mundo em si só, mas torna-se a unidade sintética entre a ordem intelectual e a intuitiva. Desta forma, o poema não informa, e o poetificado compartilha. Ele é construído, diferencia-se do poema, enquanto conceito de sua tarefa. Ele é uma determinação-limite em relação ao poema. E a tarefa remete-se sempre à vida. Assim, o que está em jogo não é a atmosfera da vida individual do artista, mas sim as conjunções das relações vitais nas quais a arte se configura. “É a vida, como unidade última, que está na base do poetificado” (BENJAMIN, 2011a, p. 17).

A função da arte, do poeta, não é tirar os envoltórios das obras, pois se os enigmas delas forem desvendados, elas mesmas serão abolidas. O mesmo se interpõe com a história, a materialidade do enigma refere-se à trama histórica, que é também o drama, e estas convocam compreender o caráter alegórico do tempo, que não se dá a ver por inteiro, com total evidência, mas sim torna-se apreensível em seu resto irreparável, por um gesto (AGAMBEN, 2007; 2013b; 2015c).

Nesta direção, a poesia é um passo para *fora*. Ela delimita um trabalho de singularização, ao desfixar o imaginário e permitir o ilimitado dos acontecimentos. Justamente por colocar as forças disruptivas e desorientadoras das imagens da memória em curso, a decisão pela poesia, a coloca contígua-a ao seu processo histórico, e ao mesmo tempo oposto a ele. O poeta, nem se resume a um “eu”, sujeito uno e independente, nem está plenamente abandonado às circunstâncias: “o sujeito é devir, multiplicidade em transformação” (LOPES, 2003, p.74), pluralidade de forças, e por isso, a capacidade de criar, de multiplicar formas, nem é cumprimento de um destino genético, nem subordinação a condições exteriores: “ela decorre do drama da memória, a qual é ao mesmo tempo continuidade e descontinuidade: participação do passado pela relação com ele, e por conseguinte pela imposição de um desvio, ruptura” (2003, p,74).

A memória seria um drama infinito - o drama da criação, colocando toda a perspectiva da transitoriedade em jogo, como nossa condição de inacabamento (LOPES, 2003). O sujeito enquanto devir não pré-existiria à sua criação, mas existiria *pelo* que escreve e *no* que escreve, sem que isto o torne uma substância interiorizada. O agir poético é aquele que aceita as forças disruptivas da escrita. “O poeta nasce no poema que é o seu nascer e o do mundo” (LOPES, 2003, p.75) e seu destino é morrer a cada momento, constituído pela sua própria “intermitência no limite do mundo” (2003, p.75).

Se o poetificado está, portanto, para a imanência da vida, para sua função, ultrapassando o poema ou o poeta, é porque a poesia é feita de imagens, que tão logo constituídas, estão em permanentes perdas de si mesmas, como um instante de perigo, por sua condição de aparição e sua paradoxal incomensurabilidade, seu caráter acontecimental e absolutamente indecifrável: “o mundo não precisa de fundamentos, mas de começos, de novas linguagens que abram passagens do grito à fala, do único insuportável ao único partilhável como único” (LOPES, 2003, p.75).

A imagem literária, assim, revela-se como figuração do não-visível, na qual engloba em si o vazio de sentido, sendo ela “ao mesmo tempo acontecimento e eminência do acontecimento, intensidade efectiva e suspensão do sentido” (LOPES, 2003, p.77). O hiato entre a aparição e desapareção das coisas e seu retorno na lembrança constrói complexas redes imagéticas. O que coloca a memória tal como a experiência, não

como baús de pertencimentos, mas como possibilidades de fazer passar do indecifrável à significação infinita. Portanto, como memória-interpretação-invenção os indícios não são produtos, mas operações, engendramento de imagens enigmáticas, expressões do inexprimível:

Convocada pela escrita, uma palavra-imagem não se converte como tal em revelação. Na configuração dramática em que se integra, ela toma um valor que nada tem a ver com um destino traçado previamente ao poeta, mas com um desígnio da própria escrita: a apresentação do irreal como intensidade libertadora no limite do mundo. O passado não é recuperável apenas por ser passado, mas porque o que nele vive é o que nunca se viveu. (...) A evocação não garante o acesso ao passado como acontecimento potencial. Como ficção, que necessariamente sempre é, ela apenas pode ser uma espécie de método. Evocar as imagens do passado é como evocar as musas: trata-se em ambos os casos de uma disposição para a perda” (LOPES, 2003, p.78-79).

Desta feita, aquilo que por solavancos costurou-se até aqui, e com o qual seguiremos adiante, faz colocar essa pesquisa em conversação, em verso e ação, calcada no trabalho com a memória, na aposta de que justo o seu escape confere-lhe força e lançamento, fazendo-a inscrever nos *limiaries do Fora*, suas conexões consteladas.

4 RELAMPEJOS

4.1 SE ESTÁ SEMPRE NO MEIO

Quando chegamos num ponto se está aquém e além de algum outro.

Ao chegar naquele grupo de pesquisa em funcionamento, a recém-entrada-pesquisadora só pôde *‘pegar o bonde andando’*...

Interrogada sobre isto - numa reunião da pesquisa em que um *outro* professor, um *fora*, vem ouvir os trabalhadores incessantes deste *bonde*, porque estavam todos a experimentar a gama inexata daquilo que o viver e o compor, enquanto também tarefa de produzir conhecimento, impõe e angustia – a pesquisadora desajeitada assume a expressão popular de sua terra natal, mas inclui na tal sabedoria, que aponta *o mundo em passagem* constante, o seu antigo encontro com a literatura: sim, trata-se de pegar o bonde, mas “um bonde chamado desejo.”¹¹

Chegar é nunca encontrar o ponto exato. É perceber um movimento de passagens subterrâneas, cheio de canais e caminhos, pistas, desvios. Chegar, portanto, não pode indicar produto pronto, achado, sequer fabricado. Chegar

Modernidade é coisa antiga.
Nós somos a
contemporaneidade dos
milênios.

SAINTE-BEUVE, Charles-
Augustin. Disponível em:
<http://loucuracontagiosa.blogspot.com.br/2011/10/essa-tempestade.html>. Acesso em:
09 ago. 2017.

¹¹ “Um bonde chamado desejo”, como foi traduzida para o português, é uma peça teatral de 1947, escrita pelo dramaturgo norte-americano Tennessee Williams, pela qual ele recebeu o Prêmio Pulitzer em 1947. O que nos incita a fazer menção ao inspirado título, não se restringe à trama contada neste romance, nem tampouco as caracterizações de seus personagens. Mas sim, a indicação com a qual nos brinda a peça, do desejo como força, que coloca em movimento tanto a composição, quanto a dispersão.

é verbo infinitivo. É pôr em causa o mover-se, o movente. O que se pode com ele, por ele, é ensaiar processos...

Na memória se produz mais do que o registro dos fatos. A memória produz interpolações. Os fatos não são puros. São construções.

A memória assaltada da pesquisadora amalgama cenas.

Aqueles, todos ali. Sentados no vão de um dos antigos departamentos daquele Cemuni – Célula Modular Universitária. Primeiro dia do semestre, mais um. Corre uma apresentação. Cada um tem a chance de situar-se, ou de tentar, pelo menos. Após longo período de férias, o bonde parece alterado em sua velocidade. Muitos cumprimentos somam-se ao festejo do encontro e da formalidade, do retorno às atividades.

“Pró-jetos” são apresentados. Contudo, o jorro interpõe-se. O que é visceral numa pesquisa? Seus encontros com as outras obras? Suas geografias? Suas pausas ofegantes?

Há um indizível em toda experiência. Que só pode ser, quiçá, testemunhado. Há um limbo em todo encontro. Algo que desliza.

Assim, foi também que em outro encontro a pesquisadora moveu-se por fendas.

O grupo de pesquisa reunido no PFIST/UFES, já há muitos anos, desenvolvia trabalhos relativos à interseção entre saúde, trabalho e educação. Centrando o campo empírico da pesquisa guarda-chuva, nos últimos anos, ao município de Serra/Es, remontava por quais estratégias prosseguiriam com o então Fórum Cosate – o Fórum constituído por integrantes da pesquisa com trabalhadores da Serra que discutiu como engendrar na Educação uma experiência de análise do trabalho, por meio da Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação (Cosate), em prol da produção de saúde.

O Fórum das Cosates surge em 2012, como resultante desta série de percursos e encontros, e estende-se em atividade até a presente data, congregando diversos segmentos da rede municipal de Educação Básica de Serra/ES. O Fórum partilha do entendimento de que a saúde do trabalhador constitui um ponto imprescindível na discussão acerca da qualidade da educação pública, como situa Zamboni e outros (2013). Constituiu-se com o objetivo de implementar Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (Cosates) no município de Serra, Espírito Santo (ES), a partir da articulação de várias instituições, a saber: Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho (PFIST), Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo (CEREST-ES), Ministério Público do Espírito Santo (MP-ES), Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (SINDIUPES), Conselho Municipal de Educação do município da Serra, Fundação Jorge Duprat e Figueiredo (FUNDACENTRO), Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura Municipal de Serra (DMST-Serra), profissionais de escolas municipais de Serra e de outros órgãos vinculados à Secretaria Municipal de Educação de Serra (SEDU-Serra).

O primeiro encontro do Fórum naquele começo de ano, para a retomada das discussões sobre o Projeto de Lei sobre as Cosates, elaborado ao longo de dois anos anteriores, precisava ganhar novos rumos.

De forma atípica e modulada pelas surpresas e encaminhamentos de cada encontro do Fórum Cosate, produziu-se uma proposta de Projeto de Lei a ser apresentada aos órgãos competentes, instituindo as Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (Cosates) no município de Serra. O processo adotado foi o de construir uma *Lei* com a participação dos sujeitos que operam diretamente nesse campo, em conformidade com o princípio ético-político de exercer uma política pública formulada *com* e não *para* os trabalhadores; definida como efeito de um desejo e ação coletivos (BENEVIDES; PASSOS, 2005). Esse Projeto de Lei é aprovado na Câmara Municipal de Serra em 2016, como se verá mais adiante e passa a ser a *Lei 4513/16* que institui as Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação, cujo momento atual é o aguardo de sua regulamentação pelo Poder Municipal.

Elaborado e revisto por muitas mãos, começava a traçar nova incursão no desejo daqueles que o esquentavam e davam vida a ele: experimentar o Projeto de Lei em um caráter piloto de experimentação, num empreendimento que fomentasse a discussão sobre saúde, trabalho e educação e não separasse nossas capacidades de agir, pensar e sentir. Que não se esgotasse em formas prévias e modelares de táticas discursivas repetidas e práticas duras de engessamento e captura do vivo. Não se queria produzir uma comissão aos moldes de outras tantas que já funcionam nas áreas que entrecruzamos por desejo de ligatura.

Uma preocupação com a proposta de experimentação foi a de apontar a viabilidade de tal projeto e analisar os efeitos produzidos. Optou-se, assim, pela realização de uma “experiência piloto” em duas escolas municipais da rede, tendo em vista, inclusive, que não se conhecem registros de outras Comissões de Saúde em local de trabalho no âmbito da Educação Básica no Brasil. “Experiência-cosate”, portanto, refere-se aqui às Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (Cosates) no município de Serra/ES implementadas de setembro a dezembro de 2014. Tal “experiência piloto” empreendeu um conjunto de ações articuladas no ano de 2014 e autorizadas pela Secretaria Municipal de Educação de Serra (SEDU-Serra), que oportunizou disponibilidade de carga horária de quatro horas semanais aos profissionais que compuseram tais Cosates, no período estipulado – de setembro a dezembro do citado ano – para o desenvolvimento das atividades da comissão, como será discutido adiante.

Primeira reunião do Fórum para a pesquisadora recém-chegada. Seguida reunião entre muitas outras para aqueles que já no meio estavam a mais tempo, juntos, naquele espaço-dimensão.

Registra-se no diário de campo: “Estranhamento da própria experiência. Possibilidade de diferir”. *O gesto deixa o rastro do que resta.*

Há um risco de que a vontade de saber esterilize o pensamento, ao tentar tudo explicitar quanto aos processos de pesquisa. De pretender dizer do exercício de diferir-se em vez de realizá-lo. De enveredar pela defesa totalizadora do saber pretendido como universal.

Só pode haver experiência, conexão, relação com o mundo, no sentido de uma partilha do sensível, se houver espaços de dissenso, de irrupção, lacunas, saltos, solavancos, sem que estes sejam sentidos como buracos negros, morte crua ou nua violência.

Seria preciso apressar sentidos de limiares, passagens, revezamentos, nonsenses.

Apostar em algo que insurja, subverta. Mortes enigmáticas que produzissem solos para o acontecimento. A insurreição de um cotidiano molecular, em ebulição, murmurante. Algo que traga o brilho estrelar da tensão. As chispas.

Desde que a palavra é viva, ela torna-se transmissível.

A grossura da política nos indica o trabalho de fazer-nos como um caminhar por produção de dissenso e controvérsia.

Se pensar é transfigurar-se na potência de criação, o exercício de atenção é o de presentificar o instante.

4.2 FOI, ENTÃO, QUE...

Após encaminhar que era necessário experimentar o Projeto de Lei da Cosate, o Fórum, com todas as suas parcerias, decide convocar uma reunião com as escolas da rede, para delimitar como realizar tal intento.

O processo de votação no Fórum para delinear as escolas candidatas a experimentarem as comissões locais em caráter de experiência piloto foi fruto de um intenso debate.

O Fórum que, naquela ocasião, esticou-se até onde podia, em reunião com escolas da rede do município de Serra/Es, propôs encontrar meios de operar a formação em duas escolas da rede: um CMEI e uma EMEF.

Por meio de intensa convocação, inclusive servindo-se da parceria com o Ministério Público – que participava das reuniões, o Fórum congregou em uma das reuniões uma dezena de escolas que debateram, por algumas horas, quais as condições e motivos sustentavam com que cada uma delas almejassem experimentar a organização de uma Cosate em seus espaços.

Após a escolha das escolas pilotos, o passo seguinte seria cada uma delas realizar a eleição dos membros que comporiam suas Cosates, de acordo com o Projeto de Lei, que foi elaborado pelo Fórum.

Mas compor não é trabalho fácil. Após muitos debates e discussões, ao chegarmos à eleição das escolas que subsidiariam a experiência Cosate, a diretora do CMEI escolhido disse ao grupo de participantes do Fórum que estava feliz em levar às suas companheiras a notícia de que a escola aportaria a Cosate piloto, mas que, contudo, precisava discutir internamente com suas trabalhadoras se aceitariam de fato e como fariam para organizar a Cosate. Apontou ainda que ela como diretora e seu grupo de trabalhadores só assumiriam mesmo tal empreendimento se o poder municipal garantisse aos membros da Cosate as horas para o trabalho na comissão, com a cobertura de profissionais que as substituíssem nas tarefas diárias, não ocasionando para elas a desastrosa e sentida sobrecarga de trabalho.

Tal enunciação indicava-nos que não haveria concessão naquele momento. Só pudemos ouvir isso depois.

Foi um grande assombro o que se colocou diante da posição daquela diretora.

Havíamos ficado horas discutindo quais escolas eleger para o início da tão almejada experiência. E a experiência - de fato - vem na contramão.

Como a conversação permitia que todos se colocassem, o estranhamento que se fez presente permaneceu entre nós e foi acolhido. Mesmo com forte inclinação de assombro, acatamos o que veio em carne e osso. Esperaríamos então que essa escola candidata confirmasse ou não sua participação no processo piloto da experiência Cosate, se assim entendessem e sustentassem por decisão coletiva dos trabalhadores do CMEI.

Em movimento paralelo, já havíamos - enquanto Fórum - tecido diversos outros caminhos simultâneos de negociação com diversas esferas públicas: secretaria municipal de educação, centro de formação, conselho municipal... para que o Projeto de Lei pudesse ser experimentado formalmente durante um espaço de tempo nas tais duas escolas dispostas a empreender as Cosates em caráter experimental, subsidiados pelo poder público com a contratação de professores que substituíssem os membros das Cosates, no momento em que eles estivessem dedicados, uma vez na semana, em torno de 4 horas, no período de 3 meses, à constituição de tais comissões.

Os movimentos de costura, de táticas, de acionamentos para que o governo municipal liberasse os recursos necessários para os funcionamentos das Cosates foram se produzindo, de uma mão à outra, por uma onda conectada de participantes sustentados pela direção empenhada: a de produzir saúde no trabalho e na educação. Essa aposta foi a que tornou os laços amarrados. Ela era nosso *elã*.

Somente com os desdobramentos, outros, muitos, diversos, que se produziram e seguiram com a formação das Cosates, pudemos voltar à cena de estranhamento, causada pelo “*senão*” apresentado pelo CMEI no momento de decisão sobre se tal

escola seria uma das que participariam do projeto piloto, e entender a posição daquele grupo de trabalhadores: cansados de fazer concessão ao poder, enfrentavam ao seu modo, traçando fontes de força conjunta, meios de realizarem ações que não estivessem reféns de qualquer hierarquia. Quando aquela diretora apontou que voltaria à escola e conversaria com suas trabalhadoras, sem aceitar de pronto o que se delineava em Fórum, era a *destituição do Poder* (COMITÊ INVISÍVEL, 2016).

O que nos assombrou foi o que procurávamos sem saber.

Daquilo que se agitava em nós, a ânsia, quase colocava o Estado, o Poder, atuando em nossas beiras... queríamos que a trabalhadora-diretora não tivesse dúvida, não apresentasse hesitação, cumprisse o plano... Mas foi de seu “senão” que saíram posições mais cuidadosas e confiáveis. Foi quando ela retorna a escola e pactua com os trabalhadores, ouvindo-os e considerando-os, que algo se produz de forma mais consistente e permanece atravessando caminhos posteriores...

4.3 AS DUAS ESCOLAS PILOTO

No campo dos trabalhos com as Cosates escutamos diversas vezes, por parte de seus trabalhadores, que uma escola não é uma unidade. Uma escola são muitos jeitos de vivê-la. De experimentá-la. De organizá-la. De ultrapassá-la.

Há uma escola-unidade contável para o poder municipal, como um dos equipamentos da rede institucionalizada. Isto a faz localizável. Isto a estabelece como organização. Torna-a um ponto do mapa.

Mas o que os trabalhadores nos indicam, com suas expressões, é que cada escola é um modo de viver, trabalhar, encontrar e desencontrar. Uma escola é uma multipli(cidade): “a multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo algum tem necessidade da uniformidade para formar um sistema” (DELEUZE, 2009, p.260).

A existência da escola não pode se emoldurar apenas pela sua estrutura física. Em seu território, que não se confunde ou se reduz ao seu espaço geográfico determinado, mas inclui toda uma rede discursiva, de ações, práticas, valorações, normas, modos, subjetivações, muitos atalhos se tecem. Desvios e vielas... um corredor numa escola pode, por vezes, ser uma extensa rua, ou pode ser um beco sem saída.

Um agenciamento é o que produz enunciados, sempre de modo coletivo, que põe em jogo populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos e acontecimentos (DELEUZE, 2004). Uma escola agencia.

#

A escola municipal de ensino fundamental – EMEF – que se constituiu como uma das Cosates piloto, diziam-nos os trabalhadores que era como uma caixa surpresa, na

qual você tem *três em uma*. Uma escola em funcionamento em três turnos: matutino, vespertino e noturno. Três escolas em uma. Pela manhã, os pequenos. À tarde, os jovens. À noite, adultos. Explicita uma das professoras numa das reuniões dos encontros de formação: “É um problema pensar a escola como uma unidade. São três turnos, séries iniciais, séries finais, Educação de Jovens e Adultos (EJA). Como alcançar os professores do noturno e suas demandas?”¹²

Na identificação do funcionamento dessa “caixa-surpresa” referiam-se à Cosate como instrumento para fazer conversar os trabalhadores, separados por seus turnos de jornada e por seus fazeres específicos, embora não se tenha conseguido soluções para todos os impasses, desafios e dificuldades.

Uma das dificuldades iniciais, por exemplo, quanto à própria composição da Cosate nesta escola passou pela dificuldade dos membros em desenvolverem ações da comissão em turnos distintos dos seus: apresentaram, por exemplo, a necessidade de adequação da Comissão em vista da impossibilidade dos componentes eleitos inicialmente em serem administrativamente autorizados para compor a Cosate. Uma das professoras eleitas não pôde assumir função por não contar com um substituto. Outra professora desistiu da função, devido a fazer parte do turno vespertino e o horário de reunião da comissão ser pela manhã. Desse modo, duas suplentes foram então acionadas, quando da composição da Cosate.

Nesta escola evidenciou-se o quanto é difícil contar com espaços de conversação e troca de experiências e ideias. As reuniões de praxe estabelecidas mostraram-se insuficientes para a efetivação dos diálogos necessários.

Os trabalhadores desta escola, por meio das ações implementadas pela Cosate em seu momento inicial de composição e atuação, elencaram muitas das dificuldades diárias que vivenciam nos fazeres cotidianos, que vão desde a sujeira de alguns

¹² Ver mais em: BRITO, Hervacy; FREITAS, Maria Carolina de Andrade; CHAMBELA, Suzana Maria Gotardo. **Relatório das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação em Serra- ES**: relatório das atividades e ações desenvolvidas pelas Cosates do Projeto Piloto nas escolas CMEI “Olindina Leão Nunes” e EMEF “Manoel Carlos de Miranda”, de setembro a dezembro de 2014. Vitória: 2015. Arquivo da Pesquisa.

ambientes, passando pela infraestrutura da escola, até a distribuição das tarefas e a hierarquização das funções e cargos, à falta de espaços coletivos de conversação e busca de resolução dos problemas. Além disso, identificaram, no funcionamento escolar, emergentes desafios quanto aos “acidentes de trabalho” com as Auxiliares de Serviços Gerais (ASG) em função de produtos químicos utilizados na limpeza; realçaram as “más condições de trabalho” (que incluem uma série de elementos: desde as condições materiais (como falta de copos, água potável, sabonetes, materiais para uso com alunos e em sala de aula, entre outros) à organização de trabalho (hierarquizações, desvios de função, sobrecarga, punições, busca de culpados por reprovações de alunos, falta de cobertura legal em caso de adoecimentos e afastamentos, falta de apoio interno e externo em casos de violência, insegurança no trabalho em função de ameaças de alunos, família e comunidade à escola, entre outros) e localizaram que tudo isto aumenta a tensão nas relações e torna mais difícil a produção de saúde no ambiente de trabalho (BRITO, FREITAS e CHAMBELA, 2015).

Como indicadores de adoecimentos, os trabalhadores desta escola situam: a falta de horários de relaxamento e pausa entre as aulas (intervalos) que são “ocupados” com o cumprimento de outras tarefas escolares; a divisão e a hierarquização das tarefas e a rotineirização das atividades; a impossibilidade de contatos, conversas e trocas entre colegas e turnos na escola; a falta do estabelecimento de rede com outros dispositivos, recursos, serviços e parceiros no suporte à tarefa escolar; falta de plano de cargos e salários condizentes com as reivindicações da classe; falta de suporte da administração pública no oferecimento de benefícios, como plano de saúde; atualizações e posturas que criam desgastes e se repetem nas atividades cotidianas; falta de mobilização dos colegas em busca de estratégias comuns de enfrentamento das dificuldades no trabalho (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

Em relação à estrutura geral da escola, os trabalhadores da EMEF queixam frequentemente que os alunos consideram a escola parecida com uma prisão, pois é muito grande, cinza e com grades.

Também não foi pouco comum, surgirem nos debates entre os trabalhadores desta escola uma tendência em responsabilizar a família dos alunos por casos de abandono,

negligência, violência, drogadição, expressa por exemplo na ideia de que todos os problemas da escola passam pela família e de que a esta falta responsabilidade.

Nesta escola-cidade, por identificação das próprias participantes da comissão, ainda se encontra a formação de “sala homogênea” para alunos com “problemas de aprendizagem” apelidada no discurso corrente dos trabalhadores de “turma abacaxi”. Conquanto os membros da Cosate reconheçam que a Secretaria de Educação tenha sido desfavorável, a proposta foi aprovada na escola. Isso não somente tem implicações para o tensionamento entre as políticas inclusivas e as práticas de exclusão, como envolve a determinação de funções e lugares para alunos, professores, trabalhadores em geral e comunidade escolar. Por exemplo, a professora que assumiu, naquele momento, tal turma passou a ser chamada de “professora abacaxi”, além de não ter participado diretamente da decisão da criação dessa turma, foi alocada lá e já se encontrava dentro da escola há 6 anos em desvio de função. Tal situação também aponta para diversas linhas de análise, que envolvem a política educacional, as políticas internas de trabalho na escola, as condições de trabalho e os arranjos estabelecidos a partir de situações de afastamento e desvio de função (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

Os trabalhadores desta escola registram em suas considerações, com as conversas com a Cosate, em suas diversas ações, uma atmosfera de descrédito para com as tentativas de mudanças institucionais por parte de alguns grupos.

Encontra-se na escola, nos discursos correntes, frequentes falas entre trabalhadores reforçando a culpabilização individual quanto aos processos de adoecimento. Embora também se encontrem afirmações de resistência: “A escola não é lugar para moer gente” (Professora da EMEF).

Ainda que as trabalhadoras da Cosate e da escola a tenham identificado como uma gestão democrática muitas são as caracterizações de processos decisórios quanto ao trabalho de forma verticalizada e hierarquizada, haja vista o exemplo da tal “turma abacaxi”.

Como componentes de diversos adoecimentos, a violência escolar é forte tema das discussões entre os trabalhadores desta escola: “A escola faz de conta que não vê nada, não quer ver nada”, quando se trata dos alunos, situa uma professora, “mas tem excesso de punição para o professor” (Professora da EMEF).

A escola embora seja relativamente grande, construída em três pavimentos e com diferentes pátios internos, rampas, salas, laboratórios, auditório, biblioteca, banheiros entre outros locais determinados, é na expressão de seus trabalhadores e alunos problemática quanto aos horários de recreação. A questão do recreio é citada como um problema no cotidiano do trabalho na escola: segundo os conviventes, são frequentes reclamações dos pais quanto ao que acontece nos intervalos, há dificuldades em voltar às salas e retomar o ritmo com os alunos e até mesmo questões envolvendo segurança. Isso se explicita, por exemplo, no caso citado de um aluno que jogou um paralelepípedo em uma casa vizinha à escola e o morador ameaçou arranhar os carros de professores em represália (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

No que diz respeito às relações entre trabalhadores, nesta escola ouvimos que grande parte do trabalho da Cosate ficou dificultado em função de certo “acomodamento” por parte de professores e da “desunião da classe” (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

No mapeamento de riscos previsto no Plano de Trabalho (da Cosate) foram elencados os seguintes pontos:

1. mudanças repentinas no sistema quanto a regras, normas, dentre outras;
2. cada setor apresenta riscos diferentes;
3. água do bebedouro contaminada (caso das larvas na água que será melhor detalhado na página 48 deste Relatório);
4. falta bactericida para limpeza (uso de álcool);
5. decisões tomadas pela equipe técnica sem discussão com o grupo;
6. ameaças advindas da comunidade/alunos;
7. drogadição;
8. violência;
9. esforço Vocal/ Ruídos e excesso de barulho;
10. excesso de poeira/fungos;
11. riscos com produtos químicos para as ASGs
12. esforços repetitivos;
13. peso excessivo (ASGs e Merendeiras);
14. tanques baixos (Merendeiras);
15. inadequações de ordem física: pátio, algumas salas com mobiliário danificado, falta de recursos materiais (pincel de quadro, materiais de limpeza, copos descartáveis, papel higiênico sabonetes, etc), sujeira das

paredes, goteiras em algumas salas (Exemplo: laboratório de ciências), rampa escorregadia;

16. reformas no período de aulas;
17. saídas de emergência comprometidas;
18. plano de carreira, cargos e salários;
19. pressões da SEDU-Serra (Aprovação dos alunos, quantificações da aprendizagem, indicadores, conteúdos sugeridos (algumas vezes não compatíveis com o conteúdo cobrado nos testes nacionais padronizados de desempenho escolar);
20. falta de integração do trabalho docente (trabalho muito dividido, corrido, individualizado);
21. arranjos internos que favorecem um lado e prejudicam outro (por exemplo, quanto ao horário de planejamento);
22. falta de suporte pedagógico para acompanhamentos de alguns casos (planejamento de aula, plano trimestral);
23. não-criação de critérios diferenciados para os casos;
24. falta de reuniões periódicas;
25. falta de representação nos eventos da categoria;
26. avaliação arbitrária e injusta do trabalho dos docentes pelo grupo eleito;
27. falta de conhecimento e entraves burocráticos à retirada das licenças quando necessário e dificuldade de reorganizar as práticas do dia diante do adoecimento de algum profissional;
28. falta de ação colaborativa entre os trabalhadores;
29. endurecimento das rotinas de trabalho;
30. isolamento das turmas e ações;
31. desvios de função (por exemplo: ASGs como responsáveis pelos materiais dos professores);
32. separação de alunos com dificuldades de aprendizagem numa única sala;
33. dispersão do Conselho de Escola;
34. roubo/furto de recursos materiais (Ex.: notebook, adaptadores para tomadas);
35. centralização de tarefas que prejudicam o andamento do trabalho na ausência do responsável;
36. formação (Ex.: PNAIC) em horário extra à jornada de trabalho (não privilegiando a participação dos profissionais, ou se dão de maneira obrigatória e com grande carga de atividade extra curso);
37. frágil articulação com o Sindicato.

Quanto às potencialidades levantadas no âmbito da promoção de saúde:

1. produção de dilemas e questões sobre as práticas cotidianas de trabalho;
2. estratégias de valorização do aluno pelo professor;
3. estratégias de integração entre disciplinas e docentes;
4. credibilidade conferida à COSATE pelos demais profissionais diante da primeira ação ampliada da COSATE em parceria com CEREST-ES;
5. proposta de Reuniões regulares pré-determinadas pela COSATE (elencar tópicos, possibilidade de vincular o tema à progressão);
6. algumas ações que saem da previsibilidade e que acabam por favorecer novas ações;
7. iniciativa de confraternizações/aniversariantes do mês;
8. ações que favorecem a aproximação da família com a escola (Programa Escola Aberta nos fins de semana – iniciativa do estado –, Mostra Cultural – iniciativa municipal –, projetos de leituras);
9. importância da participação dos profissionais em momentos de capacitação e do próprio conteúdo do processo formativo (BRITO; FREITAS e CHAMBELA, 2015, p. 45 - 48).

A EMEF, que se empreendeu como cosate-piloto, tal como a experiência que aqui afirmamos em Tese, não cabe no papel. Mas dos movimentos que acompanhamos nela e com ela, inscrevemos alguns.

Validamos coletivamente tal inscrição por meio da leitura do Relatório sistematizado dos encontros que a pesquisa buscou, numa das reuniões do Fórum Cosate. Nesta reunião, todos os participantes do Fórum e das escolas pilotos, tanto a EMEF quanto o CMEI, que receberam o Relatório compilado puderam nele propor mudanças, pensar junto e formatar em instrumento de luta comum.

#

O centro de ensino infantil – o CMEI, no qual se forjou a experiência Cosate, piloto, é uma escola que funciona em dois turnos: matutino e vespertino. Uma parte de seus trabalhadores, incluindo professores, coordenadores e pedagogas, trabalham nos dois turnos nesta mesma escola. O fato de ter uma equipe de trabalhadores que de alguma forma estão mais vinculados à escola favorece, em certa medida, alguns arranjos institucionais. Também o fato de a escola trabalhar nos seus turnos com as mesmas faixas etárias, pode diminuir a diferença no atendimento à comunidade e especificidades de públicos.

O CMEI é uma escola para o atendimento educacional de *crianças pequenas*.

Mas há nesta escola, uma outra *infância menor*, que a caracterizaremos a partir da noção de infância situada por Agamben (2008) em “Infância e História” no seu retorno ao programa benjaminiano e da noção de menor em Deleuze e Guattari (2002) em “Kafka”. Contudo, quando dizemos que “há” nessa escola, uma *infância menor*, **não** dizemos que há algo dado, ou prévio, ou mesmo que pertença a ela, como um patrimônio, em detrimento de qualquer outra escola que não tivesse tal coisa. Mas queremos sim destacar que nesta escola *funciona* um *arranjo construído* por seus trabalhadores que, enquanto movimento, abriga chances de microrrevoluções ferventes, porque modula-se pela consistência das decisões coletivas, potencialmente, travadas e sustentadas politicamente no tempo, como veremos com o funcionamento da Cosate-piloto no interior dessa escola. Importa afirmarmos isto, uma vez que não basta, por exemplo, que se institucionalize pura e simplesmente

comissões de saúde nas escolas, para que elas funcionem eticamente como exercício de transformação das lutas coletivas.

Portanto, não se trata de empenhar nenhum funcionamento como modelo nem tampouco minimizar quaisquer dificuldades e impasses reais que se encontram nas situações concretas, mas se trata antes de mostrar como certas condições de trabalho e engajamento coletivo podem subsidiar com maior consistência as transformações buscadas por cada uma das lutas cotidianas que fazemos.

A aposta que situamos quanto a este CMEI comportar uma *infância menor*, refere-se à noção que Agamben (2005) retira da obra benjaminiana e que afirma que é nossa condição de in-fante – de não termos sido sempre falantes – que funda a própria condição da experiência.

Ou seja, é o voto que empenha o homem com a palavra, diante da indecibilidade constitutiva da própria linguagem, que o faz poder construir um *ethos* comum. A infância do homem não é nem um substrato psicológico, nem um lugar cronológico. Configura-se como a criação de um *lugar comum*, que nos relança à outra investidura nos processos de trabalho e produção de saúde.

Essa capacidade de insistir e de lutar é o que chamamos saúde. Canguilhem (2000) afirmava que era a partir do ser vivo e de suas experiências que se poderia compreender a vida e também o que faz adoecer. É então atentos à experiência do viver, sem idealizações, que se pode pensar que saúde não é ausência de adoecimento, mas é levantar, apostar, afirmar nossa potência de agir diante do que faz padecer. A saúde é capacidade normativa presente nos seres vivos de estabelecer e transformar as normas que constituímos para nós mesmos ao viver. Como pensar isso quando falamos do trabalho, essa atividade mais ampla que execução de tarefas, e que compõe um dos planos importantes em que a vida se afirma e opera sentido? Essa atitude de saúde é cultivada todos os dias como capacidade de luta. No trabalho a saúde pergunta: O que está acontecendo conosco? O que nos faz tristes em nosso trabalho? Como se pode agir nas situações que diminuem nossa força? Ao mesmo tempo, quando questionamos como trabalhamos e como a saúde assim é fortalecida, se ativa a amplitude do trabalhador em seu ser produtivo, criador. A saúde mostra suas caras na lida diária do trabalhador com as imprevisibilidades e conflitos que adentram seu cotidiano sem pedir licença. Saúde e trabalho, portanto se fazem de maneira indivisível. A depender do modo como a experiência do trabalhar se dá podemos experimentar o fortalecimento ou a diminuição de nossa saúde (CESÁR; BOTELHO; PIMENTEL, 2013, p. 7).

Neste ponto, conseguimos situar nossa aposta da *menoridade* desta infância empreendida. A partir da obra de Kafka, Deleuze e Guattari (2002) definem a existência de uma *literatura menor*, que veicularia um *agenciamento coletivo de enunciação*. Isto significaria para nós que, no interior daquilo que julgamos individual, de uma experiência, encontramos um veio político irreduzível, que agita outras histórias dentro de certas histórias. Não há história pura, nem desvinculada de embriões que a teceram. Tal proposição descentra a experiência de um núcleo individual e psicologizante e a encaminha na direção coletiva da vida sinergicamente microscópica e insurgente, em ebulição constante, em reviravoltas e saltos.

A referência aqui à denominação deleuziana de “menor” quer ressaltar o sentido da produção de diferenças e, como tal, de assunção do deserto íntimo, sempre estabelecido a partir de condições coletivas, contudo. Isso deflagra efeitos micropolíticos que poderiam configurar-se como uma política do cotidiano, dado que nas ações do dia a dia se efetuam novas conexões, todo o tempo: “Ora, o problema é o de um devir-minoritário: não fazer como, não mimetizar a criança, o louco, a mulher, o animal, o gago ou o estrangeiro, mas devir tudo isso, para inventar novas forças ou novas armas” (DELEUZE, 2004, p. 15).

Este CMEI, desde o início de sua participação nas reuniões do Fórum, antes inclusive de ser considerado uma das escolas da rede na qual poderia se constituir como uma Cosate piloto, muitas vezes produziu *estranhamento* nos pesquisadores, em função da forma *de fato* democrática que assumia as ações, em diversas situações de decisão coletiva, entre seus trabalhadores. Os trabalhadores da escola, sempre que estavam presentes nas Reuniões do Fórum Cosate, diante de qualquer encaminhamento ou deliberação da plenária, apontavam a necessidade de voltar à escola e conversar com seus pares. Um *cuidado* que nos *espantou* muitas vezes. Embora digamos que uma gestão democrática não é algo que se defina burocraticamente, que é um *exercício* de fato e não uma promessa vazia ou uma mera denominação “politicamente correta”, o modo de retornar aos seus membros constituintes a negociação, as notícias, os encaminhamentos e os debates, surpreendia-nos. Talvez porque mesmo que nossa luta fosse justamente esta: de poder concorrer para a ampliação das conversações e modos de gestão realmente participativos e produtores de saúde, o que cansamos de achar em nós mesmos e

nas práticas correntes são os enrijecimentos e os resvalos dos pequenos autoritarismos, não raro, microfascismos. Às vezes sutis, tão sutis, que passam despercebidos.

A constatação disso nesta pesquisa, obviamente não deseja “adjetivar”, ou fazer qualquer elogio a isto que se encontrou “nesta instituição”, nos modos de seus trabalhadores encaminharem seus funcionamentos. Mas reconhecer tais possibilidades de funcionamento concorre para que enfatizemos nossa afirmação e aposta de que é possível, *mesmo com* dificuldades e *apesar* delas, produzir modos de viver uma escola, diferentes e mais transversalizados.

Curiosamente, após a constituição da Cosate neste centro educacional, em seu caráter experimental, atestamos outras tantas vezes que aquilo que nos causava certa surpresa era um forte elemento de coesão e arranjo democrático entre aqueles trabalhadores. Isto, por si só, não impediu que as trabalhadoras membros da Cosate, por exemplo, tecessem seus rosários de sofrimentos, em tantos encontros e reuniões da pesquisa, da Cosate, do Fórum. No tempo caminhado com elas, vimos seus sofrimentos e adoecimentos importantes. Porém, mais que isto, vimos como elas teceram suas redes solidárias internas, fortalecendo suas formas coletivas de enfrentar as agruras do cotidiano.

Isto se verificou muitas vezes. Quando por exemplo, durante o curso¹³ de formação implementado e executado para a constituição das Cosates pilotos, as trabalhadoras aproveitaram *os horários e as brechas* para se reunirem, antes mesmo da chegada

¹³ Remetemo-nos ao Curso de Formação, empreendido em 2014 e que constituiu as Cosates pilotos nas duas escolas municipais de Serra/ES, a EMEF Manoel Carlos de Miranda e o CMEI Olindina Leão Nunes, durante três meses, num trabalho realizado conjuntamente com as instituições e participantes do Fórum Cosate. Voltaremos a esta discussão posteriormente, nos relatos da experiência. Por ora, cabe ressaltar que este ‘curso de formação’ funcionou como um dispositivo do Fórum Cosate, para a criação, constituição e fortalecimento das Comissões nas escolas, muito mais do que como um treinamento temático na área da produção de saúde e educação. Para tanto, empreendeu-se como uma rede de conversação, que incluiu tarefas, discussões e debates variados, realizados em momentos presenciais na Fundacentro e momentos de dispersão, nas próprias escolas pilotos. Embora valemos da nomenclatura: *Curso de Formação*, nossa perspectiva diferencia-se do comumente compreendido no campo pedagógico. Uma vez que para nós, a formação atrela-se aos mais diversos elementos agenciados numa reunião de pessoas, e não se restringe à um conteúdo programático ou a uma didática específica. Ver mais sobre essa discussão na página 102.

dos pesquisadores, e discutirem *em conjunto* as tarefas elencadas pelo debate que o “curso” propiciou (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

Ou ainda, quando do início da constituição da Cosate, a escola preparou um bilhete a ser entregue aos pais e famílias das crianças atendidas naquele CMEI explicando a iniciativa, por considerarem que não somente era importante a divulgação e a explicação daquela ação para a comunidade, mas também por entender que poderiam conquistar apoio desta e fortalecer aquilo que de forma bem tateante, começava a se traçar internamente (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

Durantes os diversos encontros que fizemos, notava-se que as mínimas questões, quanto ao funcionamento e organização do CMEI e quanto às suas atividades e práticas, eram discutidas da forma como podiam, tentando alcançar o maior número de participantes possível, mesmo com todo o “cotidiano apertado” e “tempo exprimido”. Escutamos as trabalhadoras dizerem muitas vezes que não tinham tempo de fazer intervalos, para descanso, refeição ou até mesmo para fazer uso dos banheiros. Quando os trabalhadores desta escola começaram a discutir isso, ainda que minimamente com o tempo que dispunham, foram se construindo alternativas que eles mesmo passaram a implementar, modificando rotinas diárias mínimas, mas que trouxeram grandes benfeitorias (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

O centro educacional reconheceu haver grande dificuldade de integração com outras escolas e outros órgãos da rede, e durante a experiência da Cosate implementou um “mapeamento” da área e estabeleceu algumas parcerias, a fim de buscar conversas, diálogos e informações sobre dúvidas que tinha e que ‘fechadas’ no próprio funcionamento institucional, não conseguia compreender ou perspectivar de outras formas. Em uma das reuniões do curso de formação, as trabalhadoras notam que quando tinham dúvidas, às vezes não procuravam conversar com outros órgãos da rede, segundo avaliação delas mesmas, algumas mudanças assustam as pessoas, fazendo-as cederem de implementar novos parceiros. Uma das participantes tensiona como muitas barreiras são naturalizadas pelos trabalhadores, destacando a necessidade de compreender certas normas de funcionamento e reivindicar a mudanças destas, se elas não contribuem para a saúde dos servidores. “Se as normas são feitas pelas pessoas, as pessoas podem mudar essas normas” (Professora do

CMEI). Em função disto, decidem que uma das atividades de dispersão do curso de formação poderia consistir na ida dos membros da Comissão a diversos serviços estratégicos, visando conhecê-los melhor e estabelecer algum tipo de parceria (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015).

Uma grande atenção é construída por estes trabalhadores também no que tange aos espaços formativos de que dispunham. Primeiro, identificam a insuficiência de empreender suas “formações” com “os pacotes prontos” que recebiam das instâncias coordenadoras da política municipal, tanto quanto aos formatos, quanto aos temas. Passam a insistir que a formação que gostariam precisava acontecer fomentadas dentro do próprio CMEI, com a criação de suas próprias chances de feitura e com os temas de seus interesses. Passaram a articular-se, nos momentos possíveis, para garantirem tais estudos.

Mesmo diante de diversas dificuldades, desde o fato das trabalhadoras terem que utilizar de mobília projetada para uso infantil, para fazerem suas reuniões, ou de enfrentar acontecimentos inusitados, como a escola ser utilizada para abrigamento de pessoas da comunidade em função de um alagamento na região, devido a fortes chuvas, em dado período, e terem suas habituais atividades suspensas, foi possível ver o Cmei se organizando para levantar saídas quanto aos desafios de mudança. Neste caso, por exemplo, da suspensão temporária das atividades dos trabalhadores em função de um acontecimento ecológico, e pelo qual os trabalhadores foram “obrigadas” a repor as horas de jornada em finais de semana, eles se ajuntaram e em um dos encontros de reposição, estudaram o tema da saúde, como intervenção da própria Cosate.

Para a conquista de mobílias, modificações estruturais e horários de descanso, tais trabalhadores foram em decisões coletivas verificando as possibilidades de mudanças e as efetivando.

Se todos esses arranjos e estratégias foram tecidos, e não sem dificuldades, isso apontou para a pesquisa a capacidade de mobilização e transformação possível, não como um percurso ascendente ou replicável em certas condições, mas sim como uma feitura conquistada em tempo e extensão por engajamentos coletivos e

coresponsabilizações recíprocas entre os trabalhadores da escola. Isto incluiu todos os trabalhadores das mais diversas áreas e os colocou diante da experimentação comum de serem todos trabalhadores e gestores de suas práticas e ações: “Nós mesmas nos viramos aqui”, comenta uma das professoras, numa reunião da formação.

No Plano de Ação esboçado pelos membros da Cosate, a partir dos instrumentos de pesquisa que construíram com os demais trabalhadores de todo o Cmei, registramos que muito se tem a fazer.

Segundo tal levantamento, os principais riscos à saúde são:

1. mobiliários inadequados;
 2. esforço físico;
 3. exposição a produtos químicos;
 4. exposição a ambientes insalubres (poeira, doenças infectocontagiosas);
 5. descarte inadequado do lixo;
 6. falta de materiais para a higienização;
 7. baixos salários;
 8. desvalorização do profissional;
 9. falta de mobiliário na cozinha;
 10. falta de comunicação com Corpo Técnico Administrativo (CTA);
 11. relacionamento entre os segmentos;
 12. falta de horário de lanche e descanso;
 13. falta de local apropriado para planejamento;
 14. tempo de planejamento insuficiente;
 15. falta de coordenador e estagiários;
 16. falta de formação continuada adequada;
 17. burocracia no processo de licença médica;
 18. acústica inadequada;
 19. falta de parceria com as famílias;
 20. acúmulo de tarefas;
 21. falta de espaço adequado para Artes e Educação Física;
 22. avaliação de profissionais por métodos injustos;
 23. falta de banheiro e bebedouro no pátio;
 24. preocupação com a área inadequada de lazer e a rampa com alambrado baixo;
 25. falta de nivelamento de terra próximo ao muro de arrimo.
- Já com relação às potencialidades existentes no meio de trabalho quanto à promoção da saúde, foram elencados:
1. fácil acesso ao local de trabalho;
 2. convivência harmoniosa;
 3. trabalho bem dividido;
 4. bom relacionamento entre os profissionais de uma mesma equipe;
 5. envolvimento de todos nas ações propostas;
 6. gestão democrática;
 7. avaliação compartilhada em relação ao trabalho desenvolvido;
 8. envolvimento da comunidade nas ações desenvolvidas (BRITO; FREITAS; CHAMBELA, 2015, p.45).

Contudo, o que parece ser fundamental foi o que se fortaleceu *neste* trabalho e *por* meio dele.

#

A educação é como uma janela aberta. Um espaço para o pensamento, para a linguagem, para os empenhos, para exercícios de composições sensíveis. Espaços de intempéries, situa a marca irredutível da relação com o mundo.

Lembra-nos Larossa (2015) que a educação, em muitas perspectivas, delimitou-se pela ordem do discurso pedagógico. Ou ora se definiu como campo da relação entre ciência e técnica, numa vertente positiva e retificadora, ou ora se pautou no par teoria/prática, remetendo-se a uma conotação política e crítica muitas vezes fortemente marcada por uma intenção “reflexiva” (2015, p. 16).

Para nós, a educação situa uma relação com o sentido e com o não-sentido. Relança-nos a uma relação com nossa in-fância, nosso encontro arquilimite com a linguagem, modificando-nos e se fornecendo, ao mesmo tempo, como ferramenta. Funciona e faz funcionar. Liga-se a uma perspectiva também estética e existencial de produção do real.

Não basta abrir a janela
 [...]

 Há só cada um de nós, como
 uma cave.

 Há só uma janela fechada, e
 todo o mundo lá fora;

 E um sonho do que se poderia
 ver se a janela se abrisse,

 Que nunca é o que se vê quando
 se abre a janela.

CAEIRO. Disponível em:
<http://arquivopessoa.net/textos/1122>. Acesso em: 08 jan. 2018.

4.4 ENTRÁVAMOS ALI PELA PRIMEIRA VEZ...

Para contar aos professores e demais trabalhadores sobre “uma aposta”... encontramos uma grande escola. Três andares. Cinza, predominante. Algumas cores. Rampas. Escadarias. Rumores. Fatigados corpos cansados.

Era num cair da noite. Troca de turnos. Pegaríamos vidas que passam. Falaríamos sobre um convite distinto, inédito: compor, aquela escola, uma experiência-cosate. A escola foi definida, em outro espaço, em outra reunião, em momento “anterior”, com muito debate, que ela seria Projeto- piloto. Que curioso! Elegemos, em outro locus, a escola como Projeto-piloto das Cosates. Aquela que encontrávamos ali, agora, diante de nossos olhos, parecia muito mais opaca.

Fomos recebidos pela Direção. A certa altura, uma impressão: seria “a escola da Direção” a que definiu-se como Projeto-piloto? Teriam, as vidas que passam, querido ouvir aquela aposta da qual falávamos? Teriam debatido calorosamente sobre o convite a se fazer naquela noite?

(Com)vocamos.¹⁴

Dissemos o que nos havia levado a construir tudo aquilo. A sustentar tamanha aposta.

Nos olhares, desviantes, constatávamos uma esteira: conversar é difícil demais, às vezes. Apagar as luzes e continuar sós, embora doloroso, pode ser saída danosa, mas pungente. Por que ficamos tão sós? Tentamos produzir outra voz. A voz é

¹⁴ A ideia de que o verbo *convocar* possa remeter-se a articulações com a *vocação* e com a *luta* (*convoca a ação*) opera-se na perspectiva de que “criar e fazer criar ganham tonalidades fortes de luta” (CAIAFA, 2000, p. 59) e de que quando dizemos da aposta numa linguagem poética na composição do que contamos e escrituramos, estamos a indicar conexões a “outros fluxos – sociais, éticos e políticos – indissociáveis dos fluxos da escritura. Certamente não se trata de uma arte engajada no sentido mais comum, partidária, que tomaria o social como objeto. O engajamento aqui é a relação com todos esses fluxos [...] Num sentido forte, a criação começa quando há resistência” (CAIAFA, 2000, p.59).

poderosa, embora nem sempre. Alguns olhares se esticaram em nossa perspectiva. Algumas vozes ressoaram. O convite estava posto.

Foi então que a diretora, que parecia sustentar aquele edifício cinza falou: “Aqui nesta escola, passamos por um assassinato. Um vigilante, há uns cinco anos, foi morto dentro da escola. E, depois disso, muitos processos, inquéritos, mas nem uma pergunta sobre como ficamos. Sabe, que recentemente, é que consegui conversar sobre o acontecimento com uma colega do trabalho. Meu Deus! Como ficamos caladas tanto tempo. E quando falamos disso, era como se tivesse acabado de acontecer. Choramos as duas. Foi muito importante”.

#

Os fatos não se remontam, não se revivem da mesma forma. A memória é que é viva. Esta é interpolável. Ela é infinita. Viva e revivível. Recobre os fatos e os transformam em matéria densa, atual, derivada.

“Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, apud GAGNEBIN, 2014, p. 167).

Habitada por palavras, por incidências, por capítulos inteiros, esta consciência é um corredor com um olho na ponta, vendo passar bichos e sons, um desfile monótono de letras de tango, versos soltos e pedacinhos de rostos e cadernos de notas. Há versos que me caminham por todos os lados, vão-se por um tempo e voltam com mais entusiasmo.

São coisas presentes que é necessário levar na mão, na aba do chapéu, na divisão menor da carteira de notas, misturadas com selos e fotos de identidade;

são como o animalzinho de Michaux que comia as fechaduras; convém leva-las à mão e de vez em quando deixar que comam alguma coisa, mesmo que sejam as palavras de que são formadas.

Desde a noite passada sou percorrido por um verso de Patrick Waldberg: *Parc le coeur cloué sur une ruine* (“Pelo coração pregado em uma ruína”).

CORTÁZAR, 1984, p.116

Às vezes achar um silêncio que converse torna-se necessário na escrevência que não cessa de jorrar-se. É, pois, que a dor e a história, podem ser transmutadas em palavra literária.

É bom que a história seja transmutada em literatura. Principalmente, a história-dor. Assim, ela segue podendo ser ouvida. Testemunhada. Como as palavras de Primo Levi que transformaram os campos de concentração e a experiência da destituição da vida em palavra sóbria, dura, firme, em verso triste, em memória ávida, em ato contra o esquecimento, “como se de repente, um perfume”.

Palavra derramada sobre a noite violentada, sobre a vida nua e adoecida, sobre as recusas e imperativos de morte.

Algo que costure um dizer que não se feche. Que rompa a vontade de sentido único. Uma palavra desenraizada da pragmática, da domesticação. Que fure a “palavra de ordem”. Palavra que fure palavra. A experiência não cabe nas palavras.

#

Didi-Huberman (2011) retomando contribuições benjaminianas, afirma que a figura do *cronista* deseja mostrar que nada está perdido para a história. Ao considerar que a proposição de tempo, mostrada por Benjamin, realça uma *temporalidade*

O grande cansaço da existência talvez seja apenas esse enorme mal que causamos a nós mesmos com o fim de nos mantermos razoáveis por vinte, quarenta anos, ou mais, ao invés de sermos simplesmente, profundamente, nós mesmos, isto é, imundos, atrozes, absurdos.

CÉLINE, *apud* CORTÁZAR, 1984, p.121.

passante, que como o lampejo, cruza o céu como uma *bola de fogo* e que, paradoxalmente, cria uma *imagem*, um instante de imobilidade, que poderá constituir-se como índice para a história, Didi-Huberman (2011) afirma que aquilo que *cai*, *não necessariamente desaparece*. Pois, o *acontecimento* indica uma persistência das coisas decaídas, ou, uma *sobrevivência*.

Por isso no seu belo ensaio “A sobrevivência dos vaga-lumes”, o autor refere-se a leitura que Agamben (2005) em “Infância e História” realiza do programa benjaminiano, fazendo-lhe um contraponto, pois afirma que a experiência em destruição, não se trata de uma *destruição efetuada*, mas algo que pode demonstrar mais um *pretérito imperfeito*. Ou seja, a história cria impressões indestrutíveis, momentos inestimáveis, que sobrevivem, explodindo em surpresas e erguendo a queda à dignidade.

O que nos faz lembrar do “preferiria não” do *escrevente* de Melville. Uma imagem da qual não consegue o *chefe* livrar-se, fazendo-o virar o próprio narrador da história.

Isso coloca-nos diante da sobrevivência das imagens, como demonstração de sua imanência fundamental:

Nem seu nada, nem sua plenitude, nem sua origem antes de toda memória, nem seu horizonte após toda a catástrofe. Mas sua própria ressurgência, seu recurso de desejo e de experiência no próprio vazio de nossas decisões mais imediatas, de nossa vida mais cotidiana (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 128).

Faz-nos empenhar “palavras vaga-lumes” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 131), como um narrador pobre, com alguma autoridade moribunda.

4.5 UMA PERGUNTA QUE FAZ TONTEAR...

O garoto, no meio da aula à sua professora, indaga: “Como o calango se defende?”

Mas aquela interrogação era deslocada agora para o debate sobre saúde do trabalhador da educação. Por quê?

Talvez porque surpreendeu aquela professora, quando da emergência do que suscitou. Talvez porque a permitiu contar como foi achar possibilidades de trabalho esperto em meio aos engessamentos de toda ordem, como fazer surgir temas, interesses, debates, desejos de saber, diante da aparente apatia dura e fria da escola-prisão. Muitas vezes, essas professoras ouviram de seus alunos que aquela escola parecia uma prisão: cinza, grande, com corredores e grades.

Talvez, ainda, porque o debate sobre saúde, que nos esforçávamos por fazer naquele momento, não se encerrava nas conotações facilmente adotadas e redutoras da ausência de doença e das culpabilizações individualizantes. Porque resgatou a normatividade da força viva, o ultrapassamento da esfera individual e muitas vezes entristecida, para os sentidos coletivos de potência e constituição de aberturas.

Sim. Uma pergunta pode tontear, se nos lançar ao imprevisto.

A professora para escutar o que dizia, ou indagava, seu aluno, proferiu um imediato: “não sei”. Ela que pôde assumir um não-saber, transformou a bendita interrogação em pesquisa com seus alunos. E aqueles que dormiam, envolveram-se na pesquisa empreendida.

A professora ressoava o que um dia experimentara com seus alunos agora na discussão com pares sobre como produzir saúde na escola.

Estavam cansadas das lamentações, embora reconhecessem o engate poderoso e avassalador a que nos impele o sofrimento, o *pathos*. Contudo, o *pathos* faz surgir também a dimensão da paixão, e não somente a do sofrimento. Faz brandir a força inesperada que algumas vezes pressentimos ou pela qual somos arrebatados.

#

Para nós, como bem situa Lopes (2014a) sobre a escrita de Llansol, *tudo se relaciona*: o literário e o não-literário. As coisas, os acontecimentos, as ideias, os devires, as palavras. A não-subordinação à convencionalidade dos discursos e do uso das imagens, bem como a não-subordinação a uma lógica de pensamento e síntese linearizante, abrem nossos corpos desajeitados ao encontro-pesquisa que se realiza em ato/processo. Assim que para nós, a *escrita em ruptura* partilha da utilização da linguagem como dimensão de abertura ao inconsciente, por meio do acolhimento das construções textuais sobre os com-textos produzidos.

Isto guardou uma relação direta também com as decisões empreendidas diante da composição com o campo empírico da pesquisa, no que se referiu às apostas táticas das ações estabelecidas com o Fórum Cosate, e com os diversos trabalhadores encontrados no caminho da feitura desta experiência. Aquilo que podemos “recordar”, como nos mostra esta palavra derivada de “coração”, refunda uma escrita sobre o trabalho no qual “se faz nascer pelas palavras” (LOPES, 2014, p. 84).

Essa dimensão, de direção ética, estética e política, elege o *movimento de conversação* como costura incessante entre *conversa e ação* em *com verso e ação*, implicando o arranjo laborioso de se tecer palavras como nascedouros, na medida mesmo em que *converte o pathos* em *ação*, ou a paixão em poder de agir (CLOT, 2010; 2013), faz abrir vistas à conversão da lamentação em composição pujante e inusitada. Não há nisso mágica, nem tentativa de eleição de alguma ordem transcendente, ainda menos a ilusão de solução sobre a existência para a qual, como indica o poeta, não há remédio (ANDRADE, 2009). Mas existe neste empenho a convicção quanto às transformações do vivo. Isto que “morria, mas metamorfoseava-se, tomava uma transitória forma absurda, passajada pela nova memória. Compreendi que nenhuma meditação, nenhum texto, me serviriam além da minha própria escrita” (LLANSOL, 2014a, p. 72).

Os encontros de conversação são escrituras vivas.

Assim, é que ousamos aqui alguma aproximação com Clot (2013) quanto às contribuições na direção trazida pela clínica da atividade, sem pretender, contudo, detalhar seu campo conceitual. Importa para nós fazer funcionar proposições de leitura sobre nossas ações no Fórum Cosate e nesta pesquisa evidenciar qual noção de saúde, coletivo e trabalho se aposta aqui.

O Fórum Cosate e a experiência piloto de formação dos trabalhadores da educação pelo e no trabalho de análise de suas atividades, compreendeu sua força impulsora na *perseverança dos coletivos* (CLOT, 2013).

Clot (2013) adverte-nos das frequentes tentativas de administração do sofrimento nas análises crescentes sobre o trabalho. As reinantes “máquinas de curar”, antiga expressão canguilheriana, sobre as incessantes engenharias empreendidas em torno do sofrimento profissional, permite enfatizar como esta nova face do neofordismo da gestão e dos especialistas, via suas listas de indicadores sobre o sofrimento nas situações de trabalho, acaba por produzir sofisticados programas que se pautam nos enfoques toxicológicos do risco no trabalho, afirmando a necessidade dos trabalhadores em sofrimento serem acompanhados para que seus comportamentos sejam reformados.

O que acaba por criar uma retórica da expressão do sofrimento, tão danosa quanto a boa intenção, humanitária, das ações que invertem a questão sobre o bem fazer na figuração do bem-estar. Tais estratégias não cessam de fazer repetir o “despotismo compassional” (CLOT, 2013, p. 4), ou a compreender os que trabalham como verdadeiros acidentados a socorrer.

Esta “vitimologia ambiente” (CLOT, 2013, p.4) acaba por cauterizar superficialmente as questões sobre o trabalho, uma vez que se pautam nos aspectos sobre a vulnerabilidade das organizações, e embora consigam com isso alguma manutenção da qualidade do trabalho, esvaziam os coletivos de força e aumentam as distâncias entre os operadores, com sua lógica higienista crescente. Lembra-nos o autor que as práticas de tais empreendimentos falseadas em práticas de saúde, ligam-se iminentemente à lógica higienista, afastando-se do que entendemos e afirmamos por produção de saúde.

Com Canguilhem (2012a; 2012b) podemos afirmar a noção de saúde como a capacidade normativa do vivo em estar permanentemente se modificando frente à infidelidade do meio e às exigências de transformação dos elementos em composição. Clot (2013), buscando em Artaud e em Canguilhem recursos para outra compreensão de saúde, afirma que ela guarda íntima relação com a responsabilidade pelos atos de existência, criando relações que não estão dadas e que dependem de nossa coexistência para se efetuarem.

Afirmar a vida em sua grandeza significa tomá-la como potência em expansão, encarando-a como um modo de sair da dominação do posto e encará-la como tarefa imperiosa de ultrapassamento da sobrevivência. “Não somos adaptados a viver um contexto já dado. Somos feitos para fabricar novos contextos” (CLOT, 2013, p. 5).

Para tanto, o coletivo nesta proposta não significa agrupamento, ou instituição qualquer. Remete-nos à nossa irreduzível dimensão de existência comum e política, na qual podemos afirmar a impossibilidade de existirmos sós. Coletivo não se refere a uma “comunidade protegida” (CLOT, 2013, p. 8), nem tampouco a um “pertencimento” sacrossanto a uma fila indiana de um agrupamento humano com “boas práticas”. Coletivo não é um retorno à idade de ouro, de corporação do ofício, que ficou para trás (CLOT, 2013).

Coletivo, nesta proposta, conecta-se com aquilo que podemos sem dúvida colocar em partilha, mas que melhor ainda, situa-se naquilo que podemos e até então não sabemos exatamente que podemos. É no registro do alargamento do Real que o coletivo se situa. Naquilo que se entrecruza no entrecampo da experiência pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal. Numa força, ou nas palavras de Clot (2013, p.9) numa “vitalidade deliberada” que assume o trabalho real nas situações concretas de trabalho e vida. Essa vitalidade construída é, segundo enfatiza o autor, verdadeiramente uma dimensão instituinte.

Mas ela é instituinte por razões sociais um pouco diferentes daquelas que habitualmente são apresentadas. Esse “social” é de fato muito psicológico: na verdade, a “disputa profissional” faz passar o coletivo no interior de cada profissional em quem essa “disputa” se dá, queira ele ou não. Assim, não apenas a pessoa está em um coletivo, o coletivo passa pela pessoa. Ele se converte em diálogo interior a serviço de sua atividade própria, teclado

coletivo para poder lidar sozinho com a situação, amplitude de opções na qual pode tocar sua própria música singular. Podemos falar de diapasão coletivo para a atividade pessoal. Esse ponto, em geral, é subestimado. O coletivo do qual falamos permite a cada um “tomar liberdades” *com* ele, nos vários sentidos da palavra. Nos dilemas do trabalho concreto, um coletivo que toma essa referência sempre incompleta, sempre em debate, obriga cada um a se determinar. A se tornar um pouco mais único em seu gênero, mais singular no seu trabalho. Queremos, então, falar de um coletivo que *deixa a desejar*. Esse coletivo não é apenas um “pertencimento” a adotar, mas um instrumento de trabalho pessoal, para usar e *cuidar* em conjunto (CLOT, 2013, p. 9).

Nesta brecha alegre da linguagem, *deixar a desejar* não se enfatiza o sentido restritor da expressão, ao que faltou e por isto estaria incompleto ou restaria sem valor, mas ao contrário, *deixar a desejar* pode apontar as considerações sobre o ofício, na direção de um trabalho que manterá sua capacidade viva em ampliação se se pautar em construção partilhada, instrumento de ligação, constituindo-se como uma terceira via que não se reduza ao imaginário da compaixão, ou nas performances idealizadas e intocáveis. Uma terceira via que assuma a atividade real como exposta ao inesperado. Passar a essa conversão em que o ponto da paixão torna-se ação. Em que se é possível apropriar-se do próprio pensamento e agir (CLOT, 2013; 2010).

Nos encontros com as trabalhadoras da educação, no campo da Cosate piloto, elas deixaram entrever que almejavam mudanças em seus cotidianos de trabalho. Algo que as mobilizaram a estar nas comissões foi a aposta na *mudança*. Uma *possibilidade conjunta* de estar com outras pessoas produzindo *diferenças*. O que se configura como experiência partilhável seria antes não aquilo que se identifica e se reconhece, mas sim algo que se situa entre limiares de vida, palavra e ação. O que se transmite não é o que pertence. É o que se *movimenta, coengendra-se entre homens*.

Isto nos faz lembrar outra cena.

Diante das tentativas de continuidade e estratégias do Fórum Cosate, após os impedimentos do Poder, quanto à regulamentação da Lei que define a implantação das Cosates no município de Serra, os trabalhadores e pesquisadores produzem um novo curso de formação¹⁵ sustentado a muitas mãos, aberto aos operadores da rede

¹⁵ Este trabalho se realizou no período de maio a novembro de 2017, e foi concebido como parte integrante da Pesquisa guarda-chuva, da qual surgem as Cosates, campo desta pesquisa. O curso foi

municipal de educação que se estruturou seguindo as temáticas debatidas e sistematizadas na publicação em andamento do “Caderno de Formação: Saúde no trabalho em educação”, em parceria com a Fundacentro.

Tal estratégia nasce de um cálculo em espriar e alargar as experiências em luta realizadas e vividas, bem como as discussões, debates e conhecimentos produzidos com elas. Faz parte ainda de um entendimento produzido entre Pfist e Fórum Cosate de que tal curso se constituiria como dispositivo de uma política pública, diante dos entraves do Estado e do Município no que tange ao cenário da Política de Governo atual em plena derrocada dos direitos trabalhistas.

Trabalhadores reunidos. Estão debatendo sobre as dificuldades de seus cotidianos. Estão diante do terrível momento político do Brasil. Discutem as rotinas de suas tarefas e sobre os automatismos endurecidos. O que fazer diante da gama de desafios enfrentados todos os dias? Certos desânimos. Certas inseguranças. Ordenamentos e engessamentos. Mas palavra empenhada vai rasgando pedra dura, feito aquela água de rio pela qual nunca passamos da mesma forma duas vezes. Eis que uma professora agita: “Quem sabe estamos educando um presidente?”

A frase rasga o salão.

executado pelo Pfist, integrantes do Fórum Cosate e Centro de Formação de Professores de Serra. Os módulos foram concebidos pautando-se nas temáticas sistematizadas no “Caderno de Formação” que se encontra no prelo para ser publicado pela Fundacentro. O Curso contemplou cerca de 60 participantes: professores de toda a rede municipal de educação de Serra/Es.

4.6 O COSTUME É ALGO ENGRAÇADO EM NÓS...

Alcança-nos até mesmo o pensamento. Em práticas pedagógicas tradicionais deparamo-nos com a forma de utilização de “caixas”... caixas de saber, caixas de pensar, caixas de organizações, de séries, caixas...

Na tentativa de fazer uma escola – que não era uma, eram três – conversar, as trabalhadoras da Cosate, daquela EMEF, que funcionava em três turnos de jornadas, pensaram uma estratégia: criar caixas de sugestões, na tentativa de divulgar o trabalho da comissão e recolher dos colegas trabalhadores fontes de interesses e preocupações para debate.

A Cosate tinha acabado de se constituir. E seus membros ainda escutaram, não poucas vezes, “cuidado com o que se fala na Cosate”; “essa Cosate é desculpa para não dar aula”; “Lá vão elas tomar cafezinho”. Precisavam de uma ação com os demais trabalhadores da escola para esclarecimento acerca da Cosate, como uma forma de fortalecer a comissão dentro da EMEF.

Contudo, diante do “fracasso” das caixas de sugestões, as trabalhadoras teceram e fiaram: “as pessoas não têm tempo para escrever”; “acharam a estratégia ineficaz”; “acharam desinteressante”; “as caixas não foram suficientes ou ficaram em locais de pouco acesso”; “não foram deixados materiais próximos à caixa para o registro das sugestões”. Muitas hipóteses, uma constatação: as coisas não surgem de onde se espera.

Foi assim, que num encontro no corredor com um professor de geografia, uma das trabalhadoras e membro da comissão escutou uma coisa: por que não elaboravam um questionário sobre os fatores que concorrem para o adoecimento dos trabalhadores da escola a ser disponibilizado nos três turnos? No corredor, foi.

O intento era de que aqueles que respondessem o tal questionário pudessem identificar o que julgavam interessante a ser discutido pela Cosate naquela escola.

As trabalhadoras se deram conta: “É um problema pensar a escola como uma unidade. São três turnos, séries iniciais, séries finais, EJA... Como alcançar os trabalhadores e suas demandas?”

Lembraram-se de que a tal caixa de sugestões não efetivou o que esperavam, mas que um encontro fortuito no corredor da escola havia fornecido uma chispa!

Da feitura do tal questionário, a comissão recolheu toda sorte de miúdos. Trapeiramente, fez do corredor e dos horários de cafezinho, canais de diálogo e de dissolução da amargura maledicente e ressentida. Até que costurando com a direção da escola as trabalhadoras pensaram e organizaram um primeiro debate interno com a participação do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo - CEREST/ ES.

Queriam contribuir com informações a respeito do serviço e da Política de Saúde do Trabalhador, além de ampliar as discussões realizadas pela Cosate com a escola, conclamando a participação coletiva e elucidando que a comissão se faz com a parceria de todos na identificação e solução dos problemas enfrentados pela escola. As participantes produziram um material-síntese baseado no Projeto de Lei da Cosate, retirando-lhe os aspectos mais coletivos, para distribuir na então programada reunião.

Muitas coisas no meio do caminho foram se apresentando. Não era a organização do evento em si que importava mais. Era o moverem-se. Acharam proposituras e interrogações: diante de certas comparações entre a política municipal de Serra e a de Vitória constatavam diferenças e ficavam desanimadas.

Muitos trabalhadores de Serra fazem jornadas em outros municípios: Vitória, Vila Velha, principalmente. Além de trabalharem às vezes por três turnos, mesmo driblando os impedimentos institucionais e a exaustão de uma jornada escandalosa, ainda enfrentam todo tipo de precariedade nas condições de trabalho, nos diversos contextos nos quais trabalham e vivem.

O movimento desses trabalhadores não deixa que tudo isso passe em branco. Não. A cada roda, a cada sentada, a cada plenária, a cada encontro, a cada cafezinho ou

reunião institucionalizada, isso comparece: a precarização do trabalho; as cadeias de subcontratação; os adoecimentos; as violências; o crescente e vertiginoso papel da informatização nos contextos escolares; as desigualdades de condições de trabalho e vida as quais experimentamos na pele, milhares e milhares de nós, espalhados em escala nacional e internacional, até nos atingir em cheio, em nossos locais mais situados de vida e trabalho.

Ainda assim, mesmo diante dos infortúnios e cansativos tratados da vida precária, a insistência do vivo procura, ávido por fazer gritar outras afirmações: “Comparar é insuficiente” (Professora da EMEF). “O que temos de bom?” (Professora da EMEF) “A identificação do problema é importante, mas não para torná-lo maior do que é” (Professora da EMEF). Os trabalhadores diziam ao mesmo tempo que podiam atestar toda a gama de desafios colocados nos movimentos de luta e conquista.

4.7 PERCORRER OS ARES, DE QUALQUER TEXTO QUE INSURJA FORÇA...

Mas eu narrava. Por isso os pentagramas continuavam a marcar o caminho.

CORTÁZAR, 1984, p. 56-57

O (com)texto é o I Seminário de Saúde do Trabalhador, realizado em setembro de 2015, em uma das escolas do Projeto-piloto.

Os trabalhadores chegam. Vão chegando aos poucos. Às vezes em pequenos grupos, às vezes sós, às vezes em pares. Aos poucos também vão chegando autoridades, alguns parceiros, toda gama de sorte, coisas e pessoas.

As pessoas vão se assentando. Embora ensaiássemos fazer uma conversa “rodada e viva”, nossos hábitos de assentar em fila e silenciamentos, extravasam e ensejam o reinante, nos seus modos de comparecer e apresentar-se.

São muitos os rostos, as expressões, os burburinhos.

Diante do convite de se trabalhar em pequenos grupos os queixumes vão sobressaindo.

Mas, trabalhar inventado puxa trabalho inventado. Na medida em que se falam sobre as questões do cotidiano, engajamentos vão se colocando, debates vão se atrevendo, sugestões vão se compondo.

Seminário corre bonito. Muitas questões. Muitos adoecimentos. Não há como falar sem repetir algo. Contudo, repetição nunca é a mesma, tão

somente. Não traz o idêntico e o presumível. Traz o inesperado. “Repetir, repetir, até ficar diferente” (BARROS, 2010, p.300).

No final do encontro, alguns versos de Drummond fazem explodir o auditório. Trabalhadores aplaudem a si mesmos. Cumprimentam-se, abraçam-se. Dizem esperar que aquele contágio proliferasse, bifurcasse... achem canais de dispersão.

Uma professora chega perto de nós e recita um verso de Drummond sobre o amor. Diz que nunca esquece tais palavras. Que mesmo cansada, ouvir aqueles versos a faz resistir, faz valer a pena.

A diretora que chega de manso, recolhendo alguns materiais, quando diante dos “finalmente” do evento conta: “Uma vez os meninos inventaram de plantar uma batata num vaso e deixar a experiência na escola. Aquilo deu um problema danado entre alguns professores que alegavam que tal procedimento era impróprio e não poderia ficar na escola. Foram até a sala da direção reclamar daquilo. Fiquei pensando o que poderia fazer. Não podia sumir com o vaso dos alunos. Certamente eles iriam procurar. Tentei deixar na minha sala, mas ainda assim, a solução foi alvo de críticas de toda ordem. Não sabia o que fazer. Passei a mão naquele vaso de batata e carreguei para a casa. Fato é que algum tempo depois, os alunos que haviam plantado a batata resolveram procurar o vaso pela escola. E quando se aperceberam que ele não estava ali, fizeram a CPI do vaso. Foi um

A distância e as imagens. Será que o gosto pelo mundo de imagens não se alimenta de uma sombria resistência contra o saber? Corro os olhos pela paisagem: o mar está em sua baía, liso como um espelho; bosques sobrem até o cume da montanha como massas imóveis e mudas; em cima, ruínas abandonadas de castelo, como se encontram há séculos. É assim que deseja o sonhador. Que esse mar se ergue e se afunda em bilhões, de ondas; que os bosques estremecem a cada novo instante desde as raízes até a última folha; que, nas pedras das ruínas dos castelos, reinam um desmoronar e um esfarelar contínuos; que, no céu, antes que se formem nuvens, gases fervem em lutas invisíveis – de tudo isso tem de esquecer para se entregar às imagens. Nelas, tem repouso, eternidade. [...] cada distância reconstrói seu sonho, que fica apoiado em paredes de nuvens, que torna a se inflamar em cada janela iluminada. E o sonho aparece como o mais perfeito, se consegue tomar do movimento o seu ferrão e transformar a rajada de vento num sussurro e a passagem casual dos pássaros na migração dos pássaros. Assim, pôr termo à natureza na moldura de imagens esvanecidas é o prazer do sonhador. Conjurá-las sob uma nova chamada, o dom do poeta.

BENJAMIN, 2009c, p. 266

bafafá danado. Aquilo novamente chegou à direção. E quando eles entraram nervosos na sala, eu disse: ‘calma gente! Vou trazer o vaso das batatas de volta’. Eles não acreditaram. Acharam que eu falava aquilo para enganá-los. Mas no dia seguinte, trouxe da minha casa o vaso dos alunos. A batata estava até um pouco crescida”.

#

Não é que não haja anterioridade do mundo. Há. Mas, não há anterioridade dada.

O mundo, que existe em anterioridade, para existir em nós, precisa passar-nos, e à medida disto, nós nos apropriamos dele. Dessa forma, neste apropriar ele faz-se novo. Atual. Derivação. O que há é um grande derivar. Devir do mundo.

Se o que passa pode passar-nos e ficar, criar dobra, efetuação, é porque o velho se fez novo. O passado, instante-já. O já, velho e novo, lançamento. É um lançar-se o que nos ocorre. “Todos vêm tarde demais...Todos vêm cedo demais” (ANDRADE, 1995, p. 63-64), dizem-nos os versos do poeta.

Assim, a tradição não pode ser um baú de pertencimentos. Mas antes, um certo depois... é quando o nome, que não mais nomeia, pode dispor-se. Pode entreabrir nuances. Certos limiares.

Se a crise da tradição existe, é porque esta última, é propriamente uma crise. A tradição não arruma nada. Não reifica a carne. Ela, antes, trai. Ela pode dizer-se apenas em certo depois, não por ante-existir, mas, por existindo, produzir-se em apropriações posteriores.

Por que disto? Porque a vida salta. Não corre, engendrada apenas por continuidade linear, trilhos. Ela deriva. Rasga. Fissura. Ela almeja. Busca. Rompe. Salta.

Há, portanto, anterioridade regular. Mas, não há o posto inequívoco. Não há determinação pura do reinante. Há quebra. Embaraço. O fibroso. A grossura.

O reinante enoda, sim. O processual salta-nos. E é por derivar que podemos algo. Que insistimos. Que ousamos. O que dura e o que se distancia... em movimentos, dão saltos. Criam expansões. *Experiência: ela é como o real que vem.*

Não que venha do vindouro desfigurado, como algo pelo qual se espera. O futuro é imprevisível. Ele acontece. Pertence ao acontecimento. E tão logo, já também salta e passa. Não se fixa. Não se prende.

A experiência porta o entreaberto, o limiar. Não se detém.

4.8 CORPOS EM TRANSFORMAÇÃO...

Tínhamos acessado até ali. Fibrosos percursos.

A trajetória de realização do curso de formação¹⁶, ou daquilo a que chamávamos “experiência piloto”, transcorreria durante alguns meses, em metodologia de encontros alternados. Momentos presenciais com as duas escolas reunidas e momentos dentro das escolas, nomeados de encontros de dispersão – ou seja, fora do centro reunidor, a Fundacentro, instituição que nos cedia espaço e suporte para implementação da formação. Tal montagem com: encontros presenciais (que reuniam maior número de pessoas, das duas escolas e demais envolvidos no trabalho de formação: pesquisadores do PFIST, convidados de instituições parceiras e técnicos da própria Fundacentro) e encontros de dispersão, criou a possibilidade de fazer funcionar certa experimentação diante do “amarrado” pelos encontros presenciais, coletivamente, que se ampliava no âmbito de cada uma das realidades locais, dentro de cada uma das escolas. A dispersão era o momento de retornar à escola, momento intercalado ao trabalho presencial, às proposições surgidas pelo debate coletivo e que pediam uma experimentação situada.

No campo da educação quando falamos em formação, suscitamos diversas referências e entendimentos. A maioria das compreensões pautam-se em versões sobre a formação tomando-a como cursos preparatórios, como capacitação ou treinamento dos profissionais, ou ainda como algo oferecido institucionalmente por algum órgão ou secretaria, visando a qualificação de profissionais. Nestas propostas, geralmente a tônica vincula-se aos esperados “resultados” e, muitas vezes, esquecem-se os processos fomentados e vividos. Para nós, que acompanhamos a formação das Cosates em suas dimensões piloto, cabe ressaltar que *formação* se atrela a uma *produção de saúde*. Assim, a formação inclui toda a gama de experiências conectadas e dos modos de vida e existência, que ampliem nossos canais de transformação. A formação como criação apontar-nos-ia a capacidade do

¹⁶ Ver mais em: DEBENETTI, Carmen; FONSECA, Danuza; GOTARDO, Suzana Maria. Como fazer da formação uma produção de saúde. IN: BONALDI, Cristiana Mara; CRUZ, Cristiane Bremenkamp; JUNIOR, José Agostinho Correia. **Caderno de Formação: Saúde no Trabalho em Educação**. Vitória: Fundacentro. No prelo 2017.

vivo em transmutar-se, pelos encontros e desencontros experimentados nas partilhas da vida em comum, seja pelo encontro com as palavras e o que fica fora delas, pelos encontros com as coisas, com algo que nos toque, bem como com a produção de gestos, na abertura com a pura diferença.

O que significava aquilo tudo que havíamos colocado em movimento, diante dos encontros entre tantos trabalhadores, vindos de tantos lugares e marcados por tantos caminhos e experiências? Muitas cenas. Muito trabalho.

Lá para as tantas, o curso encerrava-se, devido ao prazo inicial acordado com a Prefeitura de Serra/ES para experimentação da proposta. Contudo, como não se tratam de começos, pois estamos sempre no meio, tornou-se claro para nós que o trabalho não se tinha encerrado, com o prazo dado pela autorização do governo, ou pela disponibilidade do recurso previsto para aquela situação determinada em tempo e espaço. Mas que justamente a experiência de acharmos modos de partilha e construção de comum, em torno dos temas a que nos propúnhamos, produziu em nós deslocamentos imprevisíveis e acionou saídas múltiplas de colocação dos problemas que encarávamos, na discussão dos temas sobre saúde, educação e trabalho.

Queríamos batalhar a continuidade do processo. Era preciso renegociar prazos e financiamentos com a esfera do governo municipal, para garantir a liberação dos professores envolvidos naquela experiência.

Embora a experiência já estivesse em ebulição para além dos limites das permissões do poder: uma experiência de partilha do comum extrapola o que se dá por direito, desvia fazeres, cria caminhos próprios e não se detém nos muros institucionais quando encontra força coletiva de sinergia quente e desejante.

A questão era: tínhamos conquistado daquela forma, como fruto de um movimento intenso e consistente do Fórum Cosate, a possibilidade dos professores das duas escolas-pilotos participarem do momento de formação durante aqueles quinze encontros sem prejuízo de suas tarefas como docentes. Havíamos conseguido recurso e sustentação da máquina municipal para “garantir”, naquele período, que os professores envolvidos no curso pudessem realizar, uma vez na semana, o trabalho das Cosates, pois na retaguarda do processo, eles contaram com a cobertura de outros professores substitutos, devidamente autorizados e contratados para aquela situação específica, pela Prefeitura.

Essa situação inédita de formação de comissões de saúde do trabalhador da educação em caráter de experimentação piloto, além de ter sido coletivamente construída e conquistada, foi fruto de diversas e intensas negociações entre muitos envolvidos, o que assinalou uma fundamental estratégia para que os trabalhadores das escolas pudessem compor e efetivamente gerir¹⁷ o processo *de e em* formação.

Ao final do curso de formação encontrávamos diante de novos imprevisíveis e batalhas. Sempre

[...] O caleidoscópio faz um pequeno giro, e são outras as leis que regem este mundo, no qual persiste apenas um elemento comum: meu olho que olha, que olha.

CORTÁZAR, 1984, p. 64-65

¹⁷ Gerir aqui situa nossa aposta, como ressalta-nos Muniz (2016), de que todo sujeito é ao mesmo tempo trabalhador e gestor do trabalho. Gestão, nesta perspectiva, não se refere à uma função gerencial ou hierárquica, definida por estruturação prévia do trabalho. Mas alia-se à compreensão feita pela ergologia, a partir das contribuições de Schwartz de que todo trabalho realizado envolve dramáticas do uso de si, bem como o debate de normas, de acordo com certo arranjo de valores expressos nos contextos da atividade.

se está em luta. Isto demonstra a história dos trabalhadores.

Fomos ao encontro da então Secretária de Educação que havia autorizado a feita daquele processo e ainda se encontrava como representante do governo municipal. Achávamos que ela, investida no cargo, podia dispor de cancelar ou não a possibilidade de continuidade do processo.

Preparamos longo Relatório¹⁸ de sistematização daquela experiência.

Além do trabalho pormenorizado pelos pesquisadores envolvidos diretamente com o curso de formação nesta forma “relatório”, foram realizados também encontros de leitura e debate do material no Fórum Cosate, como meio de alteração, composição e validação coletiva, envolvendo os participantes, parceiros do processo: todos e qualquer um que almejasse coconstruir aquele documento.

Isto permitiu não somente a criação do material/documento como “produto” do percurso trilhado, no sentido de subsidiar a solicitação junto ao poder público municipal vias de continuidade da experiência, apresentando a sistematização e análise de situações concretas vivenciadas na formação Cosate, como – e, principalmente – permitiu o engajamento de coconstrução a muitas mãos. Íamos, à medida da feita do material, realizando novos debates e criando alternativas para os desafios que se colocavam frente às mudanças e paralisações da política e conjuntura locais.

Por exemplo, naquela virada de ano, entre o “término” do curso em 2014 e a entrada do ano de 2015, vivemos o risco não somente do ‘impedimento’ formal de continuidade da experimentação Cosate, por parte da não autorização do poder municipal e com a retirada dos recursos para provisionamento do processo, como pela virada do ano e a implementação dos novos processos de composição das equipes nas escolas,

¹⁸ Ver mais em BRITO, Hervacy; FREITAS, Maria Carolina de Andrade; CHAMBELA, Suzana Maria Gotardo. **Relatório das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação em Serra- ES**: relatório das atividades e ações desenvolvidas pelas Cosates do Projeto Piloto nas escolas CMEI “Olindina Leão Nunes” e EMEF “Manoel Carlos de Miranda”, de setembro a dezembro de 2014. Vitória: 2015. Arquivo da Pesquisa.

encarávamos a possibilidade de perder alguns dos professores que fizeram parte das comissões.

Foi quando mobilizando toda uma série de táticas, marcamos um encontro com a, até então vigente, Secretaria de Educação para apresentação do Relatório e Requerimento Formal, do Fórum Cosate, de continuidade do processo.

O curso de formação havia culminado, ao final do seu prazo inicial, com a elaboração de Planos de Ações das escolas envolvidas, sobre possíveis atividades – em caráter de continuidade do trabalho de tais comissões – para suas realidades locais e isto seria também apresentado à Secretária.

Ao chegarmos para a reunião com a secretária, aguardamo-la por um breve período, já que ela estava em outra reunião. Conversávamos com certa aflição diante das expectativas que se anunciavam e apresentavam-se como efeitos imprevisíveis: conseguiríamos do poder público os recursos necessários para prosseguir com a realização das Cosates? Até que fomos chamadas a adentrar a sala de reunião em que se encontrava a secretária de educação.

Aquela figura de mulher, austera e íntegra, por algum motivo configurou-se assim aos olhos da pesquisadora desajeitada, que ainda tentava entrever o que passaria por aquela porta estreita poderia pôr a acontecer.

Uma experiência põe em questão um tempo que não se explicita na cronologia. É o que a figura do Messias, para nós, pode fazer reconhecer: que há um tempo-acontecimento, uma porta entreaberta, por onde o Messias pode passar, como alertou Benjamin (1992; 2013). Configura-se um tempo oportuno, comemoração, presentificação anamnésica. “Cada instante é a porta estreita pela qual o messias pode passar” (BENJAMIN, 1992, p. 70). Retomamos a afirmação benjaminiana do tempo messiânico, de uma história feita a partir da ruína e afirmada *a contrapelo*, como uma nova forma de experiência e temporalidade.

Ao tentarmos elencar alguns elementos dos processos experimentados ao mesmo tempo que retrazar argumentos que nos favorecessem a solicitação de continuidade

das ações Cosates, fomos atravessadas pelo real que vem: “Eu também estou adoecendo”, disse a secretária para nós.

Uma pausa. Uma escuta.

Apresentávamos a Cosate, como instrumento para produção de saúde entre trabalhadores da educação, na tentativa de fornecer ao poder municipal os argumentos legitimadores para a defesa, sustentação e execução das Cosates nas escolas. Já sabíamos das taxas de absentismo expressas no município e algumas de suas possíveis condições de emergências, identificadas por pesquisas¹⁹ realizadas anteriormente.

Quando aquela figura, tornada viva e concreta mulher - além de “representante” de uma função da política institucional - divide conosco que ela também adoecia, frente aos imperativos da máquina com os quais tinha que lutar e se posicionar, é como se fôssemos atravessados paradoxalmente pela força impessoal de uma conexão viva e constelada. Ela já não era uma. Ela já não “representava”. Ela não era uma interioridade consubstanciada, apenas, ela relançava-nos ao *Fora*, à experiência daquele corpo movente nomeado Fórum, do qual justamente falávamos, tentávamos continuar a mover, não por autoria, mas por conexões e agenciamentos imprevisíveis.

A criança está doente. A mãe a leva para a cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? Eu suspeitava da coisa até que N. me falou do poder de cura singular que deveria existir nas mãos de sua mulher. Porém, dessas mãos ele disse o seguinte: - seus movimentos eram altamente expressivos. Contudo, não se poderia descrever sua expressão... Era como se contassem uma história. – A cura através da narrativa, já a conhecemos das fórmulas mágicas de Merseburg. Não é só que repitam a fórmula mágica de Odin, mas também relatam o contexto no qual ele as utilizou pela primeira vez. Também já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o campo propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração. Se imaginamos que uma dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que se encontra em seu caminho ao mar ditoso do esquecimento. É o carinho que delinea um leito para essa corrente.

BENJAMIN, 2009c, p. 269.

¹⁹ LUCIANO, Luzimar dos Santos. **A formação pela trilha da clínica da atividade na vigilância em saúde do trabalhador**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

Imagem. “Eu também estou adoecendo”. Tratava-se da luta de muitos de nós: como produzir saúde, em meio a tantas lutas e não adoecer diante dos desafios que tentam submeter o vivo? Aquela figura disse, ante o relatório que lhe era entregue, que estava em luta para reverter quadros da política institucional que priorizavam ações financiadas pelos interesses de grupos e não das forças coletivas, onerando os cofres públicos e impedindo ações concretas, situadas e engajadas, como aquelas que tínhamos experimentado na Cosate: *corpos em transformação*.

A Secretária logo depois, com as mudanças no governo municipal, foi “trocada”, substituída. Mas a imagem registrou-se na memória. Esta fica.

4.9 COMO UMA IMAGEM REGISTRA-SE NO CORPO?

Pelo olho que olha? Pela voz que costura? Pela pele que enlaça, superfície?

Pensávamos para os momentos de finalização daquele tempo de formação que podíamos solicitar que cada uma daquelas professoras-quixotes escrevesse sobre suas impressões. Sobre seus pensamentos. Sobre suas transformações. *Ela* escreveu:

Momentos de reflexões, compartilhamento de experiências, diálogos... Que me capacitaram para chegar até o meu colega de trabalho com mais convicção, maior clareza, direcionados para um convencimento de que não se pode ficar 'sofrendo', aceitando, simplesmente, o que nos faz mal, sem que nada seja feito. Que reflexões isoladas de situações que nos afligem, não surtem efeitos, mas, quando compartilhadas é muito grande a possibilidade de ações, de mudanças. Aprendi também que vale a pena lutar por algo que se acredita, mesmo que essas conquistas pareçam estar longe de se conseguir. Na vida, não desistir nunca, daquilo que acreditamos e queremos, é o que nos mantém vivos (Professora da EMEF).

Depois, num encontro dentro da escola em que ainda aguardávamos ver se iríamos ter a continuidade do suporte e financiamento do poder municipal para a continuidade do trabalho das Cosates, ela diz: *“Tem hora que não espero mais. Não espero a reunião ideal. O momento em que todos estejam reunidos e em prol da discussão da saúde do trabalhador. Agora eu entro com o tema e com a discussão na transversal”* (Professora da EMEF).

Engraçado como a palavra fere. Instrumento de corte. Ela não diz apenas do que se vive. Ela anuncia aquilo que se deseja e, por vezes, encontra-se somente por vislumbre. Como na nuvem de vaga-lumes... aquela que em meio à escuridão da noite, ou da poeira do espaço, resiste em apresentar-nos as *pequenas luzes* (DIDI-HUBERMAN, 2011). Isso dói. Pois como nos aponta Klossowski (1964), não são as feridas que sangram. São as palavras.

A ferida vinha não daquilo que era a demonstração do que queríamos ouvir. Do ensaiado pelo esperado, idealizado. Mas do profundo ponto que nos assalta, sem que possamos delimitar como isto se deu. Aquilo que, de repente, nos acerta em cheio como bofetadas.

4.10 UM TEMPO-PASSAGEM: DOM
 QUIXOTES-PROFESSORES E
 TRANSVERSAIS

Muros cansados de lamentações. Deles nem mais choro, nem mais vela. Os corpos estão exaustos de lutar contra os moinhos de vento. São muitos. Não páram de soprar, de mover-se. Numa sala iluminada por luz artificial, vagamente lembra-se que mais um dia se esvai. As cores, os cheiros, as pilhas de livros, estantes, sapatos, misturam-se. As pessoas murmuram. Espera-se que dos encontros saiam forças, ante a mixórdia de fatos. Espera-se um milagre. Um acontecimento.

Diante do golpe, réstia de sol. O escape, por vezes, é pequeno, fibroso, vem do ordinário. Do dia em luto, em luta, em prosa. Ainda se murmura. Ainda.

Arranjos vão se configurando. Falações.

Alguém se lembra do ofício árduo que já não encontra lugar diante das tarefas de outro regime de vida e de modos. Ofício é coisa velha. Ossos do ofício.

Ofício era de um instante em que se tecia. Em que havia gente reunida para fabricar o próprio existir. Isso é papel passado.

Talvez, por triz, nem tão passado. Ofício resiste. Ressurge, apesar de.

Mas o instante-já é um
 pirilampo que acende e apaga,
 acende e apaga. O presente é o
 instante em que a roda do
 automóvel em alta velocidade
 toca minimamente no chão [...]

 Mais que o instante, quero o
 seu fluxo.

LISPECTOR, 1998, p.16.

A lei, agora, é o estado de exceção permanente. Tarefa. Tarefa. Tarefa. Querer não é poder. Os moinhos têm vozes. Têm grandes olhos. Enxergam de cima. E entre pares. Funcionam coibindo as excitações. Revoluções. É preciso calar os rumores. Apagar os rastros. Podem servir de armas. Ressureições. Sortilégios.

As experiências obsoletas. Caducaram.

Mas restos ficam.

E tudo que fica, pode germinar.

O que fica é traço. O que arranca, arrancou, arrancará.

Não há por que velar as ações como sacrifício. Quixotes querem mais. Outros ventos. Pode-se bater de frente, mas o vento pode correr também pelos versos. Transversais.

4.11 UM TEMPO DE COSTURAS INCESSANTES...

Organizaram-se diversas estratégias. Aquecimentos e resfrios. Momentos de engates ferventes e emergência alternadas com frias águas e alguma macia tristeza.

O Fórum Cosate é um dimensionamento da experiência desta pesquisa em conversação. Não se constituiu pretendendo apenas institucionalizar-se, ou erigir-se como outros fóruns empreendidos na perspectiva da política governamental daquele município, pautados por um funcionamento delimitado pelo regime de ligação com os conselhos e secretarias, bem como com os órgãos municipais. Mas buscou trazer para a “institucionalidade” das formas-fóruns uma outra maneira de pensa-las.

A constituição do Fórum percorreu a aposta, sustentada e movente, de que a reunião de pessoas e instituições interessadas na construção da saúde do trabalhador poderia trilhar suas próprias experimentações de composição, conclamando qualquer um que quisesse dele participar e produzindo pausas e pequenos exercícios de distância, a ensinar-nos coletivamente a colocar problemas.

Como se diante de uma questão e a tentativa de encaminhamento dela pela rede disposta de órgãos municipais e envolvidos não bastasse para delimitar prosseguimentos. Não bastava que

Até as ruínas podemos amar
neste lugar

Lembro-me muito bem do tal
cantor basco
Que costumava celebrar a chuva
no verão
Não ligava quase nada para as
conspirações
Que recorrentemente se faziam
ouvir debaixo das arcadas
noturnas da cidade naquela
época do intermezzo lunar
Foi já depois do fascismo, um
pouco antes da democracia
enfaixada de magnólias
O cantor, as arcadas, o perfume
e os disparos me ensinaram que
se deve aproveitar a época de
transição para destrinçar o
brilho
As revoluções sempre foram o
lugar certo para a descoberta do
sossego:
Talvez porque nenhuma casa é
segura
Talvez porque nenhum corpo é
seguro
Ou talvez porque depois de
encarar uma arma finalmente
seja possível entender as
múltiplas possibilidades de uma
arma.

CAMPILHO, 2015, p. 77

“encaminhássemos” ações e problemas. Precisávamos nos deter neles. Precisávamos escutá-los. Deixar que os problemas e as questões que emergiam dos encontros produzissem derivações, acionamentos, tensionamentos.

Derivar é abrir caminhos por onde a princípio não se reconhecia possibilidade. Não é ação pessoalizada que se figura por um único agente que controladamente calcula e intenciona. Derivação é movimento agenciado por muitas mãos. Decorre de elementos quase sempre imperceptíveis, de modulações incessantes.

Um professor que fala, que aparece, que some, que deixa rastros. Um militante que enfrenta e tensiona. Um burocrata que aprisiona. Um poder que veste camisa e faz outro jogo, que se investe e desinveste. Um estudante que experimenta a vertigem e os embaralhamentos das vozes plurais. Um pesquisa-dor que escuta com susto o que seu lugar de saber não dá conta quando diante do acontecimento precisa acolher enunciações diversas e sustentá-las até onde for possível. Presenças silenciosas. Pequenos gestos.

Daqueles, muitos, que têm que driblar grande parte dos engessamentos diários para manifestar a presença em meio a outros. Não foram poucas as vezes que as professoras envolvidas na experiência Cosate, para participarem do Fórum, tiveram que custear suas saídas, valendo-se de estratégias como as substituições, diante do término da liberação formal do poder municipal e inclusive correndo riscos de que tais ações as colocassem na reta de processos de punição institucionalizado pela prefeitura e pela escola. Não foram poucas as vezes que pesquisadores saíram de seus lugares comuns para sustentarem o corpo a corpo Fórum.

Não poucas vezes foram divididas e compartilhadas ações entre Sindicato, Universidade, Ministério Público, direções de escolas, técnicos de serviços da rede, Conselho Municipal, Centro de Formação, Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo, Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura de Serra, Fundação Jorge Duprat e Figueiredo.

Achar canais de conversa diante de tantos envolvimento, conexões e situações concretas, pontos de vista e limites irredutíveis produziu-se por meio de um laborioso

trabalho miúdo, de recolher diante de todos os avatares, pequenas pistas, seguindo adiante e mirando o imprevisível.

Sustentação de paradoxos.

#

Experiência como compartilhamento público aponta para o caráter político da comunhão entre homens.

A transmissão, então, não se afirma como troca de informações ou do repasse destas a outro. Transmissão aqui vincula-se a ideia de que algo germina. Um indeterminável germina. Um indecidível espreita passagens subterrâneas ou como nos diria Batista (2015) efetua-se certa experiência labiríntica na produção dos percursos. E isto porta a extensão no tempo e as atualizações possíveis, pela via das intensidades, das forças e das pulsações. Pulsar não é seguir reto, em sentido linear. Pulsar é articular presença e ausência, aproximação e distância. É agitar movimentos, expansões e retrações, contornos imprecisos e saltos improváveis. Pulsar é bifurcar, desviar, embaralhar-se, seguir ziguezagueante. Numa zona de improvisação viva e vibrátil, enérgica e movediça.

Isso produz um saber estranho, um saber que não se sabe, um agitar de coisas que germinam insistentemente passagens, apontando algo que escapa e que se configura por uma *transmissão* que não se confunde com a aquisição de conhecimento pelo viés da informação. Mostrou Freud (1913/1998b) em “O interesse científico da Psicanálise” que a transmissão escapa à consciência e faz-se sobre a emergência de uma outra relação com o desejo de saber.

Sugere-nos Caiafa (2000, p. 18) “é preciso um lapso de tempo para que a experiência se dê. E é na dimensão da experiência que o desejo se inscreve, assim como a criação poética”. Aponta-nos a autora que o desejo precisa da distância no tempo e que o gesto brusco tão pertinente aos modos de vida implementados no capitalismo tende

a esgotar o instante oportuno no imediatismo do consumo. Isto concorre para a produção do eclipse da narração, conforme mostrou Benjamin (1992), e da desqualificação da experiência.

A experiência se espraia na direção de qualquer resto que a possa portar: um, mais um, mais um. Qualquer detalhe ordinário digno de *emprenhar-se*. Os restos transmitem-se. Envia a letra. Pelas frestas dos totalitarismos, por meio de limiares, passagens se efetuam... não cessam de acontecer. Passar de coisa a outra pode propagar, difundir, irradiar, contaminar e contagiar.... sentidos derivativos. Isso comporta exercícios de deslocamentos incessantes.

Assim, a política aponta para a incapacidade de existirmos sós. A saúde para a capacidade de variação e fluxos desejantes. O trabalho para a ligação entre homens, coisas, restos, tempos, mundos, palavras e não-palavras.

Daí que pesquisar e escrever – ou ainda, e, por que não, narrar – não é enveredar-se por caminhos plenamente prescritos. Mas sim embrenhar-se em composições, impermanências, transformações, produzindo-se na medida mesmo em que se forja a experiência. A experiência é um atravessar passagens e limiares. Ela só acontece, acontecendo.

4.12 O TEMPO DIANTE DE SI, PRINCIPIA E FAZ CORRER...

O com-texto é o de um Congresso Estadual ocorrido em dezembro de 2015, organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo, em que se propôs a participação dos membros das Cosates para composição de uma mesa: “Saúde e Trabalho: desafios para as práticas em educação”. Tal evento antecedeu a aprovação da Lei Cosate na Câmara Municipal de Serra que se deu em 2016.

Para que fosse possível a participação das professoras envolvidas nas duas Cosates experimentadas no CMEI e na EMEF, o Fórum formou uma comissão de trabalho, na qual, além das escolas, encontrava-se membros do PFIST/ UFES e do DMST/ES, para a organização de um material expositivo que servisse de base para a mesa no tal Congresso. Foram duas reuniões de organização, uma em cada escola, com os membros da comissão e intensos trabalhos de reunião dos materiais e arranjo das formas do conteúdo discutido e estabelecido em partilha.

Cabe ressaltar que este Congresso, organizado pelo SINDIUPES, é uma iniciativa anual do sindicato e tem por objetivo colocar em discussão pautas importantes de debate para a categoria, em acordo com o que a própria figuração dos movimentos educacionais, lutas e interesses da organização de representantes dos professores no estado, consideram anualmente relevantes para o evento. Se isto nos aponta, por um lado, um aparato institucional desenrolando-se politicamente objetivado pelos interesses de tal órgão, por outro lado, a inclusão no Congresso Estadual da experiência Cosate, por meio do protagonismo das próprias trabalhadoras que empenharam tais empreendimentos, situa para nós, como lembrar-nos-ia a canção de Secos e Molhados, “Primavera nos dentes”, que é preciso no centro da própria engrenagem, inventar a contra-mola que resiste. Sem que isso se trate de qualquer heroísmo, o que enfatizamos é a capacidade de envolvimento coletivo, de diversas esferas institucionais em, por meio do elã experimentado pelas pessoas comuns na defesa e coconstrução de suas existências e trabalhos, abrir vistas a uma convocação a categoria diretamente afetada de pensar a produção de saúde no campo da educação, por meio de situar suas condições de trabalho em forma de debate e luta.

O evento contou com um grande número de participantes, trabalhadores da educação do município de Serra e de outros municípios do estado. As professoras que conduziram a exposição preparavam questões, tentavam localizar em que pé se encontrava cada uma das Cosates em suas escolas, já que não dispunham mais do asseguração formal do governo municipal. O tema da exposição que as trabalhadoras elegeram para suas participações no Congresso se sustentou no princípio escolhido por elas: “Contar nossa experiência”.

Antes da iniciativa deste Congresso, em uma reunião anterior do Fórum, as vozes já haviam feito saltar: *“Coisa que a gente pode estar espalhando”* (Professora do Cmei); *“O que mudou? É que a gente começou a se antenar, questionar...”* (Professora do Cmei); *“Trabalho de formiguinha. Trabalhar com o que temos”* (Professora da Emef); *“A gente tá se infiltrando... A secretaria tá lá parada”* (Professora do Cmei); *“Não é chamar ninguém de fora... São nossos relatos, não precisa de ninguém vir falar, dar palestra”* (Professora da Emef); *“A gente como disseminador”* (Professora da Emef); *“As coisas não são separadas. Saúde e condições de trabalho, salário, estão juntos”* (Professora da Emef); *“Processo pra gente não morreu. Tem chama ainda”* (Professora do Cmei); *“A gente tá aqui confabulando com olhares”* (Diretora do Cmei); *“Somos parte daquilo que nos ultrapassa”* (Pesquisadora do Pfist).

Chegado o dia do Congresso, uma das professoras testemunha:

Na escola a gente tinha que dar a nossa opinião e, ao mesmo tempo, ver de fora. Analisar os pontos primordiais. Então isso foi muito importante, porque foi nossa realidade enquanto Educação Infantil [...] Então, a gente tinha o quê? Centrar em tudo que estava ali. E aí a gente traçou as ações que a gente considera que foram conquistas, mas as ações estão acontecendo. E as que aconteceram de fato foram [...] as formações internas, com conteúdo de interesse por profissionais da Perícia Médica [...], a gente fez essa parceria, onde foram colocadas várias dúvidas, questionamentos... Isso foi muito legal [...]. O posto de saúde, também, a gente conseguiu uma parceria bacana [...] E a questão da fonoaudióloga também, como a gente tinha vários casos lá no CMEI com a questão do uso da voz, e até câncer, a gente chamou a pessoa pra nos orientar, pra estar fazendo parte de todo o processo lá do CMEI. [...] Então assim, foram as ações que a gente conseguiu traçar, de acordo com a pesquisa que foi feita, e que a gente conseguiu fazer. E aí, outras que são necessidades, são carências no município de Serra, na Educação Infantil, a questão do lanche, do descanso, que a gente via uma sobrecarga dos profissionais, de trabalhar direto e não ter aquele período pra: “ah!”, “eu preciso tomar um café”. E as crianças pequenas exigem uma atenção maior, a gente não pode ficar largando sala... Então,, a gente colocou a questão de institucionalizar o intervalo de lanche e descanso para os profissionais. [...] A gente traçou e é a longo prazo, porque as metas vão de

curto, médio e longo prazo. Então o que a gente consegue fazer, a gente vai adiantando. O que não dá, a gente depende de parceiros ou de uma burocracia maior, não depende só da gente. Terceiro ponto: articulações políticas a fim de reivindicar a ampliação do tempo do planejamento. A questão que todo mundo sabe que *a gente precisa de um tempo mais* (Professora do CMEI, grifo nosso).

A testemunha é aquela que fica. Aquela que não vai embora.

#

O trecho do fragmento trazido acima é parte da exposição oral de uma das trabalhadoras da Cosate e de sua apresentação no Congresso Estadual referido, organizado pelo sindicato. A exposição oral que está transcrita e filmada, encontra-se registrada nos arquivos da pesquisa e do SINDIUPES. Para nós, mostra uma trabalhadora, situando para outros tantos trabalhadores, uma experiência que a ultrapassa, ao mesmo tempo da qual “participa” diretamente, em demonstração de percurso laborioso e aberto, movente e vinculado à força do viver e do trabalhar.

Na escola, no congresso, na rua, na universidade, no fórum, na pesquisa, na escrita.

A invenção de um gesto.

Gagnebin (2009) nos aponta que a testemunha é aquela que não vai embora. Constituir uma narratividade possível entre professores, que sustentam como podem o empenho que requer o vivo, liga-se à partilha daquilo que nem se sabe exatamente. E apesar disso, inventam-se gestos, se insiste em ficar.

Nossa aposta errática é situar a experiência com sua provisoriedade caminhante. Os encontros daquelas pessoas para a composição do que se poderia apresentar num evento guardava menos importância pelas formas adotadas e realçavam-se mais pelo trabalho da analítica coletiva de uma experiência encarnada, matéria argilosa que criou algumas condições de transformação do “cárcere do Real” (BRITO, 2016).

A testemunha depara-se com o limite do pensável. Do traduzível. Mas não são suas palavras somente o que dão matéria ao seu testemunho. São também seus gestos.

#

No movimento de constituição das Cosates pilotos, e também nas reuniões do Fórum Cosate, atestamos diversas vezes os relatos de participantes sobre seus sofrimentos e impasses, vividos e experimentados nas situações de trabalho. Não raras vezes, os trabalhadores precisavam de algum tempo nos encontros para falarem de seus adoecimentos, ou dos adoecimentos dos pares, e de como aquilo os afetavam.

Discutir e sustentar em plenárias que a saúde não era somente ausência de doença, mas encontrava-se diretamente articulada aos modos e meios para viver e empenhar-se na construção de recursos com a variação do meio e sua impermanência, nos redirecionou em diversos momentos a conferir *espaço de testemunho* aos relatos feitos, num *exercício clínico* de acolhimento da *estrutura narrativa do sofrimento*.

Isso significa para nós afirmar que aquilo que se narra, no caso das experiências de sofrimento com os modos de produção do trabalho, implica não somente considerar as necessárias modificações das condições concretas do trabalho, no que tangenciam os elementos infraestruturais, como considerar os modos pelos quais nos articulamos e empreendemos a experiência de tudo isso, no esforço de viver e saber, por meio do trabalho da memória, com nossas reminiscências e nossa rememoração, daquilo que nos atingiu, trespassou-nos.

O sofrimento *contado* guarda elementos que o ultrapassam, no sentido estritamente individual, e indicam que certos *gestos* vêm de longe.

A reminiscência [...] remete-se à defesa de uma experiência com o passado em que se quebra a unidade do sujeito do conhecimento postado, de forma idealizada, sobre o fluxo do tempo. A reminiscência apropriada remete à repetição na história e ao fato de que o sofrimento do passado ainda é o sofrimento do presente (FERREIRA, 2011, p.131).

Construiu-se, tantas horas, suporte coletivo para que os relatos de sofrimento pudessem apresentar sua parte constituinte, o *pathema*, e devolver ao *páthos* sua dignidade diante do *logos*. Como nos restituiu Nietzsche (1999) ao conferir ao *páthos* sua dimensão positiva, fértil, condição de fonte original, cuja força relança-nos ao movimento da vida.

Recorda-nos Agamben (2005) que o centro da experiência dos mistérios, vividos pelos antigos, não se realizava por via da constituição primeira de um *saber*, mas sim de um *sofrer*, o *pathema* era “um não-poder-dizer, um murmurar com a boca fechada” (2005, p. 77), experiência bastante próxima da *infância do homem*, sendo os mistérios, portanto, operadores de um saber fazer, uma “técnica” (2005, p.77) para influir sobre o mundo.

Isto nos remete a considerar, como situa Didi-Huberman (2016), que mesmo participando de outro tempo e contexto, há algo que nos acompanha: *as emoções*, que passam por *gestos que fazemos* sem nos dar conta e que nos ligam a outra temporalidade: “esses gestos são como fósseis em movimento. Eles têm uma história muito longa – e muito inconsciente. Eles sobrevivem em nós, ainda que sejamos incapazes de observá-los em nós mesmos” (2016, p.32), e assim, essas emoções *passam*. Elas precisam *passar*. São uma linguagem. Criam *impasses*, como sugere o autor: não somente criam as dificuldades que pressentimos quando as experimentamos (impasse como aquilo que não passa, afeta-nos), como constituem-se como passagens (im-passes, em passagem). A emoção que o gesto traz é também um impasse da linguagem, do pensamento, da ação.

Pode produzir uma suspensão temporária. A imobilização de um segundo. O fio de um pavio. Um lampejo. Uma franca força, uma chispa, que atual como um arco, “atinge o instante bem no coração” (BENJAMIN, 2009, p.502). Se, como nos lembra Benjamin (2009), atentarmos para o exercício de um olhar estereoscópico e dimensional para a profundidade das sombras históricas.

O gesto compõe nossas narrativas. Narramos não somente com palavras, mas com as mãos, com *um corpo* também. O gesto pode ser, simultaneamente, testemunha e testemunhado. Ele pode compor aquilo que a testemunha narra, aquilo que faz ao

narrar e aquilo que sofre narrando. Ao mesmo tempo, o gesto pede que seja testemunhado para que sua existência seja transmissível, pois uma *emoção*, um *gesto ativo*, que não se dirigisse a ninguém, que fosse absolutamente solitário e incompreendido, não se constituiria como *emoção*, movimento, e seria “somente uma espécie de cisto morto dentro de nós mesmos” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 33).

A história de um professor, de um trabalhador, não é somente uma história *dele*. De pertença a uma interioridade absoluta. Adverte-nos Didi-Huberman (2016), resgatando Bergson, que nossas emoções são *gestos ativos*, nos lançam para *fora* de nós mesmos. Ela, portanto, pode consistir num limiar entre o interior e o exterior e lembrando Deleuze, conclui que a emoção não diz “eu”, pois que estamos fora de nós mesmos, mas é preciso recorrer à terceira pessoa, como um “ele sofre” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 29).

Podemos testemunhar: “ele sofre”. E reconhecer em nós mesmos, também, algo do movente do mundo. Quando diante de uma imagem, uma narrativa, um gesto, nos ligamos ao fora de nós, mais acessamos “um povo em lágrimas”, “um povo em armas” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.38).

#

O movimento político que queremos ressaltar, com as noções de história e de tempo benjaminianas e retomadas por Agamben em “O que resta de Auschwitz”, conforme sugere Gagnebin (2008), recoloca de forma bastante peculiar o problema do “resto” (2008, p. 10). Este, situando uma contração do tempo no registro do tempo-de-agora, e tomado por Agamben (2008) de São Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios²⁰, indica-nos um hiato, uma lacuna, uma cesura que se encontra no fundamento do testemunho.

²⁰ Na qual Paulo declara: “Eis o que vos digo, irmãos: o tempo se fez curto” (I Cor. citado por GAGNEBIN, J. M. Apresentação. IN: AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.

Gagnebin (2008) afirma que não se trata de apontar este *resto* como um dever de memória, num empresariamento estéril. Define a autora:

Podemos entender melhor esse resto como aquilo que, no testemunho, solapa a própria eficácia do dizer e, por isso mesmo, institui a verdade de sua fala; e, no tempo humano, como aquilo que solapa a linearidade infinita do *chronos* e institui a plenitude evanescente do tempo-de agora como *kairos* messiânico (GAGNEBIN, 2008, p. 11).

Isso nos importa pois institui, para alguma compreensão da experiência Cosate, que, a rigor, não queremos situá-la como um modelo, ou um método ou mesmo uma técnica, pura e simplesmente, em si mesma, como algo a ser replicável. Mas sim, como algo que nos força a pensar e a apostar na transmissibilidade dos gestos humanos.

O gesto narrado que testemunha algo, ao passo em que é igualmente testemunhado, *opera uma ação* transmissível, pode ser, portanto, um *opera-dor* de nossas apostas, quanto a passar adiante forças de transformação.

Agamben (2008) pergunta quem é o sujeito do testemunho. Indica-nos que quem de fato dá testemunho no homem é o não-homem, ou seja, aquele que lhe empresta voz, sua in-fância. Não existe assim um titular do testemunho. Testemunhar significa “entrar em um movimento vertiginoso, em que algo vai a pique, dessubjetiva-se integralmente e emudece, e algo se subjetiva e fala, sem ter – propriamente – algo a dizer” (AGAMBEN, 2008, p. 124). O testemunho, nesta perspectiva, é muito mais uma zona de indistinção na qual não é possível estabelecer uma posição de sujeito substanciado, pleno, a “verdadeira testemunha” (AGAMBEN, 2008, p.124).

O testemunho é um campo de forças (AGAMBEN, 2008).

Portanto, quando ressaltamos nesta escritura os “cacos da experiência” – e retiramos dos fragmentos orais, fragmentos escritos, ou ainda, “os restos” dos encontros, mesmo quando desajeitados, entre os trabalhadores abestalhados – estamos buscando por uma via trapeira, os resquícios das lutas para empenhá-los com a dignidade que têm.

Mostrá-los.

#

Assim, nosso *contar* empreende um *gesto*. O que nossa linguagem é capaz de articular não é absolutamente o que reconhecemos conter a maior força. “O testemunho é um gesto imperfeito de tradução” (VILELA, 2008, p. 133). Nos restos do testemunho assumido pelas letras que empenhamos permanecem matérias sensíveis de uma experiência-limite: “o real não é senão uma densidade que se tece entre o pensamento e o fragmento” (VILELA, 2008, p. 135).

No movimento de estar com outros trabalhadores, de assumirmos nossos *desajeitos* e *abestalhamentos*, significou para nós assumir nossas próprias lacunas, como espaço para que se produzisse um *poetificado*.

A escritura aqui se afigura como um *memorial*, por aquilo pelo qual pode nascer um eco.

4.13 TEMPO DECORRIDO...

Passados dois anos, não exatamente. Voltamos à mesma escola? Não encontramos mais a antiga diretora. Nova eleição se fez e nova Direção preside a escola. Estão formando-se. Movimentos de composição do Conselho de escola.

Precisamos restituir algo das Cosates. Tantas coisas se passaram. Tantas lutas empreendidas. Muitos fios embaraçados. Muitas vidas enlaçadas.

Voltamos à escola. Para fazer ainda um convite. (Convoca)ção não cessa de insistir. Reunião de professores. Sábado pela manhã.

Não qualquer sábado! Sábado que se seguiu às manifestações em defesa da democracia e favoráveis ao Governo Dilma Rouseff. Estas sobrevieram à marcha verde e amarela do dia 13 de março de 2016, que clamou pelo impeachment da Presidente da República e pelo fim da corrupção no País.

Muitas histórias ao mesmo tempo. Muitos combates e lutas cruzam-se, afetam-se, encontram-se, embatem-se.

Ainda estamos atônitos diante dos acontecimentos. A escuridão e opacidade do presente se apresentam em rude constatação. Não sabemos para onde estamos caminhando. Mas caminhamos. Muitas análises, muitas conversas, muitas violências e cala-bocas, muitas

Se eu nunca arriscar a razão,
nunca saberei. Nunca saberei
pensar.

LLANSOL, 2011a, p 25

Por que será que no horizonte
da história se ouvem gemidos, o
gotejar contínuo de acções
inacabadas?

LLANSOL, 2011a, p.31.

arrogâncias, muitos “pontos-de-vistas” únicos, muita acidez, muito amargo no estômago, muita ruína de vez, e alguma aposta “contramaré”...

Chegamos à escola. Essa escola é sempre grande. Ainda cinza. Não-toda.

Subimos pela rampa, aflitos com tudo o que seguia na boca do estômago, na garganta sedenta, nos “olhos embotados de cimento e lágrima”, e no peito arregaçado de vislumbre e tensão.

Entramos numa sala, um laboratório da escola, no segundo andar. Professores já reunidos, talvez murmurassem alguma dor. Imperceptíveis. Assentamo-nos ao fundo, esperando nossa vez de falar. Insistir.

Alguma tentativa de humor pela exibição de pequenos vídeos que abrem a reunião dos trabalhadores de cimento e lágrima. Pasmos, somos convidados a ‘dar nosso recado’. Dizemos do momento, encaminhamos notícia da hora, recolhemos qualquer migalha na tentativa de arrebatá-la ainda alguma fagulha de contágio. Até que o imperativo da vida salte: viver não é ficar morto-vivo.

“Mas só onde estamos assim imundos, aí somos invencíveis” (BENJAMIN, 2009c, p. 211).

Reunião de infames. Somos todos infames da história (FOUCAULT, 2010), mas escrevemo-la: “o nosso verbo é escrever” (LLANSOL, 2011b, p. 42).

#

Agamben (2007) em *O autor como gesto* retomando as considerações foucaultianas sobre o que é um autor, afirma que este não está morto. Contudo, pôr-se como autor é ocupar o lugar de um morto. Em suas palavras:

O sujeito – assim como o autor, como a vida dos homens infames – não é algo que possa ser alcançado diretamente como uma realidade substancial presente em algum lugar; pelo contrário, ele é o que resulta do encontro e do corpo-a-corpo com os dispositivos em que foi posto – se pôs – em jogo. Isto também porque a escritura – toda escritura, e não só a dos chanceleres do arquivo da infâmia – é um dispositivo, e a história dos homens talvez não seja nada mais que um incessante corpo-a-corpo com os dispositivos que eles mesmos produziram – antes de qualquer outro a linguagem (AGAMBEN, 2007, p.63).

O gesto humano é, por excelência, ficar. Quando digo “humano” não digo isso afirmativamente. O verdadeiro gesto humano, o legítimo, só pode ser isto: me *vieram* o mundo, onde tudo que tenho ou faço é uma baixa reação contra a minha involuntária origem. Portanto... e é aqui que tenho que estirar a mão, experimentando o espaço como um peixe experimenta a rede do pescador. A ideia mais triste: que o buraco não esteja no espaço e sim no tempo. O consolo: ter a mão disponível a cada momento.

CORTÁZAR, 1984, p.88

Com isso, produz-se a questão de como uma ausência pode ser singular? Ou, de como é possível deixar marcas num lugar vazio? Retomando ainda a contribuição foucaultiana sobre a vida dos homens infames, Agamben (2007) decide que apenas por um *gesto* é possível responder às suas questões. O *gesto* permite a expressão singular ao mesmo tempo em que instala o *vazio central*.

Assim, articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como foi efetivamente como nos ressalta Benjamin (1992). Mas antes, apropriar-se de uma recordação que brilha num momento de perigo. Arrancar a tradição, ou o que resta dela, do conformismo: “A tradição dos oprimidos ensina-nos que o “estado de exceção” em que vivemos é a regra. É preciso elaborarmos uma concepção de história que corresponda a um tal estado. A partir daí constataremos que a nossa tarefa consiste em criar um verdadeiro estado de

exceção; e assim tornar-se-á melhor a nossa posição na luta contra o fascismo” (BENJAMIN, 1992, p.161).

Desta forma, resgatar a função política – e por que não histórica – da narratividade dentro do contexto das ciências humanas, faz afirmar que a *história* não é uma especialidade com vistas à manutenção do que está estabelecido conforme nos sugere Ferreira (2011). É, antes, uma possibilidade de suspender o tempo, por meio do relampejo de conexões insuspeitas entre passado e presente.

É preciso narrar a despeito das injustiças do mundo, propõe o autor. Isso não guarda apenas uma função estética, mas constitui uma função eminentemente política. Segue-se com o indicativo benjaminiano de pensar uma história a contrapelo.

Narrar é uma forma de desconfiar da evidência do presente, já que se pode apontar as contingências que presidem as versões oficiais da história [...] Narrar para quê? Narrar para evitar que se negue a palavra aos mortos. Narrar para evitar que os inimigos continuem vencendo e para fortalecer uma perspectiva que se avizinha do olhar da criança: atenção aos detalhes, ao ínfimo, ao transitório, às personagens sempre alocadas nos níveis mais baixos dos monumentos (FERREIRA, 2011, p.127 - 128).

Para a perspectiva benjaminiana de escrever uma história a contrapelo, a atualidade não comparece como uma categoria mundana que se refere ao efêmero, mas antes como um conceito de contornos fundos. Implica uma iluminação súbita: “uma explosão de sentidos que põe a nu secretas e imprevisíveis coincidências entre presente e passado” (BARRENTO, 2013, p. 13).

“Narrar a ruína das coisas”, teria indicado *uma* voz. Recolher os cacos e tratá-los com a dignidade que eles têm, o caráter micrológico que guardam. Como se se almejasse criar condições para o desejo experimentar palavra. Uma sedução que a leitura pratica. Chamar. Convocar a vontade de percorrer os fragmentos com sede... Permitir os sem-sentidos. As lacunas. As nuances. Até que, deixando de perseguir o sentido-verdade, os cacos produzam *saberes*: “Por isso, ninguém será bem-sucedido se se poupar, se só mergulhar fundo nos temas maiores e se não estiver em condições de, às vezes, empenhar-se até o extremo por causas insignificantes” (BENJAMIN, 2009c, p. 188).

Derivar. Este desejo. Escrever passa por perder-se, ao *um próprio*. Como seguir com as vozes em coral. Uma *política do desejo* que desejando morrer pode seguir. Pode colocar em efervescência outras maneiras de análise; de pensamento. Tecer algo com o inacabamento. Para, então, fazer jus ao que Benjamin (2002; 2011a) indicou: não aceitar apenas o caráter sígnico das palavras, mas retornar à magia delas.

4.14 O QUE EMERGE JÁ NASCE MORRENDO...

Encontrávamos reunidos para conversar sobre o processo da pesquisa no PFIST. Havíamos eleito uma forma de Oficinas de Memórias para tentar acessar, com o maior número possível de pessoas que já haviam passado por aquele grupo de pesquisa com mais de 15 anos de existência, seus processos vivos. Nunca se tem apenas transformação situável por uma extensão no tempo. Mas são incontáveis os giros e as situações vivenciadas por forças intensas de conexão e trabalho. Ao tentar “olhar para trás” o que acessamos é a atualização do presente. Essa desatada interpolação do agora! As pessoas falavam. Falavam. Tentavam localizar como haviam chegado ali. O que se tinha? Inúmeros caminhos.

Para dizer como e por quais vias chegamos à Cosate, um dizia ao outro que não havia sido bem daquela forma como se falava.

Apreender o passado, nesta dimensão viva de sua atualização, é um morrer a cada segundo e ter que ligar elementos do caos, numa composição colorida e sustentada.

Aí *ele* disse algo assim, como se o momento de entrada daquelas pesquisadoras no trabalho com o curso de formação, fosse uma nova tentativa de *não deixar a peteca cair*. Afirmava o quanto aquilo

Escritor deambulatório [...] o
que resta por dizer é um
miserável resíduo

[...]

Percorria o rastro

Mas ao mesmo tempo já o havia
percorrido, porque aquilo era a
minha escritura, algo que eu
havia escrito no chão.

CORTÁZAR, 1984, p.92 - 93

havia firmado novas estratégias. Ao mesmo tempo em que dizia talvez ser preciso deixar a peteca cair.

A escritura não tem outro objetivo: o vento...

DELEUZE, 2004, p.90.

O que faz um movimento perdurar? Senão suas infinitas voltas e micromovimentos? Como se o movimento a que se assiste fosse apenas uma imensa nuvem de micropartículas, nuançadas e cristalinas. Caleidoscópicas. Cada micropartícula de movimento, quase imperceptível, concorre no balançar a peteca e para sua sustentação no ar. Não é tanto de onde ela parte, ou onde ela alcança, aquilo de que se trata. É de seu movimento pendular, giratório, do encontro de forças e formas dissolúveis e metaestáveis, aquilo de que se trata. É do desenho feito no ar.

Uma experiência é um pouco isso: um desenho feito no ar.

#

Tempos de permanência e impermanências. Tempos de entrada e saídas. Sem que estes tempos possam ser cronologicamente delimitáveis.

Na dimensão de se afirmar que política pública para nós situa-se não como política de estado ou de governo, mas empreende-se na produção de comum, como aquilo que pode, portanto, do impessoal nos atingir em cheio, ultrapassando-nos e revirando-nos, forçando passagens em que nossos corpos não são causas, são efeitos, requer

afirmar que a dimensão política da impossibilidade de vivermos isolados, apresenta-se de forma inexorável e forçosa. É da trama menor que se está à espreita.

A condição de acompanhar o desenho feito no ar, de ter que diante das nuances, decidir, torna a pôr no centro nossa condição limitada. Não dizemos “limite” como se aludíssemos a algo sem valor, destituído de potência, incapacitante. Estamos a considerar que quando se decidem caminhos, palavras, ações, se está produzindo real, mas um real também imprevisível no que faz vir. Como se para cada tomada de decisão, mesmo dimensionando caminhos de análises e de ações, o real fosse novamente relançado em sua dimensão messiânica, no sentido benjaminiano. Messiânica não no sentido daquele horizonte que devemos esperar profeticamente, mas sim no sentido daquilo que se porta como nuance, limiar, linhas móveis pelos micromovimentos das pequenas luzes (DIDI-HUBERMAN, 2011).

“Os lírios não nascem da lei”, como nos diz o poeta. E a vida, a política que ela mesma afirma em sua irrupção e em seu curso intempestivo, faz derivar brechas produzidas por nossas sensibilidades. Aquelas que não podem ser abolidas, dominadas, caladas em estado pleno, pelos podres poderes, cantaria Caetano. O encontro arranca-nos do lugar, desde que nos coloquemos à escuta dos rumores desejantes que não cessam de insistir em romper a aurora e apostar em outras direções.

A experiência de reunião dos homens, neste caso situado da pesquisa, precisa insistir em produzir uma outra política do desejo em tempos dos esvaziamentos dos sentidos embaraçados. Frente aos aturdidos que balançam em nós as velhas verdades, entreabrir e forjar um caminhar outro que coloque em efervescência modos quentes e conectivos com as diferenças que nos trespassam. Sem que isso possa constituir um elogio a qualquer processo, e justamente, ao contrário, mostrar o desafiador exercício de tentar outra coisa à triste dialética endurecida pelos modos reinantes de pensar a vida e seus processos.

Uma experiência não é um produto, algo que se tenha ou não. Como *acontecimento*, ela só pode *irromper* de certo instante, de *um limiar intempestivo e imprevisível*. Como certa linha de porvir; há uma indiscernibilidade presente em seu processar. Portanto, pode-se menos configurar “a” experiência, e mais pensar “uma” certa experiência.

Tornar-se, portanto, um saber que não se sabe. Algo que cria um *corpo*. Que funciona e faz funcionar. O funcionar, aqui, não define uma valoração: o que é bom ou o que é ruim. O certo, adequado ou não. Mas antes manifesta que, difere-se diferindo, muda-se mudando, funciona-se funcionando (TARDE, 2007).

Talvez neste prumo, ao modo como a pergunta da criança rompe o saber instituído, a perseguição farsante, a truculência da verdade insana e autoritária, encontramos algumas vezes outras perguntas, outras perguntas, outras perguntas. Perguntas que nos lancem não ao abismo das constatações tendenciosas, mas que façam escorrer sangue quente, a confiança, os vínculos, os entrelaçamentos, retirando-nos do fundo fosso da perdição obtusa.

Aquilo que, de repente, acerta-nos no alvo e nos faz tremer. Transparecendo um corpo vibrátil antes entorpecido e anestesiado pelo duro enredo dos absolutismos ou verdade de pretensão soberana. A vida não está naquilo que ela deixa posto. Mas naquilo que como um relance, um instante, uma fulguração, agita-nos e coloca-nos novamente no prumo do *potencial*.

Agamben (2015d), em um belo ensaio sobre *Bartleby*, demonstra como a potência guarda uma afirmação e uma negação, como possíveis. *Bartleby* foi o escrivão de Melville que disse ao seu chefe: “Eu preferiria não”. Daí se abrem os desvios

Pela primeira vez na vida fui invadido pela sensação de uma irresistível e pungente melancolia. Antes, só experimentara uma certa tristeza, mas sem amargura.

Agora o vínculo de uma humanidade comum me arrastava fatalmente rumo ao desalento. Uma melancolia fraternal! Pois tanto eu quanto *Bartleby* éramos filhos de Adão. Lembrei-me das sedas brilhosas e das faces esfuziantes que vira naquele dia, deslizando elegantes, como cisnes, pelo Mississipi da Broadway, contrastei-as com o pálido copista e pensei: Oh, a felicidade corteja a luz, fazendo-nos crer que o mundo é feliz; mas a infelicidade se esconde bem longe, fazendo-nos crer que ninguém é infeliz. Esses tristes devaneios - quimeras, sem dúvida, de uma mente tola e doentia – levavam a outros pensamentos mais precisos, sobre as excentricidades de *Bartleby*. Presságios de estranhas descobertas pairavam ao meu redor. A forma pálida do escrevente aparecia-me, no meio de estranhos, indiferentes à sorte alheia, envolvida em sua tremulante mortalha. [...] rememorava agora todos os mudos mistérios que notara no homem.

MELVILLE In: AGAMBEN, 2015, p79.

e insurreições. As lutas e toda sorte de possíveis, potenciais.

O mundo que temos. Este, não outro. Deste retiraremos nossas armas para construir resistências potenciais. Como nos sugere o Comitê Invisível (2016, p.180), não há crise da qual devamos sair, há luta para empreender. Perceber que a guerra, no fundo é parte da vida, o fato desta ser em si estratégica, faz-nos também exercitar uma atenção ao mundo que queremos coproduzir. Às ações que podem diferir e produzir rachaduras às vezes, muitas vezes, não são as ações globais, universais, tendenciosamente totalitárias. Mas as pequeninas e inusitadas, que tecem redes de apoio e conversação. A micropolítica de um poder capilar. Que se espalha e contagia. Que enfrenta com coragem e alegria, as malfazejas agruras do instituído.

Todas as situações são compósitas, atravessadas por linhas de força, por tensões, por conflitos explícitos ou latentes [...] É pelo sentido que adquire no contato com o mundo que uma ação é ou não revolucionária [...] Um movimento só vive pela série de deslocamentos que opera ao longo do tempo. Se ele para de se deslocar, se ele abandona seu potencial por realizar, ele morre (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 176).

Isso pode revolucionar o improvável. Isso pode romper as comportas sérias do desespero. Da vingança de Estado. Da ampliação da maledicência. Da morte em vida que às vezes pode nos envolver e nos cegar. O outro deixa de ser o inferno, apenas, e passa a fazer-nos ver mais de perto aquilo a que estamos em via de tornarmo-nos, somente enquanto devir mutante. E de expectador da própria vida, passamos a escrever o texto que narramos ao contar e viver, subvertendo o tempo e o posto, o fato e o obtuso, em obra de arte, aberta aos inúmeros potenciais que desconhecemos, mas que certamente pressentimos.

5 “AS COISAS NÃO TÊM PAZ”:²¹ UMA CANÇÃO, UM POEMA, UMA AFIRMAÇÃO

Para entoar uma canção é preciso modular a voz às variações possíveis a certo modo de cantar. E cantar em várias vozes, simultaneamente, exige ainda mais: uma composição de timbres e entonações em vibrantes e inusitados ensaios de voz coletiva.

Em “Acerca do Ritornelo”, Deleuze (2008) começa o texto situando uma cena: uma criança no quarto escuro, tomada pelo medo, tranquiliza-se cantarolando. Orienta-se como pode pela sua cançãozinha. Afirma o autor: “a canção já é um salto” (DELEUZE, 2008, p. 116). O autor termina o texto apontando que, no ritornelo infantil, nas brincadeiras da infância, a criança já tem asas. Ela é como poeta. Assim, relembra que o poeta é aquele que pode liberar as populações moleculares na esperança de que semeiem ou mesmo engendrem um *povo por vir*. E, se daí alguma revolução molecular pode advir, tornando-se uma preocupação para nossos governos – que atuam na conservação do atacado –, é mesmo desta possibilidade que poderemos operar localmente, ainda que em silêncio, na feitura de novos agenciamentos, mesmo que nunca estejamos “seguros de ser suficientemente fortes, pois não temos sistema, temos apenas linhas e movimentos” (DELEUZE, 2004, 170).

A experiência Cosate, por meio de seu *processo* de formação (*deformação*) e permanente, mas descontínuo, *encontro em Fórum, fez circular a experiência de luta*. Como se na reunião de forças e discussões em torno do que *nos organizava* o que se tornava essencial era essa “colocação em comum”, que a conversação permitia, a emergência de reservas de alternativas (MUNIZ et al., 2013) sobre o próprio trabalho, que o debate levanta. Organização aqui, portanto, não delimitava a vinculação ou filiação a qualquer instituição, nem mesmo pretendia tornar o próprio Fórum uma instituição. Organização no sentido proposto está para aquilo que, *em concerto*, se delineava como aposta, como direção comum e busca vibrátil.

²¹ Verso da canção de Gilberto Gil: “As coisas”. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/574172/>. Acesso em: 13 ago. 2017.

Muitas vezes os encontros em rodas de diálogos e tensionamentos, faziam inscrições em nossos corpos por vibrações. Uma análise do trabalho não é feita somente pelo raciocínio. Há uma pragmática sensível que dimensiona o que se passa, alargando-a, sem que saibamos exatamente por quais ações estão a se fomentar linhas transformáveis. Não se tratava de pensar o todo, mas de conectá-lo em alguma de suas ínfimas partes consteladas. Como afirmam Muniz e outros (2013) a atenção aos lugares de construção coletiva passa por dar passagem a formas de lutas que não reconhecemos de pronto. O movimento não está em dirigir ou guiar qualquer coisa de extraordinário, mas de estar em campo, afetado pelo que está em curso, já que o lugar de cada um não está dado a priori.

O movimento é o da vida. É ela é que transforma. Assim, deseja-se partir de capacidades já mobilizadas, das microtentativas, infinitesimais, disparadas ao vento. Há de se rumar - para a construção de um devir – do que as efervescências conseguem gerar! Uma aposta espreita o tempo: há formas por serem experimentadas, reivindicadas (por que não?), mas não absolutas. Exercitar outros modos que difiram das palavras de ordem (SODRÉ, 2002; SOUZA; MUNIZ; ATHAYDE, 2011).

Esta *experiência-cosate* permitiu-nos dizer que as comissões se constituíram como importante *dispositivo de conversação*²². Uma arena aberta, cujo eco faz escutar a todos, ainda que isto não garanta nada *per se*. O que se teceu foi premente exercício de diálogo e compartilhamento coletivo de experiências que tornou possível redefinir formas diferentes de ação, afecção²³ e produção de pensamento, inventando outras maneiras de criar interesse pelas questões que a Cosate mobilizou.

Indicou ainda que *dispositivo*, na acepção sustentada, englobou um composto de linhas, um conjunto multilinear, que pôde se desdobrar em distintas direções e

²² Ver também em Relatório de Pesquisa - Bolsa Produtividade CNPQ 2010-2014 “Tramas e urdiduras: análise da atividade docente de professores em escolas da Grande Vitória/ES”.

²³ Afecção e afetivo não são utilizados como sinônimos de sentimentos, nem mesmo denota qualidades de um evento. Referem-se, antes, a uma noção de mobilização de forças que atravessam as conexões entre os diversos elementos dispostos nos encontros que fazemos com as coisas, ideias, pessoas, etc. A constituição de uma rede afetiva engloba a compreensão de que as práticas se produzem por diferenciações e mudanças, vinculadas a situações concretas, por meio de reposicionamentos e subjetivações (Ver: Tramas e urdiduras: Análise da atividade docente de professores em escolas da Grande Vitória/ES: Relatório de Pesquisa).

comportar desequilíbrios e tensões, bem como variações e oportunidades, portanto, em mudança e derivação (DELEUZE, 1990).

Com verso e ação quer afirmar que o *verso* pode permitir expressão daquilo que não pode ser experienciável, às vezes, por meio de palavra consignada. É aquele que assegura uma presença viva, fugidia ao sentido posto e corrente. Entrar na própria língua sem pretender a univocidade do sentido. Concorrer para uma linguagem despragmatizada. Uma *palavra-verso* que possa soar como uma *voz estranha*. Com isso, romper, rumar até ao insólito. Uma língua que não comunique, no sentido estrito do termo, mas que expresse, vaze, derive, contagie. Uma língua que coloque canais de intensidade potencial em expansão.

Há algo que comparece nos movimentos de partilha do comum e que esbarra numa certa fratura do dizível, fratura dos regimes de significação (AGAMBEN, 2009). Alguma coisa que resta inenarrável e que, contudo, complexifica tais processos, já que estes não se dariam somente nos regimes de visibilidade e que, entretanto, durariam numa zona intensiva. Depreende-se então uma questão: *como acessar esta potência?*

Na trilha aberta por essa questão, retomamos a história (plano da experiência) não somente como aquilo que se vê ou de que se fala. *Compartilhar experiências suscita lidar com os diversos significados produzidos pelos encontros humanos,*

Novo instante em que vejo o que vai se seguir. Embora para falar do instante de visão eu tenha que ser mais discursiva que o instante: muitos instantes se passarão antes que eu desdobre e esgote a complexidade una e rápida de um relance.

LISPECTOR, 1998, p.54.

limiaries, e afirmar uma linha de porvir, certa indiscernibilidade de intensidade potencial. Há algo que se presentifica diante da reunião dos homens e em suas partilhas: algo que escapa, transita, bifurca, desvia, bordeja, que se abre.

Esta pesquisa escritura-se num processo de trabalho que se torna inaudito, em alguma medida, inenarrável, e que relança, não que constata. Deseja-se tomar a experiência-cosate não pelos indicadores, mas por seus analisadores; por aquilo que ela porta e não por aquilo que ela torna posto. Em última instância, fazer afirmar que todo trabalho é trabalho inventado.

5.1 “NUNCA SERÁ NADA, MAS UM CORPO EM TRÂNSITO PARA O ESTADO DE IMAGEM”²⁴

2016. A Cosate experimentada. O impedimento formal pela política municipal para a continuidade, do ponto de vista da destinação de recurso para sustentação e ampliação das Cosates em escolas da rede. Tentativas de prosseguimentos: reuniões do Fórum. Algumas perdas. Alguns avanços. Saídas de alguns parceiros do espaço/dimensão Fórum. Inusitadas reentradas e sustentação de *corpos escreventes*, na figura do *trabalhador abestalhado*: aquele que no início do processo, não estava lá. Esteve preso na escola, de onde não podia sair, apesar da iniciativa do Fórum se constituir para que justo ele pudesse participar. Muito tempo foi assim.

Quando diante das condições em luta, empreendeu-se a experimentação piloto - nas duas escolas escolhidas no Fórum como campos para a constituição das tais comissões, com o aval do poder municipal, pela primeira vez, destinando recurso para a composição daquele “projeto” - creditou-se que as Cosates pudessem constituir uma experiência para a implementação de uma política pública, posteriormente passível de ampliação e implantação numa rede maior, que sustentasse a presença do professor e outros trabalhadores nas discussões do Fórum.

Mas os rumos da história não seguem uma única via. Aquilo que se esperava: a continuidade do processo com as Cosates, do ponto de vista institucional, era também a própria descontinuidade da história.

Todo o envolvimento de tantos braços, ao longo de intenso tempo de sustentação coletiva, continuava a agitar propostas que ora situavam-se em seguir adiante rumo a certo instituído, como a tentativa de aprovação da lei, pensada e elaborada pelo Fórum, ora em produzir movimentos de torção nos espaços nos quais os germes deixados pelo *trabalhador abestalhado* já haviam suscitado alguns efeitos de transformação das rotinas, relações e conexões.

²⁴ LLANSOL, 2011b, p.77.

A ideia tornou-se *escrita*. Diante do ordinário da experiência Cosate, os diversos corpos escreventes, reuniram vastas discussões para arranjá-las em forma de um caderno com textos que multiplicassem material de “formação” na perspectiva dos cruzamentos em jogo entre a saúde, o trabalho e a educação.

O exercício comportou inúmeros movimentos de trabalho e de atenção às experiências vividas. Eixos temáticos delinearam-se para amarrar a proposta da escritura. Divisões de parcerias e coautorias multiplicaram-se, puxando pessoas que já tinham passado por algum ponto, algum fio, alguma ponta do movimento Fórum e experiência Cosate... costurando outras composições e partilhas.

O Caderno de Formação²⁵ em feitura e organizado, aguardando sua chance de publicação por uma das instituições envolvidas no percurso. Este trabalho contou em suas divisões temáticas com toda uma série de debates conceituais sobre saúde, educação, formação e trabalho. Um de seus capítulos, situou a experiência piloto nas escolas, como tática do movimento do Fórum Cosate. Tinha por intuito, não fazer uma descrição modelar ou pretender constituir-se como algo imitável ou replicável, mas sim objetivou constituir-se como estratégia para uma política de narrativa que sustentasse o *contar uma experiência* como solo para a transmissibilidade de forças germinativas.

Além de interrogar: como poderíamos contar, a tantas vozes, passagens sobre uma experiência? Ainda havíamos de construir laços para que a escrita acontecesse, envolvendo os participantes, trabalhadores, pesquisadores, que experienciaram a formação Cosate. Porque já havia nos indicado Blanchot (2013) que narrar é acontecer.

Foram inúmeras ligações, alguns encontros nos quais, para além das mãos e do empenho na construção da palavra coletiva, dividimos pão e café, sustentação de corpos muitas vezes exaustos das rotinas diárias e insistentes no desejo vivo de composição. Foram diversas divisões, esboços, rabiscos. Escolha de cenas, de formas e alimento de forças.

²⁵ BONALDI, Cristiana Mara; CRUZ, Cristiane Bremenkamp; CORREIA JUNIOR, José Agostinho. **Caderno de Formação**: Saúde no Trabalho em Educação. Vitória: Fundacentro (No prelo 2017).

Até que, para fazer caber aqueles que não tinham estado conosco - por razões às vezes óbvias e outras tantas vezes, por contingências condicionais - marcamos um encontro em uma das escolas das Cosates, o CMEI, já no cair do dia e início da noite, para uma oficina de escrita conjunta.

Ao chegarmos na escola, aguardávamos talvez um levante de umas oito pessoas, talvez pouco mais, ou bem menos, esperávamos que as trabalhadoras das duas escolas, que subsidiaram as Cosates estivessem presentes. Duas das pesquisadoras desajeitadas foram à escola. Estratégias itinerantes foram adotadas nesse caminhar muitas vezes.

Ao chegarmos, esperando um pequeno encontro, deparamos-nos com mais de vinte trabalhadoras reunidas em prol da atividade proposta. Algumas haviam participado diretamente do curso de formação Cosate, outras eram trabalhadoras do CMEI. A própria direção da escola, para favorecer o encontro com o maior número possível de trabalhadoras interessadas, taticamente elegeu aquela data como a forma: “formação continuada” e prevista no calendário institucional escolar. Para girar o instituído, é preciso, muitas vezes, fazê-lo instrumento para torcê-lo.

A oficina de escrita pretendia recolher miúdos. O que tivesse ficado da experiência Cosate naquela escola, nas ações que as trabalhadoras conseguiram realizar, nos modos como estavam pensando suas relações e práticas. Naquilo que pensavam e tiravam suas análises, conclusões e sustos.

A proposta pretendia criar um aquecimento para estruturar a forma final do capítulo para a publicação do Caderno de Formação. A oficina teceu-se inicialmente por uma conversa sobre como a escola estava se organizando após a “formação” da Cosate. O eixo disparador do convite foi pensar as articulações que as trabalhadoras faziam entre saúde, educação e seus trabalhos docentes. Após a discussão, partiu-se da leitura de pequenas prosas poéticas como fontes de inspiração para a composição livre das participantes de seus textos e impressões.

Algumas diziam não saber o que escrever. Outras questionaram como aquilo poderia ser trabalho da Cosate, para publicação do tal Caderno, e, como aquilo poderia

articular discussões de trabalho e produção de saúde na educação. Outras escreveram. Algumas se emocionaram na roda de leitura espontânea que se criou após as escritas. Os escritos “livres” foram empreendidos por cada participante da maneira como considerasse melhor. Foram recolhidos na oficina e endereçados aos usos para o artigo do Caderno.

Quanto mais a pesquisadora embrenhava-se na composição, mais ela tornava-se desajeitada e outra: “o homem tem sempre em si um outro de si...” (LLANSOL, 2011b, p. 52). Era como se seu corpo estivesse atravessado por aquelas letras:

A participação na COSATE despertou nesta equipe uma preocupação com aquilo que antes estava oculto no nosso cotidiano. Despertou em nós a consciência de coletividade e de como nossas ações podem afetar nossas emoções e nossa saúde. Despertou também nosso olhar para além dos aspectos físicos e estruturais do nosso local de trabalho. A experiência da COSATE criou o verdadeiro “movimento” dentro de nossa escola em torno das questões relacionadas a saúde do trabalhador da educação. (Diretora do CMEI)

Coloquei um grafite na mão e percebi que ele não dizia o que eu queria dizer. Usei lápis de cor e vi que o mundo não era tão colorido assim. Pensei na borracha para apagar tudo, mas as marcas já estavam cravadas. E o que dizer do papel, ah! É muito limitado para desenhar minha história. Boa ou ruim, alegre ou triste, é a minha história. E a minha sala de aula, e os anos na educação, tudo me faz alegre e triste ao mesmo tempo. Ganhei saúde e doença, durante todo esse tempo. Mas aprendi a não ser indiferente. (Professora do CMEI)

Se a essência deveria ser o nosso caminhar. A essência atende pelo nome CRIANÇA... Conquistas levam tempo, determinação, criação. Cada dia ou mesmo cada problema vivenciado deve ser visto como uma grande conquista, um grande aprendizado. (Professora do CMEI)

O tempo de formação foi de muitas reflexões, muito aprendizado, que fizeram nascer o desejo de ações. Não dava para se omitir, fazer de conta que não nos incomodou. E, veio a necessidade de contagiar mais pessoas. O tempo de convencimento foi angustiante. Muitas vezes me coloquei na posição de observador, e, cada vez mais tinha a certeza de que muitas coisas precisavam mudar. E era possível. Planejávamos uma ação, não dava certo; outra, e, nada acontecia. Mas, a vontade de fazer algo, disseminar as ideias, vencer o fracasso, persistia. Buscávamos apoio para nos fortalecer, valíamos do ensinamento do “trabalho de formiguinhas”, e, seguíamos em frente. Com o tempo, as ações começaram a acontecer. Tivemos momentos fantásticos, surpreendentes que nos sensibilizaram, quebraram barreiras, e, tudo fluiu. Quantos depoimentos foram dados! Quantos sofrimentos externalizados! E as relações interpessoais explodiram! E, que alívio, isso fortaleceu a todos! E o contágio se fez presente. Em meio ao corre-corre dos afazeres do dia a dia, de nossa vida, surge uma esperança de mudanças. Por pequenas que sejam podem surtir grandes efeitos. (Professora da EMEF)

O cotidiano do professor é sobrecarregado de afazeres. Planeja, executa, avalia, media, dialoga, estuda, pensa, repensa, cria, e apaga incêndios! Às

*vezes precisamos de ajuda para olhar o nosso trabalho, para olhar para nós! E precisamos sair da ilha! **Ir para longe para nos ver de perto.** Mas nos falta o tempo para esse exercício... Apesar de tudo isso, todos os desafios, a participação “indireta” na Cosate surgiu nesse “entremeio”. Quando nossos colegas foram convidados a sair da ilha, pensar sobre o trabalho docente, o horizonte de toda uma escola se abriu, expandiu. Por meio da experiência do outro construímos e constituímos a nossa própria experiência. Desse modo, começamos a refletir sobre nossas práticas e como nossas ações no trabalho repercutem em nossa saúde. (Professora do CMEI)*

Um caminho não se completa. Marx chega a falar que, para mudar o modus operandi da máquina capitalista, apenas o operário, e só ele, tem que agir. Isso porque é ele que está no coração do movimento, e só quem entende o pulsar da opressão consegue subvertê-la. Talvez seja um alento. Talvez só teoria mesmo. (Professora do CMEI)

Experiência. Relação com o mundo.

#

Llansol (2011a, p. 29) em seu livro *Finita* afirma que “quem escolhe a palavra, decide o real”. Afirma ainda que sua relação com um livro torna-o outro: “O livro não é, objeto rápido de uma leitura”, pois “dissimula um mútuo: uma época e alguém” (LLANSOL, 2011a, p.29). Assim, produzir uma escrita sobre o trabalho que se realiza convoca-nos a arriscar um traço-percurso, inventado em alguma medida, apostando em suas possibilidades de efetuação, como se aludíssemos ao que nos escreve Llansol (2011a): decidir certo real. Afirmar um trabalho real, possível e ao mesmo tempo, inventado, fabricado, em feitura, como nos diria William James.

Sabedores dos desvios das intencionalidades, portanto, o que ora pode ser indicado aqui se constitui, antes, como apresentação de um plano desejante. Sim, porque trabalhar numa escrita, para ousar dizer uma experiência, torna a relançar a escolha por partilhar algo com outro: situa o caráter relacional da produção.

A escrita-plano opera-se em carta-missiva: Missiva, missus, participio passado de mittere, *enviar*. *Enviar a letra* (FILHO, 2001). *Transmitir* vincular-se-ia a um *passar a letra*, passar ao inconsciente, pelo plano da agitação, da pulsação e da germinação de forças intempestivas.

Passar ao inconsciente remete-nos à questão da transmissão. O que transmitimos, como transmite-se algo? De que modo isso opera? A questão da transmissão liga-se a outras como: a da narratividade, a da tradição, a da pesquisa e da escritura. Ou ainda, a questão sobre a transmissão liga-se às dimensões da história e do testemunho. Portanto, afirmar neste Texto certa perspectiva de memória, experiência e método, inclui tomar a transmissão, ou sua função: a transmissibilidade, como operadores do trabalho que se realiza.

Se a experiência pode indicar, não aquilo que alguém detenha como uma “propriedade”, mas sim aquilo que se insinua como força intempestiva que germina, que carrega entretempos e vozes, que está prenha de um comum de vidas e lamentos e, constitui, portanto, solo imanente de uma vida, do pensamento, ou ainda, de uma experiência de linguagem, bem como de seus limites e de seu fim, pode em última instância transmitir algo. Fazer passar. Colocar a tradição em outro sentido, diferente daquilo que está dado seguramente. Pode tornar a tradição espaço de compartilhamento, sempre em mutação, como uma tênue força messiânica:

Essa reflexão leva a que a imagem de felicidade a que aspiramos esteja totalmente repassada do tempo que nos coube para o decurso da nossa própria existência. Uma felicidade que fosse capaz de despertar em nós inveja só existe no ar que respiramos, com pessoas com quem pudéssemos ter falado, com mulheres que se nos pudessem ter entregado. Por outras palavras: na ideia que fazemos da felicidade vibra também inevitavelmente a da redenção. O mesmo se passa com a ideia de passado de que a história se apropriou. O passado traz consigo um index secreto que o remete para a redenção. Não passa por nós um sopro daquele ar que envolveu os que vieram antes de nós? Não é a voz a que damos ouvidos um eco de outras já silenciadas? As mulheres que cortejamos não têm irmãs que já não conheceram? A ser assim, então existe um acordo secreto entre as gerações passadas e a nossa. Então, fomos esperados sobre esta Terra. Então, fomos dada, como a todas as gerações que nos antecederam, uma tênue força messiânica a que o passado tem direito (BENJAMIN, 2013a, p.10).

Ao retomar a proposição benjaminiana de que somos pobres em experiências comunicáveis, Agamben (2005) aponta que o tempo presente tem seu fundamento no “inexperenciável”. “O que não significa que hoje não existam mais experiências. Mas estas se efetuam fora do homem. E, curiosamente, o homem olha para elas com alívio” (AGAMBEN, 2005, p.23). Propõe em acordo com “o programa benjaminiano da filosofia que vem” (AGAMBEN, 2005, p. 23) preparar um lugar lógico para que este germe possa vingar. Convida-nos a visitar o procedimento que a poesia baudelairiana

coloca em movimento: o da destruição da experiência, ou seja, a retirada da experiência no sentido de pertença a um indivíduo e de sua colocação no prumo de um *lugar comum*, “assim o procedimento exemplar de um projeto poético que visa fazer do Inexperenciável o novo lugar comum” (AGAMBEN, 2009b, p.52). Ou ainda, com Benjamin (2013a, p. 33) podemos afirmar que este lugar comum, a história, ela “é o *choque* entre a tradição e a organização política”.

E assim, a *transmissão germina o incalculável*. Da mesma forma como o passado guarda um embrião de sua futura memória (GAGNEBIN, 2014, p 41).

Mas se é com o choque e com a perda da narrativa em seu sentido clássico que encaramos nossa condição presente, em que medida situaremos a discussão sobre a transmissibilidade?

Benjamin (2015a) retornando à psicanálise, ajuda-nos a içar as velas. A noção de história da qual partimos com o autor, afirma a descontinuidade e o caráter indiciário, como aquilo que seria antídoto para a “doença da tradição” (GAGNEBIN, 2014, p.44). Tal como no caso da criança, o presente passa a ser pleno da intensidade das descobertas. A tradição não pode mais ser aquilo que se deve repetir, mas aquilo a que se rememora, modifica-se e ultrapassa-se, abrindo o curso da história não somente à catástrofe do progresso, mas à redenção do agora.

É apenas uma dobra e um barço. O texto dobra, efeito de colagem. O texto suspende o sentido, à espera de dizer exacto. Há frases que só completei anos depois; há frases que, no limiar dos mundos, não devem ser escritas por inteiro; há frases cujo referente de sentido será sempre obscuro. Se eu pretender escrever um texto sempre limpo – tiraria o traço.

[...]

Deixar o traçado.

Julgo, deste modo,

Que uma porta dá sobre o meu texto.

LLANSOL, 2011b, p.66

O declínio da experiência (*Verfall der Erfahrung*), em seu sentido forte, que indica o compartilhamento da comunidade humana, em cada geração, perde sua força de comunidade viva de ouvintes em pleno exercício da oralidade e reunião. Contudo, as possibilidades de transmissão, como sugere a fábula do vinhateiro, utilizada por Benjamin (2012) em “Experiência e Pobreza”, faz entrever uma transmissão *moribunda*, em que não mais se reconhece apenas as experiências individuais particulares (*Erlebnisse*), como capitais para o *passar a letra*.

Afirmar-se-ia diante disso a dimensão fabulosa do enigma na trama histórica: no limiar de uma palavra ou de um gesto, um resto, que se desdobre de geração para geração, e que diferente da *erlebnis*, pode fazer surgir e romper a vida e morte particulares, concernindo aos que vêm. Algo como o eterno imperfeito, que assinala as dimensões do imprevisível e do indeterminável em produzirem-se. “Uma dimensão que simultaneamente transcende e porta a simples existência individual de cada um de nós. Podemos chamá-la simbólico ou mesmo sagrado” (GAGNEBIN, 2009, p. 50).

Todos aqueles, nos quais encontramos hoje a figura do exilado-refugiado, retornam para nós mesmos, indicando nosso próprio exílio (GAGNEBIN, 2009). O fim das grandes narrativas e nossa experiência e pobreza, remetem-nos à importância da discussão sobre a narratividade. Pois, esta pode, simultaneamente, constituir-se como impossível e necessária, assim como a literatura de testemunho, gênero tristemente construído no século XX, pós-guerra, não tardou insistir e mostrar.

Os fenômenos são salvos de quê? Não apenas – nem principalmente – do descrédito e do desprezo em que caíram, mas da catástrofe, que é representada muitas vezes por um certo tipo de tradição, sua “celebração como patrimônio”. – São salvos pela demonstração de que existe neles uma ruptura ou descontinuidade [Sprung] - existe uma tradição que é catástrofe [...] O conceito de progresso deve ser fundamentado na ideia de catástrofe. Que “as coisas continuem assim” – eis a catástrofe. Ela não insiste naquilo que está por acontecer em cada situação, e sim naquilo que é dado em cada situação. Assim Strindberg afirma (em Rumo a Damasco?): o inferno não é aquilo que nos aguarda, e sim esta vida aqui. (BENJAMIN, 2009a, p.515).

Vozes que conectam diversas outras histórias espalhadas pelo vento, entre gerações e gerações... Não são histórias pertencentes a *um*: interior e individual, mas a *uns*. Indefinidos, com seus impasses, suas táticas, seus sofrimentos, suas palavras... Ressoam *impessoais*. Uma vez que a origem é salto (GAGNEBIN, 2006, 2009, 2014;

BENJAMIN, 2013b). Não é, pois, uma referência ao começo. É afirmação de emergência. Como um alarme de incêndio. São as conexões entre palavras, seus limiares e vestígios, que podem entreabrir portas. Portas para a confrontação do pensamento, numa conversa infinita (BLANCHOT, 2007).

Abrir-se para o que resta inenarrável é assumir a força daquilo que insiste em transmitir-se. O que pode produzir diferença. Não seria esta a possibilidade de uma barbárie positiva: a de se poder fazer algo com as ruínas e com os cacos? “O que há de bárbaro em mim procura o bárbaro cruel fora de mim [...] Há uma linha de aço atravessando isso tudo que te escrevo. Há o futuro. Que é hoje mesmo” (LISPECTOR, 1998, p.38-39).

Então, neste momento, é que se abre a possibilidade de uma outra ideia sobre narração e sobre a transmissão. “Uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas” (GAGNEBIN, 2009, p. 53). Uma transmissão vinculada a uma experiência que oralizada ou poeticada, em verso ou em prosa, acaba por conter os traços daquilo que se insinua, e que mesmo numa escritura inacabada faz passar o incalculável. Uma experiência-caco ainda transmite-se. Enlaça. Faz laços. É, pois, no cotidiano que a transmissão é possível e nele nossa *infância política* apresenta-se como *Fora, um quase nada, que insiste*. Ressalta Agamben (2013, p. 92):

[...] *enquanto nada*, antecipa toda a presença e toda a memória. Por isso, antes de transmitir qualquer saber ou qualquer tradição, o homem tem necessariamente de transmitir a sua própria *distração* [...], pois só nela se tornou possível qualquer coisa como uma tradição histórica concreta.

Em toda vida existe qualquer coisa de não vivido, da mesma forma em toda palavra existe algo que fica por exprimir. Algo como aquilo que nunca foi, e sem que queiramos, marca nossos rostos e transfigura-se (AGAMBEN, 2013).

O narrador-sucateiro leva adiante uma luta contra o esquecimento. Com isso, a transmissão continua a operar-se paradoxalmente no inenarrável que carrega: “numa fidelidade ao passado e aos mortos, mesmo – principalmente - quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido” (GAGNEBIN, 2009, p 54).

Essa cesura, essa interrupção, força-nos a não ceder diante do horror. Não no sentido de uma produção mercadológica de uma empresa da memória, ou de uma boa vontade piegas, como realça Gagnebin (2009), numa celebração vazia e confiscada pela história oficial. Mesmo porque a fidelidade ao exercício de rememoração do passado visa a transformação do presente. Visa produzir um sulco no curso do progresso catástrofe, por onde possa desmoronar a ordem totalitária.

Mas não ceder ao horror trata-se antes de empenhar resistência, em luta, contra o esquecimento dos vencidos. Fazer exercícios de palavra na direção do narrador-sucateiro, em nossos campos de atividades e cotidianos de trabalho, para restabelecemos o espaço simbólico no qual se possa articular o “terceiro”, ou seja, aquele que não faz parte do círculo infernal do torturador e do torturado, do assassino e do assassinado, consistindo naquilo que fica *fora* do par mortífero algoz-vítima e que confere outros sentidos ao mundo (GAGNEBIN, 2009). Ou como nos sugere Ferreira (2011), empenhar lutas que contem outras versões da história, da história menor, relança-nos a “compreender as possibilidades imanentes ao contexto em que se encontra, com vistas à definição de uma nova dignidade, aquela que se assenta no reconhecimento de nossa pobreza” (FERREIRA, 2011, p.124).

Os ouvintes que procura Primo Levi nas tentativas de inscrever algo de seu testemunho, como exercício sobrevivente de contar sobre o que se passou nos campos de concentração, vão embora. Negam-se ouvir os restos sobreviventes, relegando as experiências ao esquecimento, o que concorre para a manutenção do horror: “não querem saber, não querem permitir que essa história, ofegante e sempre ameaçada por sua própria impossibilidade, os alcance, ameace também sua linguagem ainda tranquila” (GAGNEBIN, 2009, p.57).

Porém, a recusa do passado também abre as comportas de sua repetição infinita. Pois, testemunhar os restos, rastros e ruínas, faz experimentar a produção da diferença. Assim, seria preciso afirmar a testemunha como aquela que não vai embora. Que consegue suportar as histórias, não por compaixão ou culpabilidade, mas sim porque a condição de afirmar um *ethos comum* nos colocaria frente a uma forma de empenhar o vivo em sua vertiginosa mutação.

Necessário, então, cultivar a atenção. Em tempos de artificialismos de toda ordem, das urgências de pesados moinhos de vento (BENJAMIN, 2009c; 2013c), uma experiência-caco, em ruína, pode advir de uma temporalidade comum, acessada oportunamente, por partilhas de torrão de açúcar: “Oh, coluna da vitória, tostadinha, polvilhada com o açúcar invernal dos dias da infância” (BENJAMIN, 2013c, p. 69). Em verso ou em prosa, numa híbrida experimentação da língua.

Eis que assim, o *Fora* é salto. *É narrar quando não há anterioridade. O real é salto.* Esta *ação* que joga com o real anuncia: é preciso enunciar. Verbo-osso. Para fazer carne, corpo. O real insuportável, tantas vezes. Vem. Arrasta. Eleva. Murmura. Silencia. Escapa. Insurge. “O que vem é imprevisto” (LISPECTOR, 1998, p.44).

Se como nos lembra Barthes (2004b) somos muito mais pedaços de linguagem do que inteirezas, e esta insondável condição nos coloca no prumo indiscutível do caminhar embaraçoso, nossa indigência não delimita uma mordança inescapável, mas viceja a trama de conexões às quais estamos ligados.

Nesta direção, o real não figura dados incontestáveis. O real são práticas que articulam modos de dizer, modos de fazer, modos de existir, modos em feitura e escape. Nossa condição de inacabamento, mostra-nos que *devimos*. Assim, apostamos num *real que vem*, não como futuro posto, horizonte dado, e sim como aquilo que movimenta realidades invisíveis, forças que se desdobram e ressoam infindáveis. Nossa fenda, cesura, nossa história-ruína, nossa vértebra quebrada é também nossa impronunciável expansão.

6 O MOVENTE E O ATURDIDO: POR UMA LÍRICA DE BARRO E UM PESQUISAR INSURGENTE

De todo o movimento que se empreendeu nos embates e processos coletivos que vivemos, de modo particular, o que se delineou como nossa capacidade de articular luta política por meio da experiência Cosate? E como isto funcionou?

O movente plano dos afetos situou pista: a Cosate como dispositivo de rede, de conversação e produção de comum, atualizava a inteligência estratégica (COMITE INVISÍVEL, 2016), ao fazer da partilha seu modo de operação. Colocava em situação, em experimentação, os corpos em uso. O fomento de canais de conexão e encontro. Não enfatizamos as deliberações do movimento-fórum. Atestávamos mais seu modo de fazer rachar posições estéreis e procurar, cavar, potenciais passagens, fendas, circuitos, atalhos: “e a insurreição é, antes de tudo, feita por aqueles que não são nada, por aqueles que se encontram nos cafés, pelas ruas, na vida, pela faculdade, pela internet” (COMITE INVISÍVEL, 2016, p. 50).

Não era o governável que encontramos muitas vezes. Era seu avesso: o ingovernável como pronúncia. Era o processo que contava mais. Estarmos reunidos.

Foi por astúcia que não cedemos de encontrar, deslocar, insistir, quebrar, bifurcar, forçar. Não porque sabíamos previamente algo. Não porque pautamos o encontro na deliberação e no mito da assembleia (COMITE INVISÍVEL, 2016). Reunimo-nos para insistir. Para proliferar o invisível, até que ele saltasse.

Não dizemos com isto que qualquer reunião de pessoas, de forças – a bem da verdade – baste para que algo aconteça. Não dizemos que nossa aposta na conversação possa resolver coisas. Não se trata disto. Trata-se de perseguir o acontecimento, como nos lembra Badiou (1995), num exercício de fidelidade a uma produção ética de encontrar meios que fissurem as “existências superequipadas” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 34).

Tal como nos indica o Comitê Invisível (2016, p. 72) quanto aos levantes ao redor do mundo deflagradas desde 2008, “aquilo que uma assembleia atualiza é simplesmente

o nível de partilha existente...”. Em analogia consideramos: é isto o que pôde a Cosate: “os insurgentes nunca são a maioria” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.63). A insurreição guarda sua força exatamente em sua carga explosiva, que se aproveita do vazio da deliberação, que segue sem sossego a “milagrosa aptidão dos vivos para habitar, para habitar o próprio inabitável: o coração das metrópoles” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.73-74).

Nas metrópoles ou nas cidades-exploratórias, nas cidades passagens, encontramos. Em meio ao áspero cotidiano de precariedade produzida em larga escala, como obra e não somente como efeito, pela lógica canibalesca do regime neoliberal, querem nos obrigar a viver e a trabalhar, a encontrar e morrer, assim: como bestas ávidas ou apocalípticos zumbis. Mas zumbis não são os que virão, como sustenta a racionalidade ocidental fabricada para manter a ordem na desordem (COMITÊ INVISÍVEL, 2016). São os que estão aqui e agora e que estão atomizados. Não temos outro tempo. Temos este.

Mas se temos os mortos-vivos de agora, temos também *os povos por vir*. Os devires-revolucionários (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 52). “Porque aquilo que se viveu brilha de tal forma que aqueles que o experienciaram se tornam fiéis, não querem se separar disso; pelo contrário, querem de fato construir o que agora faz falta à sua vida de antes” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.52-53).

Não à toa, Benjamin (2015a) inicia o trabalho sobre Baudelaire fazendo uma citação de Senancour em que este último anuncia: “Uma capital não é absolutamente natural para o homem” (BENJAMIN, 2015, p. 11). Baudelaire conhece a indolência natural da inspiração. Seu contato com o mundo burguês produz as inversões irônicas, daquele que conhecendo as pretensões e aspirações do mundo intimista do veludo, apreende alguns valores destas para invertê-las e quebrá-las ao meio, na medida mesmo em que parece “comprá-las”. Operando de dentro do “sistema” burguês sua própria corrupção. Corromper a lógica: na medida em que se passeia entre os interesses burgueses, opera-se o secretismo exagerado do conspirador. Há sempre conspiradores por todos os lados (BENJAMIN, 2015a).

Assim que a cidade não é obra natural, mas obra dos homens *em luta*. O apreço bizarro de Baudelaire por alguns temas, com sua lírica de barro, tecida nas ruas da cidade, pode situar-se como a própria *atitude moderna*, exatamente no que esta mantém sua posição de inconformista.

A figura do flâneur em Baudelaire não é tanto um autorretrato, diz-nos Benjamin (2015a), é mais *um estado de devaneio*. Há no flâneur um prazer de olhar. Um passear na cidade, entre as passagens-panorâmicas, como um verdadeiro botânico do asfalto. “Tudo desfilava e era visto...” (2015a, p. 38). As passagens, essas invenções do luxo industrial, essa arena das pequenas profissões, são o intermédio entre a rua e o interior. Usá-las, fazê-las passar, colocá-las em caráter inverso à corrida da indústria e do comércio burguês, por meio da flânerie é artifício do esgrimista das palavras: “Nos artifícios da sua prosódia, Baudelaire, poeta, imita o choque que suas preocupações lhe provocam e centenas de ideias com que as contra-atacava” (BENJAMIN, 2000, p. 9).

A atenção aos detalhes, a constância do trabalho e a preocupação com os restos mínimos, com as sobras do sistema industrial, como exemplifica o trapeiro alegórico, transparecem na flânerie, fazendo da rua o refúgio cada vez mais buscado.

O nosso insistir com um Fórum itinerante era para fazer flunar nossa astúcia-afirmação: conclamar pequenas conspirações, entranhadas no solo

O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto, canto que é meu e teu, evola-se um halo que transcende as frases, você sente? Minha experiência vem de que eu já consegui pintar o halo das coisas [...] Se tomar conta do mundo dá trabalho? Sim. Por exemplo: obriga-me a me lembrar do rosto inexpressivo e por isso assustador da mulher que vi na rua. Com os olhos tomo conta da miséria dos que vivem encosta acima. Você há de me perguntar por que tomo conta do mundo. É que nasci incumbida. Tomar conta do mundo exige também muita paciência: tenho que esperar pelo dia em que me apareça uma formiga.

LISPECTOR, 1998, p. 48-60.

concreto da escola-rua: “Coisa que a gente pode estar espalhando” (Professora do Cmei); “O que mudou? É que a gente começou a se antenar, questionar...” (Professora do Cmei); “Trabalhar com o que temos” (Professora da EMEF); “A gente tá se infiltrando... A secretaria tá lá parada” (Professora do Cmei); “Não é chamar ninguém de fora... São nossos relatos, não precisa de ninguém vir falar, dar palestra” (Professora do Cmei); “A gente como disseminador” (Professora do Cmei); “As coisas não são separadas. Saúde e condições de trabalho, salário, estão juntos” (Professora da EMEF); “O processo pra gente não morreu. Tem chama ainda” (Professora do Cmei); “A gente tá aqui confabulando com olhares” (Diretora do Cmei).

No trabalho passante do flâneur, a necessidade impõe-se como virtude e torna a miséria força de produção poética. “A rua transforma-se na casa do flâneur” (BENJAMIN, 2015a, p. 39) e a vida transparece em sua inesgotável riqueza de variações.

Desta mesma forma, tecemos nossas conspirações: “vejam como nós, nós os ínfimos, nós os poucos existentes, nós os humilhados, estamos muito além dos miseráveis meios pelos quais vocês conservam fanaticamente seu poder decrépito” (COMITÉ INVISÍVEL, 2016, p.56). Há algo de soberania no vivo.

Benjamin (1992) utilizou-se da figura alegórica do *trapeiro* para afirmar a dignidade de recolher miúdos. Do *justo* como aquele que é também o anônimo e sobre o qual repousa o mundo, como adverte Gagnebin (2009). Ou ainda, elevou a figura do *moribundo*, que em seu leito de morte, depara-se com a narrativa possível e acaba por reencontrar o justo: “é a forma na qual o justo se encontra a si próprio” (BENJAMIM, 1992, p.57). Nesta direção, a aposta com uma pesquisa conversação, que versa enquanto produz seu próprio agir, suscita o ensaísta a ressaltar o inusitado que o ínfimo, o perene, o inaudível, o ocaso, criam: “o bom escritor não diz mais do que pensa. E isso é muito importante. É sabido que o dizer não é apenas a expressão do pensamento, mas também sua realização. [...] Por isso, o seu escrito não reverte em favor dele mesmo, mas daquilo que quer dizer” (BENJAMIN, 2009c, p. 268).

Trabalhadores abestalhados e desajeitados. Escreventes. Insurgentes. Infames.

Seria a flânerie antídoto aos antolhos, para os animais urbanos de vistas estreitas? A imagem do poeta esgrimista reflete o gesto heroico de Baudelaire. O autêntico heroísmo de que esta sociedade ainda é capaz. Isto significa, como destaca Benjamin, que para viver a modernidade é preciso uma posição heroica, o que se está sublinhando com isso não é a renúncia e a dedicação típica do romantismo, mas sim a força da decisão, da ruptura, como se apresenta em Baudelaire e Balzac (D'ANGELO, 2006).

Para nós, tudo nos suscita na sustentação de manter a pergunta: qual a forma desejável de vida que queremos afirmar? Uma vida digna de ser vivida. E se não se trata de erigir uma vida plena, em completo estado de plenitude, trata-se então de assumirmo-nos juntos na nossa condição comum (COMITÊ INVISÍVEL, 2016). Não uma condição que enseje o totalitarismo do UM, ou do nós (“Comum-unidade”). Mas uma dimensão de comum, como *ethos* da variação minúscula, da passagem de diferentes fluxos e forças.

A resistência está em romper com o que nos impõe a sociedade capitalista, do ‘progresso’, em suas justificativas dos sofrimentos do presente, pautando uma esperança vazia de condições futuras melhores, como nos sugere Ferreira (2011). O que fica demonstrado pelas análises benjaminianas da história e do tempo é que o futuro é aquilo que se perde.

Para tanto, o único tratamento possível é suspender os nexos causais entre as temporalidades hegemônicas (FERREIRA, 2011), ou nos apontamentos de Gagnebin (2009, p.89) referindo-se a Benjamin, em “Infância em Berlim”, encarar que o passado é atravessado pelos signos que o futuro esqueceu na nossa casa.

Os movimentos do Fórum Cosate colocaram essas questões no centro dos debates sobre a produção de saúde na educação. E ao adotar as estratégias itinerantes, efetuou certa flânerie. O Fórum rompeu regras sociais e tencionou diversas vezes as saídas instituídas, esburacando engessamentos postos. Outras vezes, repetiu máscaras sociais, em movimento conspirador. Não por consciência ou intencionalidade de seus participantes. Mas por efeitos dos debates realizados, que ao deslocar as tomadas de decisões e recolocar problemas e alternativas, criava

zonas de manobras. “*Chato... dizer ‘ah é assim e pronto. Não tem jeito’ Trabalhador fica matutando*” (Professora do Cmei); “*Possibilidade real de mudar alguma coisa*” (Professora da Emef); “*Precisa-se de tempo para as pessoas aderirem*” (Professora da Emef); “*Pedimos para falar com todos, pelo menos cinco minutos. Conseguimos*” (Professora da Emef); “*Trabalho de formiguinha, trabalhar com o que temos*” (Professora da Emef).

Isto nos remete às transfigurações que faz Baudelaire, conforme nos mostra Benjamin (2015), quando desafia as regras do jogo social. O poeta tenta salvar-se da corrosão mercantilista. Assim, como nos sugere D’Angelo (2006), o esforço interpretativo em desmascarar Baudelaire é inútil, já que são suas máscaras, suas contradições e tensões internas que mostram o caráter de sua materialidade histórica. É preciso revelar a luta que se trava no interior da linguagem.

O apontamento de Benjamin (2015a) em sua análise do flâneur em Baudelaire, destaca a submissão do jogo político ao jogo econômico a partir da ampliação do aparelho democrático, por meio de seus dispositivos-tentáculos: a extensa rede de controles; a complexa rede de registros das massas nas grandes cidades; o servilismo e o isolamento desesperado das pessoas nos seus interesses privados; a massificação dos clientes, “sagrada prostituição da alma”; a produção da indiferença brutal e a centralização colossal das pessoas em centros urbanos; bem como o fortalecimento dos Estados totalitários e de uma economia de mercado que junta a massificação de seus clientes em todos seus projetos “como um ‘destino’ em que a ‘raça’ se reencontra” (2015a, p. 65).

Na máscara do flâneur, Baudelaire – segundo nos aponta D’Angelo (2006) - é ator e espectador, como a prostituta, que “em hipotástica união é vendedora e mercadoria” (D’ANGELO, apud BENJAMIN, 2006, p 63). Desafiando a divisão do trabalho, a operosidade e a eficiência do especialista, o flâneur deambula. Diante do efeito narcotizante que a multidão exerce sobre Baudelaire, o poeta em sua flânerie consegue penetrar a alma de um outro no sobressalto da rua. A privacidade em meio ao espaço público, torna a operar uma inversão tão frágil como engenhosa: combinar movimentos da alma ao ritmo da vida moderna.

A vadiagem pela cidade como elemento central da flânerie, já que o flâneur é aquele que não se integra na sua própria sociedade, entretanto faz-se nela e com ela. O flâneur, “ocioso, deambula como uma personalidade” (BENJAMIN, 2015a, p. 56) e protestando contra o dinamismo excessivo das cidades, agrada-se do bom-tom das tartarugas nas passagens... deixando que estas lhe ditem o ritmo da passada.

O flâneur, este homem abandonado no meio das multidões, situa-se como a mercadoria. “O transe a que se entrega o flâneur é o da mercadoria exposta e vibrando no meio da torrente dos compradores” (BENJAMIN, 2015a, p. 57). Na sua errância, o flâneur se move entre o sinuoso caos das velhas capitais, o que o torna o guardião do limiar. “Da ilusão social de que a multidão é espelho” (2015a, p. 68) o herói é a figura desse ideal. Tal como o filósofo, o poeta interessa-se por esta errância cidadina.

Lembramos, por exemplo, que mesmo que o Fórum Cosate tenha se empreendido com diversas parcerias, e algumas delas, “representantes” do Poder institucional: Ministério Público, Secretaria de Educação, Conselho Municipal, Sindicato de Professores, somente para elencar algumas, a força dele não se circunscrevia nas formalidades destas articulações, mas nos seus avessos.

Uma cena. Quando o processo de debate dentro das duas escolas pilotos se iniciou para a experimentação das Cosates na EMEF e no CMEI, o “Ministério Público”, por meio de uma *antes* parceira *do que até* promotora, compareceu em uma das escolas com outros membros do Fórum nas reuniões para a eleição da comissão. Mas, o inusitado é como esta ‘figura’ adentra a escola. O “Ministério Público” enquanto institucionalidade pura não aparece. É uma outra aparição o que se mostra: vestida com a camisa do Brasil, pois era Copa do Mundo, a promotora com unhas pintadas nas cores da bandeira chega à escola com os demais participantes. Não é o ‘Poder’ que entra.... são poderes em extensões de cor e desejo de composição.

Sugere-nos Gross (2010) que o deambular, a flânerie, pressupõem três elementos em articulação: a cidade, a multidão e o capitalismo. As novas concentrações urbanas, no caso das cidades, a partir do século XIX, alteram a paisagem dos passeios, e de um momento a outro tudo pode mudar. O segundo elemento, a multidão, transforma o outro em concorrente, o ritmo dos encontros-desencontros é ditado pela exaustão

do trabalho e pelo isolamento dos transeuntes. O anonimato é a regra e o choque é reconhecer. O terceiro elemento, o capitalismo, é o reinado da mercadoria, a mercadorização do mundo.

Contudo, o flâneur é subversivo. É a flânerie que permite reconhecer que somente o mergulho na multidão faz o poeta tornar-se moderno. “Subversão não é opor-se, mas contornar, desviar, exagerar até deturpar, aceitar até ultrapassar. O flâneur desvirtua a solidão, a velocidade, o atarefamento e o consumo” (GROS, 2010, p. 179).

Como afirma Benjamin (1992) se nada daquilo que alguma vez aconteceu deve ser considerado perdido, cabe-nos atentar com confiança, coragem e astúcia, para aquilo que vive e urge na extensão do tempo. História-vento. “Talvez no próprio instante em que se abre, fala já no vazio” (BENJAMIN, 1992, p.159).

O *rostro da história*, indica-nos Benjamin (1992), afasta-se da versão oficial, hegemônica da leitura interessada do vencedor. “Só podemos reter o passado como uma imagem que no instante em que se deixa reconhecer lança um clarão que não voltará a ver-se” (BENJAMIN, 1992, p.159).

#

Numa das reuniões do Fórum, em que trabalhadores aturdidos encontravam-se em conversação, antes do último encontro do curso de formação das Cosates-piloto, uma irradiação propulsora de força e alegria manifestava-se com as tentativas de levantamento de indicadores sobre tudo o que em cerca de três anos de insistência se havia produzido.

Nesta reunião realizada em dezembro de 2014, estavam presentes pesquisadores do PFIST; trabalhadores da rede de educação de Serra/Es que vinham de variadas escolas municipais, inclusive das rurais e incluindo algumas das professoras da EMEF e do CMEI que participaram da experiência-piloto; das escolas da rede tínhamos professoras, diretores, coordenadores e pedagogas; contamos ainda com trabalhadores da secretária de educação; Ministério Público; Sindicato e Fundacentro.

A pauta deste Fórum, que era o último do ano e que se deu alguns dias antes do último encontro na Fundacentro de avaliação do curso de formação com as equipes das Cosates, elencou e objetivou o levantamento de indicadores sobre o decurso da formação efetivada para subsidiar a composição do Relatório das ações que seria entregue em 2015 a Secretaria Municipal de Educação de Serra, solicitando a extensão das Cosates.

A reunião pretendeu fazer o exercício coletivo de análise dos efeitos dos encontros do Fórum Cosate e dos desdobramentos do processo de formação para os membros das comissões na EMEF e no CMEI, visando retirar do encontro os veios de continuidade e prosseguimento para ações subsequentes. E ainda, consistiu na elaboração de um ofício – assinado por representantes do Fórum a ser entregue também à Secretaria – requerendo que algumas das professoras membros das Cosates constituídas, permanecessem nas escolas em que se encontravam, visto que elas eram profissionais de designação temporária e podiam na virada do ano, não permanecerem nas comissões recém-formadas.

O Fórum muitas vezes encaminhou ações protocolares fazendo usos táticos de seus recursos e dispositivos, como a assinatura e encaminhamento de ofícios e requisições, com as instituições parceiras, como Sindicato, Ministério Público e Fundacentro. Entendendo tais ações como vias de registro do movimento constituído por trabalhadores diversos, interessados em assegurar, dentro do próprio poder governamental, chances de permanências, lutas estendidas e diálogos com ganhos concretos.

Com isto, não se perseguiu apenas usar a máquina governamental de forma institucionalizada para as tratativas e continuidade das lutas, mas sim e muito mais, esburaca-la e fazer correr novos arranjos de enfrentamento das formas institucionalizadas de poder e apostar na conexão de redes quentes para mobilização dos poderes capilares: “assumir a guerra que está aqui, agir estrategicamente pressupõe que se parta de uma abertura à situação, da compreensão de sua interioridade, do domínio das relações de força que a configuram, das polaridades que a trabalham” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 176).

Esses jogos, apostas e usos táticos não são absolutamente previsíveis, nem tampouco apriorísticos. Dão-se em curso, ao mesmo tempo que forçam freios na escalada abrupta do progresso catastrófico, como apontou Benjamin (1992; 2012) nas teses sobre a história.

O que registramos das conversações, em modalidades distintas, registros orais, registros escritos, anotações nos diários de campo, no corpo pelos encontros, são passagens que movimentaram nossos estranhamentos diante de algum movimento coletivo. Por isso, nosso corpo pesquisador é desajeitado, vai cambiante, tentando tatear aquilo que o fez surpreender, balançar o pensamento, nas tentativas de compreensão situada.

Os fragmentos orais dos trabalhadores que se seguem, mostram-se.

Então, porque, se a gente pensar nesse tipo de indicador numérico tido mais como objetivo talvez a gente não consiga, mas eu acho que a gente está falando de outra concepção de saúde [...] porque todo mundo aqui pode ficar doente de uma hora pra outra, a questão não me parece ser essa exatamente, mas como se pode indicar por exemplo a satisfação de um trabalho, a organização do trabalho, as mudanças, porque quando a gente fala de um trabalho que pode ser modificado pelo próprio trabalhador, isso gera uma satisfação porque a gente ouve o tempo todo hoje que na hora do aviso a gente ouvi isso de novo, como que gera sofrimento quando você tem uma gestão verticalizada, uma gestão que é dita como autoritária, em que você não participa da construção do seu próprio trabalho, das próprias normas, das próprias regras que você não tem tempo pra ver os colegas, uma organização do trabalho [...] Eu me lembro da Penha falando assim, do quanto o fórum, não é nem a Cosate, antes da Cosate ainda, quanto o fórum possibilitou ela, como diretora de pensar as abordagens das questões de saúde do trabalho. Outro indicador, eu acho, é de vários professores que já passaram por aqui, e demonstraram interesse. E teve o Antonio, por exemplo, que pagava substituto do próprio bolso para poder participar do fórum, e a partir da presença dele a gente pode discutir de novo a importância de, por exemplo, garantir carga horária, isso é imprescindível para discutir saúde do trabalhador. Essa é uma das questões já do trabalho, falta tempo para você poder encontrar os colegas da escola, de pensar juntos as questões, o trabalho é muito individualizado. Acho que outros indicadores também são a presença de outros professores que já se encontraram nesse espaço, um lugar, para colocar suas questões, suas queixas e discuti-las, e encontrar um meio para não ficar só na queixa, mas, um meio efetivo e coletivo para lidar com isso. Para mim isso já é um indicador da Cosate, quando é sofrimento de trabalho e encontra um espaço coletivo, para lutar e modificar o sofrimento e para modificar as condições do produto desse sofrimento. Então assim, esses são alguns indicativos que para mim que são importantes, e por último para mim e, sobretudo esse processo de criar espaço para pessoas poderem participar da gestão. Porque a gente fala tanto em gestão participativa, gestão democrática, mas, quais os espaços para se efetivar? Quando você está individualizado no trabalho, e você está hiper atarefado de trabalho, você não tem tempo para discutir isso estas coisas são no automático. (Pesquisador do Pfist).

O ponto chave já colocava desde o início quando eu iniciei aqui no fórum, a gente colocava, falta esse espaço neste processo de trabalho, falta este espaço, no meu ver é o principal indicador. Que quando, mesmo as meninas lá do Manoel Carlos que a gente via uma dificuldade, já no Olindina a gente via uma facilidade um pouquinho maior, pela organização do trabalho lá. Eles têm àquela hora final, então eles se encontram, essa comunicação flui lá. Na EMEF como temos o projeto piloto no Manoel Carlos, eles encontraram um pouco mais de dificuldade, eles colocaram lá na formação, em várias formações, porque falta esse espaço, pelo menos essa hora final, essa meia hora final de encontrar todos, então não flui, essa comunicação para ali, então ela ficava com as pessoas que estão lá ficando na formação precisando repassar. O dia que deu uma paradinha que o CERESTE esteve lá, que a colega esteve, foi excelente. Nossa! Quantos professores e educadores estavam envolvidos, porque? Por que pararam e ouviram, é verdade é isso que a gente quer, mas não tinham encontrado esse momento ainda (Fonoaudióloga da Rede Municipal de Serra).

E só a partir daquele momento que eles começaram a acreditar que nós estávamos aqui realmente fazendo alguma coisa e preocupados não só conosco, nós não estávamos matando aula, estávamos aqui trabalhando em benefício de todos (Professora da Emef).

Como a gente vai falar de indicador, e a fala dela é de indicador, como participante do fórum, foi uma convocação feita pelos diretores em documento, aí como os diretores não puderam vir, me perguntaram se eu poderia vir, eu vim e fiquei, ele falou comigo, nossa você gostou mesmo de vir hem, risos. Mas a minha fala vai neste sentido que mesmo os profissionais que não estão aqui, quem vem possam levar isso para a escola e oxigenar o processo. Ontem nós fizemos um pré-conselho de classe e uma das professoras que teve o período mais longo de licença médica na escola, a professora estava muito ansiosa e angustiada porque ela passou um período fora da escola em licença médica e aqui na arte era uma das que iria reprovar ou não o menino [...] A angústia da professora foi toda neste sentido, quando ela foi se ausentar porque a cadeira era dela, dela bater o martelo que o menino ia ser reprovado [...] Então, eu comecei a perceber de como isso tem a ver com a aprovação e reprovação do menino e influi diretamente na questão da família. Então assim, a grosso modo ali na hora eu comecei a perceber que todos os professores que entraram de licença médica este ano estavam com dificuldades de fazer avaliação final do aluno [...] E lá na nossa escola isso ficou bem latente na reunião de ontem, e eu percebi com clareza porque eu venho participando do fórum tanto teórico quanto prático e ter esta observação e essa colocação e provocar no grupo essa reflexão ontem de rever determinadas posturas na escola, de dados pedagógicos, até da avaliação ao aluno a minha ausência ou permanência na escola pelo processo de doença, e eu levantei este aspecto porque a família, como eu sou coordenador, a família vem muito para o coordenador, então isso eu volto para família exatamente quando a família vai à escola. Você tem que ver o professor como trabalhador, que adocece, então muda o foco de entendimento da família neste processo. Ah! o menino ficou reprovado ou aprovado, é o professor que está faltando muito, então muda a cultura do pensar ali naquele aspecto quando você amplia a discussão. Felizmente o fórum não deu esta reflexão de estar levando para escola estes elementos que tem oxigenado o trabalho, tem diminuído esta ansiedade do professor, não eu não posso, porque se tirar uma licença como vai ficar este processo. Enfim, então são questões que são importantes de discutir na escola e agora no final do ano, inclui a questão do rendimento escolar do aluno da aprovação e reprovação que teve um processo todo no ano todinho. E ontem isso na escola foi tão claro como a saúde do trabalhador influencia na aprovação e reprovação do aluno, foi muito claro isso, e eu acho que é uma questão que quando vai como produto indicador nestas escolas, até dar uma pesquisada nisso. Isso favoreceu até a professora, que diminuiu a angústia que ela estava, porque

ela até chorou, porque cabia a ela ali bater o martelo daquele menino na reprovação dele, mas, que depois da minha fala ouve assim (suspiro de alívio). Então assim, nós temos mais uma semana de pela frente ainda, vamos analisar estas questões, vamos chamar as famílias, conversar, vamos dialogar, vamos argumentar, vamos ter estas ponderações, estas argumentações, aí sim, é uma posição junto com a família, que vai junto com a escola referendar. Não sei se uma semana a gente pode conseguir isso, mas pelo menos ontem, todos os funcionários que estavam ali, quando foram embora para suas casas, foram mais tranquilos [...] Eu quis assim ampliar numa concepção maior, escola, eu sempre na minha sala, dentro da minha prática eu tenho essa preocupação de estar com a família, de estar junto com a comunidade, porque a escola ela não está ali sozinha, ela tem a família, ela tem a comunidade, a comunidade daqueles que não estudam na escola, então você tem que fazer uma união, você tem que buscar estes elementos, então ali ela atende, na maioria das vezes em algumas situações você não tem como quantificar, mas eles estão ali, pulando na frente, e volto a enfatizar, eu só tive esta análise ontem, e estou fazendo esta análise hoje porque estou participando do fórum, senão eu não teria elementos, talvez botava até mais lenha na fogueira né, risos. Culpabilizava mais, mas, felizmente o fórum me propiciou isso (Coordenador de uma Emef da rede municipal).

No começo eu senti muito todos colocando seus problemas, individuais, olha eu tenho problema vocal por causa disso. Eu senti, dos dez encontros que a gente teve, cinco presenciais e cinco de dispersão, uma mudança desse foco do individual da pessoa, para uma coisa mais coletiva, mais institucionalizada, eu senti um formalismo, um processo de legitimação num espaço coletivo ali, das Cosates, das que estavam presentes da escola, e da outra escola. A gente observa isso também uma mudança de processo, porque os problemas que foram apresentados e trabalhados pelos professores desses encontros, não eram problemas nossos, eram já conhecidos por eles, e aquele processo de reunião ali ajudou eles a tocar e concentrar a ação neles, então é uma mudança de processos, mais do que resultado de processo, de um professor crônico, uma situação crônica, de você mudar o processo e lá na frente a solução vai vir com certeza, e a mudança desse processo também que ser crônica pra conseguir uma mudança. Eu senti alguma coisa nessa mudança de trajetória, de resultados e variações, uma velocidade dos processos, quando os professores começam a trazer instrumentos propostos por eles para olhar a saúde de outra forma, então eles criaram entrevistas, ou questionários para os outros professores e para os outros profissionais da educação, cozinheiras, etc., que é um modo de funcionar de comissão, não é mais uma lamentação, então tem os instrumentos criados pelos próprios professores inclusive, para eles, que serve mostrar o funcionamento da Cosate, então isso me deixa feliz. Do meu ponto vista o maior resultado é que esta comissão, que isso possa depois, este impulso de criação possa se multiplicar (Pesquisador da Fundacentro).

[...] Tanto o processo de aprendizagem, quanto o processo de saúde, os dois estão integrados, de saúde do professor, às vezes de saúde do aluno também, saúde mental, porque às vezes quando o aluno está despreparado, despreparado não, mas na verdade, quando o processo tudo o que tem acontecido, da pedagogia, das políticas que vem colocar, engessar aquele aluno, aquela pessoa, causa também um prejuízo a dinâmica da identidade do desenvolvimento dela, então levando essa discussão para dizer, ninguém é vítima, ou então, todo mundo é vítima, porque todo mundo tem uma participação, porque com isso a escola é uma micro representação do que está acontecendo na nossa sociedade, e a gente diz isso porque todas aquelas coisas que a gente fala, vê e escuta que estão adoecendo e matando também nas empresas privadas, elas tem migrado, as técnicas, as políticas de meta, de produtividade, de avaliação quantitativa, pro público, e às vezes assume o profissional acaba assumindo quando pode assumir, quando não

se discute, essa culpa que às vezes a gente vê até na mídia, o professor, a educação vai mal, o pai também, as famílias falam, não estão educando bem, mas que família é esta? Como é composta esta família deste aluno? Às vezes é uma pessoa quando constrói, na maioria é o gênero mulher que está aí para educar economicamente, com sua economia e também com seu afeto, com mesmo três ou dois filhos e tendo que trabalhar doze horas e quando volta para casa ainda, tem as questões relacionais com o filho. Então para tudo isso eu acho que é legal que exista esta comissão, eu acho que a saída é estar conversando com eles, esta problemática, este mundo que está se dizendo incluindo o profissional, o gerente, todos os líderes, o aluno, a família, a comunidade em geral. Eu acho com isso, que a Cosate é a esperança (Trabalhadora da rede municipal de educação).

Eu queria chamar a atenção para dois pontos que tanto o Jésio quanto o Fábio colocaram que é fórum, e também um pouco da questão do Antonio, que uma vez a gente saiu daqui conversando, Antonio é um professor de Jardim Carapina-Serra, inclusive ele nem está vindo no fórum, ele estava falando muito na direção que o Mário coloca, o quanto que o fórum estava sendo importante na vida dele, como processo formativo mesmo, ele estava enxergando o mundo de outra forma [...] e Jésio lembrando a figura de Antonio, veio acionar esta questão no fórum e resgatando tantas coisas que a gente discutiu aqui nestes dois anos, quantas coisas também que nos levou a estar buscando informações, buscando meios que nos fazem sentir as questões e a questão da saúde do trabalhador [...] eu acho este espaço preciso, tem possibilitado espaços de diálogo, de falas, de interação e de compartilhamento, porque eu não faço nada sozinho, sai do individual para o coletivo (Pesquisadora do Pfist).

A gente tem uma formação que é continuada dentro da escola quem participa do processo da progressão. Uma das propostas nossa para o ano que vem é de estar estudando na formação da escola este tema de saúde do trabalhador, tanto que a gente faz o estudo o ano todinho na escola, e desse estudo fazer uma avaliação dentro da escola e depois também estar intensificado para a progressão. Este tema é escolhido livremente, qualquer tema a gente estuda, este ano a gente escolheu o tema adolescência. Então assim, foi levado por mim, e será ratificado no momento que a gente puder escolher o tema da na escola Jose Mauro, para gente poder estudar o tema de saúde de trabalhador, como tema de estudo, e isso só foi a partir daqui questão do próprio fórum. Eu gostaria também de enfatizar, que tem a ver também com o processo a questão do método utilizado pelo fórum, pelas discussões, porque isso possibilita ter uma visão do todo, como se fosse um varalzinho de roupa, essa roupa vai aqui, essa roupa vai ali, vai lá, essa roupa não vou colocar no varal ainda, vai ficar mais um pouquinho de molho. Então assim o método utilizado aqui possibilita ter toda essa visão de pegar o que o professor coloca da ansiedade dele e discutir, mas, visualizar uma coisa maior, não ficar só no desabafo, e o fórum me possibilitou isso, tem a ver com o próprio método de divisão do trabalho e possibilitou toda essa visão que tem a ver com o processo, enfim, então eu gostaria, que é um indicador bacana e que é um resultado bacana que foi a partir do fórum, já que os professores, a escola não pode estar toda aqui, o ano que vem a gente pode discutir na escola o que foi discutido aqui (Professora do Cmei).

[...] No que se refere diretamente ao fórum, eu estava conversando com algumas pessoas e eu percebi que no dia a dia da conversa eu pude trocar um pouquinho de informações, mas que como é uma escola que é muito longe depois de Serra-Sede, ainda um tanto, as pessoas tem dificuldades pra chegar, mesmo as pessoas que moram próximo a Laranjeiras ou adjacências, e aí trabalham em outro lugar, e aí assim, as pessoas não conseguem parar, estão ainda muito no automatizado, não consegue parar ainda para outras possibilidades, não conseguem se abrir para outras questões. Então assim, no que eu pude, eu conversei, eu dialoguei com pouquíssimas pessoas, e

tive um pouquinho de dificuldades por conta de várias questões específicas da escola. [...] porque eu estou repensando em diversos momentos qual é esse papel que eu tenho na escola, porque eu acho que já ultrapassou o meu limite como pessoa, o que eu tinha que fazer na escola pública eu acho que eu já fiz, eu quero outras possibilidades, fazer um doutorado, mudar de profissão, mudar de foco, porque assim eu cresci muito assim no meu papel dentro da escola, inclusive no fórum, então o fórum me fortaleceu neste sentido, então eu fico pensando assim: não há como continuar talvez e ficar replicando assim naquela situação porque talvez a situação conjuntural é muito complicada, agora eu acho muito bacana o papel do fórum, desse crescimento todo, disso que se manteve, e eu acho assim, eu quero continuar e aprendendo mais com esse processo. Mas, enfim foi esta experiência que eu tive hoje, que eu posso pensar (Professora de uma escola rural da rede municipal de Serra).

[...] Mês passado, a gente teve um encontro interinstitucional na UFES com o pessoal na Universidade Federal do Rio Grande do Sul que veio até nós. A princípio o convite era falar das nossas diferentes pesquisas, mas, que tenham um plano comum que é exatamente o interesse por saúde, trabalho e educação, processo de formação em saúde e trabalho. Pra nossa surpresa [...] veio diversos servidores da Universidade porque lá eles têm uma experiência de Cosate, de comissões de Saúde do trabalhador dentro da universidade para o servidores da universidade que já tem uns vinte anos eu acho a experiência deles, e foi interessante porque estes servidores ficaram sabendo da nossa experiência aqui e ficaram interessados e procuram saber, conhecer, articular e trocar experiências de aqui e lá, dessa experiência, e agora eles vão para África também divulgar esta experiência e poder divulgar esta experiência que existe lá, acho que isso é um indicador também, acho que não necessariamente para aqui, para o município de Serra, mas, acho que indica também um fortalecimento desta rede de atenção de saúde do trabalhador, que parte da experiência dos próprios trabalhadores, dos processos de trabalho, dos locais que trabalham. Então a gente já tinha a experiência da lei estadual, que com todas as dificuldades já conseguiram implementar a experiência na saúde sobretudo, na saúde até hoje tem Cosate, só na saúde aqui no estado, mas acho que fala de uma experiência de fortalecimento de uma rede que ultrapasse o campo da educação, ultrapasse o campo do trabalho, ultrapasse o campo da saúde, e também fronteiras, estaduais, municipais e federais, e acho que finaliza num movimento muito interessante de olhar pro trabalho, pra saúde e educação por um outro viés, por um viés mais integral, menos compartimentado, saúde é uma coisa, trabalho é outra, educação é outra, essas coisas não teriam como conversar, eu queria informar lá chegou pra gente como uma conversa de pesquisadores, mas que já finaliza pra um trabalho de integração dessa experiência, do conhecimento desta experiência. Então provavelmente flui em algum momento, eles vão estar aqui com a gente e compartilhando experiência, porque eles também estão muito interessados na experiência que se produziu aqui, aprender com isso. (Pesquisador do Pfist). Eu fiquei pensando aqui quando eu fiquei lendo o caderno de texto à questão dos pólos, que tem o conhecimento, ele também se esvazia um pouco se não tiver a parceria do relato das experiências do professor, então a minha necessidade de estar dentro disso, se não você também não vai servir para muita coisa, você também não vai fluir mais, a nossa presença, nossa liberação (Professora da Emef).

O que eu queria dizer que em relação especificamente ao ministério público, é que salvo raras exceções as pessoas não sabem a dimensão o trabalho do promotor de justiça, que vê o promotor trabalhando dentro do fórum dentro do processo que desvincula de um trabalho extra judicial, e se vê dentro deste espaço informal, não associa que também tem que conciliar com a questão processual e técnica dentro do fórum e dentro da promotoria, e até uma

função da promotoria tanto de educação, quanto de saúde, meio ambiente, de idoso são atribuições que o poder judiciário ainda não tem, que são extra judiciais, é trabalhar com políticas públicas. É muito fácil você trabalhar com conselho de educação, municipais, ou de alimentação ou de transportes, ou diversos tipos de conselho que já tem uma estrutura definida e que os segmentos devem indicar seus representantes, já tem mais ou menos estipulados a composição que tem que indica os representantes, e aqui a diferença que eu vejo é que todo mundo é voluntário, então isso dá um diferencial e você vê assim que há quanto tempo, há mais de dois anos basicamente os mesmos integrantes que tem um propósito que não foi indicado por alguém, você não tem que apresentar nota a instituição, então eu vejo que isso é o diferencial. [...] já tinha parado assim para pensar nesse meu voluntariado aqui dentro e também de levar esta experiência para outros ministérios públicos porque assim eu já passei essa informação para uma revista eletrônica que já deve ter ido para outros estados do Brasil (Promotora do Ministério Público).

[...] Não sei se vocês lembram, nós tivemos aqui uma reunião em que nós dizíamos, ficou muito claro, a fala do Alexandre que teve uma intervenção importante, nós não queremos Cosates nas escolas por determinação legal, lembram disso? Se não terá mais uma comissão na escola que foi aprovada na câmara, mas que na realidade vai ser mais uma, como já tem várias nas escolas que não funcionam, então a nossa luta e o nosso empenho, as diretrizes que vão nos conduzindo na construção dessa Cosate é que ela efetivamente se constitua como alguma coisa que vai se fazendo, que vai se formando a partir do investimento que não é burocrático, mas que é um investimento prioritariamente subjetivo. Como que cada um de nós aposta, faz uma aposta política e subjetiva, até que alguém disse, ah! Nós temos que pensar na câmara, eu não estou nem um pouco preocupada em levar para câmara para ser aprovado, acho vai ser um momento importante, mas, mais importante que levar do que levar pra câmara, é como a gente pode levar pra câmara depois de nós termos apropriado, como autores deste processo. Então, é o que Cláudia falou não é dele nem nosso, dele ou de vocês, mas, é nosso, melhor dizendo. Então, se a Cosate não tiver essa dimensão do público, do comum, de que cada um que está se construindo, ela não vai, ela vai estar fadada como as outras comissões do conselho, tem no papel, está aprovado na lei, mas a sua efetividade não se fará por nenhuma determinação legal, temos que ter a efetividade desta comissão e qualquer outra, que faz quando ela é construída nesta perspectiva (Pesquisadora do Pfist).

Pensar um pesquisar insurgente, na direção do que o poeta das ruas produziu em transgressão, significa alinharmos nossa atenção inédita ao mundo comum. Substituir os regimes mecânicos de argumentação aos regimes de verdade, de abertura, de sensibilidade:

A linguagem, longe de servir para descrever o mundo, ajuda-nos sobretudo a construir um. As verdades éticas não são, assim, verdades sobre o Mundo, mas as verdades a partir das quais nele permanecemos. São verdades, afirmações, enunciadas ou silenciosas, que se experimentam, mas não se demonstram [...] São verdades que nos ligam, a nós mesmos, ao que nos rodeia e uns aos outros. Elas nos introduzem de imediato numa vida comum, a uma existência não separada, sem consideração pelos muros ilusórios do nosso Eu (COMITÉ INVISÍVEL, 2016, p.55).

Assim, o poeta vê o que ninguém olha. Alimenta-se dos restos e das miudezas para fazer frente ao seu próprio tempo, e ao seu não-lugar. Situa-se na sustentação de limiares intempestivos, arranca-se ao comodismo da vida entorpecida, fazendo-a ziguezaguear em conexões insuspeitas. O poeta pode, portanto, produzir imagens de seu tempo em constelações atualizáveis, ao vislumbrar campos de força no livro do mundo, fazendo do real algo a ser lido como um texto.

Redescobrir a carga afetiva ligada à palavra. A palavra circulante. Que pode esvaziar-se do apelo pragmático, burocrático, estatal, da pretensão fundada na razão, procurando um pensar que se vincule ao coração:

Há, realmente, face à conspiração objetiva da ordem das coisas, uma conspiração difusa à qual nós de fato pertencemos. [...] Ora, a inteligência estratégica vem do coração, e não do cérebro, e o erro da ideologia é precisamente criar uma barreira entre pensamento e coração. Em outros termos: temos que forçar a porta a partir de onde já estamos. O único partido a ser construído é aquele que já está aí. [...] Nossa herança não é precedida por nenhum testamento (COMITÉ INVISÍVEL, 2016, p. 17).

Então, o aturdido é chance. Sairmos, para a partir *do fora* experimentar outra percepção: a de que nos movemos num plano comum, e somos muito menos individuais do que pensamos (COMITÉ INVISÍVEL, 2016). Assim é que o trabalho da memória, trabalho que acessa o impessoal e o coletivo, esgarça os limites do eu (GAGNEBIN, 2009).

Neste sentido, ao afirmar nossa posição de trabalhadores abestalhados e pesquisadores desajeitados colocamos no centro nossa força.

6.1 O PONTO CEGO DA EXPERIÊNCIA E O OBLÍQUO DA PESQUISA

2017. Realizamos um *outro curso de formação* para professores da rede municipal de Serra/Es, baseado nas experiências pilotos das duas escolas que aportaram as Cosates, com o objetivo de reaquecer as discussões do Fórum Cosate entre o maior número de professores da rede alcançável por esta iniciativa.

Neste ano, a Lei que instituía as Cosates já estava aprovada desde 2016, mas sem a devida regulamentação oficializada pelo poder municipal para que pudesse ser executada. No início de 2017, muitas angústias. Panorama político nacional atravessado por entraves gravíssimos. No âmbito estadual e municipal, seguiam-se os embates políticos e os retrocessos.

Visávamos com o curso não somente constituir um canal de ampliação das discussões e experiências feitas pelo movimento Cosate quanto travar uma resistência ao desmoronamento da própria conquista da Lei, uma vez que esta havia sido sancionada e não regulamentada, o que a impedia de ser implementada oficialmente.

No meio a tantos impasses, esvaziamento do Fórum Cosate, por parte dos trabalhadores da rede municipal que em períodos anteriores estiveram presentes, perda da parceria com órgãos, como Ministério Público, Conselho Municipal de Educação, DMST/ Serra e CEREST, mudanças na participação do Sindicato junto ao Fórum (este se encontrava no enfrentamento com Prefeitura, que havia lançado o “pacote de maldades” no início de 2017) e na parceria com a FUNDACENTRO, que operou mudança no seu quadro de funcionários, ainda contamos com o caminho de finalização dos prazos de pesquisa para alguns dos pesquisadores do PFIST, incluindo esta própria pesquisa. O que se configurou tenso momento de tomada de decisões.

E no seio de todo este embaraço, numa reunião do PFIST que se seguiu a uma esvaziada reunião do Fórum Cosate, os pesquisadores desajeitados decidiram pela feitura do tal curso. Mas nosso *desajeito*, tumultuado pelas forças em vigor e com seu

próprio *ponto cego*, estruturou a proposta do curso e elencou alguns parceiros *sem* suas devidas participações diretas *naquela montagem, naquele momento*.

Na decisão de estruturar como poderia tal iniciativa se dar e empreender-se, o PFIST apostou que como parceiros a Secretaria de Educação, por meio de seu Centro de Formação, unidade onde se realizam eventos de formação de professores, coordenado pela secretaria; o CEREST e o Sindicato, mais os membros das Cosates do CMEI e da EMEF poderiam participar da coordenação dos trabalhadores com os demais pesquisadores, mas olvidou que o próprio momento de construção daquela proposta já deveria ser compartilhada e colocada em comum e que nenhuma das tais instâncias estavam presentes.

O curso foi se montando, realizando e acontecendo, apesar do percalço ansioso dos pesquisadores, que os colocou diante de seus próprios resvalos oblíquos.

Após o início do curso em maio, o Fórum Cosate fez reunião que contou com a presença dos trabalhadores das escolas pilotos, com o CEREST e com o SINDIUPES, em junho. Quando foi de fato tecida *com* eles sua *participação* no empreendimento de formação.

Um mal-estar tomou a todos.

No debate, surgiu o questionamento de por que a proposta já estava sendo executada se *eles* não estruturaram suas participações. Além disso, como o curso já estava em funcionamento, e como ofereceu um número de vagas limitadas para as escolas da rede, quando nesta reunião discutiu-se o então andamento ainda inicial da proposta, as escolas que haviam sido as pilotas, quanto à formação das Cosates, verificaram que seus próprios professores não conseguiram participar dela. As vagas haviam sido disponibilizadas e findaram-se rapidamente.

A cesura.

A lacuna.

O oblíquo na pesquisa.

Mais uma vez: não há final feliz, tudo bem arranjado, nos seus plenos lugares. Há movimento, disrupção, descontinuidade, quebras, fraturas. Mas ainda assim caminha-se, por entre fendas.

Nosso ponto cego não deixou de constituir-se como um analisador importante sobre a pesquisa, suas intervenções e feitura, seus tropeços. Contudo, se não há final feliz, também não há catástrofe absoluta, fatalismo resoluto.

Há o imprevisível que nos cerca, nos abarca, nos sucede. Há *o real que vem*.

De posse dos equívocos operados, os trabalhadores reviram construções e novamente se colocaram a continuar. Nesta reunião, apesar dos estranhamentos, redividiu-se as atuações, as tarefas, encaminhou-se desdobramentos.

7 “O FIM E O PRINCÍPIO”: “IR PARA LONGE PARA NOS VER DE PERTO”

O que foi feito amigo, de tudo o que a gente sonhou? O que foi feito da vida, O que foi feito do amor [...] Nem vá dormir como pedra e esquecer o que foi feito de nós (NASCIMENTO; BRANT, 1978/2007).

O título “O fim e o princípio” é inspirado na obra produzida por Eduardo Coutinho, cineasta brasileiro, que gravou em 2006, um documentário nascido do zero, segundo expressão usada pelo artista, para indicar que a obra não seguiu pesquisa prévia, nem temas definidos de antemão. O documentário foi gravado pela equipe de cinema que chega no sertão da Paraíba em busca de personagens que tivessem histórias para contar. No município de São João do Rio do Peixe, no sítio de Araçás, a equipe descobre uma comunidade rural onde vivem 86 famílias, na grande maioria, compostas por *velhos*, os quais alguns contam suas vidas e sagas.

Vale ressaltar que aqui quando por decisão utilizamos do substantivo “velhos” estamos produzindo uma inversão intencional de romper com certa referência terminológica, para indicar com a “velha palavra” que *o começo decorre muitas vezes do fim*. E que utilizamos o título do interessante e curioso documentário, para indicar, em nossa pesquisa específica, que o fim não é aonde se chega, mas de onde, muitas vezes, se parte, para num movimento retrospectivo, buscar entender relações consteladas que se deram em curso, em processo, evidenciando outra maneira de afirmar os “resultados” de uma pesquisa. Na nossa proposta, a escritura da pesquisa afirma-se, portanto, como uma zona de improviso que não significa ilusão, mas que configura o possível a partir do estabelecimento de figuras ou não, e que suporta ser um espaço de potência e registro.

O subtítulo: “ir para longe para nos ver de perto” resgata a inscrição de uma das professoras do CMEI no qual se constituiu uma das experiências Cosate, que se registra durante uma oficina de escrita implementada nesta escola, como contada numa das passagens deste escrito-tese. Esta professora faz parte da equipe do CMEI, mas não compôs diretamente, como membro, a comissão formada nesta escola. Contudo, o que ela registra, durante a realização da referida oficina, alcança-nos em cheio, mesmo muito tempo depois. Pois, de todo seu pensamento, em torno do que

para ela significa os vestígios da experiência de uma Comissão que se formou em sua escola, no primeiro momento, formalmente apoiada pelo poder público, e *depois e até agora*, sustentada pelos trabalhadores e *pelo que todos experimentaram como algo* a que se ligaram, e que ainda – talvez – se insista por nome Cosate, pode, para nós, ressoar com tênue força messiânica.

Daquilo que insistimos em contar, ainda quando não sabemos ao certo, por quais meios exatos, empenha-se em nós o que nos atravessa.

O trabalho de escrever, de produzir realidade, passa por (re)conhecer a infinita produção de diferença versus a finitude das formas, e que a escritura arranca-nos de nós mesmos. Uma vez que a diferença é necessariamente produção de um coletivo, fruto de uma composição de forças que constituem determinado (com)texto (ROLNIK, 1993). Abrir-se para ela implica em deixar-se afetar pelo seu tempo e pelo outro, já que somos atravessados por ambos.

Antes de fazer sentido, a linguagem inventa sentidos, enfrenta sentidos postos, embate-se com eles. E, como comporta uma a-gramaticalidade e uma a-significação, a linguagem pode produzir acontecimentos imprevisíveis. Pode colocar em curso rupturas, traições, afectos e experiências. A escrita realizaria, por assim dizer, uma verdadeira desterritorialização do eu. Por isso, escrever

[...]
 É tempo de muletas.
 Tempo de mortos faladores
 e velhas paralíticas, nostálgicas
 de bailado,
 mas ainda é tempo de viver e
 contar.
 Certas histórias não se
 perderam.
 [...] Ó conta, velha preta, ó
 jornalista, poeta, pequeno
 historiador urbano,
 ó surdo-mudo, depositário de
 meus desfalecimentos, abre-te e
 conta,
 moça presa na memória, velho
 aleijado, baratas dos arquivos,
 portas rangentes, solidão e
 asco,
 pessoas e coisas enigmáticas,
 contai;
 capa de poeira dos pianos
 desmantelados, contai;
 velhos selos do imperador,
 aparelhos de porcelana
 partidos, contai;
 ossos na rua, fragmentos de
 jornal, colchetes no chão da
 costureira, luto no braço,
 pombas, cães errantes, animais
 caçados, contai.
 Tudo tão difícil depois que vos
 calastes...
 e muitos de vós nunca se
 abriram.

ANDRADE, 2009, p. 154

coloca em movimento a escrita de si e do mundo, a escritura singular e coletiva, ao mesmo tempo (TEDESCO, 2005).

Para tanto, a escritura coloca em movimento uma ética do cuidado de si apontada por Foucault (2006) como uma ética da imanência, da vigilância e da distância, que não se aparta da vida, mas que se lança nela e a partir dela.

A ética que perpassa pela *imanência* liga-se à ideia de inscrever à vida uma própria ordem, que não seja sustentada por valores transcendentais, ou condicionada por normas sociais exteriores à própria força que o pensamento produz. Mas ao contrário, que surja de uma ordem que se mantenha por coerência interna. A elaboração ética de si, na perspectiva imanente, consistiria muito mais em apontar o caráter artesanal, do exercício regular, do trabalho árduo ou do labor e cultivo na produção da obra. Assim, o (com)texto não é uma obrigação para todos, mas uma decisão pessoal de existência. Cabe ressaltar que falar em decisão pessoal não é apontar uma escolha solitária, já que este exercício de cultivo de si está, irremediavelmente, implicado na presença permanente do outro, sob suas mais múltiplas formas (GROS, 2006).

A imanência é considerada como a própria conversão a si, próxima ao estado a que a *velhice* nos revela: um tempo de independência relativamente a tudo que não dependa de nós, marcada por uma plenitude da relação consigo, que mais se assemelha a um gozo do que a um combate. *Deveríamos escrever como velhos*. Uma escrita que pudesse dar-se com certa independência, mas resguardada por uma *decisão pessoal-coletiva*. Pessoal, porque nunca se é inteiramente outro, e coletiva, porque se inscreve-se em nós todos os tipos de vozes, de gritos, de rasgos, de coisas e, nunca se é inteiramente só. E quanto mais marcados, mais podemos apresentar nossas rugas, diferentemente de qualquer gozo narcísico, que tende justamente a esconder tão bem aquilo que como *velhos* portamos.

Este cuidado de si passa pela inevitável *vigilância* de tomarmo-nos como doentes e médicos de nós mesmos. Um si que percorra seus próprios (des)caminhos e desconfie sem cessar de si mesmo. Isto torna possível o último elemento ético fundamental: a *distância*. A distância não é um exercício de solidão, mas de desarraigamento do Outro. Ao mesmo tempo, mantém-se a presença do Outro, o outro como

correspondente a quem escrevemos (GROS, 2006). Consistiria, portanto, de um autêntico retiro do mundo, que permitiria, contudo, voltar a ele e enxergá-lo com os próprios olhos, assumindo a posição daquele que “olha” e, por isso, torna-se visto. Portanto, neste sentido, a escrita pela sua capacidade de produzir interlocução, pode guardar um caráter de totalidade não homogênea e de autoridade polifônica (KASTRUP, 2008).

Escrever torna-se assim exercício semiótico sem fim, como apresenta Casa Nova (2008), não há humanidade sem técnica como não há técnica sem memória. Mas não há memória sem linguagem e nem instrumento sem gesto, sem corpo e sem matéria. Viver e escrever comportariam sinergias simultâneas, ações de órgãos, materiais, instrumentos, gestos, memória e linguagem.

#

“Pois qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 2012, p. 124). A interrogação benjaminiana remonta, para nós, a proposição foucaultiana sobre o que temos feito de nós mesmos. Uma interrogação *ética*, portanto, *política*.

Em tempos de homens partidos, como nos diria Carlos Drummond de Andrade (2009), necessário se faz insistir em certo contorno, para a afirmação de outro estatuto para as políticas de educação, qual seja: a de não só dizermos de partidos, de políticas de governo, de regime este ou aquele. Não que isto não importe. Mas não desejamos este atalho.

“Este é tempo de partido, tempo de homens partidos. [...] As leis não bastam. Os lírios não nascem das leis. Meu nome é tumulto, e escreve-se na pedra” (ANDRADE, 2009, p. 152). Desejamos afirmar a política como *um campo de ações da vida comum*. Tomaremos desta forma *política* como forma de atividade humana de transformação de si e do mundo, que movimenta o *poder* como *exercício*. Não estamos dizendo do poder enquanto domínio e prática relativa ao Estado, tão somente. Mas afirmamos,

como sugere Passos e Barros (2009), o poder como instância micropolítica que conjuga arranjos locais, microlutas, microcasos, e toda uma efervescência: a vida. “Calo-me, espero, decifro. As coisas talvez melhorem. São tão fortes as coisas! Mas eu não sou as coisas e me revolto. Tem palavras em mim buscando canal, [...] apenas querem explodir” (ANDRADE, 2009, p. 152).

Pensar as políticas educacionais incide em atentar para as conjunções de fluxos, a forjar relações, campos abertos, conectivos. Acontecimentalizar. Tudo é político, afirma Deleuze (1996), e toda política é ao mesmo tempo macro e micropolítica.

O que implica para nós, no campo da educação e no ato de pesquisar, não dissociar modos de fazer, pensar, sentir e agir. Pois, os modos de contar sempre denotam posições narrativas, e pesquisar - desta forma - apresenta-se como possibilidade de extrair das banalidades e do ordinário algo que force a pensar e a escrever. “*Por mais que estivemos engajados numa luta é fundamental poder compartilhar*” (Diretora do Cmei); “*Se ficarem esperando alguém vir, ficarão esperando. Levem vocês para a escola de vocês*” (Professora do Cmei); “*Uma pontinha no oceano. Lutando por mim, por ele e por todos*” (Professora do Cmei); “*Queremos saber o que está acontecendo ali... sobre a dificuldade de falar com nossos colegas*” (Professora do Cmei); “*O que a gente fez para começar? A gente pensa coisas grandes! Mas tem que começar miudinho. Começamos perguntando*” (Professora do Cmei); “*As coisas estão acontecendo*” (Professora do Cmei); “*Todo mundo se envolveu e concluiu: ‘Pôxa! Tava precisando disso*” (Professora do Cmei); “*A gente tá falando desse bem comum*” (Professora do Cmei); “*A gente contava coisas tão corriqueiras, que atravessavam nossa saúde*” (Professora da EMEF); “*Quando eu estava ao lado, via o outro*” (Professora da EMEF); “*Foi bem impactante compartilhar as angústias*” (Professora da EMEF).

Estes fragmentos orais foram retirados das discussões do Fórum Cosate, dos encontros de formação e do trabalho empreendido pelas Cosates-pilotos, e referem-se ou a momentos de impasses quanto à insuficiência do poder governamental em conferir as condições de continuidade dos trabalhos das comissões, naquilo que todo o movimento do Fórum empreendeu durante o seu percurso em tempo e extensão; ou referem-se aos achados das pequenas chispas que o movimento das pessoas

favoreciam, e que faziam os participantes mirarem desdobramentos possíveis, entrecortando e desviando-se dos enrijecimentos postos, a fim de consistir suas tênues forças em derivações outras.

Eles demonstram que uma experiência incidiria na criação de redes coletivas que comportam tanto capturas como processos de (re)existência, outramentos, como bem sugere Barros (2008).

A aposta desta pesquisa afirma a narratividade como posição ética, estética e política. Uma pesquisa, a partir das diferentes possibilidades técnicas, indica uma maneira de narrar segundo certa posição narrativa (PASSOS; BARROS, 2009). A escolha, pois, da posição narrativa não está desvincilhada das políticas em jogo: políticas de saúde, políticas de educação, políticas de pesquisa, políticas da subjetividade, políticas de escrita, etc. Produzir conhecimento não é apenas um problema teórico, mas, sobretudo, uma ação política. Neste sentido, é preciso assumir a inseparabilidade entre o modo de fazer e o modo de dizer. E apostar na narratividade como política pode concorrer para a desmontagem das formas espessas, ao constituir uma afirmação do microcaso e das microlutas trazidas à cena (PASSOS; BARROS, 2009).

Contar, narrar, historiar, ensaiar, são atividades languageiras e políticas que expandem o devir e o acontecimento. O acontecimento é surpresa. É vertigem. É vislumbre, sublime. É raro. “E continuamos” (ANDRADE, 2009, p.153).

“Onde quer que vás será uma pólis”, teria dito outra voz.

O modo de assumir a *conversação* como importante elemento metodológico esteve consoante com o entendimento de que trabalho, pensamento, pesquisa, intervenção e transformação não se dissociam. A postura exercitada na “experiência piloto” foi a de cartografar algumas linhas e curvas da experiência-cosate, em suas articulações com os cotidianos escolares, percorrendo-as em processo e convocando outros modos de atuação possíveis.

7.1 POR UMA ESCRITA MORIBUNDA: CONSIDERAÇÕES DE UM PERCURSO EM DESVENCILHAMENTO

“Escrever vislumbra, não presta para consignar”, como nos teria dito Llansol (2014a, p. 10). Os processos experienciados com os trabalhadores da educação não podem ser pretensiosamente escritos ou narrados, porque a vida, inacabamento do vivo, desliza da letra inscrita no papel.

Assim, nossa escrita, também moribunda, anuncia que escrever é abdicar, em certa medida, da imediaticidade da palavra viva, como nos lembra Gagnebin (2016). Ainda que nossas palavras sirvam para destruir o mundo, como faz a dimensão ontológica da literatura, apostamos que a trama histórica vive do enigma, do mistério (AGAMBEN, 2015c).

Mesmo que nossa experiência *fracasse* no intuito de desenhar o vivo em mutação, empenhamos um *corp ‘a’ screver* (LLANSOL, 2014a). A palavra finda, réstia, germe. Força uma escrita da *história não oficial*, e abre espaço para um *não-saber* operante e constitutivo nos impasses do homem. Pois todo excesso de saber pode sufocar a memória mutante (GAGNEBIN, 2009).

Esta pesquisa-conversa o estendeu-se durante os quatro anos de feitura do doutoramento. Quatro anos. Não se contabiliza o que uma vida expande, retrai, perde, alcança, em totalidade, em tempo nenhum. Foram muitos exercícios de entradas e

No princípio era o mistério. E depois. E depois. E depois. Tudo o que importa, se olhar bem,   mistério. As capacidades cerebrais e o movimento das marés: mistério. A disposi o para o combate, a indisposi o para o combate: mistério. O que pode um corpo e o que ele não aguenta mais: mistério. Ondas do rádio, ervas que curam, solar um bolo. Mistério. O que pode reunir, o que pode afastar, as ideias que vingam, o que cicatriza, um rio que seca. Gente na rua; muita gente na rua: os encontros improváveis. Oda a energia liberada do acontecimento de corpos revoltados e até isso que chamamos de “a revolu o”: mistério, mistério, mistério. As viroses, as visões que antecipam futuros, o tremor silencioso e at mico que antecede um beijo apaixonado. Perder o controle: mistério. O delírio de ter o controle: mistério. Ser possuído por um poema, uma entidade, uma mensagem telep tica, uma memória olfativa. O contágio. A paralisia. Um cartaz exato. Números imaginários. Amar o som de uma palavra. A improvisa o. Mistério. Mistério   como o ritmo: move, desloca, arrasta. Não significa, mas atravessa. A febre. A obediência: quem poderá dizer que sabe bem como acontece? Sermos governados. Mistério. O silêncio diante do extermínio. A paisagem devastadora da guerra. A crença nos muros. A densa e invisível n voa dos desastres nucleares. O rio suspenso que arrasta a areia do Saara   Amazônia. Maiakovski. A fertilidade e o carnaval. O enfeitamento da vida burguesa e a miséria das burocracias.

saídas, mesmo se encontrando no meio, sempre. Como nos situa Deleuze (2004) não importam as entradas, desde que as saídas sejam múltiplas. Contudo, o apontamento do autor nos exige encarar de frente a condição paradoxal na qual nos debruçamos: estarmos vivos diante da história que se move a todo tempo, explodindo seu *continuum*, fazendo-nos deslizar e desvencilhar das configurações feitas a favor de um desvencilhamento necessário no relançamento das forças e devires.

Isso impõe, como aponta Gagnebin (2009) o desafio ético de como contar uma história descontínua, diante do esburacamento da tradição, das inúmeras rupturas em curso, das quedas e dos saltos. Para enfrentar este problema: o de acolher o descontínuo da história, a autora valendo-se das proposições benjaminianas nos adverte: “não pode se deixar levar pelo encadeamento das palavras e das frases, mas deve construir um falar abrupto que arrisca sua própria decomposição” (GAGNEBIN, 2009, p. 99). Conclui ela que aquele que quer ir além da tradição dos vencedores deve saber agarrar-se às asperezas, às fraturas, aos buracos da narrativa.

A nossa possível política do contar empreendida por esta pesquisa não objetivou apenas buscar o lado belo das composições experimentadas, embora acredite na força que isso cria. Muito menos, ainda, desejou realçar suas clarificações objetivas ou seu desenrolar harmonioso, porque desconfia da almejada coerência interna racional e

A cumplicidade da lua e das menstruações. As intuições. A fé guevarista, a convicção bolchevique. As cartas de amor de Rosa Luxemburgo. A poesia desesperada dos presos de Guantánamo escrita em copos de plásticos: “Haveremos de vencer”!

A nova hipnose algorítmica. Mistério. Mistério. Mistério. “Aparelhos ideológicos”, vão dizer. “Falsa consciência”. “Isso não existe”. “Disciplina”! Interrompem a festa. Sempre. Tanta força para contornar o mistério, domesticá-lo. O mistério, entretanto, escapa.

Sabemos. Eles sabem. A fronteira entre suportar e não mais suportar é feita de matéria misteriosa. O que faz funcionar? O que já não pode mais ser contido? Ser transformado por uma ideia, explodir o próprio corpo, arriscar tudo, gritar uma palavra maldita. “Homens e mulheres fazem história mas não são do jeito que querem” – a brecha misteriosa de Marx. Conspirar é compartilhar as intenções misteriosas do que não pode mais esperar. Aliança entre coisas humanas e as não humanas. Invadir uma propriedade privada. O mistério é o sopro de vida de todo o acontecimento.

Não há oposição entre o mistério e o materialismo: o que cria mundos ou verdadeiras paixões se não o mistério? O mistério nos exige estar atento aos sinais, todos eles.

Por um materialismo do mistério: misterialismos. Práticas de atenção do invisível. Guerrilhas cosmopolíticas. Metafísicas do sensível. Não parar de dançar.

MORAES, Alana. 2017. Disponível em: <https://urucum.milharal.org/2017/09/08/por-um-materialismo-do-misterio/>. Acesso em: 21 set. 2017.

das respeitáveis evidências do poder. Nosso exercício de escritura-caminhante foi o de afirmar que: “O indício de verdade da narração não deve ser procurado no seu desenrolar, mas, pelo contrário, naquilo que ao mesmo tempo lhe escapa e a escande, nos seus tropeços e nos seus silêncios, ali onde a voz se cala e retoma fôlego” (GAGNEBIN, 2009, p. 100).

Desse modo, embora tenhamos apostado numa *pesquisa em conversação*, com verso e ação, não foi em função de constituir uma Tese erigida em um sistema de pensamento rígido e nivelador, que *falasse* tudo. Nossa busca ensaística é uma decisão frente à natureza das questões que se levantaram e se construíram. Já que buscamos sustentar uma possível política do contar e uma desejante política de escritura que mostrasse como nas ações de produção de saúde no campo da educação, por meio do dispositivo Cosate, teceram-se jogos de força e astúcia, esquemas operacionais táticos e provisórios, lutas e embates, para que o empenho do vivo se movimentasse na cesura do tempo, e, particularmente, nesses tempos difíceis que enfrentamos. Tempo de perdas e retrocessos políticos, de contextos macroconjunturais duros e velozes, que por vezes, parecem engolir nossos canais de diálogo e mobilização.

Lembrar que a produção de qualquer conhecimento é sempre datada e provisória, fez-nos, ao longo deste percurso, perguntar diversas vezes, diante dos acontecimentos históricos em efetivação, *o quê e para quê* contaríamos o que nossa pesquisa encontrou/ construiu. Não chegamos a nenhum lugar sem nos haver com alguns lugares.

Assim, quando diante das perdas experimentadas, dentro da própria luta das Cosates em relação à implementação de suas extensões e continuidades, e frente a toda gama de quedas nas conquistas dos trabalhadores com a crescente retomada do capital, com seu projeto neoliberal, em escalada frenética e algoz dos meios de vida e trabalho, mesmo atravessados por cortes terríveis, os pesquisadores desajeitados e os trabalhadores abestalhados não cessaram de insistir, (re)existir, insurgir. Isso não revela nenhum final feliz ou pleno. Não. Não realça nenhuma virtude ou pretensão ingênua.

Isto apenas esgarça-nos na direção do imprevisível. Conclama-nos. Faz-nos olhar mais detidamente para aquilo do que – até o pescoço – estamos trespassados. Estamos cindidos. Estamos vivos, e apenas isso, mesmo diante daquilo pelo qual morremos a cada segundo.

Potencialmente não há razões para que não nos empenhemos de outras formas diante dos desmoronamentos que assistimos.

Uma *escola multipli(cidade)* são muitas escolas, uma dentro da outra. Situa muitas vidas pulsantes, muitos atalhos correntes, muitas travessias, vielas e ruínas insistentes, ruínas que ainda podemos amar. Uma escola que se encontra em *infância menor*, abre-se e funciona em inusitadas composições articuladas, que não podem, nem almejam garantir tudo, espreitam e, apenas, colocam à espreita modos de caminhar, costurar, driblar e acontecer, distintos daqueles ditados pelos imperativos sólidos dos moinhos de vento.

Assim, o que nos movimenta nessa empreitada por ora é a convicção no movimento que se abre para um possível. Não se trata de alçar formas instituídas de ação, tão somente. Mas afirmar que enquanto se caminha, fazem-se caminhos. Pois, o milagre corre à espreita (GOTARDO et al., 2016, p. 20).

A construção de um gesto. Lembra-nos Comitê Invisível (2016) que não se trata de nenhuma acumulação de gestos, visto que isto se mostra insuficiente para constituir uma estratégia. “Um gesto é revolucionário não por seu conteúdo próprio, mas pelo encadeamento de efeitos que engendra” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 175). Não se trata da intenção de um ato, mas de viver de maneira política, entendendo que as situações como compósitas. Então, verificamos uma assimetria ontológica: “Não há *ninguém* para organizar nada” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 192). Nosso material para a luta, com o qual lutamos, somos nós mesmos, e nisto reside a assimetria e nossa posição real de força.

E com isto, trata-se de nos dissolvermos como ‘*um* nós próprios’, para nos *estilhaços* reencontrarmos o limiar da história.

A Cosate mostrou que é preciso abrir espaço para que os cacos recolhidos no percurso se tornem *obra inacabada e em feitura movente*. Sucateiramente, empreende-se o desajeito da pesquisa. Esta recolhe os trapos e os põem adiante dos olhos para que se experimentem as composições. Não falamos uma obra monumental, pois que estas são também documentos de barbárie (BENJAMIN, 2012).

Procuramos a pequena transformação, a pequena luz, capaz de incorrer-se nos *jogos do cotidiano*. De virar o jogo pelo avesso, numa *imanência do segundo*: “Nada existe de mais difícil do que entregar-se ao instante. Esta dificuldade é dor humana. É nossa” (LISPECTOR, 1998, p.49). Saltar *abestalhadamente* frente às chispas e incêndios.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O que é o contemporâneo?** Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **Ideia de prosa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b.

_____. **A potência do pensamento**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015a.

_____. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015b.

_____. **Mistérios do mal**: Bento XVI e o fim dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2015c.

_____. **Bartleby, ou da contingência. Bartleby, o escrevente**: uma história de Wall Street. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015d.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião**. Vol 1. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

_____. **Claro enigma**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ANTUNES, Arnaldo. As coisas. Intérprete: Gilberto Gil. In: **As coisas**.

ARAGÃO, E. M. A.; BARROS, M. E. B.; OLIVEIRA, S. P. (Orgs.). **A (re)invenção da escola**: desafios contemporâneos para o trabalho do psicólogo. Vitória: Instituto de Ensino Saberes/FACITEC, 2007.

BADIOU, Alain. **Por uma estética da cura analítica**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/240844017/230117730-Badiou-Por-Uma-Estetica-Da-Cura-Analitica#scribd>. Acesso em: 01 jun. 2015.

_____. **Ética: um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1995.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1929). 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARRENTO, João. **Limiars sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Procurando outros paradigmas para a Educação. **Educação e Sociedade**, ano XXI, número 72, p. 32-42, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n72/4192.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

_____. **Tramas e urdiduras: Análise da atividade docente de professores em escolas da Grande Vitória/ES - Relatório de Pesquisa**. Vitória: UFES, NEPESP, 2014

_____. **Texto elaborado na Oficina de memória do Programa de Investigação de Saúde do Trabalhador**. Vitória: UFES, 2016, p. 18-19. Arquivo da Pesquisa.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Ana Lucia Coelho; MARGOTO, Lilian (Orgs). **Trabalho e saúde do professor: cartografias no percurso**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. v. 9, n. 17, Botucatu, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1992.

_____. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a.

_____. **Ensaio reunidos**: escritos sobre Goethe. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2009b.

_____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2009c. (Obras Escolhidas, v. 2).

_____. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Obras Escolhidas, v. 3).

_____. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2011a.

_____. O conceito de crítica de arte no romantismo alemão. São Paulo: Iluminuras, 2011b.

_____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas I).

_____. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.

_____. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b.

_____. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013c.

_____. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

_____. **Imagens de pensamento**: sobre o haxixe e outras drogas. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio D'água, 1984.

_____. **Conversa infinita 2**: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

BORGES, Lô; BASTOS, Ronaldo. O Trem Azul. Intérprete: Milton Nascimento. In: MILTON NASCIMENTO. **Clube da Esquina V1**. Emi Brasil. 1972/ 2007. 2 CD. Faixa 3.

BRITO, Janaína Madeira. **Loucas docências benjaminianas**: políticas de narrativa e produção de saúde. 2016. 132p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

BRITO, Hervacy; FREITAS, Maria Carolina de Andrade; CHAMBELA, Suzana Maria Gotardo. **Relatório das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação em Serra- ES**: relatório das atividades e ações desenvolvidas pelas Cosates do Projeto Piloto nas escolas CMEI “Olindina Leão Nunes” e EMEF “Manoel Carlos de Miranda”, de setembro a dezembro de 2014. Vitória: 2015. Arquivo da Pesquisa.

CAEIRO, Alberto. **Não basta abrir a janela**. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1122>. Acesso em: 08 jan. 2018.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAMPILHO, Matilde. **Fevereiro**. Disponível em: <https://farawaysights.tumblr.com/post/136133023465/fevereiro-matilde-campilho>. Acesso em: 06 ago. 2017.

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. São Paulo: Ed 34, 2015.

CANGUILHEM, Georges. **Estudos de história e de filosofia das ciências**: concernentes aos vivos e à vida. Rio de Janeiro: Forense, 2012a.

_____. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense, 2012b.

CASA NOVA, Vera. **Fricções: traço, olho e letra**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CELAN, Paul. **Sete rosas mais tarde**. Antologia poética. Lisboa: Ed Livros Cotovia, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CÉSAR, J.M.; BOTELHO, I. C.; PIMENTEL, E.H.C. A experiência de construção de um Fórum de Trabalhadores da Educação na ampliação do debate entre saúde e trabalho. 2013. In: Congresso Nacional da Rede Estrado, 2013. **Anais**. Vitória-ES.

COMITÊ INVISÍVEL. **Crise e insurreição**: aos nossos amigos. São Paulo: n-1 edições, 2016.

CORTÁZAR, Júlio. **Diário de Andrés Fava**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 (Série: Trabalho e Sociedade).

_____. O ofício como operador de saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2013, vol. 16, n. especial 1, p. 1-11. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v16nspe/v16ns1a02.pdf>. Acesso em: 21 set. 2017.

D'ANGELO, Marta. Arte, política e educação em Walter Benjamin. São Paulo: Loyola, 2006.

DEBENETTI, Carmen; FONSECA, Danuza; GOTARDO, Suzana Maria. Como fazer da formação uma produção de saúde. IN: BONALDI, Cristiana Mara; CRUZ, Cristiane Bremenkamp; JUNIOR, José Agostinho Correia. **Caderno de Formação: Saúde no Trabalho em Educação**. Vitória: Fundacentro, 2017 (no prelo).

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo** (1990). Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.pdf> Acessado em 05 dez. 2011. Acesso em: 17 ago. 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio d'água, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 3. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. **Kafka: para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 4. São Paulo: Ed.34, 2008.

_____. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 2009.

DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal Revista de Psicologia**. v. 23, n. 1, p. 5-28, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n1/v23n1a02.pdf>. Acesso em: 2 set. 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

FILHO, João Batista de Mendonça. Ensinar: do mal-entendido ao inesperado da transmissão. In: LOPES, E. M. T (Orgs.). **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Marcelo Santana. **Walter Benjamin e a questão das narratividades**. Mnemosine. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 121-133, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/12537212/Walter_Benjamin_e_a_quest%C3%A3o_das_narratividades. Acesso em: 19 ago. 2017.

FREITAS, Maria Carolina de Andrade. **Texto elaborado na Oficina de memória do Programa de Investigação de Saúde do Trabalhador**. Vitória: UFES, 2016, p. 16-17. Arquivo da Pesquisa.

FOUCAULT, Michel. **Les mots qui saignent**. L'Express. 1964.

_____. Da amizade como modo de vida. In: FOUCAULT, M. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Ditos e Escritos, VI), 2010.

_____. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Estratégia, Poder-Saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **O método desviante**. Disponível em: <<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2807,1.shl>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

_____. **Walter Benjamin: os cacos da história**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. Apresentação. IN: AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. 34, 2014.

_____. Filosofia e Literatura. **Limiar**, v. 3, n. 5, 2006. Disponível em: http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr5/01_Gagnebin-Jeanne-Marie_Filosofia-e-literatura__Limiar_vol-3_nr-5_1-sem-2016.pdf. Acesso em: 26 set. 2017.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GOTARDO, Suzana Maria. Texto elaborado na Oficina de memória do Programa de Investigação de Saúde do Trabalhador. Vitória: UFES, 2016, p. 8-9. **Arquivo da Pesquisa**.

GOTARDO, Suzana Maria et al. O processo de formação de comissões de saúde do trabalhador da educação: experiência e política. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 334-353. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/2178-4582.2016v50n2p334/33928>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GROS, Frédéric. Situação do Curso. In: FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Caminhar uma filosofia**. São Paulo: Loyola, 2010.

HACKING, Ian. **Ontologia Histórica**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2009.

KASTRUP, Virginia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, Lucia Rabello; BESSET, Vera Lopes (Org.). **Pesquisa-intervenção na infância e Juventude**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008.

KLOSSOWSKI, Pierre. Préface. In: Virgile. L'Énéide. Trad. Pierre Klossowski. Paris: Gallimard, 1964.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LHUILIER, D. Filiações teóricas das clínicas do trabalho. In: BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. A. **Clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 22-47.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Finita**: Diário II. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011a.

_____. **Inquérito às quatro confidências**: Diário III. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011b.

_____. **O livro das comunidades**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014a.

_____. **A restante vida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014b.

LOPES, Silvina Rodrigues. Poesia: uma decisão. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 10/11, 2003/2004. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/2235>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. Comunidade da exceção. In: LLANSOL, M.G. **O livro das comunidades: geografia de rebeldes I**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

LUCIANO, Luzimar dos Santos. **A formação pela trilha da clínica da atividade na vigilância em saúde do trabalhador**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória, 2014.

MELVILLE, Herman. **Hawthorne e seus musgos**. São Paulo: Herdra, 2009.

MILANES, Pablo Milanes; HOLLANDA, Chico Buarque De. Cancion Por La Unidad de Latino América. Intérprete: Milton Nascimento. In: MILTON NASCIMENTO. **Clube da Esquina V2**. Emi Brasil, 1978/2007. 2 CD. Faixa 13.

MUNIZ, Helder Pordeus; BRITO, Jussara; SOUZA, Kátia Reis de; ATHAYDE, Milton; LACOMBLEZ, Marianne. Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil. **Rev. bras. Saúde ocup**, São Paulo, 38 (128): 280-291, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0303-76572013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 ago. 2017.

MUNIZ, Helder Pordeus. **Projeto de pesquisa: formação e transformação do trabalho: os desafios das dramáticas do uso do corpo-si**. Estágio de Pós-Doutorado apresentado e realizado na Universidade Federal do Espírito Santo: Programa de Pós-Graduação em Educação: Vitória, 2016.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. O que foi feito Deverá. Interprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. **Clube da Esquina V2**. Emi Brasil, 1978/2007. 2CD. Faixa 8.

NERUDA, Pablo. **Canto geral**. São Paulo: Difel, 1981.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OTTE, Georg. Vestígios da experiência e índices da modernidade: traços de uma distinção oculta em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina. **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PAGNI, Pedro Ângelo; GELAMO, Rodrigo Pelloso. **Experiência, Educação e Contemporaneidade**. São Paulo: Poiesis Editora, 2010.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: KASTRUP, Vírginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política na narratividade. In: KASTRUP, Vírginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PINTO, Alexandre. **Entre a balança, o calendário e uma nova luz. Registro de memória**. Texto elaborado na Oficina de memória do Programa de Investigação de Saúde do Trabalhador. Vitória: UFES, 2016, p. 13-14. Arquivo da Pesquisa.

PROUST, Françoise. La ligne de résistance. In: GILLES, Deleuze. **Immanence et vie**. Rue Descartes/20. Collège International Philosophie, Paris: PUF, mai. 1988. p. 43. (tradução nossa).

PROUST, Marcel. **Correspondance avec madame Strauss**. Paris: Livre de Poche, 1972.

ROLNIK, Suely. Despedir-se do absoluto. **Cadernos de Subjetividade**. Disponível em: <http://www.atelierpaulista.com/wp-content/uploads/2011/01/Cadernos-de-Subjetividade-2010-Nucleo-de-Estudos-da-Subjetividade.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Tutaméia: terceiras histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROSEMBERG, D. S.; FILHO, J. R.; BARROS, M. E. B (Orgs.). **Trabalho docente e poder de agir: clínica da atividade, devires e análises**. Vitória: Edufes, 2011.

SODRÉ, Francis. **O campo político da saúde do trabalhador**. Dissertação (Mestrado). 2002. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ.

SOUZA, Kátia Reis de; MUNIZ, Hélder Pordeus; ATHAYDE, Milton. As Comunidades Ampliadas de Pesquisa (CAP's). In: BRITO, Jussara; NEVES, Mary Yale; Athayde, Milton. **Caderno de textos**: programa de formação em saúde, gênero e trabalho nas escolas. Rio de Janeiro: ENSP/ FIOCRUZ, 2011.

STENGERS, Isabelle. **Quem tem medo da ciência?** Ciência e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990.

TARDE, Gabriel. **Monodologia e sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TEDESCO, Silvia. Literatura e clínica: ato de criação e subjetividade. In: KUPERMANN, D.; TEDESCO, S. **Polifonias**: clínica, política e criação. Rio de Janeiro: Contra-capá, 2005.

TEIXEIRA, Ricardo. As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público. In: **Working-paper apresentado na Research Conference on: Rethinking “the Public” in Public Health: Neoliberalism, Structural Violence, and Epidemics of Inequality in Latin America**. Center for Iberian and Latin American Studies. University of California. San Diego, 2004.

ZAMBONI, Jésio; SZPILMAN, Ana Rosa Murad; MIRANDA, Geane Uliana; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Primeiras notas sobre o Fórum das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (COSATES) no Município de Serra, Espírito Santo. **Advir**, v. 6, p. 105-118, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/7378109/Primeiras_notas_sobre_o_F%C3%B3rum_das_Comiss%C3%B5es_de_Sa%C3%BAde_do_Trabalhador_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_COSATEs_no_Munic%C3%ADpio_de_Serra_Esp%C3%ADrito_Santo. Acesso em: 19 set. 2017.

QUENEAU, Raymond. Disponível em: <http://devaneiosinconscientes.blogspot.com.br/2013/03/raymond-queneau-poeme-pour-la-posterite.html>. Acesso em: 08 ago. 2017.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Disponível em: <http://loucuracontagiosa.blogspot.com.br/2011/10/essa-tempestade.html>. Acesso em: 09 ago. 2017.

SINDICATO TRAB EDUCAÇÃO PÚBLICA ESPIRITO SANTO - SINDIUPES. Disponível em: <http://sindiupes.org.br/blog/sindiupes-pressiona-e-audifax-recua-no-pacote-de-maldades/>. Acesso em: 08 out. 2017.

SOARES, Elza. “Mulher do fim do mundo”. Interprete: Elza Soares. In: Soares, E. **Mulher do fim do mundo**. Faixa 2.

VARELA, Francisco; SHEAR, Jonathan. Metodologías en primera persona: qué, por qué, cómo. **Rev Gaceta Universitaria**. V. 1, n. 2, p.148 -160, 2005.

VILELA, Eugênia. A criança imemorial. Experiência, silêncio e testemunho. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Orgs). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A: RELATÓRIO DAS COMISSÕES DE SAÚDE DO TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO EM SERRA-ES



forumcosate 

[RELATÓRIO DAS COMISSÕES DE SAÚDE DO TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO EM SERRA-ES]

Relatório das atividades e ações desenvolvidas pelas COSATEs do Projeto Piloto nas escolas CMEI "Olindina Leão Nunes" e EMEF "Manoel Carlos de Miranda", de 29 de setembro a 15 de dezembro de 2014.

FICHA TÉCNICA

ORGANIZADORAS

Hervacy Brito (PFIST/NEPESP/UFES)
Maria Carolina Andrade Freitas (PFIST/NEPESP/UFES)
Suzana Maria Gotardo Chambela (PFIST/NEPESP/UFES)

COORDENAÇÃO

Maria Elizabeth Barros de Barros (PFIST/NEPESP/UFES)

COLABORADORES

Alexandre Custódio Pinto (FUNDACENTRO)
Ana Rosa Murad Szpilman (PFIST/NEPESP/UFES)
Anália Costa Oliveira (COSATE Piloto – CMEI “Olíndina Leão Nunes”)
Beatriz Pitanga Barcelos Campinhos (COSATE Piloto – CMEI “Olíndina Leão Nunes”)
Camille Abreu Cruz (PFIST/NEPESP/UFES)
Carolina Soares Marques (COSATE Piloto – EMEF “Manoel Carlos de Miranda”)
Cláudia Torres Sasso (MPE-ES)
Danuza Fonseca (PFIST/NEPESP/UFES)
Eduardo José Ramos Cabral Coelho (Conselho Municipal de Educação de Serra)
Emília Carreiro Ribeiro (CEREST-ES)
Eliane do Carmo România de Vasconcelos (CEREST-ES)
Gean Carlos Nunes de Jesus (SINDIUPES)
Isadora Lee Padilha Ferri (PFIST/NEPESP/UFES)
Iza Maestri Aleixo (COSATE Piloto – EMEF “Manoel Carlos de Miranda”)
Jaddh Yasmin Malta Cardoso (PFIST/NEPESP/UFES)

Janaína Madeira Brito (PFIST/NEPESP/UFES)
Janaína Mariano César (PFIST/NEPESP/UFES)
James de Freitas (COSATE Piloto – CMEI “Olindina Leão Nunes”)
Jésio Zamboni (PFIST/NEPESP/UFES)
Líbia Gomes Monteiro (PFIST/NEPESP/UFES)
Liliane Graça Santana (CEREST-ES)
Luzimar dos Santos Luciano (PFIST/NEPESP/UFES)
Maria Bernadeth Vieira Martins (PFIST/NEPESP/UFES)
Maria de Lurdes Gomes Mello (COSATE Piloto – CMEI “Olindina Leão Nunes”)
Mariceli Gottardo Mocelin (PFIST/NEPESP/UFES)
Marlene de Souza Pego da Silva (COSATE Piloto – EMEF “Manoel Carlos de
Miranda)
Nizelene Pissinate (SEDU-Serra)
Regina Celia Xavier (COSATE Piloto – EMEF “Manoel Carlos de Miranda)
Robinson Nunes dos Santos (DMST-Serra)
Rosiane Pereira Rangel de Oliveira (COSATE Piloto – EMEF “Manoel Carlos de
Miranda)
Ueberson Ribeiro Almeida (PFIST/NEPESP/UFES)

LISTA DE SIGLAS

ASG – Auxiliar de Serviços Gerais
CAT – Comunicação de Acidente de Trabalho
CRAS – Centro de Referência da Assistência Social
CEREST-ES – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo
CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil
CTA – Corpo Técnico Administrativo
COSATE – Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação
CONCOSATE – Conselho das Comissões de Saúde do Trabalhador
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
DMST-Serra – Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura Municipal de Serra
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
ES – Espírito Santo
ESF – Estratégia de Saúde da Família
FUNDACENTRO – Fundação Jorge Duprat e Figueiredo
GEVS – Gerência de Vigilância em Saúde do Trabalhador
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
IPS – Instituto de Previdência de Serra
MOI – Modelo Operário Italiano
MP-ES – Ministério Público do Espírito Santo
NR – Norma Regulamentadora
NEPESP – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política
PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa
PMS – Prefeitura Municipal de Serra
PFIST – Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho
RENAST – Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador
SEDU-Serra – Secretaria Municipal de Educação de Serra

SINDIUPES – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo

SUS – Sistema Único de Saúde

UBS – Unidade Básica de Saúde

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

VISAT – Vigilância em Saúde do Trabalhador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	O PERCURSO DO PROJETO PILOTO DAS COSATES EM SERRA/ES NO ANO DE 2014	10
2.1	Primeiro Encontro Presencial	10
2.2	Primeira Atividade de Dispersão	12
2.3	Segundo Encontro Presencial	18
2.4	Segunda Atividade de Dispersão	20
2.5	Terceiro Encontro Presencial	27
2.6	Terceira Atividade de Dispersão	31
2.7	Quarto Encontro Presencial	34
2.8	Quarta Atividade de Dispersão	36
2.9	Quinto Encontro Presencial	39
2.10	Quinta Atividade de Dispersão	43
2.11	Sexto Encontro Presencial	48
3	RESULTADOS PRODUZIDOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO PILOTO	51
3.1	Construção de referenciais organizativos para a implementação das COSATEs como política pública	51
3.2	Deslocamento da queixa ao poder de agir	54
3.3	Produção de grupalidade e construção de credibilidade das COSATEs	57
3.4	Aquecimento de redes no meio de trabalho	62
4	PRODUTOS DO PROJETO PILOTO	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA POTENCIALIDADE DAS COSATES COMO FERRAMENTAS DE GESTÃO NO ÂMBITO DA SAÚDE DO TRABALHADOR	68
6	REFERÊNCIAS.....	70
7	ANEXOS.....	72

1 INTRODUÇÃO

Em cada um de nós, há como que uma ascense, parcialmente dirigida contra nós próprios. Somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e de floras [...] O deserto, a experimentação sobre si próprio, é a nossa única identidade, a nossa única oportunidade para todas as combinações que nos habitam [...] O deserto crescia, mas povoando-se à medida que crescia. Isto não tinha nada a ver com uma escola, com processos de reconhecimento, mas muito com encontros [...] criar encontros em si mesmo (DELEUZE; PARNET, 2004).

O Fórum das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (COSATE) constituiu-se em agosto de 2012 com o objetivo de implementar tais comissões no município de Serra, Espírito Santo (ES), a partir da articulação de várias instituições, a saber: Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho (PFIST)¹, Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo (CEREST-ES), Ministério Público do Espírito Santo (MP-ES), Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (SINDIUPES), Conselho Municipal de Educação do município de Serra, Fundação Jorge Duprat e Figueiredo (FUNDACENTRO), Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura Municipal de Serra (DMST-Serra), profissionais de escolas municipais de Serra e de outros órgãos vinculados à Secretaria Municipal de Educação de Serra (SEDU-Serra). A partir de uma série de discussões provocadas em meio a esse movimento, foi produzida uma proposta de Projeto de Lei (Anexo I) a ser apresentada aos órgãos competentes, instituindo as COSATEs no município de Serra, no intuito de contribuir para a promoção de saúde² no ambiente escolar.

¹ O PFIST é um programa vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política (NEPESP), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² Não entraremos com mais detalhes aqui na complexa discussão acerca da noção de saúde, mas faz-se necessário afirmar que a tomamos sob uma perspectiva que não a reduz ao plano orgânico, o qual remete à manutenção de um equilíbrio fisiológico, como acreditaram durante séculos e, de certo modo, até hoje, as ciências da saúde, em especial, a Medicina. Em oposição a essa ideia de equilíbrio, de enquadramento orgânico, bem como a designação frequente de saúde por ausência de doença, como negatividade, adotamos a perspectiva instituída por Canguilhem (1990) de saúde como capacidade normativa inerente à vida, como a capacidade de instituir novas normas em situações novas, o que extrapola medidas previamente definidas do que seja saudável ou patológico. Essa noção dá visibilidade ao mecanismo dinâmico da vida, a qual se modifica diante das adversidades.

Uma preocupação do Fórum foi a de construir uma lei com a participação dos sujeitos que operam diretamente nesse campo – uma política pública formulada com e não para os trabalhadores. Outra preocupação foi a de investigar criteriosamente a viabilidade de tal projeto e os efeitos que o mesmo poderia produzir. Com essa perspectiva, optou-se pela realização de um Projeto Piloto em duas escolas municipais, tendo em vista, inclusive, que não se conhecem registros de outras Comissões de Saúde em local de trabalho no âmbito da educação no Brasil.

A implementação do Projeto Piloto foi possibilitada pela autorização da SEDU-Serra, a qual oportunizou reorganização de carga horária dos profissionais que compuseram as Comissões, de modo que quatro horas semanais de suas jornadas passaram a ser destinadas ao desenvolvimento de atividades ligadas às mesmas. Participaram do Projeto Piloto, durante o ano de 2014: o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Olindina Leão Nunes” e a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Manoel Carlos de Miranda”, ambas escolhidas em processo de intensa discussão promovido pelo Fórum. Em cada uma das escolas, por sua vez, foram disparadas discussões coletivas para a eleição dos membros e respectivos suplentes que participariam desse projeto. Por motivos administrativos, nem todos os membros eleitos puderam participar das comissões, devido à indisponibilidade de substitutos para os mesmos. Nesses casos, os suplentes assumiram a participação na Comissão, respeitando-se o número de integrantes previstos para as mesmas na proposta de Projeto de Lei. Tal situação será analisada mais detalhadamente no item 3.4 deste relatório. As tabelas com os nomes dos membros eleitos e dos que de fato participaram do Projeto Piloto encontram-se nos Anexos II e III.

O Fórum COSATE elaborou um curso de formação, previsto inclusive na proposta de Projeto de Lei, visando disparar o trabalho das Comissões nas escolas. A proposta formativa foi empreendida sob a coordenação de pesquisadores vinculados ao PFIST e constituiu-se, ainda, como uma estratégia de pesquisa-intervenção (AGUIAR; ROCHA, 2007), a qual constitui-

se como um tipo de pesquisa-participativa que se destaca pela abordagem micropolítica³ dos processos em estudo. Parte do entendimento que a ação da pesquisa não apenas transforma seu próprio campo, mas inscreve-se no mesmo por atravessamentos de força que precisam ser colocados em análise.

Tendo isso em vista, o curso foi pautado no princípio de formação no e pelo trabalho, contemplando atividades de encontro presenciais (realizadas na FUNDACENTRO) e atividades de dispersão (desenvolvidas nas duas escolas participantes do Projeto Piloto).

Nas atividades de encontros presenciais reuniram-se os membros das duas COSATEs Piloto, juntamente à equipe responsável pela formação. Foi priorizada, nesse espaço, uma dinâmica dialógica, na qual: as participantes trouxeram as experiências de seu trabalho, foram apresentados a conteúdos conceituais e posteriormente analisaram a própria produção do conhecimento.

Nas atividades de dispersão, os membros discutiram entre si e/ou junto à comunidade escolar temas e atividades previamente programados, de modo a articular elementos debatidos nos encontros presenciais ao cotidiano de trabalho, atuando ainda como multiplicadores das questões abordadas na formação.

A criação de tal formato deu-se a partir da concepção de que formação e trabalho são indissociáveis e que este deve ser analisado coletivamente. Nesse sentido, fez-se necessário o delineamento de estratégias para que os canais de comunicação fossem ampliados nos espaços das escolas participantes do Projeto Piloto. Essa ampliação contempla o estabelecimento e/ou

³ Micro e macropolítica não são aqui expressões que remetem a dimensões: pequeno ou grande. Tais concepções referem-se a um plano de visibilidade. Macro, nesse sentido, remete ao plano das formas, do que está instituído e, portanto, facilmente identificado; fazem parte do que Guattari e Rolnik (2007) designam por nível molar. Já a micropolítica é uma referência ao plano das intensidades, molecular, ao campo de forças, agenciamentos e embates que vão modificando a realidade.

fortalecimento de parcerias com outros equipamentos sociais, bem como o envolvimento de diferentes sujeitos que compõem a comunidade escolar.

Sob tal perspectiva, o processo formativo priorizou a produção de uma grupalidade (LANCETTI, 1993), mais que o ensino e aprendizagem de conteúdos conceituais a serem aplicados ao meio de trabalho.

Com relação ao curso, ainda é importante salientar que o Fórum considerou importante a participação de todos os suplentes eleitos no curso de formação, o que foi analisado como inviável pelo setor responsável na Prefeitura Municipal de Serra (PMS), tendo em vista o impacto financeiro, em especial por se tratar de uma ação não prevista com antecedência suficiente no planejamento da PMS.

2 O PERCURSO DO PROJETO PILOTO DAS COSATES EM SERRA/ES NO ANO DE 2014

Conforme relatado acima, o trabalho das COSATES foi disparado por um curso de formação, sendo que este se realizou em 11 encontros semanais, com duração de 4 horas cada, conforme cronograma disponível no Anexo IV. A seguir, encontram-se relatadas as produções de cada um desses encontros.

2.1 PRIMEIRO ENCONTRO PRESENCIAL

Data: 29 de setembro de 2014

Atividade Prevista: Abertura Oficial do Projeto Piloto

Local: FUNDACENTRO

Relato do trabalho realizado:

- No primeiro encontro presencial aconteceu a cerimônia de abertura do curso de formação para as COSATES Piloto. O encontro foi aberto à participação do público em geral, sendo o convite estendido a todos os

membros do Fórum COSATE. Estiveram presentes representantes do SINDIUPES, da SEDU/Serra, membros das Comissões da EMEF "Manoel Carlos de Miranda" e CMEI "Olindina de Leão Nunes", além de membros do PFIST.

- Foram constituídas três mesas, sendo a primeira composta pela Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Barros de Barros (UFES/PFIST), pela promotora do MP-ES Dr.^a Claudia Sasso Torres, pela Gerente do Centro de Formação Professor Pedro Valadão Perez (SEDU-Serra) Marina Rodrigues Miranda, pelo representante do SINDIUPES Gean Carlos Nunes de Jesus e pela diretora da FUNDACENTRO na unidade de Vitória, Maria Angela Pizzani Cruz. Na fala dos componentes da mesa, ficou destacada a importância do tema Saúde do Trabalhador da Educação, bem como o ineditismo na proposta e a importância de aliar a mesma à pesquisa.
- A mesa seguinte foi composta pelas doutorandas Suzana Maria Gotardo Chambela, Maria Carolina de Andrade Freitas, Hervacy Brito; pelas mestrandas Danuza Fonseca e Líbia Gomes Monteiro; e pelas estagiárias de Psicologia Camille Abreu Cruz, Isadora Lee Padilha Ferri, Jaddh Yasmin Malta Cardoso e Mariceli Gottardo Mocelin, todas vinculadas ao PFIST. Nessa mesa abordou-se o processo formativo proposto para o Projeto Piloto das COSATEs, a metodologia e dinâmica de trabalho do curso de formação. Também nela foi repassada aos membros das Comissões a tarefa para o primeiro encontro de dispersão em cada escola.
- A terceira e última mesa foi composta pelos membros das Comissões e pela Diretora do CMEI "Olindina Leão Nunes" Maria da Penha Araújo. Na fala das mesmas destacaram-se o processo de constituição das COSATEs e suas expectativas em relação ao desafio que vislumbravam com a nova atividade. Muitas profissionais aludiram, nesse momento, ao adoecimento advindo do trabalho na educação, o qual é marcado por diversas queixas. Mas cabe destacar que todas mostraram-se bastante convictas de suas apostas na Comissão como uma possibilidade concreta de mudanças nesse quadro, cientes da novidade de tal

trabalho e de que se trata de um referencial ainda a ser construído. Importante frisar ainda a fala de uma participante:

"A nossa pesquisa tem um terreno fértil". [Grifo nosso]

- A expressão nossa pode ser considerada um efeito do engajamento nesse processo, o que se evidencia já nesse início do Projeto Piloto.
- Após as falas, os responsáveis pela condução do curso de formação responderam às dúvidas dos membros das Comissões.
- Imagens de encontros presenciais na FUNDACENTRO encontram-se no Anexo V.

2.2 PRIMEIRA ATIVIDADE DE DISPERSÃO

Data: 06 de outubro de 2014

Atividade Prevista: Estudo e discussão da proposta de Projeto de Lei das COSATEs

Local: CMEI "Olindina Leão Nunes"

Relato do trabalho realizado:

- Conforme acordado, o estudo da proposta de Projeto de Lei foi o disparador do encontro. As integrantes da COSATE haviam lido previamente tal material e empreenderam discussão coletiva, destacando as dúvidas quanto ao texto, sugestões de modificações quanto ao conteúdo do mesmo, pontos positivos em relação à proposta, bem como possíveis desafios para sua implementação. É importante destacar que o acordo com a equipe responsável pela formação foi que a Comissão se reuniria das 07 às 11 horas e que a equipe só chegaria às escolas às 08 horas e 30 minutos. Desse modo, quando a equipe chegou, as dúvidas já haviam sido elencadas e o grupo estava discutindo os demais pontos. Percebe-se um engajamento por parte das participantes, bem como uma preocupação em cumprir com a tarefa proposta.

- Houve duas dúvidas quanto ao texto. Uma foi referente à função do Secretário Geral, descrita no art. 5º, Inciso II. A equipe de formação esclareceu que, segundo a proposta discutida pelo Fórum COSATE, a ideia é que um dos membros da Comissão assuma as tarefas descritas no período do mandato da mesma. Contudo, para fins do Projeto Piloto, a sugestão foi a de que houvesse um rodízio, de modo que, a cada encontro, um membro diferente pudesse vivenciar tal função. A outra dúvida foi quanto ao art. 10, § 1º, o qual afirma que os membros das COSATEs não poderão ser removidos, redistribuídos e/ou transferidos de ofício durante a vigência de seu mandato e até 01 ano após o encerramento do mesmo. A questão foi elucidada e explicou-se que tal medida encontra-se, inclusive, na Lei Estadual Nº 5.627/1998 (ESPÍRITO SANTO, 1998) – a qual serve como base para a proposta de Projeto de Lei ora discutida –, como uma medida para proporcionar maior liberdade de ação aos integrantes das Comissões. A partir disso, as participantes consideraram tal item como um ponto bastante positivo na proposta de Projeto de Lei. Importante destacar uma preocupação, inclusive, com a questão das professoras substitutas que já compõem a COSATE no CMEI e com a possibilidade de continuidade do trabalho no ano letivo seguinte, tendo em vista o processo de remoção que ocorre a cada início do ano.
- Como sugestão ao texto, as participantes propuseram que o Conselho das Comissões de Saúde do Trabalhador (CONCOSATE) –, previsto na proposta de Projeto de Lei – seja acionado por ocasião da construção de novas escolas, com o intuito de que o projeto arquitetônico seja avaliado quanto à adequação às normas de segurança e saúde do trabalhador. Com o mesmo intuito, sugere-se que as COSATEs também participem do planejamento de reformas das escolas existentes, bem como da aquisição de mobiliários. Outra sugestão – não necessariamente ao texto do projeto, mas à execução do Piloto – foi a de explicar aos pais sobre a existência da COSATE na escola. Uma ideia foi a do envio de bilhetes aos mesmos, tendo em vista que se considerou importante o apoio destes, além de uma satisfação quanto ao motivo pelo qual os

filhos teriam um professor diferente na sala às segundas-feiras, o que se configura como importante estratégia de cuidado para com o público atendida pela escola. Também como sugestão para a realização dos encontros, colocou-se a ideia de uma pausa de 20 minutos para o lanche. Tal ponto, aparentemente simples, gerou uma longa discussão acerca do trabalho dos professores da Educação Infantil, os quais, diferente de outros níveis de ensino, não possuem um momento para lanche, ir ao banheiro ou “respirar” durante o turno de trabalho. Isso porque não podem deixar a turma sozinha no recreio ou em qualquer outro momento. Esse aspecto aparecerá, inclusive, como um risco importante no diagnóstico das condições de trabalho produzido posteriormente pela COSATE.

- Alguns desafios ao trabalho da COSTATE foram elencados, a começar pela suposta dificuldade em mobilizar dos trabalhadores. Nesse sentido, uma participante fala que:

“Tem gente que se blinda: não quer expressar o que incomoda, os riscos”.

Essa atitude, segundo algumas delas, provém de uma certa acomodação ou da descrença de que os problemas podem ser resolvidos. Outros desafios discutidos foram: pouca integração entre as escolas da rede; não reconhecimento do trabalho feito nos CMEIs (desvalorização das atividades da educação infantil, como um “trabalho menor”, que não “prepara adequadamente” a criança); necessidade de uma maior integração entre os estabelecimentos de ensino, tendo em vista que muitas lutas em prol de melhores condições de trabalho são travadas isoladamente; articular as atividades da COSATE aos espaços formativos existentes, tendo em vista que, segundo as participantes, os conteúdos de formação previstos “vêm prontos” e “estão fora da realidade da escola”, além de não haver apoio de formadores externos no que tange ao processo de formação continuada na Educação Infantil do município. Por fim, ainda como um desafio, foi destacada a falta de normas de fiscalização das condições de trabalho dos profissionais da

educação, em alusão à apresentação feita por Alexandre Custódio Pinto, pesquisador da FUNDACENTRO, no encontro de abertura.

- Como ponto positivo foi destacada a possibilidade de poder interferir no quadro de adoecimento percebido entre os profissionais da educação e a potencialidade de uma ação conjunta, tendo em vista que o Projeto Piloto conta com vários agentes engajados. Ganha destaque, na fala das participantes, a atuação do MP-ES, na figura da promotora Cláudia Torres Sasso, como uma força para a garantia dos direitos dos trabalhadores. Cabe ainda ressaltar que elas consideram que a existência formalizada da Comissão é um respaldo às lutas que, isoladamente, já são empreendidas ou que precisam ser colocadas em questão.
- O encontro da Comissão ocorreu em uma sala onde comumente são realizadas as reuniões da equipe da escola. É importante destacar que a mobília da sala é, basicamente, projetada para uso infantil, o que pode ser visualizado no Anexo VI. O desconforto e as dores em passar a manhã utilizando mesas e cadeiras muito pequenas suscitou a discussão de questões ergonômicas relativas ao mobiliário, instrumentos e materiais utilizados nos CMEIs. As professoras relatam faltar materiais necessários à prevenção de doenças, como, por exemplo, luvas para as cuidadoras que realizam a higienização das crianças.

Local: EMEF "Manoel Carlos de Miranda"

Relato do trabalho realizado:

- O encontro começou com a apresentação das expectativas sobre a participação na COSATE e passou à discussão dos pontos da Lei que as participantes julgaram importantes.
- A reunião transcorreu realçando as dificuldades encontradas por todos os membros da COSATE de se reunirem para o cumprimento das tarefas propostas, já que são inúmeros os atravessamentos escolares que surgem e solicitam atenção das participantes. Apresentaram, por exemplo, a necessidade de adequação da Comissão em vista da impossibilidade dos componentes eleitos inicialmente em serem

administrativamente autorizados para compor a COSATE. Uma das professoras eleitas não pôde assumir função na Comissão por não contar com um substituto⁴. Outra professora desistiu da função, devido a fazer parte do turno vespertino e o horário de reunião da COSATE ser às manhãs. Desse modo, duas suplentes foram então acionadas.

- Além deste primeiro debate, as participantes manifestaram como é importante para elas estarem reunidas para a tarefa da COSATE. Pois enfatizaram o quanto é difícil contar com espaços de conversação na escola e troca de experiências e ideias. As reuniões de praxe estabelecidas mostraram-se insuficientes para a efetivação dos diálogos necessários. Assim, este primeiro encontro, nos dizeres das participantes, além de propiciar o início das tarefas da COSATE, funcionou como um espaço de "desabafo" e cumpriu uma "função terapêutica".
- Sobre a tarefa de leitura conjunta da Lei, as participantes não conseguiram cumprir na íntegra, em função do tempo e da organização deste encontro primeiro, mas destacaram que:
 - ✓ Quanto ao Art 3º e a função deliberativa e preventiva da COSATE, seria necessário pensar em como lidar com as situações impróprias de trabalho (que vão desde a sujeira de alguns ambientes, passando pela infraestrutura da escola, até a distribuição das tarefas e a hierarquização das funções e cargos, à falta de espaços coletivos de conversação e busca de resolução dos problemas);
 - ✓ Quanto ao Art 4º, os membros relembram de "acidentes de trabalho" com as Auxiliares de Serviços Gerais (ASG) em função de produtos químicos utilizados na limpeza, realçam as "más condições de trabalho" (que incluem uma série de elementos: desde as condições materiais (como falta de copos, água potável,

⁴ É importante destacar que, para a participação das professoras nas COSATEs Piloto, a SEDU-Serra disponibilizou substitutos, via contrato de extensão de carga horária. Todavia, não havia disponível, dentre os professores previamente cadastrados para tal atividade, profissionais que ministrassem algumas disciplinas em específico – caso da professora em questão.

sabonetes, materiais para uso com alunos e em sala de aula, entre outros) à organização de trabalho (hierarquizações, desvios de função, sobrecarga, punições, busca de culpados por reprovações de alunos, falta de cobertura legal em caso de adoecimentos e afastamentos, falta de apoio interno e externo em casos de violência, insegurança no trabalho em função de ameaças de alunos, família e comunidade à escola, entre outros) e localizam que tudo isto aumenta a tensão nas relações e torna mais difícil a produção de saúde no ambiente de trabalho.

- ✓ Apontam como indicadores de adoecimento: a falta de horários de relaxamento e pausa entre as aulas (intervalos) que são "ocupados" com o cumprimento de outras tarefas escolares; a divisão e a hierarquização das tarefas e a rotineirização das atividades; a impossibilidade de contatos, conversas e trocas entre colegas e turnos na escola; a falta do estabelecimento de rede com outros dispositivos, recursos, serviços e parceiros no suporte à tarefa escolar; falta de plano de cargos e salários condizentes com as reivindicações da classe; falta de suporte da administração pública no oferecimento de benefícios, como plano de saúde; naturalizações e posturas que criam desgastes e se repetem nas atividades cotidianas; falta de mobilização dos colegas em busca de estratégias comuns de enfrentamento das dificuldades no trabalho. Todos estes fatores precisam ser registrados como desafios e encaminhados pela COSATE a diferentes instâncias resolutivas. Para tanto, necessita-se, porém, a construção de um plano coletivo de ação, que inclua os demais trabalhadores da escola e da rede municipal de educação.
- O encontro se encerra com o encaminhamento da continuidade da leitura do Projeto de Lei, por parte dos membros da COSATE. Discutiu-se muito como tornar a COSATE um dispositivo de ação coletiva e não apenas uma comissão de vigilância e denúncia.
- Fotos de encontros de dispersão nessa EMEF encontram-se no Anexo VII.

2.3 SEGUNDO ENCONTRO PRESENCIAL

Data: 13 de outubro de 2014

Atividade Prevista: Introdução sobre as COSATEs

Local: FUNDACENTRO

Relato do trabalho realizado:

- Como estratégia metodológica, acordou-se que cada encontro presencial deveria iniciar-se com a partilha das atividades realizadas no encontro de dispersão imediatamente anterior, com a perspectiva de ampliar a integração entre os trabalhos desenvolvidos nas duas escolas. Nesse momento, foram discutidos os seguintes pontos:
 - ✓ Questão da elaboração dos projetos arquitetônicos das escolas, que não levam em consideração as rotinas, a vivência de quem trabalha ou estuda lá. Desta forma, apontaram, são comuns os problemas ergonômicos (como exemplo: torneiras distantes do alcance das crianças, acústica ruim, etc.) que impactam de forma direta no trabalho.
 - ✓ Autonomia dos membros que participam do Projeto Piloto, conforme expresso em fala de uma professora:

"[...] como ainda não é lei, não existe segurança do trabalhador de que, se agir de forma contundente, não causaria um afastamento do profissional?"
 - ✓ Importância do diálogo com outros profissionais da escola e da própria rede, considerando-se, inclusive, a dificuldade dos profissionais em perceber o trabalho de seus pares.
 - ✓ Questões relativas à organização do trabalho, como a necessidade do tempo para conversar e descansar, além de questões estruturais e de recursos, como a falta de papel higiênico, sabão e número insuficiente de banheiros. Nas palavras de um membro:

"[...] são "nadas" que impactam na qualidade do ambiente de trabalho e podem ser causa do adoecimento".

- ✓ Falta de legislação que garanta melhores condições de trabalho, contemplando ações de prevenção ao adoecimento (em referência, por exemplo, à questão da voz, importante risco à saúde entre os profissionais do magistério).
- ✓ Falta de recursos e de formação para lidar com a questão da educação inclusiva, e a forma como ela tem se constituído em uma carga a mais para os profissionais.
- ✓ Neste ponto, a Coordenadora do CEREST-ES, Liliâne G. Santana destaca a importância das Comissões e do Fórum, como agentes que estão construindo um marco legislativo e, desse modo, funcionam “de baixo para cima”.
- As coordenadoras do curso de formação, Suzana Maria Gotardo Chambela e Maria Carolina Andrade Freitas, apresentam a metodologia e distribuem o programa de trabalho do curso de formação. É solicitado aos membros que cada um analise e compartilhe com todo o grupo seu envolvimento com a proposta das COSATEs. Sendo assim, as participantes contam suas implicações, as quais se seguem do modo como foram aparecendo, nas falas de cada uma:
 - ✓ Questão da acústica na escola e aposta que as COSATEs sejam a oportunidade de fazer alguma coisa para mudar tal realidade; sentimento de impotência e adoecimento no trabalho; participação na COSATE como algo que trouxe esperança; oportunidade de melhoria dos relacionamentos.
 - ✓ Aposta numa possibilidade real de fazer alguma mudança face ao incômodo produzido pela rigidez e fixação de determinados modos de conduzir o trabalho; “necessidade de desnaturalizar”.
 - ✓ Oportunidade de mudança num quadro de riscos, como, por exemplo, os transtornos causados às crianças e profissionais por ocasião de reformas, as quais não são previamente negociadas com as pessoas na escola.

“[...] eu quero somar porque já perdi muito”. [fala de uma participante].

- ✓ Modos de gestão quanto ao desvio de função e produção de adoecimento; angústia gerada em afastamentos.
- ✓ Deslocamento de expectativas, sendo que inicialmente a proposta das COSATEs não foi tão bem recebida: "mais gente da UFES querendo usar a gente de cobaia para o doutorado"; e, após o início do envolvimento com a Comissão suscitando a vontade de contribuir, de não estar "incomodada" sozinha:

"Para que a lei não fique só no papel".

- ✓ Oportunidade de lutar é um modo de contribuir, de fazer alguma coisa em prol da saúde do trabalhador, ante inúmeras dificuldades no cotidiano de trabalho, como o modo de se proceder às reformas nas escolas, integração dos estagiários, falta de políticas de valorização dos profissionais.
- ✓ Uma participante afirma:

"A COSATE é a luzinha no fim do túnel, a chance de fazer alguma coisa, de lutar, se mover. É a possibilidade de levar nossos problemas para além dos muros da escola, de atuar contra o mal que dentro das escolas hoje".

- Num exercício sintético, propôs-se a sistematização das falas em três planos: políticas de saúde, de formação e de inclusão.
- Ao final do encontro procedeu-se a orientação para a dispersão seguinte.

2.4 SEGUNDA ATIVIDADE DE DISPERSÃO

Data: 20 de outubro de 2014

Atividade Prevista: Levantamento de organizações e/ou estabelecimentos locais que podem ser articulados ao trabalho das COSATE

Local: CMEI "Olindina Leão Nunes"

Relato do trabalho realizado:

- A partir da atividade proposta para o encontro de dispersão, as integrantes da COSATE começaram a reunião discutindo sobre quais estabelecimentos poderiam compor com a Comissão na realização de um trabalho de promoção de saúde e/ou prevenção de adoecimento na escola. Pode-se dizer que essa tarefa não foi nada fácil, sendo que as discussões ficaram, por vezes, enfraquecidas durante o encontro. Supõe-se que isso se deu não por um descaso do grupo, mas por alguns fatores que ousamos sugerir. A ideia da identificação dos equipamentos sociais foi colocada no curso de formação como importante para a realização de um trabalho em rede. Todavia, percebemos que a noção de rede é algo abstrato e não produz muitos sentidos no contexto das profissionais do CMEI, o que poderia ter sido trabalhado de modo mais detalhado no encontro anterior. Além disso, apenas uma das integrantes da COSATE é residente do bairro no qual a escola se localiza e, em sua maioria, as professoras não conhecem muito sobre o que existe ou não naquele território em específico.
- O primeiro estabelecimento mencionado foi a Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro. Segundo as participantes, é a organização com a qual já foram realizadas algumas parcerias, mesmo que isso seja algo não muito frequente. Por ocasião da encomenda da atividade de dispersão, uma das integrantes da COSATE procurou antecipadamente a UBS e foi informada que a mesma conta com um profissional de Educação Física, sendo que foi levantada a possibilidade de que o mesmo possa fazer uma articulação com a escola para a realização de ginástica laboral. A ideia foi muito bem recebida pelas integrantes da Comissão e suscitou algumas questões: em que horário fazer? Como os profissionais da escola vão participar? Onde fazer? Poderia ser na praça, ao ar livre?
- Nessa perspectiva, é colocada a necessidade de um trabalho preventivo também a ser realizado por profissional da fonoaudiologia. Elas recordam de uma outra escola da rede na qual foi desenvolvido um projeto nesse sentido e manifestam vontade de que a COSATE pudesse articular para que o mesmo também acontecesse no CMEI. Por coincidência, a fonoaudióloga Nizilene Pissinate, vinculada à SEDU-

Serra e integrante do Fórum das COSATEs, chegou ao encontro, tendo em vista sua proposta de acompanhar a formação – dentro de suas possibilidades. A mesma afirmou ser viável a realização de tal atividade na escola e explanou sobre as possibilidades de trabalho a serem desenvolvidos no âmbito da prevenção. Já no âmbito terapêutico, explicou que outros encaminhamentos seriam necessários, tendo em vista a grande demanda que apresenta a rede municipal de educação e o número reduzido de profissionais existentes na mesma.

- A equipe da formação, no intuito de instigar a discussão, questionou se as participantes conheciam alguns serviços que poderiam contribuir como suporte ao trabalho das Comissões, diretamente vinculados às questões de vigilância em saúde e saúde do trabalhador –, tais como o CEREST-ES e DMST-Serra. As professoras desconheciam o CEREST-ES e demonstraram a necessidade de conhecer melhor a atuação da DMST-Serra, ou "Perícia Médica", como o serviço é mais conhecido pelos trabalhadores. Relatam uma série de dificuldades e impasses com relação às licenças médicas, destacando que o processo é burocrático e ainda mais adoecedor. Na visão delas:

"A Perícia Médica é apenas fiscalização. Não são parceiros".

A equipe de formação explanou que a DMST-Serra é um serviço complexo e que, inclusive, possui um membro envolvido na elaboração e execução do Projeto Piloto, o técnico de segurança do trabalho Robinson Nunes dos Santos. Nesse sentido, um desafio que se colocou foi a necessidade de conhecer melhor o serviço, compreender o processo e fazer tais informações circularem na escola. Uma das participantes questiona como muitas barreiras são apenas aceitas pelos trabalhadores, destacando a necessidade de compreender certas normas de funcionamento e reivindicar por mudanças das normas que não contribuem para a saúde dos servidores.

"Se as normas são feitas pelas pessoas, as pessoas podem mudar essas normas".

- Sugere-se, a partir disso, que uma das atividades de dispersão poderia consistir na ida dos membros da Comissão a diversos serviços estratégicos, visando conhecê-los melhor e estabelecer algum tipo de parceria.
- Nizilene coloca para o grupo a existência da Vigilância em Saúde do Trabalhador, serviço que está começando a ser implantado no município de Serra, destacando a importância de as COSATEs estabelecerem parceria com o mesmo.
- Uma participante destaca a existência de empresas localizadas no bairro e que poderiam também ser acionadas para alguma parceria. Ela sugere que a COSATE faça um movimento "para fora da escola":

"A gente tem que mostrar nossa cara, fazer as pessoas conhecerem nossa realidade".

Em sua opinião, a COSATE poderia realizar uma campanha de conscientização sobre a importância da saúde do trabalhador, bem como de arrecadação de materiais e equipamentos que estão faltando na escola, comprometendo a segurança no meio de trabalho. Tal ponto se constituiu como impasse, tendo em vista a argumentação de que é preciso uma mobilização para instituir políticas públicas que garantam as condições necessárias para a qualidade da educação e do exercício profissional, sem que seja preciso recorrer à iniciativa privada.

- A fim de trazer ao debate outras organizações e/ou estabelecimentos, a equipe responsável pela formação lançou mão do instrumento constante no Anexo VI. A partir da discussão disparada pelo mesmo, foram elencados como existentes no entorno: 03 escolas de Ensino Fundamental (em Taquara I, Barcelona e Taquara II), para as quais vão a maioria dos alunos oriundos do CMEI "Olindina Leão Nunes"; Estratégia de Saúde da Família (ESF); 01 Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), em Laranjeiras, o qual, segundo elas, serviu como espaço físico para algumas formações ocorridas para os profissionais do CMEI, sendo que, contudo, é um serviço com o qual a escola não possui muita articulação; 01 abrigo para crianças, em Laranjeiras. Ao serem indagadas quanto à articulação com o Conselho

Tutelar, as participantes recordaram da atuação do mesmo em um caso específico com uma aluna, mas destacam que o contato com tal órgão é muito superficial. Realçam ainda a importância das igrejas como um meio de acesso à população local.

- Foi produzido pelas participantes posteriormente um fluxograma como um produto das discussões empreendidas, o qual encontra-se no Anexo IX.

Local: EMEF "Manoel Carlos de Miranda"

Relato do trabalho realizado:

- Novamente compareceu no discurso das participantes a questão das atividades das ASGs, pois uma vez que o serviço é terceirizado e, portanto, regido por outros ordenamentos, a escola identificou a necessidade de estabelecer novas ações junto aos envolvidos (profissionais da escola, ASGs, empresa responsável pelo serviço, prefeitura, sindicatos) para a melhoria da manutenção e limpeza do espaço escolar. Diante da deficiência do serviço de limpeza da escola, as participantes levantaram as seguintes questões: por que tal função não acontece como deveria? Seria em função de um não esclarecimento a respeito das atribuições das funcionárias? Falta de materiais ou recursos humanos? Seria o caso de contratar homens para o serviço "mais pesado"? – conforme propôs uma das professoras, já que na outra escola em que trabalha esta estratégia deu certo. O que estaria em questão? Um encaminhamento proposto para a questão foi conversar com as equipes de trabalhadores da limpeza e com as empresas terceirizadas responsáveis pelo serviço para a adequada identificação e tratamento do problema, sem a culpabilização individual de funcionários. O "problema da limpeza" tornou-se, portanto, um analisador da organização de trabalho e da própria construção das referências locais que estavam envolvidas na tarefa da COSATE. As professoras procuraram conhecer as empresas terceirizadas e sindicato da categoria. A Serges – empresa terceirizada de limpeza e merenda –

parece enfrentar muitos problemas administrativos, como dispor de poucos funcionários e estes terem acúmulo de funções.

- Um elemento notado é que as professoras membros da COSATE não residem no território da escola, mas as profissionais da limpeza sim.
- O cardápio de merenda escolar também foi discutido nessa reunião, quando as professoras apontaram que este é inadequado do ponto de vista delas e que “as crianças não comem”. Segundo explicitaram, as merendeiras não fazem parte da elaboração do cardápio, o que prejudica a montagem do mesmo e o torna pouco atrativo, em comparação à merenda vendida na cantina. Isso culmina com o desperdício de merenda, o que precisa ser melhor avaliado, sob a hipótese de que os especialistas que definem o cardápio não conhecem a escola e a demanda de seu público. Outra questão é que os alunos não são acompanhados pelos profissionais na hora da alimentação.
- Um exercício importante foi realizado com tudo isto pela COSATE: a equipe de professores buscou os responsáveis da limpeza (empresa terceirizada), buscou conversar com as merendeiras, sobre suas condições de trabalho e criou um campo de aproximação e diálogo com demais professores da escola, embora estes últimos não tenham respondido de modo satisfatório à iniciativa de conversa.
- Quanto à aproximação com outros trabalhadores da escola, a COSATE elaborou uma caixa de sugestões, visando recolher elementos de análise e entendendo-o como instrumento para aquecer a participação dos profissionais nas discussões da COSATE;
- Ainda em relação à estrutura geral da escola, as participantes lembram que uma queixa comum dos alunos é dizer que a escola parece uma prisão, pois é muito grande, cinza e com grades.
- Com isso, também debateu-se sobre a prática de dispensar os alunos que chegam atrasados. O que produz esta prática? Isso aponta para discussões necessárias não somente dentro da escola e com a Sedu, mas com comunidade, outros serviços e principalmente com a família. Há uma tendência entre os membros da COSATE na responsabilização da família por casos de abandono, negligência, violência, drogadição,

expressa por exemplo na ideia de que todos os problemas da escola passam pela família e de que falta responsabilidade.

- Discutiu-se também sobre a “sala homogênea” criada na EMEF para alunos com “problemas de aprendizagem”. Embora os membros da COSATE reconheçam que a SEDU-Serra tenha sido desfavorável, a proposta foi aprovada na escola, sendo que a professora que assumiu, e que não participou da decisão da criação dessa turma, vinha de 6 anos de desvio de função. Tal situação também aponta para diversas linhas de análise, que envolvem a política educacional, as políticas internas de trabalho na escola, as condições de trabalho e os arranjos estabelecidos a partir de situações de afastamento e desvio de função.
- Com isso, lembrou-se sobre a situação dos membros da COSATE e as garantias de permanência no trabalho quando se tratar de professores que tenham alguma situação peculiar na escola ou não contam com cadeira efetiva na EMEF em que trabalham, como é o caso de uma das integrantes dessa COSATE.
- Novamente é manifestada a dificuldade de se ter espaços de discussão que abranjam o maior número de trabalhadores da escola. Diante desta dificuldade, a COSATE lançou mão de colocar pautas de seu interesse nas reuniões que já acontecem na escola, alcançando assim uma parte dos demais trabalhadores.
- Ao exercitar-se na construção das referências locais, a COSATE começa a interrogar sobre situações-limite que envolvem riscos diretos e urgentes, como no caso de um acidente de trabalho: quando alguém passa mal na escola, onde levar? Recorda-se que existe apenas um posto de saúde próximo a escola. Elenca-se outros serviços potencialmente acionáveis, como a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), os CRAS, as UBSs, o batalhão de polícia. A maioria dos funcionários são moradores próximos do bairro.
- As participantes lembram que os cursos destinados aos professores, como o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): curso para professores de 1º e 3º ano, recebem muitas críticas. E que falta investimento para a melhoria das condições de trabalho de

professores, inclusive no aumento dos salários. Apontam que por vezes falta também o comprometimento da própria categoria nas lutas coletivas por melhores condições de trabalho;

- Questiona-se a política educacional e a diretriz de não reprovação escolar. Com os exemplos da própria realidade escolar (como o censo que serve de baliza sobre resultados da escola) há a compreensão de que certas estratégias políticas precisam ser repensadas. Este é um problema de maior propositura, pois não depende somente do trabalho da escola, mas de discussões no âmbito de uma política educacional mais abrangente.
- O encontro encerra-se com a tarefa dos membros em realizar levantamentos das referências locais de saúde para articulações com a escola.

2.5 TERCEIRO ENCONTRO PRESENCIAL

Data: 03 de novembro de 2014

Atividade Prevista: Construção do conceito de trabalho, saúde e meio ambiente.

Local: FUNDACENTRO

Relato do trabalho realizado:

- O encontro começa com o resgate de algumas frases emblemáticas ditas no I Seminário "Saúde do Trabalhador da Educação de Serra-ES", realizado no dia 23 de outubro de 2014 pelo Fórum COSATE. Como nem todas integrantes das COSATEs puderam participar – devido ao fato de o encontro não ter ocorrido em uma segunda-feira – a ideia de resgatar as frases foi a de trazer pontos importantes para a atuação das COSATES debatidos no seminário.
- A seguir, os membros das comissões apresentam as organizações que podem ser parceiras das COSATE's localizadas nas proximidades das escolas, como exercício de compartilhamento das experiências da dispersão.

- Neste ponto, além de listar estas organizações, as professoras da EMEF Manoel Carlos relataram que produziram as caixas de sugestão e pontuaram a impressão de que a Comissão passa por descrédito dentro da escola. Uma das professoras retoma a questão da falta de limpeza como um risco e propõe que os arquivos da escola fossem digitalizados, visto que acumulam muito mofo, ácaro, poeira. Narram também que, apesar do apoio da direção, há dificuldade em abarcar o coletivo escolar nas discussões da Comissão, sendo que poucos podem participar – incompatibilidade de horários e modos de organizar o trabalho que propiciem espaços de conversa.
- Uma das professoras expõe que está participando da COSATE usando seu horário de planejamento e conta sobre o adoecimento causado pela "turma abacaxi" – caso já relatado, em que as crianças com necessidades especiais foram reunidas em uma única turma, a qual passou a ser assim apelidada pelos demais professores). Na sala, presença de crianças com laudo, mas sem tratamento representam uma dificuldade cotidiana, um desafio extra além dos já conhecidos pelos professores.
- Os membros da COSATE do CMEI descrevem como grande problema de saúde a questão da voz e distúrbios esquelético-musculares. Narram como muito produtiva a conversa com a UBS do Bairro, onde dialogaram sobre vacinas e programas de cuidados com a saúde que pudessem envolver as crianças.
- Em todos os encontros presenciais, sempre há representantes da FUNDACENTRO que também intervêm na formação. Nesta conversa, Valéria S. Pinto, uma destas representantes fala da necessidade de Normas Regulamentadoras (NRs) e Segurança e Saúde para o segmento da educação, além de apontar que não existe, na formação dos professores, espaço para desenvolver formas de prevenção e saúde.
- Em debate com todos, é mencionada a ideia de que o Centro de Formação (SEDU-Serra) poderia articular momentos para a discussão dessa temática, pois esta pode ser uma via para a construção de um

canal de comunicação que amplie os diálogos, de modo a atender melhor às demandas oriundas do cotidiano de trabalho.

- As professoras da EMEF Manoel Carlos propõem usar a Semana de Saúde do Trabalhador da Educação para produzir demanda, dar visibilidade às questões levantadas de modo que isto não sobrecarregue o professor e que também não se transforme em tarefa de outros, “para produzir protagonismo também”.
- Uma das professoras do CMEI Olindina apontam o CEREST-ES e DMST-Serra como parceiros e indagam se as empresas da região onde se localiza a escola também podem ser parceiras.
- Na segunda metade do encontro, a convidada do CEREST, Eliane C. R. Vasconcelos expõe as instituições e órgãos envolvidos na questão da saúde do trabalhador do serviço público, explicitando caminhos, diferenças em relação ao modo de funcionamento no serviço privado: Sistema Único de Saúde (SUS), Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST), Gerência de Vigilância em Saúde do Trabalhador (GEVS), CEREST-ES. Ela aponta os riscos implicados na organização do trabalho a partir das falas dos membros das COSATES e também propõe aproximação entre a rede de educação e a rede de saúde pública de Serra, para atuar, inclusive, na caracterização do profissional da educação em virtude de acidentes de trabalho nas escolas.
- Maria Bernadeth Vieira Martins, membro do movimento sindical no ES e também integrante do PFIST (convidada para esse encontro), explana sobre as diferenças entre celetistas – empregados sob regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) – e estatutários, discorrendo sobre os diferentes caminhos nas situações de acidente e adoecimento em função do trabalho e também propõe aos membros da Comissão que busquem parcerias com o Instituto de Previdência de Serra (IPS), além de apontar a necessidade de acionar o SINDIUPES nestes movimentos de construção de parcerias na promoção da saúde do trabalhador.

- Eliane também aponta que os programas de atenção no âmbito da saúde do trabalhador implicam formação continuada e que as escolas podem demandar apoio do CEREST-ES para elaboração de projetos neste sentido. Também é destacada a importância de relacionar e acionar as organizações implicadas no adoecimento e afastamento dos profissionais como forma de preservar a garantia de direitos trabalhistas.
- Neste momento, há consenso entre todos que conhecer o Estatuto dos Servidores do Município de Serra é fundamental para tomada de decisões e também da necessidade de aquecer a rede de saúde do trabalhador da educação.
- Ao final, foi realizado exercício de síntese dos pontos discutidos no dia, por meio do qual surgiram as seguintes frases:
 - ✓ Como multiplicar estas informações na escola?
 - ✓ Necessidade de mobilizar a comunidade escolar;
 - ✓ Tomar estas legalidades de conhecimento do trabalhador – por exemplo, a necessidade da confecção das Comunicações de Acidente de Trabalho (CATs) para a garantia de direitos;
 - ✓ Luta de forças entre os próprios trabalhadores;
 - ✓ EMEF: convite ao CEREST-ES para ida e conversa com os profissionais da escola;
 - ✓ Necessidade de a COSATE intervir no planejamento escolar;
 - ✓ Buscar sindicato para conhecimento do Estatuto;
 - ✓ Necessidade de formação para o profissional que retorna de afastamento;
 - ✓ Lógica empresarial de competição dentro da escola
 - ✓ CMEI: Estudo do Estatuto do Servidor Público Municipal de Serra pelo coletivo de trabalhadores da escola.
- Bernadeth encerra a rodada de conversas recomendando “trabalhar o possível com o que temos no curto prazo”.

2.6 TERCEIRA ATIVIDADE DE DISPERSÃO

Data: 03 de novembro de 2014

Atividade Prevista: Estudo e discussão coletiva do texto: "Saúde, cadê você? Cadê você?" (BRITO; ATHAYDE; NEVES, 2003).

Local: CMEI "Olindina Leão Nunes"

Relato do trabalho realizado:

- O encontro de dispersão não ocorreu conforme o programado, tendo em vista que, devido a uma forte chuva que provocou alagamentos no bairro (e em diversos outros da Grande Vitória), a escola estava sendo utilizada por desabrigados da região. Professores e alunos haviam sido dispensados de suas atividades enquanto perdurasse a situação, sendo que os dias letivos posteriormente deveriam ser repostos. Duas integrantes da COSATE aguardaram na praça – que fica em frente ao CMEI – a chegada da equipe de formação. Elas relataram que a escola foi "invadida" pelo grupo de desabrigados, que o portão foi arrombado. Muitos profissionais trabalharam durante o final de semana para organizar e guardar os materiais da escola, desocupar salas para acomodar as pessoas, entre outras atividades. As duas professoras se dispuseram a realizar o encontro de dispersão em tais condições, mas sugeriu-se que as mesmas fizessem o estudo do texto em outro momento, durante a semana e, caso fosse possível, tentassem articular alguma discussão coletiva.
- Por iniciativa da COSATE e, tendo como oportunidade um dia de reposição ocorrido no sábado seguinte, a leitura e discussão do texto foi realizada coletivamente, com todo o corpo de profissionais do turno matutino.

Local: EMEF "Manoel Carlos de Miranda"

Relato do trabalho realizado:

- As participantes começam relatando que a caixa de sugestões não tem surtido efeitos e que não tem sido utilizada pelos profissionais da escola como canal de diálogo. Tentam algumas hipóteses para justificar o

acontecimento: "as pessoas não tem tempo para escrever"; "acharam a estratégia ineficaz"; "desinteresse"; "as caixas não foram suficientes e estão em locais de pouco acesso"; "não foram deixados materiais próximos à caixa para o registro das sugestões". Porém, mesmo diante do não funcionamento da estratégia, a COSATE tem tentado aproximações e conversas com outros trabalhadores, lançando mão dos espaços instituídos de reunião para solicitar a participação de todos. Desta forma, um professor de geografia sugeriu que fosse elaborado um questionário sobre os fatores que concorrem para o adoecimento dos trabalhadores da escola, em que os mesmos pudessem identificar aqueles que julgam serem os mais incidentes.

- Mesmo com a estratégia do questionário sendo gestada e acatada pela COSATE como sugestão, as participantes identificam que: "É um problema pensar a escola como uma unidade. São três turnos, séries iniciais, séries finais, Educação de Jovens e Adultos (EJA). Como alcançar os professores do noturno e suas demandas?"
- Os membros da COSATE relatam algumas falas pejorativas feitas por colegas: "Cuidado com o que se fala na COSATE"; "a COSATE é desculpa para não dar aula"; "lá vão elas tomar cafezinho". A partir disso, a discussão da reunião pautou-se na elaboração de uma ação com os demais trabalhadores de esclarecimento acerca da COSATE, como uma forma de fortalecer a ação dentro da escola.
- Surgiu então uma proposta para o encontro seguinte de dispersão que contasse com a participação do CEREST-ES e produzisse um debate sobre a COSATE. Visou-se contribuir com informações a respeito do serviço e da Política de Saúde do Trabalhador, além de ampliar as discussões realizadas pela COSATE com a escola, conclamando a participação coletiva e elucidando que a Comissão se faz com a parceria de todos na identificação e solução dos problemas enfrentados na escola. As participantes sugerem produzir um material-síntese baseado no Projeto de Lei, retirando-lhe alguns pontos chave, para ser distribuído no momento de tal ação, prevista, então, para o dia 17 de novembro de 2014.

- Diante de certas comparações entre aspectos da política municipal de educação de Serra e a de Vitória, configura-se certo desânimo entre os membros, mas surge um apontamento interessante:

“Comparar é insuficiente”. “O que temos de bom?” “A identificação do problema é importante, mas não para torná-lo maior do que é”;

- Compareceu também na discussão uma reflexão sobre as práticas escolares e de organização do trabalho que acabam por culpabilizar os professores pelo seu adoecimento. As participantes citam por exemplo o fato de terem que pagar substitutas quando precisam faltar por motivo de adoecimento, uma vez que há uma enorme dificuldade em validar o atestado no serviço de perícia médica. Por exemplo, para ir à perícia, o profissional acaba perdendo mais um dia de trabalho e sua ausência não é abonada. Além disso, nos discursos correntes dentro da escola, aparecem falas reforçando a culpabilização dos trabalhadores que adoecem.
- Diante de toda a discussão, as participantes destacaram, da leitura do texto indicado, aspectos que chamaram atenção, reforçando que é preciso que o trabalho da Comissão direcione-se no sentido de sair do paradigma da doença para inaugurar uma discussão sobre saúde. Os fragmentos retirados para reflexão foram:
 - ✓ “Saúde não é ausência de doença. É potencializar a vida”;
 - ✓ “Estar no trabalho não apenas para garantir a sobrevivência, mas para desenvolver a existência, ou seja, conquistar algo no plano da realização pessoal”;
 - ✓ “Se não procuramos virar esse jogo de inércia e adaptação à nocividade, vamos estar sempre apagando fogo”;
 - ✓ “Nada de poder, um pouquinho de saber e o máximo possível de sabor”;
 - ✓ “A nossa saúde física e mental depende de nossas ações e não da aceitação de coisas que nos são impostas”.

2.7 QUARTO ENCONTRO PRESENCIAL

Data: 10 de novembro de 2014

Atividade Prescrita: Discussão dos riscos e potencialidades à saúde com relação ao trabalho na escola, em articulação à rede de serviços em saúde do trabalhador

Local: FUNDACENTRO

Relato do trabalho realizado:

- O encontro se inicia com a partilha da dispersão. A equipe da EMEF "Manoel Carlos de Miranda" comenta algumas falas "desanimadoras" de certos colegas, de que participar da COSATE seria uma forma de "fugir do trabalho". Por outro lado, os arranjos que a Comissão estava promovendo no sentido de levar um representante do CEREST-ES à escola para uma palestra ganham força e passam a ser, também, um modo de responder a estas falas. Relatam que o evento foi marcado para o dia 17 de novembro de 2014 e que também pensam, como estratégia de aproximação, fazer festa para aniversariantes da escola.
- Já a equipe do CMEI "Olíndina Leão Nunes" trazem, em suas falas, um tensionamento entre as possibilidades de resolver localmente os problemas advindos do cotidiano de trabalho e o acionamento de instâncias macro políticas. Relatam que aproveitaram um dia de reposição ocorrido no sábado anterior (08 de novembro de 2014) para discutir coletivamente o texto "Saúde, cadê você? Cadê você?" (BRITO; ATHAYDE; NEVES, 2003), cumprindo, assim, com a atividade de dispersão programada para o dia 03 de novembro de 2014 e que não ocorreu devido à utilização da escola por desabrigados pelas fortes chuvas ocorridas no município. Interessante destacar que, com tal remanejamento, a ação ganhou mais força, tendo em vista conseguir congregar um grande número de trabalhadores do turno matutino do CMEI na discussão da articulação saúde e trabalho na escola. As integrantes da COSATE contam que houve bastante participação e engajamento por parte dos colegas na discussão, permitindo, ainda, a criação de um momento para clarificar o trabalho da COSATE na escola,

bem como mobilizar os trabalhadores para a importância da análise coletiva do trabalho, além de envolver os mesmos nos processos de gestão das atividades na escola, no sentido da promoção da saúde.

- Nesta roda de conversa, os membros das Comissões citam algumas frases ditas por outros profissionais presentes na escola, as quais fazem parte do cotidiano de trabalho, tais como:

“Estou aqui para trabalhar para o aluno, não trabalho para professor”.

“O professor não pode fazer café, usar xícara, não existe sequer um espaço para aquecer comida” [em referência aos professores que ficam o dia inteiro na escola].

- A ideia da caixinha de sugestões, que aparece no relato dos trabalhos na EMEF foi apreciada por todos e aproveitada pelas participantes do CMEI, as quais disseram que também iriam se utilizar de tal estratégia.
- Comenta-se o fato de que a PMS colocará em prática uma medida prevista no Estatuto dos Servidores Públicos e que até então não havia sido utilizada: a de que os professores que tem mais de 60 dias de afastamento podem sofrer processo de remoção. As duas equipes afirmam que, se não estivessem participando das COSATEs, este fato não seria discutido – devido às rotinas estabelecidas e também porque os espaços para conversar sobre este tipo de assunto não são suficientes nas escolas. Desse modo, houve a possibilidade de alguma mobilização para enfrentar tal processo.
- Tal ponto remete à participação nas ações promovidas pelo SINDIUPES e passa-se a debater sobre o Pré-Congresso promovido por tal instância e o Congresso que está para acontecer, destacando-se a necessidade do Fórum COSATE e de todos dos profissionais envolvidos no Projeto Piloto tomar corpo nas lutas do Sindicato.
- Tendo em vista a atividade de produção de um levantamento acerca das condições de trabalho nas escolas, é reservado um momento para a criação de uma metodologia específica para cada escola realizar tal atividade. As COSATEs se reúnem então, em separado por um momento, com o apoio de membros da equipe de formação, para

delinear estratégias e escolher instrumentos de produção de dados nas escolas.

- A partir disso, cada COSATE elabora uma forma diferente para proceder a tal pesquisa. Desse modo, fica combinado para a próxima dispersão:
 - ✓ A COSATE do CMEI "Olindina Leão Nunes" opta por trabalhar com duas estratégias: fazer entrevistas individuais e discussões coletivas com duas perguntas disparadoras (sobre os riscos e as potencialidades do trabalho naquela escola), sendo que cada membro ficou responsável por um grupo de trabalhadores, de modo a abranger todas as categorias profissionais; além disso optou-se também por se utilizar da caixinha de sugestões.
 - ✓ Já a equipe da EMEF "Manoel Carlos de Miranda" decide aproveitar o momento a ser realizado com a equipe do CEREST-ES para empreender discussão coletiva acerca das condições de trabalho, além de aplicar um questionário, alcançando desta forma também quem trabalha em outros turnos.

2.8 QUARTA ATIVIDADE DE DISPERSÃO

Data: 17 de novembro de 2014

Atividade Prevista: Levantamento dos riscos e potencialidades no que tange à saúde no cotidiano de trabalho na escola

Local: CMEI "Olindina Leão Nunes"

Relato do trabalho realizado:

- Conforme planejado no encontro presencial, a COSATE se dividiu para a realização de um mapeamento sobre o que adocece e o que produz saúde no trabalho na escola, segundo os profissionais que atuam no CMEI. Cada membro da comissão ficou responsável por um grupo de trabalhadores e, assim, foi possível atingir um grande número de pessoas em um curto espaço de tempo. Essa atividade foi desenvolvida ao longo da semana que sucedeu ao quarto encontro presencial.

- Os membros da COSATE optaram em realizar o mapeamento por meio de duas formas: entrevistas individuais e em grupo com as auxiliares de limpeza e alimentação; e aplicação de um questionário aberto com os professores (Anexo X). O questionário apresentava duas questões, a saber:
 - ✓ Como as condições do ambiente interferem nas atividades do dia a dia e na saúde? O que precisa melhorar? Liste alguns problemas/fatores:
 - ✓ Quais as fontes de prazer geradas no trabalho?
- 16 professores responderam ao questionário por escrito e 10 de forma oral, computando-se 26 participantes num total de 40.
- As integrantes da COSATE relataram o quanto foi importante a realização dessa atividade, uma vez que a mesma se constituiu como possibilidade de dar visibilidade à participação na COSATE e que o trabalho delas até então desconhecido passou a ser visto pelos demais.
- Nesse encontro de dispersão, a Comissão reuniu os dados produzidos em tal atividade, discutiu cada item e organizou os mesmos em categorias, cada uma das quais agregando respostas que foram julgadas como semelhantes.
- Os itens elencados pelos trabalhadores dispararam diversas discussões sobre as condições de trabalho na escola. Questões como relações de poder e interpessoais foram muito presentes nos diálogos.
- Ao final da dispersão, a Comissão, com auxílio da equipe responsável pela formação, categorizou e construiu planilhas e gráficos demonstrativos do levantamento feito na escola (Anexo XI), com auxílio do software Excel.
- De modo a complementar essa ação, a Comissão elaborou cartazes com frases extraídas do Caderno de Textos (BRITO; ATHAYDE; NEVES, 2003) utilizado no curso de formação, colando-as nas paredes da escola.

Local: EMEF "Manoel Carlos de Miranda"

Relato do trabalho realizado:

- Este encontro de dispersão objetivou a efetivação de uma primeira ação planejada pela COSATE para discutir com outros trabalhadores da escola aspectos relevantes na implementação da própria Comissão, bem como criar um campo propício e de atenção coletiva pela proposta, por meio da divulgação de informações prestadas pelo CEREST-ES de interesse geral dos trabalhadores. Esta ação ampliada se valeu da organização interna em dia de reunião escolar e contou com a participação dos membros da COSATE, dos demais trabalhadores da escola, incluindo direção e equipe pedagógica, bem como do CEREST-ES e apoiadores do PFIST. Para tal encontro, as integrantes da COSATE produziram o material constante nos Anexos XII e XIII.
- Membros da COSATE realizaram a abertura da ação, explicitando aos demais trabalhadores da escola o processo de constituição e trabalho da Comissão até o momento e afirmando a emergência de se promover discussões e ações dentro da escola que visem a promoção de saúde. Foram esclarecidas algumas questões centrais acerca da proposta de Projeto de Lei (tais como: o que é COSATE e CONCOSATE e quais as suas atribuições). A partir de algumas ideias do Caderno de Textos utilizado na formação (BRITO; ATHAYDE; NEVES, 2003), foi realizada, também, uma reflexão com todos os participantes sobre os processos produção de saúde e o Dispositivo Dinâmico de Três Pólos – conforme disposto em tal material.
- Seguindo a sugestão de um colega, a COSATE aplicou previamente àquela reunião alguns questionários (Anexo XIV) visando à identificação de riscos para a saúde do trabalhador naquela escola. Nesta reunião, foi partilhado o resultado parcial obtido por meio da aplicação deste instrumento e solicitou-se aos trabalhadores que ainda não haviam respondido o mesmo para o fazerem – os resultados sistematizados a partir desse exercício encontram-se no anexo XV.

- Foi demarcado, ainda, o caráter coletivo das COSATEs, sendo todos os profissionais da escola convidados a participarem da leitura de trechos do Caderno de Textos, destacando-se que:

“A escola não é lugar para moer gente” [fala de integrante da COSATE].

- A participação da assistente social Eliane do Carmo România de Vasconcelos, do CEREST-ES, visou à apresentação de tal serviço e o fornecimento de informações de acesso ao mesmo por parte dos trabalhadores. Tal ação também objetivou subsidiar a luta por melhores condições de trabalho, servindo de estratégia para a identificação de riscos relacionados às mesmas, além de informar acerca da política de saúde do trabalhador.
- Outra participação importante de ser mencionada foi a de Maria Bernadeth Vieira Martins (PFIST/movimento sindical) que apresentou os aparelhos das três instâncias de governo que assistem os direitos dos trabalhadores e suas respectivas atribuições: Ministérios da Saúde e do Trabalho, Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), CEREST-ES, Sindicatos, Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT).
- Durante a reunião alguns participantes apontaram como elementos que exigem mudança: a dificuldade de acesso ao serviço de perícia médica; a não existência de planos de saúde ou parcerias e convênios da PMS; dificuldades diversas na rotina dos professores que lecionam em dois municípios diferentes; necessidade de coletivizar os problemas para juntos com outras instâncias atingir resultados satisfatórios; necessidade de conhecer melhor o Estatuto dos Servidores Públicos do município.

“Enquanto a educação for um sacerdócio tudo vai ter que ser um sacrifício” [fala de um professor durante a ação].

- A reunião encerra-se com um novo encaminhamento por parte do coletivo que se fazia presente: agendamento de outro encontro para discussão do Estatuto, com o apoio da equipe do CEREST-ES.

2.9 QUINTO ENCONTRO PRESENCIAL

Data: 24 de novembro de 2014

Atividade Prevista: Levantamento dos riscos e potencialidades no que tange à saúde no cotidiano de trabalho na escola

Local: FUNDACENTRO

Relato do trabalho realizado:

- O encontro tem início com a apresentação dos resultados da pesquisa feita pelos membros da COSATE do CMEI "Olindina Leão Nunes". Elas apresentam os dados do encontro de dispersão em forma de gráficos (Anexo XI). As respostas relativas à questão acerca do que precisa melhorar na escola fazem referência, de um modo geral, à infraestrutura, comunicação, relacionamento entre os segmentos, organização e planejamento (tendo em vista que, como já abordado, falta, por exemplo, horário para lanche dos professores nos CMEIs) e formação continuada. Com relação a este último ponto, afirmam:

"Nós mesmas nos viramos aqui".

- Relatam que com alguns grupos foi preciso incentivá-los a falar, principalmente em relação às ASGs, pois estas demonstravam receio: "você vão colocar nossos nomes?". Nas palavras das professoras:

"Só colocavam coisas boas, das coisas ruins, aí que medo! Só entrevista individual para investigar [...]".

"É uma insegurança total [...]".

"Eu não tenho nada a reclamar". 'É porque você é nova', respondiam as outras".

- Adaptar o instrumento foi então uma necessidade para que se conseguisse o acesso às informações desse grupo. As participantes apontam também o uso de justificativas religiosas para falar de como cada um "suporta" o trabalho.

"Entre elas [as ASGs] não estão felizes. Foi bom ouvi-las, mas foi difícil, tivemos que ficar perguntando. Dificuldades delas falarem de forma espontânea e pensar as condições devido ao medo, inclusive de colocar o nome.

Medo de que, se reclamassem pudessem perder bolsa família! Falta informação, desconhecimento e opressão”
[fala de integrante da COSATE].

- Relatam que era comum ouvir frases do tipo: “vou perder meu emprego”. Neste modo de contato com as ASGs para conversar, contam que eram vistas como estando a serviço da direção. Mas por meio de um exercício cuidadoso de aproximação, a atividade foi realizada e o grupo pôde dar visibilidade a algumas questões importantes que fazem parte de seu cotidiano de trabalho.
- Já entre outros profissionais, ficou latente a indignação de terem que ir em um sábado repor dia de trabalho no qual não houve aulas por causa da chuva (episódio explicitado no item 2.6 deste Relatório). Sobre uma possível contestação a respeito destas reposições, uma das participantes conta que ouviu “isso é briga de cachorro grande”, ao que ela prontamente respondeu:

“Então temos que virar cachorro grande”.

- Uma das ações empreendidas pela COSATE do CMEI Olindina consistiu em espalhar frases pela escola, de forma a chamar a atenção e despertar a curiosidade de quem transita por lá para as questões da saúde do trabalhador.
- Com relação às respostas acerca do que proporciona prazer no trabalho, as professoras também apresentaram dados e gráficos da pesquisa (Anexo XI) que realizaram, destacando a existência de algumas incongruências, tendo em vista que certos fatores aparecem para uns profissionais como algo positivo e, para outros, como algo negativo.
- Após explicitados tais pontos, segue-se a partilha da dispersão realizada na EMEF “Manoel Carlos de Miranda”. As participantes relatam que os questionários (Anexo XIV) foram distribuídos na escola em todos os turnos, obtendo-se 28 respostas, as quais foram tabuladas. Discorrem também sobre a dificuldade de acolhida e resposta por parte dos professores. Uma delas comenta que há uma diferença no relacionamento e dinâmica dos turnos e seus trabalhadores. Outra

afirma que o quadro incompleto de professores no noturno está correlacionado à alta taxa de evasão de alunos no respectivo turno:

“Quando o aluno vai, não tem professor”.

- Uma das professoras da EMEF faz a leitura do relatório parcial com os resultados do levantamento realizado na escola acerca das condições de trabalho (Anexo XV). Um ponto positivo destacado foi gestão da escola, avaliada como democrática, o que, aponta-se, não é, contudo, uma realidade na maioria das escolas.
- Quanto aos riscos, ao que produz adoecimento, comparece na fala das professoras a questão do comportamento violento de alguns alunos, os quais segundo os participantes, não são punidos e não são acionados outros órgãos para auxiliar no trato com tal problema.

“A escola faz de conta que não vê nada, não quer ver nada. Mas tem excesso de punição para o professor” [fala de uma participante].

- A questão do recreio também é citada como um problema no cotidiano do trabalho na escola: segundo as participantes, são frequentes reclamações dos pais quanto ao que acontece nos intervalos, há dificuldades em voltar às salas e retomar o ritmo com os alunos e até mesmo questões envolvendo segurança. Isso se explicitada, por exemplo, no caso citado de um aluno que jogou um paralelepípedo em uma casa vizinha à escola e o morador ameaçou arranhar os carros de professores em represália.
- Uma integrante da COSATE fala de certo “acomodamento” por parte de alguns colegas professores e da desunião da classe, o que acaba, de alguma forma, compondo também com o descrédito dos colegas frente a um trabalho coletivo como prevê o Projeto das COSATES: falta, segundo ela, uma cultura de mobilização.
- Outras dificuldades de ordem organizativas são lembradas, como o caso da professora do EMEF que queria participar da COSATE, mas não houve substituto disponível em sua área de atuação. Além disso, menciona-se a necessidade de negociar com a escola outros espaços

de para que a COSATE possa estar em diálogo constante com os demais trabalhadores, o que demanda certos arranjos internos.

- Como sugestão, aparece a partir dos movimentos produzidos pelo levantamento realizado na EMEF a ideia de que questões suscitadas pela leitura do Caderno de Textos utilizado no curso de formação componha a prova de progressão para os professores, de modo a ampliar o debate acerca da saúde do trabalhador. Ação esta que já conta com o apoio da direção da escola.
- Na segunda metade do encontro, o Técnico de Segurança do Trabalho da DMST-Serra Robinson Nunes explanou sobre Mapas de Risco a partir do Modelo Operário Italiano. Também foi debatida a questão da diferença entre consenso e votação: o primeiro demanda diálogo aliado à informação, por isso deve ser considerado como uma valiosa ferramenta no trabalho da COSATE. A partir daí e do diagnóstico feito em cada escola participante do Projeto Piloto, Robinson expôs os passos para confecção do mapa de risco, destacando alguns pontos relevantes na legislação vigente. A produção do mapa de risco fica delineada como fruto do saber dos trabalhadores (apoiados por outros saberes científicos – acerca do ambiente de trabalho, considerando-se que o mesmo é dinâmico e que, por isso, deve ser constantemente analisado.

2.10 QUINTA ATIVIDADE DE DISPERSÃO

Data: 01 de dezembro de 2014

Atividade Prevista: Discutir e organizar esboço do plano de trabalho das COSATES

Local: CMEI "Olindina Leão Nunes"

Relato do trabalho realizado:

- A partir da utilização de diversos instrumentos para a análise das condições locais de trabalho (questionários, entrevistas, discussões

coletivas) com os profissionais que atuam no CMEI, a COSATE produziu uma relação dos principais fatores de riscos à saúde, bem como dos elementos existentes no meio de trabalho que contribuem para a promoção da mesma.

- Segundo tal levantamento, os principais riscos à saúde são:
 1. mobiliários inadequados;
 2. esforço físico;
 3. exposição a produtos químicos;
 4. exposição a ambientes insalubres (poeira, doenças infectocontagiosas);
 5. descarte inadequado do lixo;
 6. falta de materiais para a higienização;
 7. baixos salários;
 8. desvalorização do profissional;
 9. falta de mobiliário na cozinha;
 10. falta de comunicação com Corpo Técnico Administrativo (CTA);
 11. relacionamento entre os segmentos;
 12. falta de horário de lanche e descanso;
 13. falta de local apropriado para planejamento;
 14. tempo de planejamento insuficiente;
 15. falta de coordenador e estagiários;
 16. falta de formação continuada adequada;
 17. burocracia no processo de licença médica;
 18. acústica inadequada;
 19. falta de parceria com as famílias;
 20. acúmulo de tarefas;
 21. falta de espaço adequado para Artes e Educação Física;
 22. avaliação de profissionais por métodos injustos;
 23. falta de banheiro e bebedouro no pátio;
 24. preocupação com a área inadequada de lazer e a rampa com alambrado baixo;
 25. falta de nivelamento de terra próximo ao muro de arrimo.

- Já com relação às potencialidades existentes no meio de trabalho quanto à promoção da saúde, foram elencados:
 1. fácil acesso ao local de trabalho;
 2. convivência harmoniosa;
 3. trabalho bem dividido;
 4. bom relacionamento entre os profissionais de uma mesma equipe;
 5. envolvimento de todos nas ações propostas;
 6. gestão democrática;
 7. avaliação compartilhada em relação ao trabalho desenvolvido;
 8. envolvimento da comunidade nas ações desenvolvidas.
- Tais elementos diagnósticos serviram como base para a construção do plano de trabalho da COSATE, a partir de instrumento desenvolvido pelo PFIST (Anexo XVI). O exercício proposto foi o de, a partir das discussões realizadas ao longo do processo formativo até então, priorizar pontos cruciais para a atuação da Comissão. Tais ações, conforme orientação da equipe de formação, contemplaram estratégias para prevenção de adoecimentos e para a promoção de saúde. Além disso, foi solicitado que as participantes esboçassem ainda um plano simplificado de comunicação – considerando-se que este é um ponto crucial no trabalho da Comissão –, bem como mecanismos de avaliações periódicas do trabalho realizado, de modo a permitir o monitoramento e replanejamento das ações, conforme as demandas surgidas no cotidiano de trabalho.
- O plano de trabalho criado pela Comissão encontra-se no Anexo XVII.

Local: EMEF "Manoel Carlos de Miranda"

Relato do trabalho realizado:

- Esta reunião objetivou delinear aspectos para a construção de um plano de ação para a COSATE, visando à continuidade do processo em 2015. Para tanto, também foi utilizado o recurso organizativo constante no Anexo XVI, o qual facilitou a discussão e organização das ideias.
- No mapeamento de riscos previsto no Plano de Trabalho foram elencados os seguintes pontos:

1. mudanças repentinas no sistema quanto a regras, normas, dentre outras;
2. cada setor apresenta iscos diferentes;
3. água do bebedouro contaminada (caso das larvas na água que será melhor detalhado na página 48 deste Relatório);
excesso de barulho;
4. falta bactericida para limpeza (uso de álcool);
5. decisões tomadas pela equipe técnica sem discussão com o grupo;
6. ameaças advindas da comunidade/alunos;
7. drogadição;
8. violência;
9. esforço Vocal/Ruídos;
10. excesso de poeira/fungos;
11. riscos com produtos químicos para as ASGs
12. esforços repetitivos;
13. peso excessivo (ASGs e Merendeiras);
14. tanques baixos (Merendeiras);
15. inadequações de ordem física: pátio, algumas salas com mobiliário danificado, falta de recursos materiais (pincel de quadro, materiais de limpeza, copos descartáveis, papel higiênico sabonetes, etc), sujeira das paredes, goteiras em algumas salas (Exemplo: laboratório de ciências), rampa escorregadia;
16. reformas no período de aulas;
17. saídas de emergência comprometidas;
18. plano de carreira, cargos e salários;
19. pressões da SEDU-Serra (Aprovação dos alunos, quantificações da aprendizagem, indicadores, conteúdos sugeridos (algumas vezes não compatíveis com o conteúdo cobrado nos testes nacionais padronizados de desempenho escolar);
20. falta de integração do trabalho docente (trabalho muito dividido, corrido, individualizado);
21. arranjos internos que favorecem um lado e prejudicam outro (por exemplo, quanto ao horário de planejamento);

22. falta de suporte pedagógico para acompanhamentos de alguns casos (planejamento de aula, plano trimestral);
 23. não-criação de critérios diferenciados para os casos;
 24. falta de reuniões periódicas;
 25. falta de representação nos eventos da categoria;
 26. avaliação arbitrária e injusta do trabalho dos docentes pelo grupo eleito;
 27. falta de conhecimento e entraves burocráticos à retirada das licenças quando necessário e dificuldade de reorganizar as práticas do dia diante do adoecimento de algum profissional;
 28. falta de ação colaborativa entre os trabalhadores;
 29. endurecimento das rotinas de trabalho;
 30. isolamento das turmas e ações;
 31. desvios de função (por exemplo: ASGs como responsáveis pelos materiais dos professores);
 32. separação de alunos com dificuldades de aprendizagem numa única sala;
 33. dispersão do Conselho de Escola;
 34. roubo/furto de recursos materiais (Ex.: notebook, adaptadores para tomadas);
 35. centralização de tarefas que prejudicam o andamento do trabalho na ausência do responsável;
 36. formação (Ex.: PNAIC) em horário extra à jornada de trabalho (não privilegiando a participação dos profissionais, ou se dão de maneira obrigatória e com grande carga de atividade extra curso);
 37. frágil articulação com o Sindicato.
- Quanto às potencialidades levantadas no âmbito da promoção de saúde:
 1. produção de dilemas e questões sobre as práticas cotidianas de trabalho;
 2. estratégias de valorização do aluno pelo professor;
 3. estratégias de integração entre disciplinas e docentes;

4. credibilidade conferida à COSATE pelos demais profissionais diante da primeira ação ampliada da COSATE em parceria com CEREST-ES;
 5. proposta de Reuniões regulares pré-determinadas pela COSATE (elencar tópicos, possibilidade de vincular o tema à progressão);
 6. algumas ações que saem da previsibilidade e que acabam por favorecer novas ações;
 7. iniciativa de confraternizações/aniversariantes do mês;
 8. ações que favorecem a aproximação da família com a escola (Programa Escola Aberta nos fins de semana – iniciativa do estado –, Mostra Cultural – iniciativa municipal –, projetos de leituras);
 9. importância da participação dos profissionais em momentos de capacitação e do próprio conteúdo do processo formativo.
- Fazia parte da proposta do dia, tentar delimitar cada item desta listagem em uma tabela programada para facilitar a visualização das ações. Porém, a equipe da COSATE não contava com mais tempo de reunião e seus membros avaliaram que também não haveria tempo suficiente durante a semana para dedicar a esta atividade, pois com o fechamento do ano eram inúmeras as tarefas que tinham que cumprir antes da entrega final das pautas. Então, tomou-se uma situação do dia como exemplo para o exercício de montagem da tabela. A situação era a notícia espalhada na escola de que um dos bebedouros principais estava contaminado por larvas. Como nenhuma ação havia sido implementada até aquele momento para a elucidação da notícia espalhada, a COSATE empreendeu sobre tal acontecimento não somente o planejamento da ação, como demonstrada no exercício constante no Anexo XVIII, como os encaminhamentos das ações delineadas.

2.11 SEXTO ENCONTRO PRESENCIAL

Data: 15 de dezembro de 2014

Tema: Finalização do Plano de Trabalho das COSATE e avaliação do processo formativo

Local: FUNDACENTRO

Relato do trabalho realizado:

- O primeiro momento do encontro de encerramento foi destinado a uma reflexão individual, na qual os membros das COSATEs Piloto deveriam responder de forma escrita às seguintes questões:
 - ✓ O que vivi?
 - ✓ O que aprendi?
 - ✓ Essa experiência já produziu algum efeito na escola onde trabalho? Se sim, qual?
- Após esse primeiro momento, foram formados pequenos grupos nos quais se discutiu as respostas individuais às questões anteriores produziu-se, em exercício de consenso, indicativos dos desafios e potenciais no trabalho das COSATEs. Em seguida, os pontos discutidos foram partilhados com o coletivo presente, dos quais, pode-se destacar:
 - “No Manoel, escola maior, tem mais dificuldade para sentar e conversar. Tem de garantir tempo para isso e também ler o Estatuto e pensar no início do ano estratégias para isso. Já surtiu efeito na escola”* [fala de uma participante].
 - ✓ Alguns apontam que a COSATE já surtiu efeito para pensar a respeito da questão dos afastamentos por licença médica;
 - ✓ Uma professora relata que o nome dela estava na lista de remoção por afastamento e participar da COSATE “me pegou num momento que eu tinha de falar”. A escola, para ela, tem sido ambiente de adoecimento, mas o processo de formação a tem levado a participar de movimentos coletivos em prol da categoria, “levar para rua” algumas questões.
 - ✓ Outras participantes relatam:

"Estamos escondidas entre quatro paredes. Os pais não sabem, quando eles descobrem o que estamos passando apoiam, aderem".

"No início tinha muita desconfiança, descrédito, começamos um movimento em que as pessoas estão colocando as coisas em questão, pedindo para trazer assunto [sugestão de pauta] para a reunião."

"Na nossa escola teve um caso que uma professora anexou um bilhete no banheiro apontando a falta de papel higiênico como demanda para nós tratarmos na COSATE"⁵.

"Dá para notar mudança no grupo de trabalhadores da escola, não estão mais fazendo piadinhas. As pessoas já estão acreditando, sugerindo, pensando, questionando... Isso dá para notar".

"Eles dizem: leva isso pra COSATE"

"Este era nosso maior desafio [o descrédito] e hoje já é um avanço, já recorrem a nós. Agora é responder a esta convocação".

- ✓ Uma professora da EMEF "Manoel Carlos de Miranda" conta que foi procurada por duas professoras que estão próximas da aposentadoria, as quais elogiaram a iniciativa da ação ampliada com o CEREST-ES.
- A equipe responsável pela formação encerra o momento com algumas considerações importantes, destacando vários avanços percebidos ao longo dos trabalhos desenvolvidos pelas COSATEs Piloto e pontuando que as Comissões de Saúde não devem se colocar ante a escola como uma instância milagrosa que resolverá os problemas para as pessoas, mas se constituir, justamente, como esse elemento aglutinador, capaz

⁵ O coletivo presente analisou tal situação como positiva, como um indicio de que as pessoas estavam visualizando na Comissão possibilidades de mudanças. Os membros da COSATE da escola em que ocorreu o episódio – o CMEI "Olindina Leão Nunes" – relatam, inclusive, que tal ponto pôde ser levado a uma reunião de rotina e encaminhado coletivamente, contando, inclusive, com a participação da própria professora que havia deixado o bilhete.

de viabilizar discussões e soluções coletivas. Ressalta-se, ainda, que algumas conquistas não são imediatas, dependem de persistência e demoram em serem alcançadas. Tal processo não deve conduzir, portanto, a um descrédito. Para tanto, é sempre importante dar visibilidade aos movimentos produzidos nesse processo, às pequenas conquistas e ao poder da mobilização.

- Na segunda etapa desse último encontro deu-se a partilha da última dispersão realizada nas escolas, na qual os membros das COSATEs apresentaram suas produções ante a proposta de construção do Plano de Trabalho (Anexos XVII e XVIII).
- Ao fim do encontro foram entregues os certificados de participação aos membros das COSATES das duas escolas.

3 RESULTADOS PRODUZIDOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO PILOTO

3.1 CONSTRUÇÃO DE REFERENCIAIS ORGANIZATIVOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DAS COSATES COMO POLÍTICA PÚBLICA

Desde o início das discussões para a implementação das COSATEs como uma política pública, se configura o desafio de reunir os profissionais da educação num horário comum para o desenvolvimento das atividades da Comissão, tendo em vista o processo de segmentarização tão comum que ocorre nas escolas em geral. A organização do espaço escolar (em salas, turmas, turnos, aulas) imprime um ritmo em que, sozinho, o trabalhador precisa lidar com as adversidades do cotidiano de trabalho (LOUSADA; BARROS, 2008). Momentos de análise coletiva dos processos de trabalho, fundamentais para a promoção da saúde numa perspectiva ampliada (CLOT, 2010), são raros ou inexistentes.

Nessas circunstâncias, o modo de funcionamento construído para o trabalho das COSATEs Piloto – e que pode ser visualizado ao longo dos relatos das

atividades desenvolvidas em 2014 – se constitui como uma importante conquista. Esta, fruto de um esforço coletivo e de uma ação colaborativa que envolveu diversos segmentos. A parceria entre a SEDU-Serra e um movimento popular, como o Fórum COSATE, tal como se deu, indica a viabilidade da construção de uma política efetivamente pública, a qual pode ser definida como efeito de um desejo e ação coletivos (BENEVIDES; PASSOS, 2005). Tal aspecto se evidencia constantemente no modo de envolvimento dos participantes com o Projeto, no engajamento dos mesmos com as atividades e as produções possibilitadas a partir disso. De modo geral, é possível afirmar que as ações das COSATEs não se constituíram como uma mera execução de atividades demandadas por um agente externo, mas como uma produção dinâmica oriunda do desejo de realizar esse trabalho em específico. Tal observação é relevante se considerarmos que várias comissões existentes em diversos órgãos governamentais são tomadas como “mais um trabalho”, algo meramente burocrático ou enfadonho.

Há que se considerar que existem desafios ainda a se enfrentar ante a proposta de implementação das COSATEs como política pública institucionalizada, em especial com relação ao impacto financeiro. Cabe, nesse sentido, avaliar a longo prazo os efeitos de promoção de saúde e prevenção de adoecimento possíveis de serem disparados por tais Comissões, de modo a estimar o quanto o custo com o absenteísmo do trabalhador adoecido pode ser reduzido.

Quanto ao modo de funcionamento que foi sendo delineado pelas COSATEs Piloto, além do já anteriormente exposto, destaca-se um deslocamento importante para a efetividade da Comissão. Há, desde o início da proposta e, talvez em analogia a outras iniciativas no âmbito da saúde do trabalhador, uma expectativa e uma apreensão quanto ao papel fiscalizador das COSATEs. Ora, a atividade de fiscalização implica a existência de normas regulamentadoras, bem como um conhecimento técnico satisfatório das mesmas, e ainda um exercício de vigilância permanente, que pode vir a culminar numa polarização – por um lado, os detentores do “saber das normas” e, por outro, os agentes

submetidos à fiscalização ante ao cumprimento ou não das mesmas. O modo dialogado e a construção do lugar da COSATE como disparadora de discussões locais para a análise coletiva do trabalho, caracterizado pelo esforço constante de deslocamento do lugar de fazer para ao de atuar com, propiciou o que se pode designar por vigilância como acompanhamento de processo, sendo a fiscalização constituída num exercício de validação coletiva.

Pode-se inferir, ainda, alguns outros elementos organizativos mais específicos a partir dessa experiência com o Projeto Piloto e que se destacam como pontos a serem observados na avaliação da proposta de Projeto de Lei. Nessa perspectiva, destacam-se:

- Planejamento prévio e criação de procedimentos burocráticos ágeis para a reorganização das jornadas de trabalho dos integrantes das COSATEs, de modo a garantir a participação dos membros eleitos;
- Sugestão de que conste no texto da Lei que o CONCOSATE seja acionado por ocasião da construção de novas escolas da rede municipal de educação e sugestão de que as COSATEs participem do planejamento de reformas das escolas existentes, bem como da aquisição de mobiliários, visando uma ação preventiva quanto ao risco de acidentes e adoecimento no meio escolar;
- Necessidade de acrescentar à proposta a participação dos suplentes das COSATEs eleitas no curso de formação;
- Necessidade de desenvolver soluções administrativas para que, em escolas como as EMEFs, as quais funcionam em diferentes turnos, os profissionais que trabalham em horários distintos possam se reunir para discussões coletivas;
- Reforço ao artigo da proposta de Projeto de Lei que oportuniza a permanência dos membros nas escolas onde atuam ou atuaram com a COSATE até depois de um ano de encerrada sua participação (Art. 10, § 1º do Anexo I).

Com relação aos dois últimos tópicos, durante o Projeto Piloto, procedeu-se o envio de um ofício à SEDU-Serra solicitando a permanência de duas

participantes das COSATEs em lotação provisória no ano letivo de 2015. Acredita-se que a remoção desses membros ocasionaria dificuldades à continuidade do processo disparado pelas Comissões, tendo em vista, inclusive, que os suplentes não puderam passar pelo curso de formação.

3.2 DESLOCAMENTO DA QUEIXA AO PODER DE AGIR

Inicialmente, as queixas de adoecimento se constituíram na tônica das conversas empreendidas pelas COSATEs. Entretanto, ao longo da formação é possível notar que foram considerados agentes de adoecimento no trabalho tanto os aspectos físicos, que compreendem a estrutura predial da escola e as suas condições de higiene, quanto os aspectos psicossociais como as relações hierarquizadas e as formas de gestão. Sobressaíram-se nas discussões os fatores ligados à organização e às condições do trabalho, como por exemplo: divisão e cargas⁶ do trabalho, ausência de respaldos ao trabalhador já adoecido e modos de organização e articulação com o trabalho de empresas terceirizadas que atuam na escola.

À medida que os encontros iam acontecendo, foram percebidas modulações nas falas das participantes no sentido de uma mudança de foco que tendia, inicialmente, mais à culpabilização do outro (salas cheias, mobiliário inadequado, falta de parceria das famílias no processo educativo dos alunos, etc.) e, posteriormente, a uma atitude mais voltada à corresponsabilidade e ajuda mútua no que tange às questões dos impasses que emergem no dia-a-dia do trabalho. Falas como: “tem gente que se blinda: não quer expressar o que incomoda, os riscos”; e ainda: “[...] são “nadas” que impactam na qualidade do ambiente de trabalho e podem ser causa do adoecimento” deixam entrever sentimento de impotência, de medo e também do desafio que a atuação na COSATE apresentava e que esteve presente nas falas dos primeiros

⁶ Na experiência com os profissionais das escolas, o termo “carga” aparece com, ao menos, dois sentidos diferentes, podendo ser referido à carga horária ou jornada de trabalho (número de horas trabalhadas num dia) ou a um excesso de atividades/pressões/atribuições dentro de uma mesma jornada de trabalho.

encontros. Enunciadas no segundo encontro presencial, falas como estas, quando relacionavam a falta de materiais de higiene aos adoecimentos, sinalizam a saúde no trabalho percebida, prioritariamente, como ausência de doenças.

É no exercício de analisar coletivamente os processos de trabalho que as conversas sobre saúde e trabalho, e não trabalho e doença; foram ganhando outros tons. Mais do que labutar para viver, ou seja, "suportar" o trabalho, os espaços de conversa sobre os processos e modos de organização das atividades na escola tiveram como efeitos novos modos de se relacionar com o grupo e com o meio. Emergem então enunciados tratando do trabalho como algo que dá prazer, que produz saúde, aproximando-se assim da definição desta como "um poder de ação sobre si mesmo e sobre o mundo, adquirido junto dos outros" (CLOT, 2010, p. 111). Ou seja, produção de saúde no trabalho como exercício coletivo de colocar em análise os processos ligados à sua atividade e a partir deste diálogo intervir, criar novo contexto para viver a partir da construção grupal de alternativas aos problemas que surgem.

As falas vão ganhando outro contorno, produzindo outra forma de inserção dos membros na comissão. Assim, tem-se no início, de modo mais intenso, falas como:

"[...] já perdi muito. Perdi saúde, perdi a audição [...]".

Já, posteriormente, ganha maior destaque relatos que afirmam a potência dos trabalhadores frente aos constrangimentos do meio:

"[...] o prazer que a gente sente quando o menino não lê nada e de repente, começa a ler tudo".

"A gente tem de virar cachorro grande".

Assim, os trabalhadores afirmam um novo modo de agir, mais propositivo e criativo, acerca dos desafios e problemas enfrentados, bem como também um outras formas de se relacionar com a realização de suas atividades profissionais por meio da constituição de um coletivo.

Na EMEF “Manoel Carlos de Miranda”, há uma discussão acerca da limpeza que atravessa toda a formação e possibilita cartografar⁷ sua modulação quando a concepção de saúde sai do plano biológico e é ampliada para o plano político. No primeiro encontro de dispersão na escola os membros da COSATE apontam a sujeira e a poeira como um dos principais fatores de adoecimento. Este modo de enunciar a relação riscos e produção de saúde na escola parte da concepção de saúde como ausência de doença, inserida apenas no plano biológico e de um modo que destaca uma impotência dos trabalhadores em lidar com tais processos. O sofrimento, relatado em forma de alergias e outros distúrbios físicos, é individualizado. Ao longo da formação, outra concepção de saúde emerge, articulada com os modos de ação possíveis que são propostos por meio da análise coletiva. Nesse sentido, os problemas não são deste ou daquele servidor, mas se delinham num meio complexo, no qual coexistem diversas forças e onde a ação coletiva pode produzir mudanças em prol de uma maior qualidade nas condições de trabalho.

A partir da leitura do texto: “Saúde, cadê você? Cadê você?” (BRITO; ATHAYDE; NEVES, 2003), os membros em formação destacam trechos que indicam uma aposta nesse novo modo de lidar com estas situações. Agora como produção, o conceito de saúde é ampliado: por meio da análise e ação coletiva, o trabalho também produz saúde. É quando a questão da limpeza passa a ser tratada como problema de gestão, tangenciando a relação com empresas terceirizadas e modos de organização do trabalho na escola. Com a modulação da ideia de saúde e sua inserção no plano político, há possibilidade

⁷ A cartografia como método de pesquisa-intervenção e princípio de análise, conforme apontam Passos, Kastrup e Escóssia (2007), não se realiza de maneira prescritiva, por regras prontas e por objetivos previamente estabelecidos. O que se coloca nesta proposta é primar pelo caminhar, que traça em seu próprio processo suas metas. Desta forma, segue o princípio indicado pela análise institucional, de transformar para conhecer e não de conhecer para transformar.

de agir e percebe-se protagonismo do trabalhador, que propõe planos de ação e formas de resolver o problema. Em outras palavras, a causa de adoecimento (a sujeira, ou os modos de organizar o trabalho e problemas de gestão da qual resulta) passa a ser alvo de estratégias, de táticas, de ação coletiva. O trabalho como produtor de saúde não implica ausência de problema, mas a possibilidade de superá-los, de criar, de expansão da atuação, como afirmam as falas abaixo:

"[...] o nosso bem-estar físico, mental e social depende das nossas ações. Da não aceitação de coisas que nos são impostas e nos fazem mal."

"Se as normas são feitas pelas pessoas, as pessoas podem mudar estas normas."

Em consonância com as considerações tecidas, percebe-se uma ampliação na própria noção de prevenção: junto a importantes aspectos relativos ao cuidado com o corpo – ginástica laboral e técnicas de fonoaudiologia, por exemplo – passam a compor as discussões relativas a outras esferas, como o estudo do Estatuto, o estreitamento de parcerias com outros equipamentos sociais, a ampliação dos canais de diálogo com a comunidade escolar.

No Projeto Piloto das COSATEs realizado nas duas escolas da rede municipal de Serra-ES, a constituição de espaços coletivos de conversa a respeito dos modos de organização do trabalho e o processo formativo engendrado propiciou a torção das ideias de trabalho e saúde para uma nova articulação dos mesmos, o que teve como efeitos atividade criadora e propositiva, bem como corresponsabilização (o que será mais detalhado no tópico que se segue).

3.3 PRODUÇÃO DE GRUPALIDADE E CONSTRUÇÃO DE CREDIBILIDADE DAS COSATES

A COSATE como dispositivo de conversação possibilitou o reposicionamento das participantes na constituição e construção da Comissão, bem como propiciou a produção de uma grupalidade necessária ao funcionamento da mesma; concorreu ainda para o enfrentamento dos problemas levantados pelas participantes, por meio de ações e reflexões, como exercícios de diagnóstico e análise dos fatores envolvidos na produção de saúde e doença encontrados no ambiente escolar. Tais exercícios de análise possibilitaram escapar às lógicas culpabilizadoras, reducionistas e individualizantes que se presentificam diante dos impasses vivenciados na escola, como apontado no item anterior.

Dizer que as COSATEs se constituíram como importante dispositivo de conversação significa afirmar que foi a partir de um exercício de diálogo e compartilhamento coletivo de experiências que foi possível redefinir formas diferentes de ação, afecção⁸ e produção de pensamento, inventando outras maneiras de criar interesse pelas questões que a COSATE mobilizou (DESPRET, 2011a; 2011b). Isto concorreu para a desnaturalização de certas práticas cotidianas e sustentou a análise coletiva dos processos identificados, quanto ao adoecimento e à produção de saúde no cotidiano escolar.

Tratar as COSATEs como dispositivo também indica que todo o trabalho e as experimentações realizadas no Projeto Piloto englobaram um composto de linhas, um conjunto multilinear, que pôde se desdobrar em distintas direções e comportar desequilíbrios e tensões, bem como variações e oportunidades, portanto, em mudança e derivação (DELEUZE, 1990). Tal aposta permitiu a ampliação dos graus de transversalidade, o que pode ser entendido como um

⁸ Afecção e afetivo nesta proposta não são sinônimos de sentimentos ou da qualidade destes. Referem-se a uma noção de mobilização de forças que atravessam as conexões entre os diversos elementos dispostos nos encontros que fazemos com as coisas, ideias, pessoas, etc. O caráter da constituição de uma rede afetiva engloba a compreensão de que as práticas produzem diferenciações e mudanças, que comportam desde situações concretas, como de reposicionamentos e subjetivações.

corde transversal nas vias de comunicação comumente estabelecidas – horizontais e verticais⁹ – de modo a possibilitar a conexão simultânea de elementos distintos: formas, forças e fluxos.

Este modo de assumir a conversação como importante elemento metodológico está consoante com o entendimento de que trabalho, pensamento, pesquisa, intervenção e transformação não se dissociam. Isto se refere a uma postura exercitada pela experiência Piloto de cartografar algumas linhas e curvas do cotidiano escolar, percorrendo-as em processo e convocando outros modos de atuação possíveis. A conversação e o diálogo, o compartilhamento entre membros e entre COSATEs com outros parceiros e diversos atores, dentro e fora da escola, concorreu para a criação de linhas de visibilidade atuais, ainda que provisórias e limitadas pelas condições do Projeto Piloto.

O que definimos por ora como importantes efeitos da COSATE – a saber: a) a criação de uma grupalidade e b) a credibilidade da comissão nos espaços de seu exercício com os demais atores e pares nas instituições escolares – se processaram por meio do diálogo e do compartilhamento das experiências. Cabe destacar que denominamos por grupalidade a criação de um pertencimento coletivo ao trabalho, saindo da esfera da ação individual e permitindo modos de endereçamento coletivos e convocação para participação de todos. Ou ainda, a construção de um corpo COSATE, que não perseguisse apenas um modo de cumprimento normativo de funções e tarefas, mas antes, funcionasse como promovedor de abertura e acesso a formas de experimentação ampliadas e diferenciadoras, pautadas muitas vezes num exercício sensível de escuta e atenção àquilo que as inúmeras urgências e pressões do cotidiano escamoteiam ou invisibilizam.

⁹ Parte-se aqui da ideia de que o termo "horizontal" é comumente empregado para nomear fluxos de comunicação que se estabelecem entre sujeitos pertencentes a um mesmo nível hierárquico, ao passo que "vertical" remete a um canal comunicativo hierarquizado, que se dá de "cima para baixo", de nível a nível. A noção de transversalidade, vem, justamente, operar com as trocas infra subjetivas que se configuram por vias não delimitadas por tais contornos, muitas vezes abstratos, remetendo aos diferentes graus de pertencimento e de múltiplas possibilidades conectivas que se delineiam em qualquer espaço onde coexistam pessoas.

A credibilidade do movimento das COSATEs, dentro das escolas e diante dos demais parceiros da experiência, indica que as ressonâncias deste processo produzem contágio e promovem adesão ao tema da produção de saúde do trabalhador da educação. Uma vez que as ações não se dissociam dos modos de sentir e pensar os impasses, as dificuldades, mas também as parcerias e as possibilidades, fica claro que cada um dos pequenos movimentos empreendidos pela COSATE pode produzir coparticipação e corresponsabilização em função de propiciar forças mobilizadoras de mudança e reposicionamentos individuais e coletivos.

Isto se exemplifica de inúmeras maneiras neste percurso. Uma delas situa-se num dos primeiros momentos do trabalho com as COSATEs Piloto, quando as conversações apresentaram um efeito terapêutico (no relato dos membros), pois ao falarem de seus problemas relacionados ao trabalho, as participantes externalizaram um sentimento de alívio imediato. Com o decorrer dos encontros as conversas foram tomando outra dimensão. Passaram a se constituir em dispositivo para análise dos processos de trabalho. Na medida em que as participantes falavam sobre situações cotidianas e ouviam das companheiras experiências diferentes das suas próprias, colocava-se em evidência a manutenção de determinadas práticas tidas como naturais ou insuperáveis na educação.

Merece destacar, ainda, que, se no início da constituição das COSATEs a credibilidade do projeto foi referida diversas vezes ao engajamento do MP-ES no Fórum COSATE e à articulação com a SEDU-Serra, durante o desenvolvimento das ações pelas Comissões, as produções do grupo passaram a se constituir como elementos afirmativos do próprio fazer, a partir da visibilidade que foi sendo possibilitada pelo poder de intervenção/interferência no meio de trabalho.

Salientou-se a necessidade de se criarem novos espaços de conversa, sobretudo porque os momentos disponíveis para tanto são utilizados de modo inadequado ou não são suficientes.

Em uma das conversas, uma participante problematizou a carga de trabalho da seguinte maneira:

“A gente nunca se falou antes da COSATE, mas não é porque a gente não se gosta. É que a gente não tem tempo nem para respirar, quem dirá para conversar”.

Esta fala indica um sucateamento das relações de trabalho devido ao “ritmo acelerado” em que funciona a escola, com muitas tarefas e um extenso e apertado calendário a ser cumprido. Uma colega respondeu a esta fala, dizendo:

“A gente dos anos iniciais achava que vocês do fundamental não gostavam de se misturar”.

Isto diz dos efeitos do modo pelo qual se opera a organização do trabalho na escola e do sistema de educação de modo geral. Mantém-se uma verdadeira segmentação entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental ou turnos de uma mesma escola, bem como entre Centros de Educação Infantil e de Ensino Fundamental.

Portanto, a produção de uma postura analítica frente aos processos de trabalho dos membros das COSATEs, por meio da conversação, propicia a formulação de elementos para uma maior qualificação das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores e proporciona a compreensão de que modificações na organização local do trabalho podem contribuir para a melhoria efetiva das condições em que o mesmo é realizado. Além disso, indica que a construção de outros espaços de comunicação e diálogo nas escolas contribui para a melhoria dos relacionamentos interpessoais e para a formulação de soluções dos problemas locais. Tudo isto demonstra, inequivocamente, que a conversação compõe um fator preponderante para a promoção da saúde, além de tornar-se um importante aglutinador de forças para a ampliação das

discussões com os demais profissionais das escolas, o que produz maior envolvimento dos mesmos e credibilidade no trabalho das comissões.

3.4 AQUECIMENTO DE REDES NO MEIO DE TRABALHO

A partir da sustentação de um espaço de diálogo e conversação também se pôde visualizar e levantar alguns parceiros da rede local em cada uma das escolas participantes do Projeto Piloto, bem como ampliar as discussões com os pares, o que alarga as conexões dentro e fora do espaço escolar e favorece a mobilização de outros trabalhadores ao tema e às ações das COSATEs. Isto se verifica tanto nas ações desenvolvidas pelas Comissões como também no compartilhamento das experiências com o Fórum COSATE.

O que denominamos por rede nesta proposta de trabalho? Rede não identifica apenas órgãos, serviços e equipamentos integrantes da política municipal. Envolve um conjunto de forças que podem ser acionadas na fomentação de movimentos de conexão, encontro e afecção. Essa movimentação de forças conectivas cria direções diversas e dispara também minúsculos deslocamentos importantes na coconstrução coletiva de trabalho e implicação (TEIXEIRA, 2004). Tais deslocamentos mínimos podem ser extremamente significativos se sustentarem engajamentos coletivos de transformação.

Lembra-nos Teixeira (2004) que vivemos um cenário de grandes desestabilizações econômicas e políticas, o que faz com que experimentemos a diminuição de nossas potências de agir, tanto na esfera individual quanto na esfera coletiva e, assim, assistamos cada vez mais ao dismantelamento das ações conjuntas, ou em rede, numa perspectiva afetiva e pública, conforme a discussão que sustentamos do caráter público e micropolítico nesta concepção e práticas das COSATEs.

Teixeira (2004) afirma que as redes de trabalho social são, em última instância, grandes redes de conversação e propõe que todo o trabalho desenvolvido e

pensado nesta direção, deve adotar princípios norteadores cruciais, tais como: o reconhecimento do outro como um legítimo outro; o reconhecimento de cada um como insuficiente; o reconhecimento de que o sentido de uma situação é fabricado pelo conjunto dos saberes presentes. As COSATEs Piloto se constituíram pactuando tais posturas e isso pode ser observado nos diversos exemplos que foram se construindo no percurso/processo das Comissões.

Alguns dos modos de funcionamento da escola foram discutidos nesta perspectiva, tocando nas suas implicações éticas e afetivas, e isto possibilitou a criação de campos de problematização de certas práticas e seus efeitos no cotidiano escolar e a busca da construção de redes no sentido já explicitado. Conversando sobre estas questões é que as pessoas perceberam a não instantaneidade das práticas e ações, vislumbrando também maneiras de discuti-las e superá-las.

Por exemplo, quando se debateu sobre as avaliações institucionais em escala local, regional e nacional e como as mesmas apresentaram-se como agentes de adoecimento, o exercício passou por discutir as produções de certas práticas e verificar os modos possíveis de micro ações diante destes panoramas, tentando sair de um discurso paralisante e naturalizante, para um aquecimento problematizador da realidade em suas efetivas possibilidades de concretização.

Outra situação que coloca em análise os processos de trabalho das COSATEs foi a problematização feita pelas equipes das formas com que se avaliam os alunos em função da manutenção de um sistema de progressão. Muitos passam de ano sem terem apresentado um desenvolvimento satisfatório. A retenção não foi colocada como uma solução para este problema, mas defendeu-se práticas que empreguem maior autonomia na gestão dos critérios de avaliação na relação professor-aluno.

Outros problemas considerados como externos à escola passaram a ser entendidos como parte de sua realidade, como a situação de negligência dos

alunos pela família e o contexto de violência e drogadição, mesmo que ainda, os profissionais da escola se sintam, muitas vezes, despreparados para interferir em tais situações. Esse é um aspecto que merece ser problematizado com maior intensidade em futuras ações com os trabalhadores da escola, tendo em vista que é preciso produzir uma desnaturalização de algumas falas moralizadoras a respeito das famílias, dos alunos e de outros segmentos da comunidade escolar. Assim, considera-se de suma importância que o processo de formação dos trabalhadores se valha da discussão acerca das situações de impasse que a escola e seus trabalhadores encontram em seus fazeres cotidianos.

Uma constatação produzida com o trabalho das COSATEs foi a ampliação da articulação das escolas com outros equipamentos sociais importantes para o trabalho em educação e a promoção de saúde nas escolas, como UBS, CEREST-ES, CRAS, famílias, dentre outros; além da aproximação com outros segmentos da própria gestão municipal, como a DMST-Serra. Vislumbrou-se, assim, a consolidação de uma rede que extrapola o estabelecimento-escola e a Secretaria de Educação, de modo a fortalecer não só a saúde do trabalhador, mas também a qualidade da educação no município. Esta ampliação das parcerias não se resumiu somente ao levantamento dos parceiros, mas indicou, muito antes, que o trabalho das Comissões passou pela coconstrução e aquecimento das redes envolvidas na educação.

4 PRODUTOS DO PROJETO PILOTO

Dar visibilidade ao escopo de trabalho da COSATE e também mobilizar os demais trabalhadores da escola, de modo a articular e compor com estes constitui-se em demandas complexas.

Diante dos vários desafios, entre os quais podemos citar a ampliação dos espaços de conversa no ambiente de trabalho, as COSATEs produziram algumas estratégias para intensificar e alargar o fluxo de comunicação nas

escolas, táticas para ampliar a discussão sobre saúde e trabalho. Além disso, também produziram diagnósticos meticulosos e planos de ação com objetivos exequíveis.

- Produção de estratégias para ampliar o fluxo de comunicação nas escolas:
 - ✓ CMEI "Olindina Leão Nunes": Produção de frases e cartazes que foram espalhados pela escola; produção de caixa para o recebimento de questões/sugestões dos trabalhadores; realização de discussões em reuniões da escola. A necessidade de sensibilizar a comunidade escolar acerca das questões que emergiam levou a Comissão a exercitar a ampliação do diálogo por meio destas estratégias, visando mobilizar diversos segmentos que compõem o ambiente escolar e construir canais de comunicação num sentido ampliado.
 - ✓ EMEF "Manoel Carlos de Miranda": produção de caixa para o recebimento de questões/sugestões dos trabalhadores; realização de discussões em reuniões da escola. As tentativas de estreitar os laços, de produzir conexões, embora em um primeiro momento tenham sido vistas como infrutíferas, de alguma forma afetaram e também produziram efeitos, uma vez que foi possível perceber ao longo do processo a construção da credibilidade da Comissão, bem como a participação engajada de outros profissionais da escola nas ações desenvolvidas. Pode-se dizer, desse modo, que a ação dessa COSATE contribuiu no sentido de desobstrução dos fluxos comunicativos.

- Ações com o coletivo dos trabalhadores das escolas participantes do Projeto Piloto:
 - ✓ CMEI "Olindina Leão Nunes": estudo de texto e discussão coletiva acerca dos processos de trabalho na escola, indicando fatores de adoecimento e de produção de saúde. Tal ação contribuiu para a produção do levantamento realizado acerca das condições de

trabalho e saúde na escola e para a sensibilização do coletivo para a ideia de que trabalhar também pode ser prazeroso e produzir saúde, e que é na constituição dos espaços coletivos que soluções, desvios, estratégias e táticas podem ser engendrados.

- ✓ EMEF "Manoel Carlos de Miranda": A principal estratégia foi a realização de uma ação ampliada, na qual houve a preleção de uma representante do CEREST-ES e de uma integrante do movimento sindicalista do ES, bem como aplicação de um instrumento de diagnóstico e uma roda de conversa sobre os objetivos do projeto de lei. A ação foi assumindo os contornos de uma convocação de todos à participação. Pretendeu-se que a ampliação da conversa tivesse como efeito uma corresponsabilidade com o trabalho da COSATE. Nesta ação, percebe-se uma modulação no envolvimento dos trabalhadores, criam-se novas possibilidades de ação coletiva. Ela convoca, provoca falas e produz deslocamento entre os profissionais que participaram.

- Criação de instrumentos diagnósticos específicos para o levantamento das condições de trabalho e saúde nas escolas: questionários (Anexos X e XIV), conversas coletivas e individuais. Foi a partir das circunstâncias em que vivem e dos recursos de que dispuseram que as COSATEs empreenderam um modo singular de estabelecer canais de comunicação, de ouvir, de possibilitar composições ao trabalho das comissões. Estes instrumentos, muito mais do que dados, fazem emergir também conversa, escuta, engajamento.

- Produção de dados diagnósticos quanto aos fatores que contribuem para a promoção de saúde nos ambientes de trabalho em questão, bem como visibilidade e materialização dos fatores de risco, elementos importantes para subsidiar ações preventivas ao adoecimento, conforme apresentados nos relatos do quarto encontro de dispersão nas escolas:

os dados, além de seu caráter informativo, permitem colocar em análise o modo como o trabalho se organiza, articular conversas para produzir consenso e soluções coletivas.

- Construção de plano de ação das COSATEs a partir dos elementos priorizados pelos profissionais das escolas:
 - ✓ CMEI "Olindina Leão Nunes": o plano desenvolvido pela COSATE elenca os fatores de risco e as potencialidades identificadas para a promoção da saúde. A partir destes são delimitadas situações nas quais é preciso interferir, criando-se, então, objetivos e planejando-se ações para enfrentar os problemas, bem como estipulando-se prazos para a solução dos mesmos. Tendo como premissa a noção de que planejamento não é contrato, mas sim processo, compor plano de ação materializa o agir de um coletivo. O plano – documento – é resultado de um processo de planejamento que envolve colocar os problemas e as relações em questão e agir com eles. Os diálogos, conversas, mobilizações da comunidade escolar demandados para a confecção do plano permitem visibilizar a constituição de um espaço de diálogo, de enfrentamento e também a corresponsabilização do grupo, que protagoniza um novo modo de gerir os problemas e produzir saúde em seu ambiente de trabalho.
 - ✓ EMEF "Manoel Carlos de Miranda": devido ao período de confecção do plano, que ocorreu em meio ao fim do ano letivo na EMEF, os membros da COSATE não chegaram a formalizá-lo em um documento. Entretanto, é importante destacar que foram marcados de forma intensa no processo de planejamento o enfrentamento ao desafio de criar canais de comunicação em uma escola com vários ritmos de organização das aulas, de alunos e professores de séries distintas, planejamento em horários diversos e ainda trabalhando em três turnos. Neste contexto, foi possível produzir canais de conversa que, por sua vez, tiveram como efeito o diagnóstico meticuloso. Além disso, também propõem algumas ações, conversam sobre seus processos de trabalho, colocam em questão modos de organização

do mesmo e inclusive propõem objetivo e ações para uma demanda imediata que produzia bastante incômodo à comunidade escolar naquele momento – conforme pode-se notar a partir da hipótese dos vermes na água do bebedouro, constante no item 2.10 deste relatório). A confecção do plano fica subsumida diante da potencialidade que a situação colocou: o grupo unido para conversar e propor solução, com objetivo e prazo bem definidos. Instaurar o processo de planejar e pensar coletivamente em questões que afetam os modos de organização de trabalho, neste caso, acaba sendo uma conquista bastante significativa, visto que o plano deve ser flexível, se considerarmos que resulta de um processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA POTENCIALIDADE DAS COSATES COMO FERRAMENTAS DE GESTÃO NO ÂMBITO DA SAÚDE DO TRABALHADOR

É importante salientar que uma Comissão de Saúde do Trabalhador, legitimada como política pública já implantada tem dimensão e força diferente das COSATE do Projeto Piloto, pois estas últimas inauguram um modo de trabalho sustentado na conversação e numa aposta no caráter público e político do compartilhamento de experiências. Todavia, a experiência com o Piloto tem oportunizado a produção de uma postura diferenciada dos trabalhadores acerca da organização dos seus processos de trabalho, propiciando a análise e avaliação de como suas atividades interferem na produção de saúde e adoecimento.

Diante das ações das COSATEs é preciso ressaltar que esta experiência amplia os graus de transversalidade (conforme discutido no item 3.3) dispostos no cotidiano escolar, muitas vezes invisibilizados. Processos de trabalho necessitam de espaços coletivos de análise para que se produzam aberturas dos modos já institucionalizados de funcionamento. No ambiente escolar o corpo de trabalhadores se depara com inúmeras tarefas, ações, atividades a serem desenvolvidas e realizadas em um movimento, por vezes, intenso de

transformações e desafios. Estar no campo educacional, dentro do funcionamento de uma escola, impõe o trabalho relacional não somente com os alunos, mas também com os pares e demais trabalhadores da educação que compõem essa rede de funções e afecções. O trabalho, além de contar com uma gama de intensidades próprias aos encontros entre pessoas, envolve ainda grandes pressões como: prazos, normas, prescrições, avaliações, indicadores e metas, cobranças dos diversos envolvidos no processo, entre outros tantos atravessamentos às atividades cotidianas.

Torna-se, portanto, comum que, neste ambiente e em meio a estes processos, os canais de comunicação e troca fiquem destinados muitas vezes aos espaços institucionalizados de resolução das necessidades que se impõem. Porém, estes mesmos canais se mostram insuficientes para propiciarem outros modos de análise coletiva do trabalho, visto que já se encontram pré-estabelecidos, formatados metodologicamente para atender às demandas que vão das comuns às urgências.

A experiência da COSATE no espaço escolar possibilitou a criação e a sustentação de um dispositivo de conversação que mesmo diante de suas limitações concorreu para a produção de formas de pensar, fazer e gerir pontuais ações em diferentes direções das comumente adotadas no funcionamento escolar. Assim, passa a serem possíveis reflexões que, além de recolocar alguns dos desafios encontrados de forma mais complexa e ampliada, produz um efeito multiplicador e de contágio de outros trabalhadores propiciando adesão ao tema da promoção e saúde do trabalhador e análise coletiva do trabalho.

A experiência em questão demonstra, a nosso ver, a viabilidade da constituição das COSATEs enquanto política pública institucionalizada, a qual se configuraria como importante instrumento de gestão, tendo em vista a realização de ações concretas e efetivas em direção à promoção de saúde no ambiente de trabalho. Cabe destacar, como importante ponto para tal efetividade, o fato de os "gestores" nomeados para disparar as discussões e

ações no âmbito da saúde são também trabalhadores e, desse modo, podem compreender e operar melhor com os processos específicos do local de trabalho, além da proximidade com os pares. Isso não só pode se traduzir em impactos positivos no âmbito da Gestão de Pessoas, como na própria qualidade dos serviços oferecidos pelos estabelecimentos de ensino.

É fato, ainda a necessidade de se investigar mais detalhadamente os efeitos que tal proposta poderá produzir a médio e longo prazo, bem como as formas como as COSATEs continuariam atuando após concluída a etapa do curso de formação. Nesse sentido, concluiu-se que há relevância e necessidade que justificam a continuidade do Projeto Piloto no ano letivo de 2015. Isso propiciaria a criação de indicadores mais precisos para avaliação dos impactos das COSATEs nas escolas, bem como o melhoramento dos instrumentos de levantamento e avaliação das condições de trabalho, além da realização de outras ações de promoção de saúde dos trabalhadores nas escolas.

6 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, K. F.; ROCHA, M. L. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, a. 27, v. 4, p. 648-663, 2007.
- BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. In: *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 9, n. 17, Botucatu, mar/ago 2005.
- BRITO, J.; ATHAYDE, M.; NEVES, M. Y. (org.). *Caderno de textos: programa de formação em saúde, gênero e trabalho nas escolas*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003.
- CLOT, Y. *Trabalho e poder de agir*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. (Série: Trabalho e Sociedade).
- DELEUZE, G. *O que é um dispositivo*, 1990. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.pdf>>. Acessado em 05/12/2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'água, 2004.

DESPRET, V. Leitura etnopsicológica do segredo. In: **Fractal Revista de Psicologia**. v. 23, n. 1, p. 5-28. Jan/Abr, 2011a.

_____. Os dispositivos experimentais. In: **Fractal Revista de Psicologia**. v. 23, n. 1, p. 43-58. Jan/Abr, 2011b.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Lei Estadual nº 5.627 de 03 de abril de 1998, sobre as Comissões Estaduais de Saúde do Trabalhador (COSAT). **Diário Oficial do Estado do Espírito Santo**, Assembléia Legislativa, Vitória, 1998. Disponível em: <http://www.al.es.gov.br/antigo_portal_ales/images/leis/html/L5627.html>. Acesso em: 03 abr. 2013.

LANCETTI, Antonio. Clínica grupal com psicóticos: a grupalidade que os especialistas não entendem. In: _____. (Org.). **Saúdeloucura 4**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 155-171.

LOUSADA, A. P.; BARROS, M. E. B. Trabalho docente: entre prescrições e singularidades. In: BARROS, M. E. B.; HECKERT, A. L. C.; MARGOTO, L. (Org.). **Trabalho e saúde do professor: Cartografias no percurso**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 79-99.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

TEIXEIRA, Ricardo. As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público. IN: Working-paper apresentado na Research Conference on: Rethinking "the Public" in Public Health: Neoliberalism, Structural Violence, and Epidemics of Inequality in Latin America. Center for Iberian and Latin American Studies, University of California, San Diego, 2004 April.

ANEXOS

ANEXO I

PROJETO DE LEI

O Fórum COSATE SERRA/ES

[i] Cria a Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação (COSATE) do Serviço Público do Município de Serra-ES e o Conselho das Comissões de Saúde do Trabalhador (CONCOSATE), como segue:

Art. 1º Os trabalhadores da Educação do Município da Serra, organizarão em seu local de trabalho uma Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação, que passará a denominar-se COSATE.

Art. 2º As COSATE terão a sua política de atuação e a coordenação de seus trabalhos gerenciada pelo Conselho das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (CONCOSATE), conforme estabelece o art. 1

Art. 3º A COSATE e o CONCOSATE são órgãos de natureza deliberativa sobre questões pertinentes à produção de saúde que têm como finalidade a melhoria das condições de trabalho e produção de saúde, buscando soluções que promovam um estado de bem estar físico, psíquico e social do trabalhador e a qualificação do meio ambiente, tendo principalmente uma função preventivista, através da permanente vigilância à saúde no trabalho e nas decisões que envolvam a garantia de produção de saúde e intervenção nas condições de trabalho.

Art. 4º A COSATE terá os seguintes objetivos:

I - Observar, relatar e denunciar condições de risco à saúde no local de trabalho;

II - Solicitar e/ou propor medidas de enfrentamento com a finalidade de eliminar os riscos à saúde e à segurança dos trabalhadores;

III - Investigar e discutir os acidentes, incidentes e doenças do trabalho ocorridas, propondo medidas de prevenção e promoção da saúde;

IV - Propor medidas de prevenção e promoção da saúde dos trabalhadores nos locais de trabalho;

V - Analisar as condições de trabalho do local de trabalho, identificando os riscos à saúde e à segurança da comunidade;

VI - Realizar com a participação dos trabalhadores, um levantamento das condições de saúde nos locais de trabalho;

VII - Elaborar anualmente o mapa de riscos à saúde dos trabalhadores, instituindo instrumentos que permitam o registro, a mensuração e a avaliação dos problemas dos locais de trabalho, acidentes e adoecimentos que normalmente passam despercebidos;

VIII - Realizar inspeção nas dependências das unidades, dar conhecimento dos riscos encontrados aos trabalhadores e, se necessário, notificar as entidades representativas (sindicatos e associações), serviços de atenção à saúde do trabalhador, Conselho de Escola da respectiva unidade; e demais instâncias pertinentes.

IX - Fomentar a discussão sobre as medidas de eliminação e controle dos riscos, o estabelecimento de prazos e acompanhamento das medidas negociadas;

X - Propor estudos epidemiológicos, levantamentos e análise de dados com o objetivo de estudar fatores que levam aos processos de adoecimento e acidentes de trabalho e a ocorrência de doenças do trabalho, buscando o apoio de órgãos da própria administração pública;

XI - Acompanhar e ter acesso aos resultados das avaliações ambientais, fiscalizações e perícias realizadas nos locais de trabalho;

XII - Participar/intervir/propor nas formas de produção e de organização do trabalho, visando garantir a saúde, a segurança dos trabalhadores e a qualidade do local de trabalho;

XIII - Divulgar a todos os trabalhadores de modo permanente, informações relativas à saúde e segurança no trabalho;

XIV - Nas situações em que os processos de trabalho apresentam risco grave e/ou iminente que possa afetar a integridade física e/ou psíquica dos trabalhadores, **respaldar e garantir a recusa ao trabalho, bem como interditar e embargar tais situações.**

a - Considera-se grave e iminente risco toda condição ou situação de trabalho que possa levar a acidente ou doença relacionada ao trabalho com lesão grave à integridade física, psíquica e social do trabalhador.

b - O embargo ou interdição importará na paralisação total ou parcial de um processo, máquina ou ambiente de trabalho e poderá ser proposto pela COSATE em conjunto com o CONCOSATE, ou com a participação das entidades representativas dos trabalhadores.

c - A proposição de embargo ou interdição poderá ser feita à Superintendência Regional do Trabalho, aos programas e Centros de Referência em Saúde do trabalhador e à vigilância sanitária das Secretarias Estadual e Municipal de Saúde no âmbito do SUS e Ministério Público.

d - O trabalhador poderá recusar-se a executar um trabalho que lhe ofereça risco grave e iminente, até que as medidas de proteção e prevenção sejam implementadas, devendo dar ciência imediata à COSATE, que por sua vez encaminhará e se articulará com as instâncias pertinentes. Sendo que a cosate deverá avaliar a situação de risco grave e iminente, visando dar suporte coletivo à análise da situação.

XV - Publicizar as atas das reuniões da COSATE e todo e qualquer documento ou informações relacionadas às condições e local de trabalho;

XVI - Realizar anualmente uma Semana de Saúde e Condições do Trabalho com atividades e temas apropriados aos vários setores de atividades de Educação Pública Municipal, acontecendo durante uma semana no horário de trabalho das repartições, órgãos públicos e unidades de ensino;

a - A SESAT se constituirá em um conjunto de atividades educacionais sobre as questões da qualidade de vida no trabalho, atividades acadêmicas (incluindo painéis, temas livres, etc.), trabalho das Comissões e promover integração dos servidores públicos, acontecendo durante uma semana no horário de trabalho das repartições, órgãos públicos e/ou unidades.

XVII - A COSATE propiciará a discussão dos problemas referentes à saúde dos trabalhadores em todos os locais de trabalho, para motivar participação efetiva dos interessados;

XVIII - Compilar e analisar os dados de levantamentos periódicos, propondo medidas para melhorar as condições de trabalho, validadas pelos trabalhadores envolvidos, e que deverão ser encaminhadas à direção das unidades de ensino e às entidades representativas;

XIX - Requerer informações a respeito de métodos, processos ou novas tecnologias, dados estatísticos a respeito de doenças e absenteísmo e registros de acidentes, de doenças do trabalho e de outros agravos à saúde dos trabalhadores relacionados ou não às condições de trabalho;

XX - Mobilizar os trabalhadores para análise e discussão constante dos processos de trabalho visando a transformação das situações que produzem adoecimento nas unidades de ensino por meio do exercício de uma gestão democrática;

Parágrafo único: Todas essas ações deverão ser realizadas com a participação dos trabalhadores, com ampla divulgação nos locais de trabalho.

Art. 5º A COSATE terá a seguinte composição:

I - Os membros serão escolhidos livremente pelos trabalhadores da educação das unidades de ensino, e para cada titular haverá um suplente. Os suplentes serão os candidatos mais votados logo abaixo dos titulares, podendo participar todos os trabalhadores da escola, da seguinte forma:

a - Até 35 trabalhadores: 03 membros

b - De 36 a 65 trabalhadores: 04 membros

c - De 66 a 95 trabalhadores: 05 membros

A cada 30 trabalhadores a mais do previsto, acrescentar um membro na COSATE.

II - Cada COSATE terá um Secretário Executivo que será escolhido pelos membros eleitos da Comissão e poderá ser destituído pela mesma quando não estiver correspondendo aos seus interesses ou aos deste regulamento. Em caso de não haver consenso na escolha do Secretário Executivo, o cargo será ocupado pelo candidato eleito que tiver o maior número de votos;

IV - Os membros suplentes substituirão os titulares nos seus impedimentos, configurando-se assim a 1ª, 2ª, 3ª suplências e assim sucessivamente, por ordem de maior votação obtida;

V - O membro suplente poderá participar das reuniões sendo que na presença dos titulares não fará uso do voto, somente do direito de manifestação verbal.

Art. 6º A COSATE terá o seguinte funcionamento:

I - A Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação se reunirá mensalmente em caráter ordinário e a qualquer momento em caráter extraordinário mediante convocação do Secretário Executivo ou de 40% dos representantes na Comissão;

II - As entidades representativas dos trabalhadores da educação terão poderes de participar das reuniões, solicitar atas e outros documentos da Comissão e acompanhar visitas aos locais de trabalho;

III - Cada comissão deverá elaborar regimento interno e submetê-lo à aprovação do CONCOSATE apontando para as especificidades e peculiaridades próprias do seu local de trabalho.

Art. 7º Os membros da COSATE serão eleitos da seguinte forma:

I - Em cada COSATE, os titulares e suplentes, serão eleitos pelos trabalhadores das unidades de ensino através de eleições livres, diretas e em escrutínios secretos, com mandato de 1 (um) ano, podendo se candidatar a recondução do cargo somente por mais dois períodos consecutivos;

II - O processo eleitoral será coordenado pelo CONCOSATE e acompanhado das entidades e órgãos representativos na educação;

III - No caso de primeiro mandato será constituída uma comissão de trabalhadores, com participação das entidades representativas;

IV - A convocação da eleição será feita por edital a ser amplamente divulgado, o qual estabelecerá: a) Prazo de 15 (quinze) dias para inscrição de candidatos;

b) Fixação da data das eleições nos 15 (quinze) dias subseqüentes;

c) Designação da Comissão Eleitoral para proceder aos trabalhos de inscrição de candidatos, realização das eleições, apuração dos votos e elaboração dos respectivos atos.

§ 1º. A convocação das eleições para o mandato deverá ser realizada pelo Secretário Executivo, e a eleição deverá ocorrer 60 (sessenta) dias antes do término do mandato em exercício.

§ 2º. Os membros eleitos realizarão o curso de formação inicial no período entre a data da eleição e a data da posse.

Parágrafo único - deve ser garantida ao trabalhador eleito a disponibilização de carga horária para participação no curso de formação inicial. (estipular, em anexo, carga horária para participação no curso.)

V - A eleição deverá ser realizada durante o expediente normal;

VI - Os trabalhadores que estiverem em licença ou afastamento do trabalho reconhecido por lei terão direito ao voto;

VII - Durante o processo eleitoral, todos os trabalhadores terão estabilidade de lotação na unidade de ensino, não podendo assim, serem transferidos, colocados em disponibilidade, suspensos e etc;

VIII - Os membros eleitos serão empossados no primeiro dia após o término do mandato anterior, e tendo concluído o curso de formação.

Paramos aqui: destaque em entidades representativas

Art. 8º Os membros eleitos das COSATE farão formação permanente, estabelecidos pelo CONCOSATE e a Secretaria Municipal de Educação. E deverá obedecer aos seguintes critérios fundamentais:

I - A formação deve contemplar as especificidades de cada unidade de ensino, destacando-se os temas relativos à Saúde, Trabalho e Meio Ambiente.

II - O conteúdo e a metodologia do curso deverão ser discutidos e acordados com base em diretrizes definidas em ANEXO??

III - O curso deverá conter uma parte conceitual e uma prática para o levantamento de condições de Saúde e Vida no Trabalho, assim como as recomendações de promoção e prevenção sobre as medidas a serem adotadas.

IV - As unidades contempladas com membros eleitos deverão ser comunicadas formalmente, num prazo de 72 (setenta e duas) horas após a posse e também após realização de curso de formação de membros da COSATE sobre:

a - O nome dos componentes, titulares e suplentes, a data da posse, o período de mandato, o nome do secretário executivo e a unidade conforme regulamentação;

b - Após o trabalhador ter realizado o curso deverá comunicar à unidade de ensino em que estiver lotado, o conteúdo programático e o número de horas.

Parágrafo único- A formação permanente será extensiva aos demais trabalhadores interessados, desde que acordado com a unidade de ensino.

Todo e qualquer trabalhador da educação do município pode participar do curso de formação, sem que as unidades de ensino e a secretaria de educação tenham que garantir essa participação.

Os casos omissos, neste artigo serão decididos e encaminhados pelas comissões locais.

Art. 9º A COSATE e o CONCOSATE deverão comunicar ao Governo Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação suas respectivas formações.

Parágrafo Único: A Secretaria Municipal de Educação deverá custear o Curso de Formação e garantir as condições para que este seja realizado.

Art. 10º Os Direitos dos membros da COSATE são:

§ 1º Os membros titulares e suplentes da COSATE não poderão ser removidos, redistribuídos e/ou transferidos de ofício durante a vigência de seu mandato, e até 01 (um) ano após o seu término, sem justificativa por parte do empregador, salvo por interesse do próprio, situação que levará a ascensão do suplente.

§ 2º Os membros de cada Comissão serão liberados de suas atribuições por um período máximo de 04 (quatro) horas semanais, para levantamentos, execução de mapa de riscos, tendo livre acesso aos locais de trabalho sem prévio aviso. As atividades de participação nas reuniões mensais das COSATEs não estão incluídas neste período, devendo-se assegurar a liberação nos horários correspondentes, conforme calendário e solicitação por escrito do Secretário Executivo.

§ 3º Os membros da comissão também deverão ser liberados para participar de cursos promovidos pelas unidades de ensino, Secretaria de Educação, entidades representativas e por outras que se mostrem pertinentes à atuação da Comissão, mediante solicitação por escrito do Secretário Executivo aos Chefes Imediatos;

§ 4º A direção da unidade de ensino deverá garantir as condições necessárias e apropriadas ao bom desempenho do trabalho da Comissão.

Art. 11º Os deveres dos membros da COSATE são:

§ 1º Do Secretário Executivo:

I - registrar as reuniões em atas;

II - convocar os membros da COSATE para as reuniões;

III - encaminhar as resoluções para Direção da unidade de ensino, Entidades Representativas, Divisão de Medicina e Segurança do trabalho e ao CONCOSATE.

§ 2º Dos demais membros da Comissão

I - elaborar o calendário anual de reuniões ordinárias, e comunicar às Entidades Representativas, para tomarem conhecimento e posterior encaminhamento de pedido de liberação junto às Chefias Imediatas dos membros das COSATEs;

II - discutir e encaminhar as questões referentes à saúde do trabalhador

III - comunicar e discutir com os trabalhadores e entidades representativas os acidentes ocorridos e/ou doenças detectadas;

IV - participar das reuniões da Comissão;

V - freqüentar cursos de capacitação pertinentes à área de saúde do trabalhador;

VI - representar os funcionários nas mesas de negociação, perícias e inspeções em conjunto com as Entidades Representativas.

Art. 12º O Conselho das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação - CONCOSATE - é o órgão responsável pela coordenação dos trabalhos das COSATE e será formado pelos seguintes membros: 01 (um) representante (o secretário executivo) de cada COSATE, 01(um) representante de cada entidade representativa dos servidores da educação,

01(um) representante de cada uma das unidades de ensino.

§ 1º Os membros deste conselho terão como atribuições:

I - Aprovar as normas de funcionamento interno das COSATEs;

II - Propiciar a integração das COSATEs;

III - Apreciar os planos de ação das COSATEs, acompanhando as diretrizes técnicas dos mesmos;

IV - Participar da elaboração da Semana de Saúde do Trabalhador da Educação do Município (SESAT);

V – Estabelecer diálogo e parcerias com as comunidades científicas (universidades e outras) a respeito dos dados referentes à saúde do Trabalhador da Educação.

VI - Estabelecer canais de ligação com outras instituições afins para melhor atuação das comissões;

VII - Produzir relatórios anuais das atividades exercidas pelas COSATEs com ampla divulgação para a comunidade.

§ 2º- O Secretário Executivo do CONCOSATE será eleito entre seus pares, e terá as seguintes responsabilidades:

I - Convocar os membros do CONCOSATE para as reuniões;

II - Registrar as reuniões em ata;

III - Encaminhar as resoluções para as COSATEs, direção das entidades representativas e das universidades.

§ 3º- O CONCOSATE se reunirá mensalmente em caráter ordinário, sempre após as reuniões das COSATEs, e a qualquer momento em caráter

extraordinário mediante convocação do secretário executivo ou por 40% (quarenta por cento) dos seus membros.

Art. 13º A cada dois anos será realizada a Conferência ou Seminário de Saúde do Trabalhador, com o fim de traçar os objetivos da saúde do trabalhador da educação e acompanhar a execução dos projetos traçados, além de promover mudanças no regulamento da COSATE e do CONCOSATE.

Art. 14º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, e o Município terá 60 (sessenta) dias para regulamentá-la.

Art. 15º Revogam-se todas as disposições em contrário.

[i] Projeto de Lei Nº xxxxxxxx , de Aatoria do Fórum COSATE

ANEXO II

**RELAÇÃO DE TITULARES E SUPLENTES DOS MEMBROS ELEITOS PARA
O PROJETO PILOTO DAS COSATE EM 2014**

CMEI Olindina Leão Nunes

	Nome	Matrícula	Função
Titulares	Beatriz Pitanga Barcelos Campinhos	29254	MAPA Regente Grupo IV (Vespertino) Grupo I (Matutino)
	Maria de Lurdes Gomes Mello – matrícula	29847	MAPA Regente Grupo II (Matutino)
	Anália Costa Oliveira – matrícula	27396	MAPA Regente Grupo III (Matutino)
	James de Freitas – matrícula	5848	MAPA Regente Grupo I (Vespertino)
Suplentes	Ignez Claudia França – matrícula	29172	MAPB Ed. Física (Matutino)
	Renata Sorace – matrícula	29143	MAPB Ed Física (Vespertino)
	Elizangela Benedita Ermeto Burmamn Tomaz – matrícula	44025	MAPA Regente Grupo V (Vespertino)

EMEF “Manoel Carlos de Miranda”

	Eleitos	Matrícula	Função
Titulares	Carolina Soares Marques	44457	MAPA Séries Iniciais (Matutino)
	Iza Maestri Aleixo	25945	MAPB Português (Matutino)
	Liane Tomaz da Silva	25924	MAPA Séries Iniciais (Vespertino)
	Maria Lucia Duarte Lopes	5982	MAPB Ciências (Matutino)
	Marlene de Souza Pego da Silva	0066	MAPA Séries Iniciais (ATAS) (Matutino)
Suplentes	José Alberto Laurino	34483	MAPB Geografia (Matutino/Vespertino)
	Regina Celia Xavier	29893	MAPA-Séries Iniciais (Matutino)
	Rosiane Pereira Rangel de Oliveira	18727	MAPA-Séries Iniciais (Matutino)

ANEXO III

**RELAÇÃO DE EFETIVOS PARTICIPANTES DO PROJETO PILOTO DAS
COSATE EM 2014**

CMEI Olindina Leão Nunes

	Nome	Matricula	Função
Titulares	Beatriz Pitanga Barcelos Campinhos	29254	MAPA Regente Grupo IV (Vespertino) Grupo I (Matutino)
	Maria de Lurdes Gomes Mello – matrícula	29847	MAPA Regente Grupo II (Matutino)
	Anália Costa Oliveira – matrícula	27396	MAPA Regente Grupo III (Matutino)
	James de Freitas – matrícula	5848	MAPA Regente Grupo I (Vespertino)

EMEF “Manoel Carlos de Miranda”

	Eleitos	Matricula	Função
Titulares	Carolina Soares Marques	44457	MAPA Séries Iniciais (Matutino)
	Iza Maestri Aleixo	25945	MAPB Português (Matutino)
	Marlene de Souza Pego da Silva	0066	MAPA Séries Iniciais (ATAS) (Matutino)
	Regina Celia Xavier	29893	MAPA- Séries Iniciais (Matutino)
	Rosiane Pereira Rangel de Oliveira	18727	MAPA- Séries Iniciais (Matutino)

ANEXO IV

CRONOGRAMA PREVISTO PARA O CURSO DE FORMAÇÃO DAS
COSATE PILOTO EM 2014

Data	Local	Atividade – Tema
29/09/14	FUNDACENTRO	Abertura Oficial do Projeto Piloto
06/10/14	Escolas	Estudo da Proposta de Projeto de Lei das COSATE
13/10/14	FUNDACENTRO	Introdução sobre as COSATE
20/10/14	Escolas	Construção de referências locais para o trabalho das COSATE
27/10/14	FUNDACENTRO	Construção do conceito de trabalho, saúde e meio ambiente
03/11/14	Escolas	Discussão coletiva acerca da produção de saúde no trabalho
10/11/14	FUNDACENTRO	O trabalho na escola: riscos e potencialidades
17/11/14	Escolas	Discussão coletiva dos processos de trabalho na escola
24/11/14	FUNDACENTRO	A produção do mapeamento de risco a partir das atividades e do saber do trabalhador
01/12/14	Escolas	Início da construção do plano de ação da COSATE
15/12/14	FUNDACENTRO	Finalização do plano de trabalho das COSATE e avaliação e avaliação coletiva

ANEXO V

REGISTRO FOTOGRÁFICO DE ENCONTROS PRESENCIAIS NA
FUNDACENTRO

ANEXO VI

REGISTRO FOTOGRÁFICO DE ENCONTRO DE DISPERSÃO NO CMEI
"OLINDINA LEÃO NUNES"

ANEXO VII

REGISTRO FOTOGRÁFICO DE ENCONTRO DE DISPERSÃO NA EMEF
"MANOEL CARLOS DE MIRANDA"

ANEXO VIII

TERRITÓRIO/REFERÊNCIAS REGIONAIS PARA ATUAÇÃO DA COSATE

O convite é pensar a área de atuação da Unidade de Ensino, ou seja, identificar os equipamentos comunitários que podem fazer parte das atividades da COSATE, mapeando instituições, projetos, grupos para parcerias no trabalho do educador na COSATE.

1. Contingente populacional ou cobertura desta Unidade de Ensino
2. Número de Unidades de Ensino na região (ensino fundamental e médio), existência de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e de classes especiais:
3. Há equipes de PSF/ PACS que podem auxiliar a escola na aproximação com famílias
4. Há UBS/ Posto de Saúde/ CS e qual o grau de proximidade com a escola
5. Há serviços públicos de Urgência e Emergência ou Hospitais
6. Número de CRAS e CREAS e qual o grau de proximidade com a escola
7. Conhece algum Abrigo em sua região
8. Qual o Conselho Tutelar que apoia sua Unidade de Ensino
9. Há igrejas que desenvolvem projetos sociais, você os conhece
10. Quais espaços ou momentos de lazer e cultura esse território promove
11. Há atividade física comunitária
12. Outros recursos públicos relevantes

Para o exercício de análise do seu território.

- 1) **Observe essas referências institucionais para a atuação da COSATE e pense como pode ser um trabalho ampliando o contato e as ações conjuntas. Como é fazer rede neste território?**

ANEXO IX

FLUXOGRAMA CRIADO PELA COSATE DO CMEI "OLINDINA LEÃO
NUNES"



ANEXO X

AMOSTRA DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TRABALHADORES PELA
COSATE DO CMEI "OLINDINA LEÃO NUNES"

#

PESQUISA: COSATE

**" MUITAS MUDANÇAS SÃO NECESSÁRIAS PARA
QUE O TRABALHO DEIXE DE SER UMA MÁQUINA
DE MOER GENTE..."**

- COMO AS CONDIÇÕES DO AMBIENTE
INTERFEREM NAS ATIVIDADES DO DIA A DIA E NA
SUA SAÚDE. O QUE PRECISA MELHORAR?
LISTE ALGUNS PROBLEMAS / FATORES:

- Estrutura Física: pouco trabalho,
falta de pia p/ funcionários, mate-
riais de limpeza e higiene das crian-
ças insuficientes;
- Tarefas profissionais fora do horário
de trabalho. Poderia informatizar ->

- QUAIS AS FONTES DE PRAZER GERADAS NO
TRABALHO?

- A Equipe de trabalho;
- Comprometimento de alguns pais;
- Motivação das crianças com as
atividades propostas

ANEXO XI

PLANILHAS PRODUZIDAS PELA COSATE DO CMEI "OLINDINA LEÃO NUNES", A PARTIR DE LEVANTAMENTO REALIZADO COM PROFISSIONAIS DA ESCOLA

Gráfico 1: Frequência de respostas dadas pelo conjunto de profissionais abordados à questão: "Como as condições do ambiente interferem nas atividades do dia a dia na sua saúde? O que precisa melhorar?"



Gráfico 2: Frequência de respostas dadas pelas assistentes de limpeza e alimentação à questão: "Como as condições do ambiente interferem nas atividades do dia a dia na sua saúde. O que precisa melhorar?"

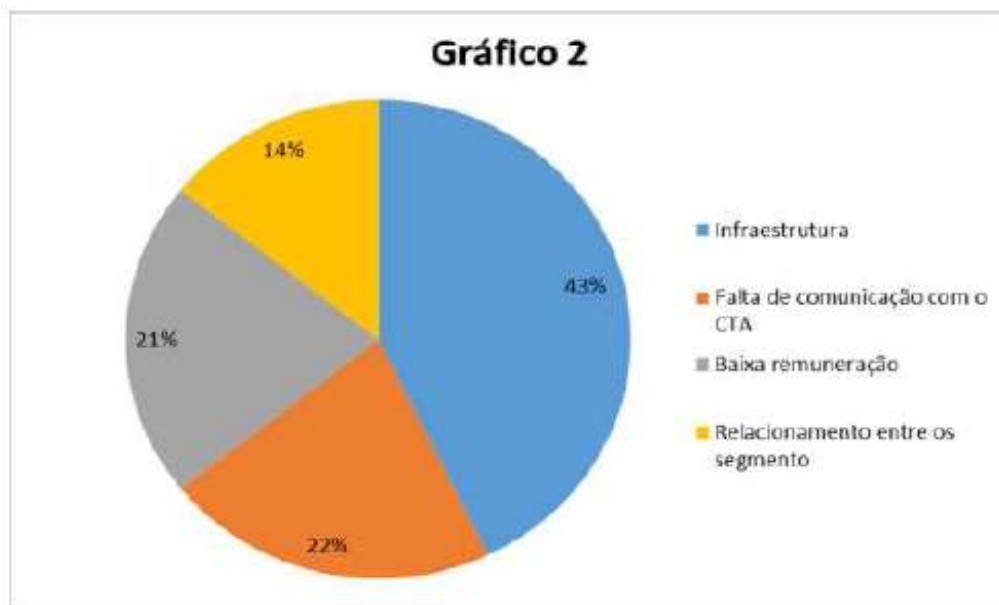


Gráfico 3: Frequência de respostas dadas pelo conjunto de profissionais abordados à questão: "Quais as fontes de prazer geradas no trabalho?"

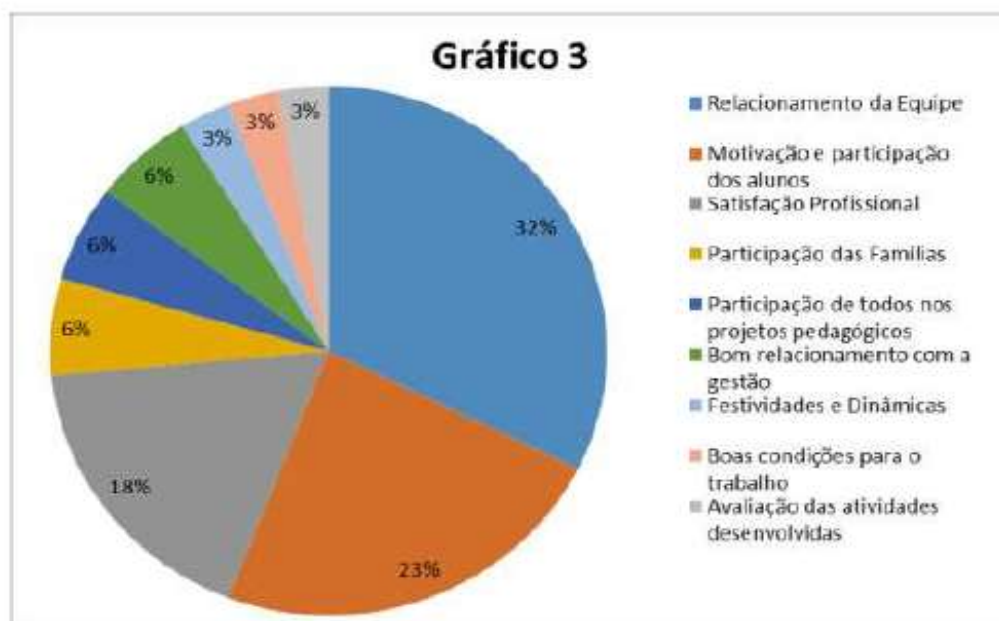
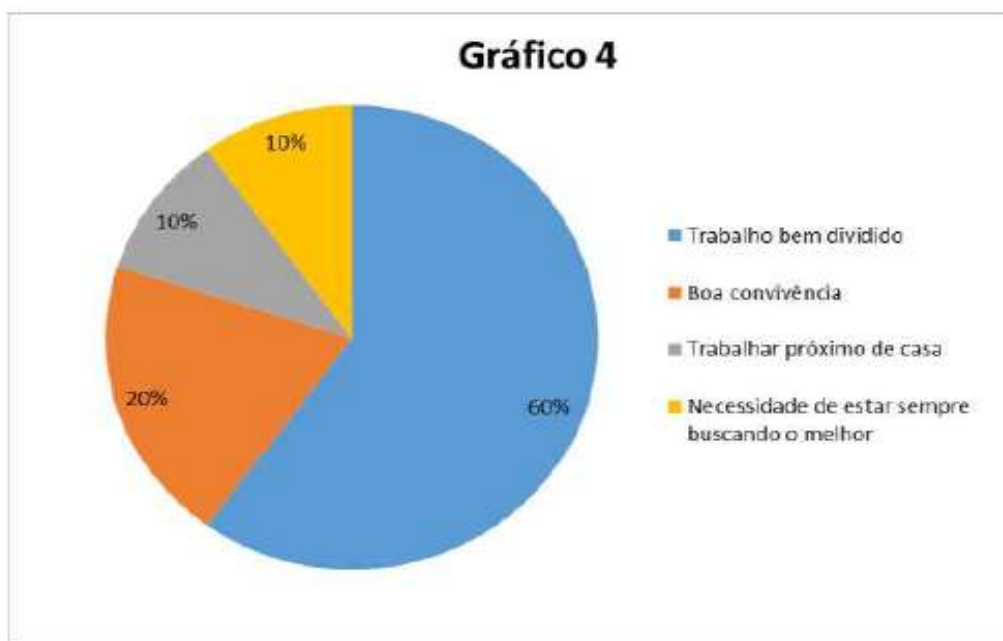


Gráfico 4: Frequência de respostas dadas pelas assistentes de limpeza e alimentação à questão: "Quais as fontes de prazer geradas no trabalho?"



ANEXO XII

MATERIAL ORGANIZADO PELA COSATE DA EMEF "MANOEL CARLOS DE MIRANDA" COM FRAGMENTOS DA PROPOSTA DE PROJETO DE LEI PARA SUBSIDIAR REUNIÃO COM OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA

COMISSÃO DE SAÚDE DO TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO (COSATE)

Os trabalhadores da Educação do Município de Serra organizarão em seu local de trabalho, uma Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação, que passará a denominar-se COSATE.

As COSATEs terão a sua política de atuação e a coordenação de seus trabalhos gerenciada pelo Conselho das Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (CONCOSATE).

A COSATE e o CONCOSATE são órgãos de natureza deliberativa sobre questões pertinentes à produção de saúde que têm como finalidade a melhoria das condições de trabalho e produção de saúde, buscando soluções que promovam um estado de bem estar físico, psíquico e social do trabalhador e a qualificação do meio ambiente, tendo principalmente uma função preventivista, através da permanente vigilância à saúde no trabalho e nas decisões que envolvam a garantia de produção de saúde e intervenção nas condições de trabalho.

Necessário se faz, a mobilização dos trabalhadores para análise e discussão constantes dos processos de trabalho visando à transformação das situações que produzem adoecimento nas unidades de ensino por meio do exercício de uma gestão democrática.

Todas essas ações deverão ser realizadas com a participação dos trabalhadores, com ampla divulgação nos locais de trabalho.

ANEXO XIII

MATERIAL PREPARADO PARA DISCUSSÃO COLETIVA NA EMEF "MANOEL CARLOS DE MIRANDA" A PARTIR DO TEXTO REFERÊNCIA UTILIZADO NA FORMAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O curso de formação insere-se como uma das ações de uma proposta formativa mais abrangente, que contempla ainda a formação permanente e continuada de caráter coletivo.

O Programa de Formação foi proposto como um instrumento, um espaço de coelaboração, em parceria, para se compreender o trabalho na escola, com vistas a detectar os sinais de vida e saúde aí presentes e a transformar o que há de errado na sua relação com o processo saúde-doença. Entendemos que se pode avançar nessa vontade de compreender - transformar caso haja um diálogo crítico, trocas e debates, por dois motivos importantes: por um lado, as riquezas que vêm das disciplinas científicas, com seus conceitos e os resultados das suas investigações; por outro, as riquezas de conhecimento (potencialmente presente à experiência prática de trabalhadores de escola) acerca das relações entre saúde e trabalho.

Nesse sentido, com o programa de formação pretendemos criar as condições necessárias para enriquecer a compreensão do que está acontecendo no processo e nas relações de trabalho, em suas implicações com o processo saúde - doença, avaliando e reinterpretando permanentemente as descobertas.

No campo denominado Saúde do Trabalhador, entende-se que é fundamental o diálogo com os coletivos de trabalhadores, possuidores de um saber específico, necessários para detectar, interpretar, reagir e transformar as condições nocivas.

A experiência dos coletivos de trabalhadores sobre o seu ambiente, seu trabalho e seu próprio corpo fornece elementos para compreender e transformar os problemas cotidianos que estão ligados às diferentes formas de "mal-estar" no trabalho.

Os trabalhadores com experiência individual e coletiva que acumulam podem ser tornar capazes de identificar o que faz mal e o que faz bem no trabalho e reagir às situações que consideram nocivas, mas as mudanças desejadas dependem de negociações muitas vezes difíceis.

Toda essa dinâmica pode resultar em situações de trabalho nocivas e em riscos à saúde, isto é, num determinado quadro de adoecimento.

A escola, como local de trabalho, não pode ser pensada e aceita como lugar de "moer gente".

A relação do ser vivo com o meio é ativa. É próprio do ser vivo (re)fazer, compor o seu meio. No trabalho, mesmo quando se pretende já ter tudo antecipado na prescrição, a vida se faz presente em seu movimento, em sua variabilidade, mostrando sua infidelidade a qualquer prescrição.

Estar atento às próprias queixas, estabelecendo outra dinâmica de relações com o ambiente interno e externo de trabalho deve ser um exercício permanente, afim de que se possa identificar o que vai bem e o que vai mal, para si e para os colegas e alunos. Assim, estaremos mais bem preparados para compreender e transformar a realidade.

Saúde, cadê você? Cadê você?

O nosso cérebro, não é como muitos pensam uma máquina reativa, ele é proativo, se antecipa, faz simulações inventivas, regulagens. O cérebro tem necessidade de criar, ele projeta sobre o mundo suas questões.

Nosso modo de agir tem como uma de suas orientações o ideal de vida e saúde que inventamos (e reinventamos), pelo valor que damos à vida e a saúde. Neste contexto se encontra a nossa capacidade de mobilização e ação para reconquistá-las.

Se não procuramos virar esse jogo de inércia e adaptação à nocividade, vamos estar sempre "apagando incêndio".

É necessário buscar uma compreensão ampliada do que seja saúde, pois sabemos que o ser humano, como sistema complexo, tem que ser entendido em sua dimensão biológica e psicossocial, histórica.

O que caracteriza o ser vivo é, antes de tudo, uma vitalidade, uma força (ou forças), uma potencia vigorosa desse ser para se afirmar como ser na vida. A vida é um pulsar. Este pulsar, afirmação da vida tem que ser o nosso norte, o referencial para analisar, agir e recusar o que é nocivo e mudar o ambiente: perceber a beleza, o brilho, a nobreza que é a vida e a vontade de afirmá-la.

A realidade, entre nós, com frequência, é a ausência de condições propícias à saúde, ausência de formas de prevenção, presença de adoecimento sem tratamento. Neste contexto, a normalidade, e não a saúde completa, pode tomar o lugar da saúde como um ideal. Diferente da "saúde completa" (esse ideal), a sempre dramática e completa normalidade não existe sem sofrimento.

O trabalho apresenta-se como um importante papel como operador de saúde. É possível estar em trabalho não apenas para garantir a sobrevivência, mas também para desenvolver a existência, ou seja, conquistar algo no plano da realização pessoal.

Questões para debate:

1. Será que estamos nos acostumando com a nocividade do ambiente de trabalho na escola? Será que estamos nos orientando por um ideal de saúde ou apenas nos adaptando a uma realidade que deveria estar sendo rejeitada?
2. Como manter-se alerta à possível nocividade do trabalho para a saúde? Como podemos estar de olho nelas, ou seja, como proceder para pôr em prática um sistema de vigilância dos riscos à saúde?
 3. Como se pode inventar o prazer no trabalho da escola?

ANEXO XIV

QUESTIONÁRIO PRODUZIDO PELA COSATE DA EMEF “MANOEL
CARLOS DE MIRANDA”

Projeto piloto – COSATE

COMISSÃO DE SAÚDE DO TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO

Finalidade – promoção de saúde no trabalho.

Participe do projeto piloto. A implementação da lei depende do seu sucesso.
Colabore respondendo ao questionário:

Assinale o que considera ser (em) motivo (s) de adoecimento no trabalho.

- Baixo salário.
- Jornada de trabalho (dupla, extensa).
- Gestão da escola.
- Relacionamentos interpessoais.
- Estrutura física da escola.
- O ambiente da escola.
- Falta de segurança.
- Desrespeito dos alunos.
- Não envolvimento dos familiares dos alunos.
- Outro(s). Escreva qual (is):

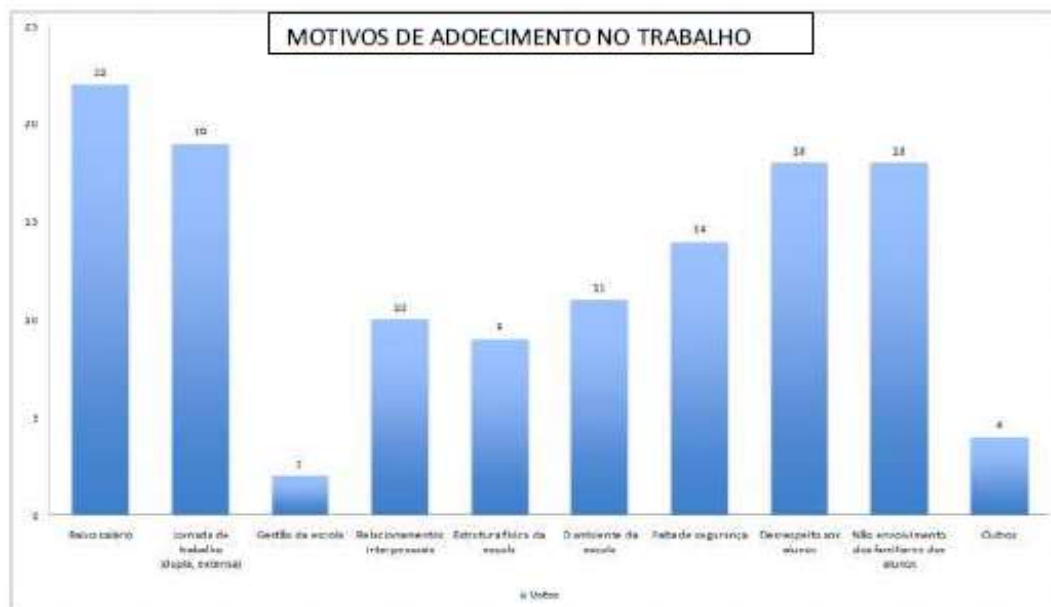
ANEXO XV

**RELATÓRIO-DIAGNÓSTICO PRODUZIDO PELA COSATE DA EMEF
"MANOEL CARLOS DE MIRANDA"**

Encontro de formação – COSATE (24 de novembro de 2014)

Pesquisar as condições de trabalho que levam ao adoecimento, e, o que pode ser feito, possíveis ações para enfrentamento, buscando solucionar o(s) problema(s).

Foi solicitada a participação dos trabalhadores da educação na escola, para que respondessem a um questionário sobre o que considera ser(em) motivo(s) de adoecimento no trabalho. O gráfico a seguir, apresenta o resultado da pesquisa, em que vinte e oito trabalhadores, de um total de oitenta e um, participaram, sendo considerada uma amostra significativa para validação da pesquisa.



Analisando os dados da pesquisa, considerando o quantitativo de votos, tem-se a seguinte seqüência, em ordem decrescente:

Baixo salário (22), jornada de trabalho dupla/extensa (19), desrespeito dos alunos (18) e não envolvimento dos familiares dos alunos (18), falta de segurança (14), o ambiente da escola (11), relacionamentos interpessoais (10), estrutura física da escola (9), outros (4): falta de comprometimento dos alunos, sindicatos descompromissados, acúmulo de funções, empresas omissas, e gestão da escola (2).

Possíveis ações para enfrentamento, buscando solucionar o(s) problema(s).

Alguns motivos, que tiveram votação expressiva, cobram posicionamentos dos sindicatos, por meio de pautas de reivindicações, negociações em longo prazo, com diversos órgãos administrativos, como: baixo salário, jornada de trabalho e falta de segurança. A valorização do profissional é o que se busca alcançar.

Não menos expressivas, foram as questões relacionadas à família e ao aluno. A família, como parceira, é de fundamental importância para mudanças no comportamento dos alunos. Será que as igrejas poderiam ser nossas aliadas, com aconselhamentos?

No ambiente físico da escola foi constatado que a escola é grande e o número de funcionários responsáveis pela limpeza é insuficiente. Procurar as empresas responsáveis para esclarecimentos, informações e possíveis negociações.

Ainda nesta questão, o grêmio estudantil, recém constituído, poderia atuar na revitalização do pátio da escola para proporcionar, no horário do recreio, momentos de relaxamento e descontração.

O ambiente da escola, nas relações sociais, poderia ser tratado com ações simples, colaborativas e agradáveis como promoções de festas, encontros e brincadeiras. Uma terapia.

Nesta escola, a gestão escolar, teve expressão insignificante, mas vale ressaltar que uma gestão não democrática é geradora de muitos adoecimentos, estresses. É complicado trabalhar sob pressão, não é nada prazeroso.

Outras ideias surgirão, pois a atuação da COSATE é contínua e dinâmica, assim como é a vida.

ANEXO XVI

**INSTRUMENTO PARA ELABORAÇÃO DE PLANO DE TRABALHO DAS
COSATES**

Escola: _____ Data de Elaboração: _____

Membros da COSATE: _____

**Principais pontos levantados a partir dos instrumentos para análise das
condições de trabalho**

Riscos à saúde:

Potencialidades quanto à promoção da saúde:

ANEXO XVII

PLANO DE TRABALHO PRODUZIDO PELA COSATE DO CMEI “OLINDINA LEÃO NUNES”

PLANO DE TRABALHO

ESCOLA: “CMEI OLINDINA LEÃO NUNES”

DATA DE ELABORAÇÃO: 01/12/2014

MEMBROS DA COSATE: ANÁLIA, BEATRIZ, JAMES E MARIA DE LOURDES.

ESTRATÉGIAS PARA PREVENÇÃO DE ADOECIMENTOS

LEGENDA: PRAZO

CURTO PRAZO – EM ATÉ 03 MESES / MÉDIO PRAZO – DE 06 MESES A 01 ANO / LONGO PRAZO – MAIS DE 01 ANO

OBJETIVO (A PARTIR DO LEVANTAMENTO REALIZADO)	AÇÕES	RESPONSÁVEL – SETORES / ÓRGÃOS ENVOLVIDOS	PRAZO
-INSTITUCIONALIZAR UM INTERVALO DE LANCHE E DESCANSO PARA OS PROFISSIONAIS;	- FOMENTAR DISCUSSÕES COLETIVAS QUE VISEM A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA A SER ENCAMINHADA À SECRETARIA DE EDUCAÇÃO;	- ESCOLA E SEDU;	- CURTO
- TECER ARTICULAÇÕES POLÍTICAS A FIM DE REIVINDICAR A AMPLIAÇÃO DO TEMPO DE PLANEJAMENTO;	- FOMENTAR DISCUSSÕES COLETIVAS QUE VISEM A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA A SER ENCAMINHADA À SECRETARIA;	- ESCOLA ,SEDU, SINDICATO;	- CURTO
- AQUISIÇÃO DE MATERIAIS E	- VERIFICAR OS MATERIAIS QUE FALTAM	- CONSELHO DE	- MÉDIO

OBJETIVO (A PARTIR DO LEVANTAMENTO REALIZADO)	AÇÕES	RESPONSÁVEL – SETORES / ÓRGÃOS ENVOLVIDOS	PRAZO
EQUIPAMENTOS PARA A HIGIENIZAÇÃO E EXECUÇÃO DO TRABALHO;	E ENCAMINHAR AO CONSELHO DE ESCOLA PARA A DISCUSSÃO E BUSCAR SOLUÇÕES;	ESCOLA, SEDU;	
- PROMOVER AÇÕES EDUCATIVAS VISANDO INFORMAR E SENSIBILIZAR OS SERVIDORES SOBRE OS APECTOS ERGONÔMICOS E ERGOLÓGICOS LIGADOS AS ATIVIDADES DE TRABALHO;	- BUSCAR PARCERIAS COM ÓRGÃOS PARA DESNVOLVIMENTO DE PALESTRAS E OUTRAS ATIVIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO; - DESENVOLVIMENTO DE GINÁSTICA LABORAL;	- FUNDACENTRO, CEREST; - UNIDADE SE SAÚDE;	- CURTO - CURTO
- AMPLIAR O QUADRO DE PROFISSIONAIS VISANDO DIMINUIR A SOBRECARGA DOS PROFESSORES;	- FOMENTAR DISCUSSÕES COLETIVAS QUE VISEM A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA A SER ENCAMINHADA À SECRETARIA (ESTAGIÁRIO E COORDENADOR);	- ESCOLA, SEDU, SINDICATO;	- MÉDIO
- FACILITAR O FLUXO PARA A COMUNICAÇÃO ENTRE ESCOLA E DMST;	- MARCAR REUNIÕES COM SETOR DMST NO INTUITO DE PENSAR FORMAS DE FACILITAR A COMUNICAÇÃO ENTRE O SETOR E OS PROFISSIONAIS QUE USAM O SETOR; - CONVIDAR REPRESENTANTES DO DMST PARA INFORMAÇÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DO SETOR;	- ESCOLA, DMST; - SINDICATO;	- MÉDIO

ESTRATÉGIAS PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE

LEGENDA: PRAZO

CURTO PRAZO – EM ATÉ 03 MESES / MÉDIO PRAZO – DE 06 MESES A 01 ANO / LONGO PRAZO – MAIS DE 01 ANO

OBJETIVO (A PARTIR DO LEVANTAMENTO REALIZADO)	AÇÕES	RESPONSÁVEL – SETORES / ÓRGÃOS ENVOLVIDOS	PRAZO
- PROMOVER ATIVIDADES QUE POTENCIALIZEM O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL;	- EXECUTAR DINÂMICAS DE GRUPO; - REALIZAR ATIVIDADES QUE POTENCIALIZEM A INTEGRAÇÃO ENTRE OS TURNOS E SEGMENTOS;	- COSATE, ESCOLA (CTA);	- MÉDIO
- PROMOVER FORMAÇÃO CONTINUADA VOLTADAS PARA AS DEMANDAS DA ESCOLA;	- LEVANTAR JUNTO AO GRUPO AS NECESSIDADES DOS TEMAS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO; - BUSCAR PARCERIAS COM O CENTRO DE FORMAÇÃO; - ESTUDAR O ESTATUTO E PROPOR MUDANÇAS NECESSÁRIAS;	- COSATE, CENTRO DE FORMAÇÃO E CTA;	- CURTO

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DA COSATE (PENSAR NOS VÁRIOS PÚBLICOS E FORMAS DE DIÁLOGO): DIÁLOGOS (REUNIÕES SEMANAIS), MURAIS INFORMATIVOS, DIVULGAÇÃO NAS REDES SOCIAIS, FOLDER

ESTRATÉGIAS PARA A AVALIAÇÃO DAS AÇÕES DA COSATE: APÓS CADA AÇÃO DESENVOLVIDA SERÁ FEITA UMA AVALIAÇÃO COM OS ENVOLVIDOS PARA SABER O GRAU DE SATISFAÇÃO, POR MEIO DE FORMULÁRIO E DISCUSSÕES; A CADA TRÊS MESES VERIFICAR O PLANO DE TRABALHO E O QUE A COMISSÃO CONSEGUIU REALIZAR NESTE PERÍODO E QUE NÃO CONSEGUIU E OUTROS ENCAMINHAMENTOS QUE SURTIRAM QUE NÃO ESTAVAM PROPOSTOS.

ANEXO XVIII

EXERCÍCIO DE CONSTRUÇÃO DO PLANO DE TRABALHO DA COSATE
EMEF "MANOEL CARLOS DE MIRANDA"

Objetivo	Ações	Responsáveis	Prazo
Verificar a qualidade da água potável da escola p/ eliminar riscos biológicos	1 Análise da água potável	1 - Cosate, direção da escola, checar setor da prefeitura responsável	1 - Até o final de outubro
	2 Limpeza das caixas d'água e filtros e troca de filtros se necessário;	2, 3 - Idem	1/12 a 5/12
	3 Manutenção periódica dos filtros e caixas d'água;	4 - Direção e professores	2 e 3 - Idem
	4 Envolver alunos e trabalhadores em geral da escola no "trabalho" desta questão;	5 - Cosate e direção	4 - até o fim do ano
	5 Recorrer a outras instâncias de responsabilização, caso problema não seja resolvido no prazo estipulado		5 - 8/12 a 15/12

INDICE REMISSIVO

C

Caderno de Formação (2016), 94, 139, 140.
Congresso Estadual SINDIUPES (2015), 116, 117, 118.
Curso de Formação para constituição das Cosates (2014), 69, 81, 93, 102, 103, 104, 105, 106, 129, 140, 156, 157.

E

Eleição das escolas pilotos (2014), 68, 72, 76.
Experiência Cosate/Experiência Piloto (2014), 15, 66, 68, 69, 77, 102, 113, 116, 122, 134, 139, 140, 149.

F

Fórum Cosate (2012 a 2017), 15, 33, 35, 37, 51, 54, 55, 56, 64, 65, 66, 68, 69, 77, 79, 80, 90, 91, 93, 94, 104, 105, 112, 113, 116, 119, 134, 138, 139, 149, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 172.

I

I Seminário de Saude do Trabalhador da Educação (2015), 98.

L

Lei Cosate/ Lei 4513/16 (2012 a 2016), 36, 65, 66, 68, 69, 96, 105, 116, 138, 165.

O

Oficina de escrita conjunta CMEI (2016), 140, 141, 168.
Oficinas de Memória PFIST (2016), 46, 47, 48, 50, 129.
Outro Curso de Formação para professores da rede municipal de Serra/ES (2017), 165.

P

Pacote de Maldade/ Lei 4602 (2017), 35, 165.

R

Relatório das Comissões de Saude do Trabalhador da Educação em Serra/ES (2015), 77, 106.